

VOL VII

# Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão  
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro  
Gustavo Adolfo Juárez  
(Organizadores)

 EDITORA  
ARTEMIS  
2023

VOL VII

# Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão  
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro  
Gustavo Adolfo Juárez  
(Organizadores)

 EDITORA  
ARTEMIS  
2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizadores</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
<b>Imagem da Capa</b>	Artem Oleshko
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil

Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil

Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol VII / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilingue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-06-2

DOI 10.37572/EdArt\_271123062

1. Ciências humanas. 2. Desenvolvimento humano.  
3. Sociologia. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 300.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



## PRÓLOGO

En este **séptimo volumen** de la obra titulada ***Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade***, tenemos la oportunidad de acompañar a los autores, participantes de esta publicación de la Editora Artemis.

En ella se evidencia el interés por la divulgación de las investigaciones realizadas, siendo muy variadas en cuanto a temáticas, no así en lo disciplinar. En efecto, la investigación en educación incluye desde lo histórico, lo socio-cultural realizada mediante el análisis de figuras, gráficas y modelos matemáticos, técnicas comunitarias para escuchar música clásica, la educación superior portuguesa, la pedagogía eficaz desde la aplicación de una encíclica papal y el mantenimiento cultural-religioso.

También observamos temáticas sociales desde la psicología con problemáticas indígenas, los efectos de tareas que producen agotamiento, la problemática del divorcio en su influencia con los hijos, la cultura de la alimentación que produce obesidad infantil, y las relaciones en épocas de gobiernos de hechos donde se observó violencia sexual. Las actividades más liberales como la arquitectura, produce en personajes, una identidad creativa que se transforma en influyente como así también la actividad de la construcción que produce una organización institucional para determinar tareas de gerenciamiento.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

## PRÓLOGO

Neste **sétimo volume** da obra intitulada ***Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade***, temos a oportunidade de acompanhar os autores, participantes desta publicação da Editora Artemis.

Demonstra interesse na divulgação das pesquisas realizadas, sendo muito variadas em termos de temas, mas nem tanto em termos de disciplina. Com efeito, a investigação em educação inclui desde o histórico, o sociocultural realizado através da análise de figuras, gráficos e modelos matemáticos, técnicas comunitárias de audição de música clássica, ensino superior português, pedagogia eficaz a partir da aplicação de uma encíclica papal e cultural -manutenção religiosa.

Observamos também temas sociais da psicologia com os problemas indígenas, os efeitos das tarefas que produzem esgotamento, o problema do divórcio em sua influência sobre os filhos, a cultura da alimentação que produz a obesidade infantil e os relacionamentos em tempos de governos de fato onde a violência sexual era observado. As atividades mais liberais, como a arquitetura, produzem nos personagens uma identidade criativa que se torna influente, assim como a atividade de construção que produz uma organização institucional para determinar tarefas de gestão.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

TEACHING HISTORY OR RETELLING ANCIENT STORIES WITH PICTURES: WILLIAM BLAKE AND THE SCHOOL VERSION OF *VIRGIL*

Mei-Ying Sung

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230621](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230621)

### **CAPÍTULO 2..... 10**

(UN)GATHERED TOGETHER: COMMUNAL TECHNIQUES OF LISTENING TO CLASSICAL MUSIC IN LISBON

Roman Korolev-Namazov

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230622](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230622)

### **CAPÍTULO 3.....24**

OLHARES DE DOCENTES SÉNIOR SOBRE AS REALIDADES DOS/AS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR PORTUGUÊS

Sofia Veiga

Helena Sofia Rocha Lopes

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230623](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230623)

### **CAPÍTULO 4.....37**

THE ECOLOGICAL ETHICS OF LAUDATO SI', ITS PEDAGOGY AND DOABLE SOLUTIONS FOR A GREENER PHILIPPINES

Antonio Levy S. Ingles, Jr.

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230624](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230624)

### **CAPÍTULO 5..... 46**

BAHÁ'Í RELIGION FACING SUSTAINABILITY MATTERS: SOME PROPOSALS

Marta Scialdone

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230625](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230625)



**CAPÍTULO 6..... 58**

ANÁLISIS DE FACTORES SOCIOCULTURALES EN LA MOVILIDAD ESTUDIANTIL  
MEDIANTE MODELIZACIÓN MATEMÁTICA

Gustavo Adolfo Juarez  
Silvia Inés del Valle Navarro  
María Luz del Valle Quiroga  
Sonia Laura Mascareño

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230626](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230626)

**CAPÍTULO 7 .....73**

CULTURA ORGANIZACIONAL BAJO LA PERCEPCIÓN GERENCIAL EN PYMES DEL  
SECTOR CONSTRUCCIÓN

Román Alberto Quijano García  
Roger Manuel Patrón Cortés  
Giselle Guillermo Chuc  
Fidel Ramón Alcocer Martínez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230627](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230627)

**CAPÍTULO 8.....82**

COORDINACIÓN DE PARENTALIDAD Y MODELO MULTIFACTORIAL: DIVORCIOS  
CONFLICTIVOS Y RECHAZO DE MENORES

Gloria Terrats Ruiz

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230628](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230628)

**CAPÍTULO 9..... 88**

RACISMO CONTRA OS POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE: DA IDEOLOGIA À  
DESIDEOLOGIZAÇÃO

André Luiz Teles Ramos  
José Fernando Andrade Costa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_2711230629](https://doi.org/10.37572/EdArt_2711230629)

**CAPÍTULO 10..... 108**

ENSAIO SOBRE O ESGOTAMENTO: CORPOS MELANCÓLICOS E NEOLIBERALISMO

Laila Algaves Nuñez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_27112306210](https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306210)

**CAPÍTULO 11.....122**

OBESIDADE INFANTIL NÃO É DOENÇA? A PERSPECTIVA DE PAIS DE ESCOLARES  
SOBRE O EXCESSO DE PESO EM SÃO PAULO, BRASIL

Marta Pereira Militão da Silva

Rosana Machin Barbosa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_27112306211](https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306211)

**CAPÍTULO 12 .....133**

VIOLENCIA SEXUAL Y RESISTENCIA DE LAS MUJERES EN LA LUCHA CONTRA LAS  
DICTADURAS LATINOAMERICANAS DEL CONO SUR

Pilar Iglesias Aparicio

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_27112306212](https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306212)

**CAPÍTULO 13..... 149**

ARCHITECTURAL HISTORY IN FLUX: ERNESTO ROGERS AND THE DUALITY OF  
ESTRANGEMENT AND FAMILIARITY

Lejla Vujicic

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_27112306213](https://doi.org/10.37572/EdArt_27112306213)

**SOBRE OS ORGANIZADORES .....163**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 164**

# CAPÍTULO 1

## TEACHING HISTORY OR RETELLING ANCIENT STORIES WITH PICTURES: WILLIAM BLAKE AND THE SCHOOL VERSION OF *VIRGIL*

Data de submissão: 05/11/2023

Data de aceite: 15/11/2023

**Mei-Ying Sung**

Associate Professor  
History Department  
FoGuang University  
Jiaosi, Yilan, Taiwan

<https://maysung70.blogspot.com/>

**ABSTRACT:** History is not only told by words but also by images and objects. This article looks into the book illustrations of an early 19<sup>th</sup>-century British schoolbook and their means and purposes for history education. The English poet and printmaker William Blake made a famous set of woodcuts for Dr. Robert Thornton's *Pastorals of Virgil* (1821), which later inspired Romantic art. Scholars have observed that Blake's unconventional engravings caused Thornton's hesitation and cut down the blocks to fit the book. The controversial style of Blake's woodcuts was much discussed and justified by his followers, 'the Ancients' and modern scholars. In my book *William Blake and the Art of Engraving* (Pickering & Chatto, 2009), I have also discussed an early imitator of Blake's woodcut reflecting his contemporary aesthetic view. However, the context and motivation of Robert Thornton and his editions of *Virgil* have not been considered fully. This

paper asks why Blake's woodcuts were not supposed to fit the book. By comparing the three editions of Thornton's *Virgil*, I would argue that the 3<sup>rd</sup> edition was an 'improved' version from Thornton's point of view for publishing and educational purposes. From observing the extant woodblocks engraved by Blake (in the British Museum) and other artists used in the Thornton edition (discovered by me in the Huntington Library), one may understand the contemporary contrast aesthetics and the early 19<sup>th</sup>-century norm for teaching young people history.

**KEYWORDS:** William Blake. Robert Thornton. *Virgil*. Schoolbook. Woodcut illustration.

### 1 INTRODUCTION

History is not only told by words but also by images and objects. This article looks into the book illustrations of an early 19<sup>th</sup>-century British schoolbook and their means and purposes in education.

Robert Thornton's *School Virgil* (Figure 1) is a schoolbook unknown to most people today. Scholars believe that it is known for one reason: the seventeen wood engravings by William Blake that appear in the 1821 edition of *Pastorals of Virgil*!<sup>1</sup> The English poet and printmaker William Blake (1757-1827), in his

<sup>1</sup> Morton Paley, *The Traveller in the Evening: The last works of William Blake* (2003), p. 20.

later life, made a famous and his only set of woodcuts for Thornton's *Pastorals of Virgil* (1821) (Figure 2), which became the inspiration for artists from Samuel Palmer to Graham Sutherland. However, it is also well documented that Blake's unconventional engravings caused Thornton's hesitation about using and eventually cutting down the blocks to fit the book. The controversial style of Blake's woodcuts was much discussed and justified by his followers, 'the Ancients' and modern scholars. In my book *William Blake and the Art of Engraving* (Pickering & Chatto, 2009), I have also discussed an early imitator of Blake's woodcut, reflecting his contemporary aesthetic view.

Nevertheless, the context of Blake's woodcuts and the motivation of Robert Thornton and his editions of *Virgil* have not been considered fully. This paper asks why Blake's woodcuts were not regarded as appropriate to the book and what Blake and Thornton's conflicting aims were. By comparing editions of Thornton's *Virgil*, I would argue that the 1821 edition with Blake's Woodcuts was a compromised version for Thornton between his educational ideal or personal ambition and financial struggle. From the observation of the extant woodblocks engraved by Blake (in the British Museum) and another artist in the Thornton edition (which I discovered in the Huntington Library, LA California USA), one may understand the contemporary contrast aesthetics and the role of early 19<sup>th</sup>-century book illustrations in history or classics education.

Figure 1. The Frontispiece & title page of Thornton's *Virgil* (1821), author's photograph from the Huntington Library collection, LA California USA.

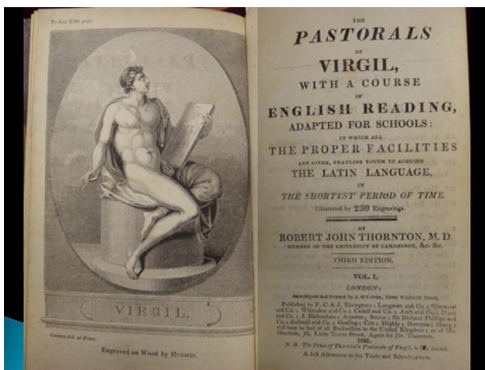
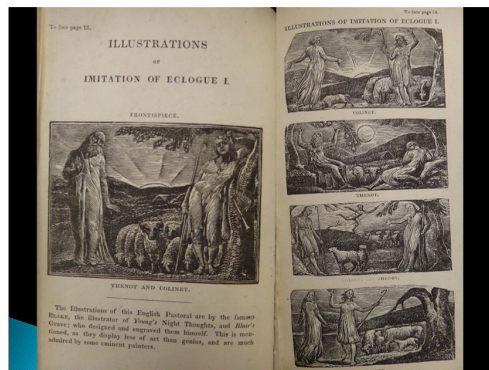


Figure 2. William Blake's woodcuts for Thornton's *Virgil* (1821), author's photograph from the Huntington Library collection, LA California USA.



## 2 THORNTON, THE PUBLISHER

Robert John Thornton was a medical doctor by profession with a passion for publishing botanical books. He was the family doctor of the artist John Linnell, who introduced William Blake to him.

Thornton was best known for his extravagant book the *New Illustration of the Sexual System of Linnaeus* (1799-1807, also known by its 1804 title of *The Temple of Flora*). The massive cost of illustration and printing seriously eroded Thornton's fortune. Ultimately, he never recovered the losses from *The Temple of Flora*, leaving his children on the edge of poverty.<sup>2</sup>

The *School Virgil* was published simultaneously and after *The Temple of Flora*. The first edition, published in 1812, has two versions, one with three illustrations and the other with 53 illustrations, costing 8 and 12 shillings respectively. In 1814, Thornton published a picture-only edition, *The Illustrations of the School Virgil*, removing the texts and adding the illustrations to 123. The 1821 edition consists of 2 volumes with 230 illustrations. In the last edition, Blake engraved six portraits on copper, designed 21 and engraved 17 woodcuts. While the copper engravings are neo-classical, Blake's woodcuts are shockingly unconventional. To the contemporary conventional eye, the dark tone and rough lines look like works by someone with no experience in wood engraving.

### 3 THE CONTROVERSY OVER BLAKE'S WOODCUTS FOR THORNTON

Under the first woodcut by Blake, Thornton wrote,

The Illustrations of this English Pastoral are by the famous Blake, the illustrator of *Young's Night Thoughts*, and *Blair's Grave*; who designed and engraved them himself. This is mentioned, as they display less of art than genius, and are much admired by some eminent painters.<sup>3</sup>

Thornton meant that Blake was famous for his design, but the cutting skill of this work was inferior.

According to the *Life of William Blake* by Alexander Gilchrist (1863), when Blake

sent in these seventeen the publishers, unused to so daring a style, were taken aback, and declared 'this man must do no more; nay, were for having all he *had* done re-cut by one of their regular hands....

Doctor Thornton had, ...himself, no knowledge of art, and, despite kind intentions, was disposed to take his publishers' view. However, it fortunately happened that meeting one day several artists at Mr. Aders' table, -- Lawrence, James Ward, Linnell, and others, -- conversation fell on the *Virgil*. All present expressed warm admiration of Blake's art, and of those designs and woodcuts in particular. By such competent authority reassured, if also puzzled, the good Doctor began to think there must be more in them than he and his publishers could discern. The contemplated sacrifice of the blocks already cut was averted....<sup>4</sup>

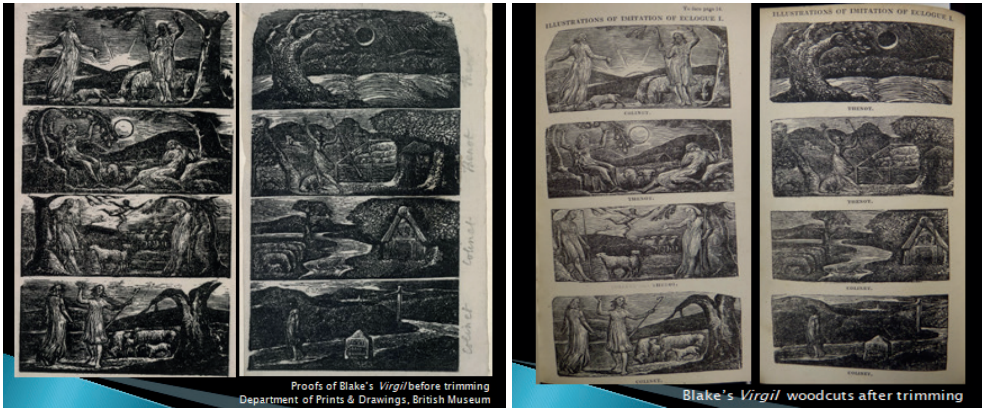
<sup>2</sup> See Oxford Dictionary of National Biography.

<sup>3</sup> 'Illustrations of Imitation of Eclogue I', *The Pastorals of Virgil* (1821), p. 12.

<sup>4</sup> 'Introduction', *William Blake XVII designs to Thornton's Virgil* (1899), quoting Gilchrist's *Life of William Blake*, ps. xiv, xv.

According to the evidence of two surviving proofs in the British Museum, Blake's original woodcuts were trimmed on the four edges to reduce the size to fit the book with extra text underneath each picture. (Figures 3 & 4).

Figure 3. The proofs of William Blake's *Virgil* woodcuts before trimming, Department of Prints & Drawings, British Museum. Figure 4. William Blake's *Virgil* woodcuts after trimming, Department of Prints & Drawings, British Museum.



#### 4 THORNTON'S IDEA OF BOOK ILLUSTRATION & EDUCATION

For Thornton, the illustrations were meant to be educational aids, as the book's subtitle says, 'in which all the proper facilities are given, enabling youtm[sic] to acquire the Latin language, in the shortest period of time, as words'.<sup>5</sup>

In the 1814 supplementary volume, Thornton took only the illustrations from the 1812 edition and added some more pictures. In the preface 'Address to school-masters, parents, and others', he wrote about the importance and benefits of pictures in children's learning.

The impression made on the *memory* will also be such as never afterwards to be obliterated; for the new art of memory is by *association*, ...here the *words* and the *pictures* correspond as much as possible. Every person must recollect, from his childhood, what an impression even the *bad* woodcuts to the Fables in Dilworth's Spelling-Book created,<sup>6</sup> especially where the Huntsman is beating his old faithful Dog. Boys will likewise feel eager to know the meaning of the different cuts, and this will surely spur them on to the diligent reading of the original matter, to which these allude.<sup>7</sup>

At first glance, Thornton's emphasis on the picture is justifiable. However, a question about this statement arises: how do the boys associate the pictures with the text

<sup>5</sup> Subtitle for the 1821 edition.

<sup>6</sup> Dilworth, Thomas, d. 1780, *Dilworth's spelling-book, improved: a new guide to the English tongue ...* Philadelphia, [Pa.] : Printed and sold by John M'Culloch, 1796 (3rd ed.).

<sup>7</sup> 'Address to School-Masters, Parents and others', *Illustrations to the School-Virgil* (1814).

in this 1814 publication, which has no text attached to the illustration? Was it only intended for purchasers of the original 1812 edition with only three illustrations?—It is, therefore, questionable that Thornton's motivation for publishing the book was for education.

In the succeeding paragraph, Thornton mentions Benjamin West, the president of the Royal Academy at the time, who believed book illustrations could also encourage children's love for art.

Benjamin West, President of the Royal Academy, thinks *such a plan* will rouse the British youth to a love for painting; and we could have wished the designs had been more perfect, but the increased expense would then have defeated the intention, and this will apologize with the discerning, for our not making them of a more splendid nature. Even now it is to be feared, that the expense will deter several from the purchase of such a desirable adjunct to Virgil; ...<sup>8</sup>

The reality is Thornton's lack of finances, which limited his ambition.

## 5 THORNTON'S FINANCIAL PROBLEM & PUBLISHING STRATEGY

Looking back at Thornton's life, the *Virgil* publications were probably a compromise under his ambition in publishing career under financial pressure. The first edition of 1812 was published with only a few illustrations, perhaps because Thornton was short of money. Earlier, from 1799 to 1807, Thornton spent a vast amount of fortune publishing *The New Illustration of the sexual system of Linnaeus* in large folios with fine engravings by famous artists and engravers of the time, especially its third part, *The Temple of Flora*, with colour plates. Although the book was criticized for having little scientific value<sup>9</sup> but perhaps shows some romantic aesthetics, the publication won him national and international fame. It was sent to Queen Charlotte, the Prince Regent, and the Emperor of Russia, who returned a ring to acknowledge his achievement. Thornton's ambition was to create a tradition of British botanical publication to parallel Boydell's Shakespeare Gallery.<sup>10</sup> However, worse than Boydell's financial failure, Thornton almost drained his inheritance with little return. By 1812, Thornton was struggling with finance and trying to make up with minor publications. He held an exhibition of the botanical illustrations but did not make enough money selling the tickets. In 1812, Thornton issued a smaller edition of *The Temple of Flora* with few subscribers.

The *School Virgil* was, therefore, perhaps Thornton's venture of another subject on a smaller scale. After publishing the luxurious *Temple of Flora*, Thornton turned to small

<sup>8</sup> 'Address to school-master, parents, and others', preface to Thornton's *Illustrations of the School-Virgil* (1814), ps. iii, iv.

<sup>9</sup> Blunt Wilfrid, *The Art of Botanical Illustration*, London: Collins, 1950, p. 203.

<sup>10</sup> *Thornton's Temple of Flora: with plates faithfully reproduced from the original engravings: and the work described by Geoffrey Grigson; with bibliographical notes by Handasyde Buchanan*, London: Collins, 1972, p.4.

and easy reading for children. *Juvenile Botany: Being an easy introduction to that delightful science, through the medium of familiar conversation* (1818), was written in simple language with conversations between son and father.

Thornton was reusing the materials and made simple versions out of them. Likewise, the publications of schoolbooks show a reduced ambition. The *School Virgil* is small in size, cheaply produced with wood engravings, but still includes works by famous artists and could make a profit.

In the 1821 edition, Thornton in the Address named some designers and engravers of this edition.

In order to render this work worthy, as much as possible, of public patronage, and the distinguished honor conferred upon it, by the approbation of the learned, Messrs. *Thurston, Craig, Cruikshanks, Blake* and *Varley*, with others of great merit, have been selected for the *designs*; whilst the most eminent engravers on wood have been employed, as *Nesbit, Clennell, Branston, Bewick, Thomson, Hughes, Byfield, Williams, Lee, Mackenzie, and Sears*, for the *Cuts*, so that *Boys* will now learn Latin with *greater facility and pleasure* to themselves, *deeper impressions* be made, and *ideas*, as well as *words*, be acquired.<sup>11</sup>

Bewick was named as an engraver, but none of the illustrations were done by him but by his workshop.<sup>12</sup> Similarly, in Thornton's *New Family Herbal* (1810), Bewick is advertised on the title page, but all the engravings are by workshop. Blake was named a designer but not an engraver, though he did engrave on copper and wood for the book.

The style overall is neo-classical in the earlier editions and became more ornamental in the 1821 edition. However, the mixture of refined and crude illustrations shows Thornton chose whoever whose fame could help the sale or whose work was cheaply available.

Unlike Thornton, Blake was sincerely opposed to formal and classical education.<sup>13</sup> The reason why Blake participated in the project was probably also financial, even though he had John Linnell as a patron at this time.<sup>14</sup>

## 6 THE WOODBLOCK EVIDENCE

If we compare Blake's woodblocks (British Museum) (Figure 5) with the block engraved by another hand, which was more to Thornton publishers' taste (Huntington Library) (Figure 6), one can detect from the surface that Blake's cut lines are much more irregular and rough, whereas the other hand shows regular and uniform dots and lines.

<sup>11</sup> 'Address to school-master, parents, and others', preface to Thornton's *The Pastorals of Virgil* (1821), p. iv.

<sup>12</sup> Preface by Kenneth Clark, *The Wood Engravings of William Blake* (British Museum, 1977), p. 7.

<sup>13</sup> 'Dark Pastoral: illustrations to Thornton's *Virgil*', *The Traveller in the Evening: The last works of William Blake*, by Morton Paley, Oxford University Press, 2003.

<sup>14</sup> *The Traveller in the Evening: The last works of William Blake*, by Morton Paley, p. 23.



(Figures 7 & 8) Blake seems to treat the block as a canvas, filling in lines and 'colours' (so to speak) rather than cutting away the white areas. It is unique and revolutionary in style and spirit.

Figure 5. William Blake's *Virgil* woodblocks in the British Museum, author's photograph.



Figure 6. Anonymous woodcut for Thornton's *Virgil* in the Huntington Library, author's photograph.

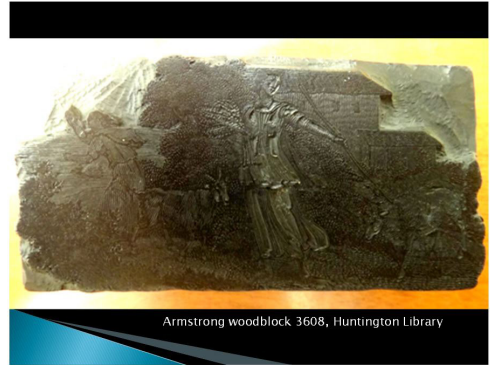
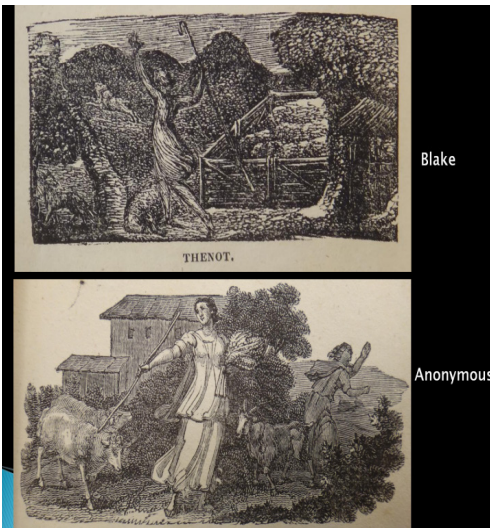


Figure 7. William Blake's *Virgil* woodblock no. 8 in the British Museum (top) versus the Anonymous woodcut for Thornton's *Virgil* in the Huntington Library (bottom), author's photograph.



Figure 8. William Blake's *Virgil* woodcut print in the British Museum (top) versus Anonymous woodcut print for Thornton's *Virgil* in the Huntington Library (bottom), author's photograph.



The block used to illustrate page 8 of Volume 2 *School Virgil* (1821) typifies the standard printing block used in a mechanical printing process. The engraving on the recto shows a clear contrast of relief and incised lines, the regular white lines popularized by the Bewick School. The top side of the block has stamped into the wood a mechanical number, which would have been done by the manufacturer. (Figure 9)

In contrast, the woodblocks Blake used were not standard, and he did not engrave on the end grain as was the practice of Thomas Bewick and his pupils and followed throughout the 19<sup>th</sup> century. The two proofs of Blake's *Virgil* before cut separately and cut down in size in the British Museum show that Blake engraved initially on a larger than usual piece of boxwood, cut from a tree trunk instead of a standard block from the regular block-makers. It means the images were possibly engraved on the plank side rather than on the end grain part. They are rightly called 'woodcuts' and not 'wood engravings' in the 19<sup>th</sup>-century printmaking terminology. (Figure 10)

Figure 9. Multiple views of the Anonymous woodcut for Thornton's *Virgil* in the Huntington Library (Armstrong woodblock 3608), author's photographs.



Figure 10. Multiple views of William Blake's *Virgil* woodblock no. 8 in the British Museum, author's photographs.



In this aspect, Blake returned to the old woodcut tradition instead of following contemporary fashion.

## 7 CONCLUSION: BLAKE & THORNTON'S CONFLICTING IDEAS OF EDUCATION

If both Blake and Thornton shared a financial rather than educational incentive, at least Blake spoke out a visual protest against the classical tradition. In contrast, Thornton was the embracer of an old world of classical culture. The supposed aim of the *School Virgil* book is to educate. Whether this is true for Thornton and Blake, they had very different ideas about it.

Thornton has experience as a lecturer on medical topics & has developed a theory of education centring on using visual images to aid learning. William Blake rejected all formal schooling, as his *Notebook* states,

Thank God, I never was sent to School  
To be Flogg'd into following the Stile of a Fool.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Blake, *Notebook*, p. 42.

## BIBLIOGRAPHY

Blake, William, *Notebook*, manuscript, British Library.

Blake, William, *XVII designs to Thornton's Virgil*, Portland, Me.: Thomas B. Mosher, 1899.

Dilworth, Thomas, d. 1780, *Dilworth's spelling-book, improved: a new guide to the English tongue ...* Philadelphia, [Pa.]: Printed and sold by John M'Culloch, 1796 (3rd ed.)

Gilchrist, Alexander, *Life of William Blake*, London: Macmillan, 1863.

Kemp, Martin, 'Thornton, Robert John (1768–1837)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford: Oxford University Press, 2004.

Keynes, Geoffrey, etc., *Illustrations of William Blake for Thornton's Virgil with the first eclogue and the imitation by Ambrose Philips*, London: The Nonesuch Press, 1937.

Paley, Morton D., *The Traveller in the Evening: The last works of William Blake*, Oxford: Oxford University Press, 2003.

Thornton, Robert John, *The Temple of Flora*, London, 1812.

Thornton, Robert John, *School Virgil*, London, 1812.

Thornton, Robert John, *Illustrations of the School-Virgil in copper-plates and woodcuts*, London, 1814.

Thornton, Robert John, *Juvenile Botany: Being an easy introduction to that delightful science, through the medium of familiar conversation*, London, 1818.

Thornton, Robert John, *The Pastorals of Virgil*, London: F. C. & J. Rivingtons, etc., 1821.

*Thornton's Temple of Flora: with plates faithfully reproduced from the original engravings: and the work described by Geoffrey Grigson; with bibliographical notes by Handasy de Buchanan*, London: Collins, 1972.

Thornton, Robert John, *The Temple of Flora*; essay and descriptions of plates by Werner Dressendorfer; editing, Mahros Allamezade, Köln: Taschen, 2013.

Wilfrid, Blunt, *The Art of Botanical Illustration*, London: Collins, 1950.

Wilton, Andrew, etc., *The Wood Engravings of William Blake for Thornton's Virgil 1821*, London: British Museum, 1977.

## CAPÍTULO 2

### (UN)GATHERED TOGETHER: COMMUNAL TECHNIQUES OF LISTENING TO CLASSICAL MUSIC IN LISBON

Data de submissão: 14/09/2023

Data de aceite: 06/10/2023

**Roman Korolev-Namazov**

Iscte-IUL / NOVA FSCH

Lisbon, Portugal

CV

**ABSTRACT:** The article covers a part of research, dedicated to classical music and the ways people listen to it in Lisbon. It draws on ethnographic material from observations and interviews with audience members over concert seasons in 2021/2022 and 2022/2023. The article consists of two main sections: theoretical and analytical. The theoretical section explores methodologies for studying concert audiences, positing a hypothesis that participants in classical music concerts employ unique listening techniques to engage with musical performances and cultivate communal music perception, adapting to the concert hall environment and audience protocols. As for the analytical part, the article presents a case study of audiences at the *Fundação Calouste Gulbenkian* and *Centro Cultural de Belém*, describing characteristics of communal listening and showing how diverse audience members with varied backgrounds, preferences, and motivations come together

in the concert hall, sharing an intimate listening experience that fosters collective meaning and community building.

**KEYWORDS:** Audience. Community. Listening. Classical music. Performance.

### JUNTOS (DES)UNIDOS: AS TÉCNICAS COMUNITÁRIAS DE AUDIÇÃO DE MÚSICA CLÁSSICA EM LISBOA

**RESUMO:** O artigo abrange uma parte da pesquisa dedicada à música clássica e às formas como as pessoas a ouvem em Lisboa. Baseia-se em material etnográfico de observações e entrevistas com membros da audiência ao longo das temporadas de concertos em 2021/2022 e 2022/2023. O artigo é composto por duas seções principais: teórica e analítica. A seção teórica explora metodologias para estudar audiências de concertos, postulando uma hipótese de que os participantes em concertos de música clássica empregam técnicas de escuta únicas para se envolverem em performances musicais e cultivar uma percepção musical comunitária, adaptando-se ao ambiente da sala de concertos e aos protocolos da audiência. Quanto à parte analítica, o artigo apresenta um estudo de caso das audiências da *Fundação Calouste Gulbenkian* e do *Centro Cultural de Belém*, descrevendo as características da escuta comunitária e mostrando como membros da audiência diversos, com origens, preferências e motivações variadas, se reúnem

na sala de concertos, compartilhando uma experiência de escuta íntima que promove significado coletivo e construção de comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Público. Comunidade. Audição. Música clássica. Performance.

## 1 INTRODUCTION

The enjoyment of music listening is a multifaceted phenomenon with diverse modes of engagement. The various types of listening utilized by music enthusiasts can be comprehensively analyzed, considering factors such as the content and significance of a person's listening experience (Kramer, 2007), as well as the social dimension of sharing this experience with others by taking into consideration all the parties that participate in it like social networks, convention settings, resources and resource mobilization, and places (Crossley, 2015). The presented approaches reveal two distinct listening dimensions: individual and collective, as the experience of listening to music in a public setting markedly differs from private listening, which occurs within its specific acoustic and environmental context (Pitts, 2005).

In this sense, a classical concert offers its audience a distinctive mode of collective appreciation for musical compositions (O'Sullivan, 2009; Gross, 2013). As these concerts are inherently designed for a group of people, constituting highly ritualized phenomena (Small, 1987), concertgoers must stand by specific rules and regulations within the concert space, while being exposed to predetermined sonic arrangements emanating from both performers and attendees. Analyzing a classical concert as a specific framework for music listening reveals its role in shaping the aesthetic encounter with the featured music in unique ways. Two primary characteristics of concert performances significantly impact the perception of musical pieces: its work-centered aesthetics and the sense of liveness experienced during the performance (Wald-Fuhrmann et al., 2021).

The communal experience of listening to classical music in public reveals a network of relationships among all participants engaged in the performance, regardless of their respective roles. This phenomenon aligns with the theory of “musicking” by Christopher Small (1998). According to him, a musical performance serves as a meeting point for human interaction, mediated through the organization of sounds in specific patterns. The participants shape and envision this interconnection, including relationships between individuals, society, and potentially even the metaphysical realm, notes Small.

Understanding the actions and behaviors of individuals during their engagement in a musical performance holds the key to unraveling the essence and functions of such performances in human life. Irrespective of the specific functions it embodies, “to take part in a music act is of central importance to our very humanness, as important as taking

part in the act of speech, which it so resembles” (Small, 1998, p. 8), and the gift of music is inherent in every human being and is as inherent as the gift of speech. The refinement of this inherent gift of listening can be seen as a lifelong journey in honing specialized body techniques, which, in this context, pertain to listening techniques.

## 2 METHODOLOGY: LISTENING TECHNIQUES

The act of public listening, akin to any other social practice, is carried out through the application of specific acquired techniques, suggesting both cultural and corporeal dimensions. Marcel Mauss, the French sociologist and anthropologist, referred to these as “body techniques” and determined them as special actions assuming the fact that

“we are everywhere faced with physio-psycho-sociological assemblages of a series of actions. These actions are more or less habitual and more or less ancient in the life of the individual and the history of the society” (Mauss, 1979, p. 120).

The exploration of body techniques demonstrates an extensive array of practices, including those pertaining to birth, infancy, adolescence, and adult life, such as sleeping, waking, walking, running, dancing, and various forms of physical care. Interestingly, while Mauss addressed a myriad of techniques, he omitted sensory activities like looking, listening, tasting, smelling, and touching, which, nonetheless, remain implicit and occasionally mentioned in the context of other practices.

It is possible to extend the concept of body techniques to the act of listening to music, thereby presenting a comprehensive model of listening techniques. Such a model holds the potential to shed light on the intricate relationship between the audience and musical events, as these techniques reflect practical orientations towards listening. Listening techniques share a profound correlation with the concept of *habitus*, as highlighted by Pierre Bourdieu. Habitual ways of listening are influenced by social conditioning, comprising a compilation of informal knowledge that shapes individuals’ subjective experiences within their social milieu, as

“[...] the objects of knowledge are constructed, not passively recorded, and, contrary to the intellectualist idealism, the principle of this construction is the system of structured, structuring dispositions, the *habitus*, which is constituted in practice and is always oriented towards practical functions” (Bourdieu, 1990, p. 52).

The *habitus* encompasses the ingrained dispositions, attitudes, and behaviors acquired through cultural and societal influences, which subsequently mold the way individuals perceive and engage with music. These acquired listening habits, in turn,

contribute to the formation of a distinctive and socially conditioned mode of musical appreciation, aligning with Bourdieu's emphasis on the interplay between social structures and individual subjectivity in shaping various aspects of human experience.

The habitus of listening entails not an absolute necessity or rigid rule, but rather an inherent inclination or predisposition to engage with music in a specific manner. It involves having a particular focus while listening, anticipating certain emotional experiences, and expressing responses through stylized gestures, as well as interpreting “the meaning of the sounds and one's emotional responses to the musical event in somewhat (never totally) predictable ways” (Becker, 2004, p. 130). Significantly, individuals often listen in a certain way without conscious awareness of it, as these styles of listening are acquired “through unconscious imitation of those who surround us and with whom we continually interact” (Ibid.).

The focus on imitative practices allows us to consider the existence of distinct listening techniques employed when engaging with music privately versus in a public setting. In a public context, an individual employs their own listening technique while simultaneously encountering and experiencing the listening techniques of others within the predefined space and its unique environment. This communal aspect of listening becomes a defining characteristic of the concert experience.

By extending the ecological theory to the cultural environment, the act of listening to music in public can be examined because of adaptation, perceptual learning, and the interplay between perception and action (Clarke, 2005). This approach provides a comprehensive framework that allows for the understanding of various attributes of music, such as physical sources, musical structures, and cultural meanings, in a cohesive manner. This principle, which recognizes the distinctions among different musical phenomena and how they can be defined, while also emphasizing the interdependence between the listeners' abilities and the opportunities presented by the musical environment, is used in this research.

### 3 ETNOGRAPHIC FIELDWORK SETTINGS

For this study, fieldwork was conducted at two concert venues in Lisbon: Grand Auditorium of the *Fundação Calouste Gulbenkian* (FCG) and Grand Auditorium of the *Centro Cultural de Belém* (CCB). These venues are primarily dedicated to hosting classical music performances, encompassing a repertoire that spans from symphonic to chamber and recital programs. The Gulbenkian Auditorium, an integral part of the FCG building, serves as the home of Portugal's largest collective, the *Coro e Orchestra*

*Gulbenkian* (COG). On the other hand, the resident ensemble for the Grand Auditorium of the CCB is the *Orquestra de Câmara Portuguesa* (OCP) and *Jovem Orquestra Portuguesa* (JOP), while the *Orquestra Metropolitana de Lisboa* (OML) also uses this concert hall as a prominent venue for its concerts.

Regarding the sample's section, a series of events featuring extensive programs, thoughtfully combining exclusively symphonic pieces with the participation of the orchestras, was established for the ethnographic fieldwork during the 2021/2022 and 2022/2023 concert seasons.

The initial phase of the ethnographic research involved participant observations and empirical data collection, with the objective of gaining insights into how concert settings influence listeners' behavior in concert settings during live performances. The research work also involved conducting a series of interviews with public members, including structured and semi-structured formats.

Semi-structured random public surveys (RPS) were conducted with concert attendees before, after, and during intermissions of concerts, to explore their motivations, preferences, listening experiences, and habits. Structured in-depth interviews (IDI) were scheduled with Lisbon-based listeners of varying ages, who demonstrated established and long-term listening habits, to investigate their connections with the music world and analyze how the concert environment influenced their experiences. Additionally, life-story interviews (LSI) were conducted with two key informants from the group of concertgoers, based on their extensive concert attendance experience and willingness to share their concert schedules with the researcher.

#### 4 INVESTIGATING THE AUDIENCE

Concerts, particularly orchestral music concerts, offer a unique research domain to explore the listening techniques employed by attendees in such events. Drawing from the ecological approach to studying listening, as described earlier, it is possible to discern several key techniques developed by concertgoers within the concert frame, which aim to facilitate their adaptation to the concert environment and develop potential interactions with fellow listeners. These techniques can be categorized into three groups based on their objectives in the public space. Firstly, it explores the process of adaptation to the concert space, including the entire building and its public areas. Secondly, it investigates the interaction among members of the audience, aiming to identify the formation of social ties with varying degrees of strength. Lastly, the study examines several techniques that contribute to the creation of a distinct collective



listening experience, which is frequently a significant motivation for attending music concerts, as demonstrated later in the analysis.

#### 4.1 FITTING THE CONCERT AUDIENCE

To “fit” the concert audience means following the expectations and requirements that characterize the collective behavior within the concert setting. Public spaces impose certain norms and conditions on their attendees to ensure the historical functioning of their activities. In the context of a concert, it is essential for the audience to uphold a specific *ethos* that enables an optimal listening experience, such as refraining from disruptive behaviors like coughing or talking during performances. Interestingly, not all listeners are equally vigilant in identifying violations of concert etiquette. Both the audiences at the CGF and CCB try to stay sympathetic, attributing such occasional breaches of etiquette to a normal physiological need that any person may experience to a certain extent, as shows the comment below:

“However, one challenge that sometimes mars the experience of live concerts is the unavoidable coughing that can be heard in concert halls. While I understand that it is a natural human tendency, it can be quite irksome, interrupting the sublime atmosphere of the music. Nevertheless, it serves as a reminder of our shared humanity and the imperfections that come with it” (RPS, CGF, February 2023).

Although, the observance of etiquette during classical music concerts remains a significant concern in both esteemed institutions like the FCG and more inclusive venues such as the CCB. The strict rules that demand unwavering adherence are primarily rooted in the established tradition of listening etiquette, as any violation of these norms can disrupt the music-worshipping experience. The development and current manifestation of this etiquette warrant further investigation, but in the context of this study, our focus lies on understanding how individuals adapt to these rules and the social significance associated with such adaptation. By exploring the process of adaptation to concert etiquette, we can gain insights into its broader societal implications.

The consensus among concertgoers is that the CGF provides a relatively safe space for maintaining silence during performances, while this may be lacking in other concert halls, as observed during the study. A 30-year-old regular concert attendee expressed the view that

“...at the Gulbenkian Foundation, the concert etiquette is well understood by the attendees. I believe this is because the audience consists mostly of elites who are already familiar with the expectations. In other contexts, I believe it would be beneficial to have someone provide guidance on concert etiquette, as not everyone may be aware of the appropriate behavior. Nevertheless, overall, the atmosphere and conduct at the Gulbenkian are agreeable” (IDI, December 2021).

A crucial aspect to consider is the comment regarding the elitist nature of the concert audience, which serves as a representative sample of listening behavior. Interestingly, here the elitism is not determined by the privilege access to tickets or the ability to attend the CGF frequently with season passes. Instead, it pertains to a distinct form of sociality centered around the endorsement and promotion of strict concert rules, where the financial aspect becomes secondary in comparison. The emphasis lies on keeping the established norms and behaviors associated with high-quality music appreciation rather than financial means or social status:

“Classical music concerts are not exorbitantly expensive, but they still seem to have a perception of elitism attached to them. The barriers preventing young people from accessing classical music are not primarily financial but rather more subtle, such as stereotypes and preconceived notions about what classical music represents. If the audience consists mostly of aristocrats and older individuals, with few incentives for younger people to attend, it becomes difficult for the younger generation to identify with the audience or the preconceived notion of classical music” (IDI, April 2023).

For certain listeners, conforming to these conditions of subtle elitism through following the concert rules may seem objectionable and may even hinder their ability to fully enjoy the essence of the music itself. The question arises: what purpose does this adaptation to concert etiquette serve if, in the end, it does not significantly impact who can engage in music listening and how? Nonetheless, it is precisely because listening occurs in public settings that such adjustments to overarching requirements, albeit at times excessive, hold significance. For instance, individuals may find themselves caught in situations where even minor transgressions, such as walking out of the hall during the performance, could be perceived as an insult. This highlights the complexity and delicacy of public listening practices and the need to navigate the established norms and etiquette within concert spaces.

Simplified etiquette regimes catering to a more inclusive audience can be found in almost every concert hall in Lisbon. Despite this, some may raise the question of whether institutions like the CGF truly contribute to the democratization of their audience. In their promotional materials, the CGF may advertise Sunday concerts that are open to everyone, offering an opportunity to experience the pleasure of a Mozart symphony alongside children's exuberance and enthusiasm. While such initiatives may be seen as attempts to attract a broader public and create a more accessible musical experience, they also exemplify the challenges of balancing diverse audience needs and expectations within the same concert space.

In contemporary concert culture, the audience is compelled to navigate and conform to the unspoken expectations set by their fellow concertgoers. Present-day audiences

are expected to discern and respect the distinctions between afternoon and evening concerts, serious and popular programs, world stars and lesser-known performers. While societal pressure may play a role, the primary motivation lies in the importance attached to the concert experience itself. The desire to appear dignified before the performer, even if the performer never directly sees an individual audience member, provides a compelling reason to opt for more formal attire. This practice reflects a collective aspiration to demonstrate reverence and appreciation for the musical performance, contributing to the overall ambiance of respect within the concert setting:

“The atmosphere during daytime or matinee events is generally more relaxed, but for evening concerts, there is a greater sense of formality. While I don’t adhere to concert etiquette strictly, I do appreciate the historical significance behind certain traditions and strive not to stand out. On specific occasions, especially when aware of the performer’s status, I try to dress in a special way” (IDI, February 2022).

The concert hall serves as a compelling example, urging us to reevaluate not only the concept of audience elitism but also the significance of established behavioral barriers in shaping a distinctive form of sociality. These barriers aim to construct a unified and cohesive audience, functioning as an integrated organism wherein the conditions for meaningful listening experiences can be cultivated. While some manifestations of elitism may seem trivial, it is precisely the adherence to these culturally intricate norms that underscores the public and communal nature of listening practices.

## 4.2 NETWORKING AND SOCIAL INTERACTION OF THE PUBLIC

The process of adapting to the concert space involves not only internalizing the essential requirements and rules of behavior that are instrumental to the successful realization of the collective audience experience but also familiarizing oneself with the public environment. Through this adaptation, each individual listener becomes formally integrated into the social dynamics existing within the concert audience. Standing by shared norms and expectations, audience members participate in a collective challenge to harmonize their listening behavior, cultivating a sense of cohesion and unity among the attendees. This formal embedding within the concert setting reinforces the social relations within the audience, contributing to the creation of a shared and cohesive listening experience for all participants.

The attending of a concert involves a range of social rituals that extend from the initial decision to participate in a specific event to considerations of companionship. These rituals play a vital role in shaping social interactions among concertgoers, turning the act

of attending a concert into a form of socializing, when the very significance of the musical event itself may be overshadowed. This is critically discussed by one of the interviewees:

“I still believe that some people attend classical concerts as a social activity or to have a reason to go out. It sometimes feels like the facade of culture rather than a genuine appreciation for the music itself” (IDI, April 2023).

The selection of a particular concert not only reflects individual interests and preferences but also connects individuals with like-minded peers who share a similar appreciation for the music or performer, creating a sense of shared identity and belonging within the audience. Additionally, the process of coordinating attendance with friends or acquaintances and the shared experience of the performance act as bonding activities, strengthening social ties among participants. Moreover, following dress codes and concert etiquette further enhances the collective identity of the audience, reinforcing the sense of community. Consequently, the concert setting provides a pre-determined opportunity, where individuals converge not only to enjoy music but also to engage in meaningful social interactions:

“Music is a passionate pursuit for me. I relish every aspect of attending a concert, including dining out before or after the performance. Considering what to wear and whom to invite or meet at the concert adds to my enjoyment. The social element of these experiences is something I cherish. Fortunately, I have many friends who share my enthusiasm for concerts” (IDI, January 2022).

The reluctance to attend such concerts alone can be attributed to the perceived barrier of adapting to the concert conditions, which becomes more manageable when individuals are part of their own group.

The intermission during a concert plays a significant role as a crucial social phenomenon. During the intermission, communication primarily occurs within pre-existing micro-groups characterized by long-established relationships and shared interests or projects. This communication is not merely limited to friendly ties but extends to interactions within established communities, like the Wagner Circle, which was described by one of its members:

“When I attend concerts at the Gulbenkian hall, I cherish the opportunity to meet people with whom I can share opinions and insights, mostly from the Wagner Circle, a group of enthusiasts that organizes special events and provides reserved tickets for its members worldwide” (IDI, 26.04. 2022).

An important aspect to note is that the interviewee is specifically referring to individuals they are already acquainted with, rather than seeking to meet new people. For many attendees, the intermission serves as a space for self-presentation as listeners, rather than for forging new social connections.

The Gulbenkian concert setting presents a distinctive characteristic in terms of listener interaction: communication within groups is seamless, but communication with individuals outside one's own group is nearly impossible. An interview participant, who has been attending concerts at the CGF and CCB for a significant period, expressed understandable frustration about this situation. The limited scope for interaction beyond one's established group might hinder opportunities for broader social connections and engagement with fellow concertgoers.

"Today, the Gulbenkian Foundation has become a real hub for music lovers, and it's heartening to see a diverse audience, including many young people. For me, music serves as a personal connection rather than a unifying force among people. Over the past 40 years, I have encountered many familiar faces at concerts, but there is a noticeable barrier that prevents people from engaging with one another" (IDI, April 2022).

The situation is different at the CCB, especially at JOP and OML concerts. Its diverse programs cater to a general audience, with concerts frequently showcasing alumni from the *Academia Nacional Superior de Orquestra* curated by the OML. Many attendees have personal connections to the performers, often being friends or family members. This close social bond contributes to stronger and more intimate ties among the audience members. Observations indicate that after these concerts, people tend to stay behind to express their congratulations and appreciation to the musicians, particularly when they have personal relationships with the performers. The combination of familial connections and shared experiences during the performance invests in strengthening a sense of community and creates a welcoming atmosphere.

"I developed an interest in classical music when my daughter began studying the violin at the age of six. Since then, I have been listening to it much more frequently. However, it's not just her playing that I listen to. That's why I decided to attend this concert today" (RPS, CCB, April 2023).

It is essential to explore what unfolds within the audience during the actual musical event and whether the concert audience truly assumes the characteristics of a community exclusively in that moment of music. Understanding the dynamics and social interactions among the listeners during the performance may shed light on the extent to which a sense of communal identity emerges and the role music plays in community building among the audience members.

#### 4.3 A COMMUNAL TYPE OF LISTENING EXPERIENCE

As previously discussed, it is challenging to view concert hall audiences as a cohesive form of sociality. However, the critical aspect here lies in the phenomenon of

collective listening, wherein social communication takes a backseat to communication through the medium of music. The shared engagement with the musical experience emerges as a significant motivation for individuals to attend concerts and derive enjoyment from the performances, surpassing barriers and prejudices that might otherwise inhibit social interaction. The focus on the musical action fosters a unique sense of unity and shared experience among the audience members:

“In general, my home is not a place where we actively make music together. There is a lack of opportunities to engage in musical collaboration. However, the atmosphere in a concert hall is entirely different” (IDI, June 2022).

The atmosphere inside the concert hall during a performance offers a truly unique and unparalleled experience. It is essential to distinguish between the effect of collective presence, which is universally experienced by every concertgoer, and the concept of socialization within the concert space. While one respondent discussed his concert habits and the role of socialization in their concert experiences, this person also emphasized the clear boundary between socialization and the pleasure derived from listening to music. While these factors may be significant and interrelated for this individual, they perceive a fundamental distinction between the actual experience outside the concert hall and the immersive experience during the performance of music:

“One of the things I enjoy is attending the lectures before the concerts, where I get the opportunity to delve deeper into the pieces and musicians. It’s also a great chance to meet up with my friends and enjoy the overall ambiance. We often go to the bar before the concert and then have dinner afterwards. I have a small group of friends who also love going to the Gulbenkian hall, and this season I bought ten tickets. While I can easily go to the concerts alone, I prefer going with my friends because it’s a mix of socializing and enjoying the program” (RPS, CGF, April 2023).

The collective experience of listening to music assumes a pivotal role in creating a sense of community among concertgoers. Within the darkened auditorium, with their focus directed towards the performers rather than each other, attendees become immersed in the music, detached from external distractions, and their subjectivity becomes intertwined with the collective body. At this juncture, the observance of concert etiquette transforms from being a mere representation of sociality to a mechanism of inclusion in the event. The level of involvement in the musical experience is heightened when all the conditions for an uninterrupted and cohesive encounter with the music are fulfilled. This engenders a profound sense of community encouraged by the power of the music itself. It is not only the protocol or the feeling of being in a group of like-minded people that is important, but all aspects are considered, including the design of the listening space:

"I'm able to focus on the nuances and details of the performance, while also feeling the presence of the other listeners around me. It creates a sense of community, being together in a space specially designed for the appreciation of music. For me, the Gulbenkian hall is the pinnacle of concert venues in Portugal. It holds a special place in my heart, akin to a cathedral dedicated to art. The design is elegantly simple, evoking a sense of reverence and making the music come alive. Although I also attend concerts at the CCB, the experience there doesn't evoke the same depth of emotions as I feel at the Gulbenkian" (RPS, CGF, April 2023).

The observation that the experience of listening at the CGF is perceived as deeper than at CCB raises intriguing considerations. One potential reason for this distinction could be attributed to differences in audience preparation and the concert hall's spatial attributes at the CCB. The level of audience readiness and engagement with the music, along with the ambiance and acoustic properties of the concert hall, may play a crucial role in shaping the depth of the listening experience. Additionally, factors such as the public behavior and the overall cultural atmosphere may also contribute to varying perceptions of the listening experience between the two venues, as was mentioned by a key-informant after attending a concert at the CCB:

"I didn't enjoy the atmosphere at the CCB because the lights were on, and the audience was disruptive. People were commenting during the music and coughing, which made it difficult for me to concentrate. I prefer when the audience is positive and enthusiastic, but they were interrupting the performance. Additionally, I didn't like the building itself as it felt empty and lacked atmosphere" (LSI, April 2023).

The CCB audiences, particularly those attending OML orchestra concerts, form a more tightly knit community of listeners who often have pre-existing connections and maintain informal relationships. However, their potential to actively contribute to a deeper and more centered collective listening experience appears limited since many attendees are relatively new to classical music and may not fully appreciate esthetic aspects of the performance rather than its social importance. Nevertheless, these listeners still choose to attend OML concerts because they perceive the social space as a safe environment, which they consider crucial for enjoying music in public.

## 5 CONCLUSIONS

The comparative analysis of the two main classical concert venues in Lisbon sheds light on the significant connection between concert etiquette and audience engagement with the music. The presence of strict behavioral rules in the concert space is perceived by young listeners as a barrier to their involvement with classical concerts, leading to the association of elitism with such venues. However, as demonstrated, this

social label does not directly account for behavior even within traditional spaces like the CGF. Instead, the key aspect is a specific form of sociality, wherein adherence to concert etiquette and established norms contributes to the development of listening techniques that encompass listener self-identification and the cohesion of behaviors. This includes cultural aspects, such as deepening musical knowledge through pre-concert lectures, as well as bodily aspects, such as conforming to dress codes and following patterns of listener reactions, like applause in established contexts.

The presence of socialization within the concert audience is a significant aspect to consider. At the CGF, there is a limited level of general communication among attendees, with most interactions confined to established micro-groups. In contrast, the situation at the CCB appears different, where communication within the audience takes on the characteristics of a community, largely due to the OML orchestra and its academic network. This community aspect extends to the orchestra's other concert venues, including museum spaces. Notably, audiences prioritize the orchestra over the specific concert venue, and the difference between the COG and the OML lies in the fact that the latter does not have its own fixed concert residency. As a result, the OML's audience migrates from one space to another, while the COG has cultivated its audience within the walls of the CGF for over half a century.

Modern listeners do not find the format and rules of classical music concerts to be a deterrent. Many respondents highlight that the collective listening experience remains a primary motive for attending such concerts, where the shared perception of music among participants enhances the overall experience. The enjoyment of collective presence and the pleasure of music-listening seem to merge in some ways, but the essence of each remains distinct in their perspectives. Key factors influencing this experience include behavioral regulations, venue design, and the audience's knowledge of the musical works being performed. The CGF offers a conducive environment for immersive listening experiences, where the individual subjectivity of concert-goers merges into a unified collective subject, reflecting a high level of performance-orientated listening proficiency. In contrast, the CCB and its audiences prioritize a safe behavioral space and may not place as much emphasis on identifying as a listening community. It would be inaccurate to view one audience as qualitatively superior or inferior to the other, as the presence of orchestras like the OML fulfills the diverse needs of listeners who employ different listening techniques, each deriving pleasure according to the level of their listening training.



## REFERENCES

- Becker, J. (2004). *Deep Listeners: Music, Emotions, and Tracing*. Indiana University Press.
- Bourdieu, P. (1990). *The Logic of Practice*. Stanford University Press.
- Clarke, E. (2005). *Ways of Listening: An Ecological Approach to the Perception of Musical Meaning*. Oxford University Press.
- Crossley, N. (2015). Music Worlds and Body Techniques: On the Embodiment of Musicking. *Cultural Sociology*, 9(4), 1-22. <https://doi.org/10.1177/1749975515576585>
- Gross, J. (2013). *Concert Going in Everyday Life: An Ethnography of Still and Silent Listening at the BBC Proms* [PhD Thesis]. Birkbeck, University of London.
- Kramer, L. (2007). *Why Classical Music Still Matters*. University of California Press.
- Mauss, M. (1979). Techniques of the Body. In *Sociology and Philosophy: Essays* (pp. 97-123). Routledge.
- O'Sullivan, T. (2009). All Together Now: A Symphony Orchestra Audience as a Consuming Community. *Consumption Markets & Culture*, 12(3), 209-223. <https://doi.org/10.1080/10253860903063220>
- Pitts, St. (2005). What Makes an Audience? Investigating the Roles and Experiences of Listeners at a Chamber Music Festival. *Music & Letters*, 86(2), 257-269. <https://doi.org/10.1093/ml/gci035>
- Small, Ch. (1987). Performance as Ritual: Sketch for an Inquiry into the True Nature of a Symphony Concert. In White, A. L. (Ed.), *Lost in Music: Culture, Style and the Musical Event* (pp. 6-33). Routledge.
- Small, Ch. (1998). *Musicking: The Meanings of Performing and Listening*. Wesleyan University Press.
- Wald-Fuhrmann, M., Egermann H., Czepeil, A., O'Neill, K., Weining, Ch., Meier, D., Tschacher, W., Uhde, F., Toelle, J., & Tröndle, M. (2021). Music Listening in Classical Concerts: Theory, Literature Review, and Research Program. *Frontiers in Psychology*, 12, 1-14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.638783>

## CAPÍTULO 3

### OLHARES DE DOCENTES SÉNIOR SOBRE AS REALIDADES DOS/AS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR PORTUGUÊS<sup>1</sup>

Data de submissão: 15/11/2023

Data de aceite: 24/11/2023

**Sofia Veiga**

Escola Superior de Educação do  
Instituto Politécnico do Porto  
Porto - Portugal

<https://orcid.org/0000-0001-9674-3295>

**Helena Sofia Rocha Lopes**

Faculdade de Engenharia da  
Universidade do Porto  
Porto - Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-2019-1292>

**RESUMO:** Nas derradeiras décadas, assistiu-se, no Ensino Superior (ES) português, a mudanças profundas e significativas, decorrentes, entre outros fatores, de um aumento da procura deste nível de ensino e da sua consequente massificação e democratização. Os/as estudantes que passaram a aceder e a frequentar este nível de ensino - agora mais diversos nas suas realidades, percursos, posturas, expectativas - começaram a demonstrar uma atitude mais proativa e dinâmica, fruto de uma mudança do paradigma em vigor no ES europeu e do

<sup>1</sup> "Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDP/05198/2020 (Centro de Investigação e Inovação em Educação, inED)"

desenvolvimento de uma nova sociedade, cada vez mais informada, exigente, complexa, competitiva e globalizada. Utilizando uma metodologia de cariz qualitativa, com recurso a *Focus Group* (FG), o artigo em apreço tem como intuito retratar os olhares de docentes sénior sobre as continuidades e as mudanças que aconteceram no ES, em particular nas realidades dos/as estudantes que o frequentam. Os FG contaram com a participação de dezanove elementos de três Instituições do Ensino Superior. Para o tratamento dos dados foi utilizada a análise temática. Os/as participantes consideram que, nas últimas décadas, a comunidade estudantil tem-se ampliado e diversificado, assistindo-se ainda à emergência de novos perfis de alunos/as. A diversidade de estudantes com percursos, situações e perfis diferentes introduz uma multiplicidade de experiências e saberes que tornam o ES cada vez mais heterogéneo, global e desafiante. Em termos futuros, a digitalização da educação é incontornável, trazendo com ela desafios e janelas de oportunidades para às Instituições de Ensino Superior e para a sua comunidade docente e discente. No que concerne aos principais desafios futuros, é reforçada a importância de se ampliarem e diversificarem experiências, processos e metodologias de ensino-aprendizagem significativos, que exigem uma compreensão holística, integral e integrada, dos/as estudantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Superior. Estudantes. Processo de Ensino-Aprendizagem. Identidades. Futuro.

## PROFESSORS' VIEWS ON THE REALITIES OF PORTUGUESE HIGHER EDUCATION STUDENTS

**ABSTRACT:** In the last few decades, we have seen profound and significant changes in Portuguese Higher Education (HE), due, among other factors, to an increase in demand for this level of education and its consequent massification and democratization. The students who began to access and attend this level of education - now more diverse in their realities, paths, attitudes, and expectations - began to demonstrate a more proactive and dynamic attitude, the result of a change in the paradigm in force in European HE and the development of a new society that is increasingly informed, demanding, complex, competitive and globalized. Using a qualitative methodology, using Focus Groups (FG), this article aims to portray the views of senior teachers on the continuities and changes that have taken place in the European School of Education, particularly in the realities of the students who attend it. Nineteen people from three higher education institutions took part in the FG. A thematic analysis was used to process the data. The participants believe that the student community has expanded and diversified in recent decades and that new student profiles have emerged. The diversity of students with different backgrounds, situations, and profiles introduces a multiplicity of experiences and knowledge that make HE increasingly heterogeneous, global, and challenging. In the future, the digitalization of education will be unavoidable, bringing with it challenges and opportunity windows for higher education institutions and their teaching and student communities. With regard to the main future challenges, the importance of broadening and diversifying meaningful teaching-learning experiences, processes, and methodologies, which require a holistic, integral, and integrated understanding of students, is emphasized.

**KEYWORDS:** Higher Education. Students. Teaching-Learning Process. Identities. Future.

### 1 INTRODUÇÃO

O Ensino Superior (ES) tem vivenciado mudanças profundas e marcantes em domínios vários, nomeadamente no que aos/às estudantes diz respeito.

Nas últimas décadas, tem-se assistido, a nível mundial, a um incremento da procura deste nível de ensino, tendo, como consequência, a sua massificação e democratização (e.g., ALMEIDA ET AL., 2012; CERDEIRA; CABRITO, 2018).

Na Europa, com a implementação do Processo de Bolonha, assistiu-se ainda a uma mudança de paradigma. Das principais inovações trazidas, salientem-se as questões da mobilidade nacional e internacional, e a mobilização de metodologias de ensino-aprendizagem centradas nos/as estudantes e na aquisição de competências (FERNANDES, 2009). Assumido estes/as um papel mais ativo e protagonista na construção do seu conhecimento, saíram reforçadas práticas e metodologias mais ativas indutoras da sua autonomia e do seu envolvimento académico (e.g., ALMEIDA; CRUZ, 2010; ALMEIDA ET AL., 2008; LOPES, 2016; SECO ET AL., 2008; SOUSA, 2011; VEIGA, 2022). Em 2018, foi subscrito o Comunicado de Paris que, entre outros aspetos, sublinha

a necessidade de criar (melhores) condições e apoios essenciais ao acesso e o sucesso de grupos vulneráveis e sub-representados no ES.

Em Portugal, a já referida massificação e democratização do acesso e frequência do ES decorreram de uma matriz sociopolítica marcada pela adesão à União Europeia, pelo alargamento do ensino obrigatório, pela expansão da ação social escolar, bem como pela ampliação da própria rede de oferta de instituições e de cursos de nível superior. Daqui resultou a crescente diversidade e heterogeneidade de perfis de estudantes que passaram a ingressar e a frequentar este nível de ensino (e.g., ALMEIDA ET AL., 2006; ALMEIDA; CRUZ, 2010) – quer em termos horizontais (diferentes realidades socioeconómicas, culturais e geográficas), quer em termos verticais (indivíduos de diferentes faixas etárias que começam ou continuam os seus estudos). Esta diversidade é extensível a minorias cujo acesso ao ES era reduzido como, por exemplo, os/as estudantes oriundos das regiões autónomas, militares, emigrantes ou com necessidades educativas especiais. No caso destes/as últimos/as, foram, por via legislativa, criadas vagas que lhes têm permitido a conquista gradual de um lugar no espaço do ES (GUIMARÃES ET AL., 2021). Não obstante, tendem a persistir lacunas ao nível dos espaços físicos e materiais das Instituições de Ensino Superior (IES) que dificultam a acessibilidade e a inclusão efetiva deste público (SILVA; PIMENTEL, 2021).

Paralelamente, têm sido incentivados/as à candidatura e frequência do ES, adultos/as, maiores de 23 anos que, tendo ou não concluído o ensino secundário, passam a poder ingressar neste nível de ensino por via de uma avaliação efetuada pela IES a que se candidatam.

A mobilidade de frequência entre cursos, ou a passagem para uma IES diferente, são também veículos que permitem aos/às estudantes equilibrar preferências vocacionais e/ou de carreira com a continuidade da frequência do ES, evitando o insucesso e/ou abandono escolar.

Por fim, não se pode deixar de referenciar a Ação Social Escolar. Esta medida, ao disponibilizar apoios financeiros e de alojamentos, destinados a estudantes carenciados/as e/ou deslocados/as da sua região geográfica de origem, tem permitido um efetivo incentivo à democratização do ES.

Na recente vivência da situação pandémica por SARS-Cov-2 muitas destas medidas – e outras que, entretanto, foram implementadas - foram fundamentais para que muitos/as estudantes pudessem (continuar a) ter acesso ao Ensino Superior e ter sucesso no seu percurso académico (e.g., ARAÚJO ET AL., 2021; FLORES; GAGO, 2020; FLORES ET AL., 2021)

Com tantas mudanças, os papéis e os perfis do corpo docente têm sofrido transformações que merecem ser pontuadas e refletidas.

Partindo da realidade vivencial de professores com 20 ou mais anos de experiência de docência, o presente trabalho pretende espelhar os seus olhares sobre as continuidades e as mudanças que aconteceram nas realidades dos/as estudantes do ES nas últimas décadas. Os olhares que se têm sobre as mudanças vividas, mas também sobre as continuidades que configuram a identidade dos/as estudantes do ES, permitem vislumbrar alguns desafios e oportunidades futuros do ES.

## 2 MÉTODO

Foi utilizada uma metodologia de cariz qualitativo, de natureza iminente intersubjetiva e idiossincrática. Tendo por base a sua experiência profissional, exploraram-se as perspetivas de docentes sénior em torno das seguintes dimensões: i. Principais mudanças do ES nos últimos 20 anos; ii. Processo de ensino-aprendizagem; iii. Papel e identidade de docentes e discentes; iv. Dinâmica relacional docente-discentes; v. Ensino Superior em perspetiva.

O presente artigo centra-se nas dimensões referentes aos/as estudantes.

### 2.1 PARTICIPANTES

Realizaram-se três *Focus Group* (FG) com docentes de instituições públicas do ES Politécnico e Universitário, dos seguintes domínios técnico-científicas: Ciências e Tecnologia (IESCT), Educação (IESE) e Ciências Sociais e Humanas (IESCSH).

Os FG foram compostos por cinco (IESCT) e por sete elementos (IESE e IESCSH). Dos/as dezanove participantes, todos/as tinham 20 ou mais anos de atividade docente e possuíam Doutoramento. Havia heterogeneidade na formação inicial e/ou avançada (Psicologia, Educação, Línguas e Literaturas, Filosofia, Ensino, Matemática e Engenharias), na área disciplinar e/ou o curso de docência (Psicologia, Ciências da Educação, Engenharias e Formação de Professores e Educadores), assim como na categoria profissional (Professor/a Associado/a, Auxiliar, Adjunto/a Coordenador/a, Catedrático/a).

Quanto ao número de anos de docência observaram-se valores médios entre os 30 e os 38 anos, com os/as docentes da IESE a registarem um valor médio mais elevado e os da IESCSH o valor médio mais baixo. Em relação ao número de anos em atividade na IES atual, o valor médio global obtido foi de 30.56, com os/as participantes da IESE e da IESCT a evidenciarem um valor médio de 31 anos e os/as da IESCSH um valor médio de 29.50.

A maioria dos/as participantes tinha entre 55 e 59 anos de idade, e eram do sexo masculino na IESE (57%) e na IESCT (60%), e do sexo feminino na IESCSH (57%).

## 2.2 PROCEDIMENTOS

Após um contacto direto, os/as docentes que se mostraram interessados/as e disponíveis para participarem no estudo, preencheram a ferramenta de calendarização *online Doodle*, a fim de se identificar quais os membros participantes nos FG. Os membros selecionados foram informados via e-mail do dia, hora e local em que os mesmos aconteceriam.

Antecipadamente, foi enviado, a cada participante, um protocolo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido, assim como um breve questionário sociodemográfico, garantindo-se que toda a informação cedida serviria apenas para fins de investigação.

Cada FG teve uma duração de cerca de 1h30m. No momento que antecedeu o início da discussão, foi oralmente partilhada, com os/as participantes, a informação sobre i) o projeto e os seus objetivos; ii) os instrumentos utilizados e condições de participação no processo de recolha de dados; iii) os procedimentos relativos à orientação do FG, assim como à análise e devolução dos resultados. Por fim, foi solicitada autorização para se proceder à gravação áudio da discussão grupal.

O debate foi orientado em torno de três grandes questões investigativas:

- 1- Quais seriam as 3 palavras que melhor resumiriam os últimos 20 anos do ES em Portugal?
- 2- O que mudou e o que se manteve nestes 20 anos?
- 3- Quais as expectativas relativamente ao futuro do ES?

Após transcrição dos ficheiros áudio, foi realizada uma análise de conteúdo centrada nos temas emergentes do grupo (KRUEGER, 2000).

O processo investigativo respeitou os princípios éticos em vigor.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os discursos presentes nos três FG, e nos/as participantes entre si, evidenciaram, em geral, uma elevada concordância no que concerne às subcategorias de significado emergentes neste estudo. Não obstante, observaram-se algumas singularidades que parecem espelhar as idiosincrasias da cultura e *praxis* de cada uma das IES, mas igualmente dos domínios da formação e da atividade docente.

No que concerne aos resultados relativos aos/às estudantes, foram sublinhados, pelos/as participantes, os seguintes aspetos:

- 1) Nos últimos vinte anos, assistiu-se a uma massificação e democratização do ES (“Eu creio que a massificação é incontornável(...)”, E.S.). Apesar de um maior número de estudantes ter passado a aceder a este nível de ensino, tal não significou igualdade de oportunidades para todos/as, já que se observam assimetrias, falta de equidade e uma certa desumanização do ES (“O nosso sistema é ainda profundamente assimétrico e ele é assimétrico quer no universitário, quer também no politécnico”, A.G.). As assimetrias observadas entre IES - um dos efeitos nocivos do processo de democratização - tende a afetar a qualidade e quantidade da produção científica efetivada assim como as práticas pedagógicas instituídas.

A agravar este cenário, tem-se assistido a uma segregação social dos/as estudantes, nomeadamente com a existência de um crivo social prévio no acesso a certos cursos, faculdades/escolas e IES. Aqueles/as com maior prestígio e com maior média de entrada tendem a estar circunscritos/as a certos grupos e categorias sociais, com uma distribuição desequilibrada de estudantes por cursos e/ou IES de acordo com a classe ou grupo social de origem (“Um outro oposto, igualmente extremamente complicado, são os estudantes de Engenharia e Gestão Industrial. Que são todos de 19 para cima, extremamente competitivos, (...) que vem dos colégios ...”, S.). A segregação tende a imputar uma diferenciação não só social, mas também motivacional (“O percurso dos alunos no ES é muito marcado pela experiência anterior. Nós temos antes do Ensino Superior uma coisa que é injustíssima, que é o modo como nós construímos um sistema privado e um público seletivo, socialmente também muito marcado”, L.; “Nós temos estudantes provenientes de zonas geográficas muito distintas, zonas do mundo muito distintas, de meios socioeconómicos muito diferentes e eu sinto que isso ainda se traduz, às vezes, em diferenças na acessibilidade que uns tiveram em determinados percursos e que outros não têm”, C.). Parece sobressair uma visão de que o ES não é (totalmente) justo do ponto de vista social, limitando diversidades e possibilidades (“Diversidade (...), para quem aqui vive, aprende e trabalha.”, C.).

O acesso ao ES tem estado alinhado com um modelo de sociedade ancorada na meritocracia, que agrava a tendência a uma cultura de segregação social e de conservação do *status quo*, desvirtuando os fundamentos de um ES que se quer acessível e que proporcione uma educação igual para todos/as.

- 2) Tem-se assistido à emergência de um novo perfil estudantil (“Eu acho que (...) estamos perante um novo perfil de aluno”, R.), sendo este pontuado de diferentes formas pelos/as participantes do estudo.

Em comparação com os/as estudantes de há 20 anos atrás, os/as atuais apresentam em geral um menor comprometimento com as exigências académicas, pese embora sejam motivados/as por situações que os/as estimulem do ponto de vista académico e profissional. Os desafios pedagógicos, introduzidos pelo corpo docente, assumem, assim, um papel importante na motivação dos/as estudantes para um processo de aprendizagem significativo.

Alguns/algumas participantes consideram que os/as estudantes da atualidade têm menor capacidade de atenção/concentração e de resiliência (“Os outros eram mais resilientes, mais calmos, mais focados, mais concentrados”, M.), uma menor autonomia e capacidade de resolução de problemas (“São os mais juniores que não sabem o que é comentar e que querem à viva força convencer-me a fazer um exame (...) por cruzinhas”, C.), e, no caso dos/as estudantes com melhores médias de entrada, um medo exacerbado do fracasso. É pontuada a maior imaturidade desta geração estudantil (“Eles chegam cada vez mais adolescentes ao ES”, R.), gerando, não raras vezes, uma vivência mais ansiosa das questões e tarefas (normativas) da vida académica, com repercussão no seu bem-estar e saúde mental (“Há ali também alguma diferença, principalmente no relacionamento entre eles. Têm mais ansiedade (...) E depois já começam a aparecer, a vir ao de cima, muitos casos de isolamento, muitos casos de medo da diversidade (...)”, T.). No FG da IESCSH, em particular, os/as docentes parecem evidenciar como características do corpo discente atual a maior formatação a determinados métodos de ensino-aprendizagem e a maior resistência à mudança (“Os nossos alunos têm sido ao longo deste tempo formatados, tendo-lhes sido ensinado um percurso, uma metodologia de trabalho que não vou dizer que seja a melhor ou a pior, mas que se calhar não é muito boa, para eles chegarem ao Ensino Superior”, R.); “Eu acho que os alunos mudaram pouco (...) eu sempre achei que os alunos eram o principal agente de resistência à mudança dentro de uma instituição. Às vezes pensa-se que são os professores, mas não são. São os estudantes”, S.). A propensão por conteúdos que mobilizam recursos visuais é visível. No entanto, como referido anteriormente, este perfil não é homogéneo, podendo



encontrar-se diferenças nos/as estudantes consoante o curso e os contextos socioeconómicos-culturais de origem.

Dos/as estudantes de há duas décadas, foi referida ainda a sua parca criatividade.

- 3) No que concerne à dinâmica relacional docentes-estudantes, foi destacada uma transformação visível na sua relação, marcada por um maior distanciamento e menor empatia dos/as primeiros em relação aos/às segundos/as.
- 4) Quanto ao processo de ensino-aprendizagem, assistiu-se a diversas transformações no ES em Portugal, que decorrem fundamentalmente da implementação do processo de Bolonha. Destacaram-se a fragmentação curricular e a falta de tempo para consolidar processos de ensino-aprendizagem, dimensões associadas a uma crise do conhecimento que se vem instaurando nas últimas décadas (“O tempo de aprendizagem, o tempo do desenvolvimento não se compadece com semestres de 7/8 semanas como nós temos atualmente. Isto não é tempo de aprendizagem. É tempo de socialização e de uma socialização muito acrítica. Isto é, é salvar-se dentro desta tempestade. E é o que os alunos fazem”, J.). Parece assistir-se a um conflito entre o tempo necessário para a concretização das tarefas e a consolidação das aprendizagens, e aquele que os/as estudantes efetivamente dispõem face às exigências sucessivas e imediatistas de um labor e de um saber académicos.

A opção pela exploração de temáticas, conteúdos e linguagens de natureza mais geral, em prejuízo daqueles mais específicos de cada curso ou área de formação tem, segundo os/as participantes dos FG da IESE e da IESCSH, um impacte negativo no pensamento crítico de estudantes e docentes do ES.

- 5) No olhar sobre o futuro, aparece de imediato a visão de uma rápida e massiva digitalização da educação, processo acelerado pela recente vivência da pandemia por COVID-19. Sendo a digitalização um recurso incontornável na modernização e atualização do ES em Portugal, pode, no entanto, ter reptos e desvantagens. O grupo da IESCT evidenciou, em particular a exigência e o trabalho acrescido que a digitalização do ensino terá na avaliação dos/as alunos/as (“Estamos a falar de muito controlo, estamos a falar de muita variação de perguntas e depois, um teste é individual (...). Dá uma trabalhadeira imensa”, S.). Pese embora a inevitabilidade de um cenário mais digital, o ensino

presencial não deverá ser descartado. Os/as docentes da IESE e da IESCSH, em especial, defendem a sua primazia no processo de ensino-aprendizagem. No que concerne aos principais desafios futuros, é reforçada a importância de se ampliarem experiências, processos e metodologias de ensino-aprendizagem significativos, recorrendo-se nomeadamente a metodologias de *blended-learning*, cujo potencial de expansão do ES e de alargamento a novos públicos-alvo é inegável.

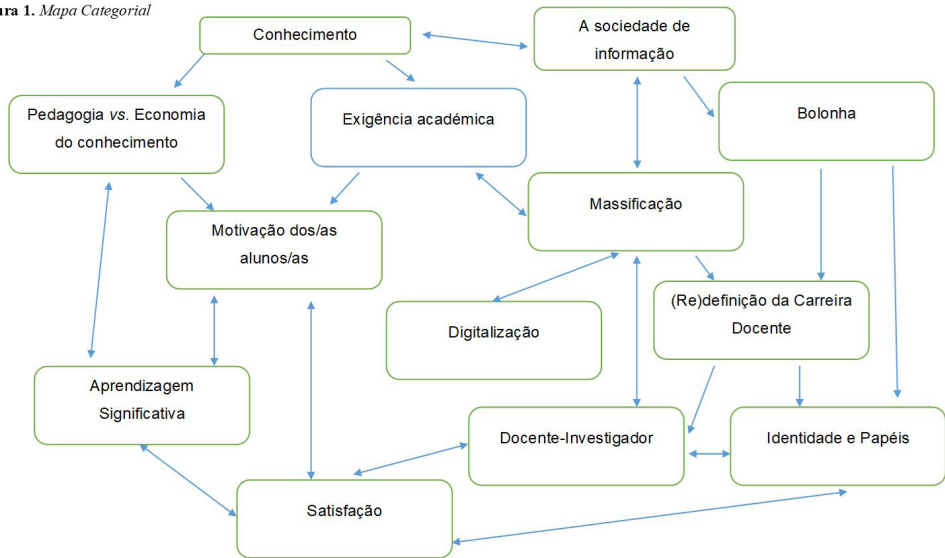
Nos grupos da IESE e da IESCSH foi evidenciada uma preocupação com a compreensão holística do potencial dos/as estudantes, bem como com a sua motivação para aprenderem com sentido e significado, que pode acontecer em tempos e espaços diversos (“Um ES mais atento à riqueza da experiência académica dos alunos na sua globalidade, que não acontece só no espaço da sala de aula. E isto é cada vez mais importante quanto se diversificaram os alunos e, portanto, essas experiências de fruição, de criação cultural, de compromisso cívico são importantíssimas. O gosto por aprender, o gosto por ler ... e ver como é que isso se consegue promover nos diferentes modos de estar de uma instituição de ES”, M.).

Simultaneamente, é referido que o futuro da educação no ES passa pela capacidade de esta estimular um pensamento analítico e crítico nos/as estudantes, combatendo as consequências nocivas da massificação (“Então, é mais estimular esta capacidade crítica, porque, o que eu noto, é que eles vêm muito massificados, vêm muito formatados com ‘o conhecimento é repetir o que o professor diz’. E, nas outras cadeiras da faculdade é ‘o que é que quer resposta?’, ‘Eu quero é que você pense!’, M.). Neste sentido, foi ainda aludida a premência de se difundirem e implementarem currículos e práticas interdisciplinares no ES, com o intuito de se promover a capacidade de adaptação e resposta dos/as estudantes aos repto da atualidade e à (con)vivência com a incerteza e imprevisibilidade (“Não é concebível (...) que a formação seja afunilada. (...) Há que, por exemplo, contactar com os problemas da sociedade para terem sensibilidade social. Portanto, terem aprendizagens fora dos muros da universidade. Assistências deste tipo devem fazer parte dos currículos dos universitários”, J.).

Com o propósito de sistematizar as principais categorias de significado, apresentamos, de seguida, um mapa categorial onde surgem as categorias mais significativas da análise temática realizada e suas (inter)relações.

Figura 1. Mapa Categorial.

Figura 1. Mapa Categorial



## 4 CONCLUSÕES

Dada a multiplicidade de acontecimentos e transformações que aconteceram nos últimos vinte anos, no estudo em apreço desafiaram-se docentes sénior a olhar, analisar e refletir sobre o curso e o estado atual do ES, assim como sobre o futuro que se perspetiva neste e para este nível de ensino.

No que aos/às estudantes diz respeito, os/as participantes evidenciaram que, decorrente da massificação e democratização a que se tem assistido no ES, a comunidade estudantil tem vindo a ampliar-se e a diversificar-se, trazendo uma multiplicidade de experiências e de saberes que tornam este nível de ensino cada vez mais heterogéneo, global e desafiante.

Todavia, se a massificação do ES pode trazer a diversidade necessária a uma educação mais rica e enriquecedora, a mesma não significa uma verdadeira democratização, pois o acesso ao ES e ao curso escolhido continuam a refletir disparidades sociais, territoriais, económicas, individuais. Têm-se observado diferenças consoante o curso, as IES, os contextos socioeconómicos de origem, as circunstâncias e as condições de cada indivíduo em particular. Não obstante, tem-se feito caminho. Têm sido, nomeadamente, criadas condições para que públicos cada vez mais diversos possam aceder e frequentar este nível de ensino. E se esta diversidade desafia as IES e o seu corpo docente, também traz novas oportunidades e sinergias. Nomeadamente, obriga a que se repense e reequacione o sentido e missão do ES e das IES, os papéis e

funções dos/as diferentes intervenientes/atores sociais, os processos e metodologias de ensino-aprendizagem e de avaliação, as oportunidades, os desafios e as prioridades que se vão perspetivando e almejando a cada momento.

Nas últimas décadas tem-se assistido à emergência de novos perfis estudantis. Há agora alunos/as que apresentam médias (muito) elevadas de entrada no ES, decorrente de um sistema de Ensino Básico e Secundário desigual, que possuem, não raras vezes, um medo de exacerbado de falhar, que muitas vezes é condicionador do seu percurso académico, da sua satisfação, bem-estar e saúde mental. O corpo discente mostra-se tendencialmente mais imaturo, mais formatado e menos aberto à mudança, embora com grande potencial quando desafiado. Por isso, atualmente não basta motivar e envolver os/as alunos/as no processo de ensino-aprendizagem; há que desafiar-los a desenvolverem um pensamento crítico, analítico, reflexivo e criativo (CRUZ ET AL., 2019), que mobilize e articule saberes e competências variados (VEIGA, 2022).

Em termos futuros, perspetiva-se a digitalização da educação. Sendo um processo inevitável, a forma e o pendor como este acontece(rá) e se consolida(rá), e seu impacto nos/as estudantes (e demais atores sociais), vai depender em grande parte das missões, dos recursos e das idiosincrasias das IES (FELIX & FERNANDES, 2022). Independentemente do pendor assumido pelas ferramentas e mundos digitais no cenário educativo, consensual parece ser a ideia de que a digitalização da educação superior pode trazer e ampliar janelas de oportunidade, nomeadamente aos/às estudantes. O recurso a metodologias de *blended-learning*, nomeadamente, pode possibilitar a expansão do ES e a ampliação dos públicos que acedem a este nível de ensino. Esta(s) janela(s) de oportunidades(s) desafia(m) as IES e os próprios governos a repensarem e reequacionarem, entre outros aspetos, as políticas e a oferta formativa, os processos de ensino-aprendizagem, o papel dos/as intervenientes no cenário educativo, as condições físicas e materiais de acesso e de literacia digital equitativas para todos/as. Uma educação que abarque e traduza diversidades, que seja acessível e de qualidade para todos/as, com os/as quais se amplia e enriquece. Caso contrário, a digitalização perspetivada e ambicionada pode contribuir para o agravamento das assimetrias, ainda visíveis entre IES e entre estudantes (PIRES ET AL., 2022).

Por fim, refira-se que a educação digital não pode substituir (ou impor-se) ao ensino presencial. O desenvolvimento holístico dos/as estudantes e a construção de aprendizagens que lhes sejam significativas exigem que se coloquem em cena na dinâmica educativa questões de ordem curricular, pedagógica e relacional. Só assim a missão do ES consegue concretizar-se. Em tempos de grande exigência, em que proliferam desafios de ordem vária e de complexidade crescente, o ES deve responsabilizar-se por proporcionar

uma educação integrada e integral que almeje não só a formação de profissionais qualificados/as, mas também o desenvolvimento de cidadãos/cidadãs ativos/as, críticos/as, solidários/as, criativos/as e inovadores/as, comprometidos/as com a edificação de sociedades (mais) justas, equitativas, inclusivas e desenvolvidas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.; CRUZ, J. Transição e adaptação académica: Reflexões em torno dos alunos do 1º ano da Universidade do Minho. In L. SILVA ET AL. (Eds.), **Ensino superior em mudança: Tensões e possibilidades. Atas do Congresso Ibérico** 1ª ed., pp. 429-440. Lisboa: CIEd, 2010.

ALMEIDA, L.; GUISANDE, M.; SOARES, A.; SAAVEDRA, L. Access and success in higher education in Portugal: Issues of gender, sociocultural origin and students' academic path. **Psicol. Reflex. Crit. [online]**, v. 19, n. 3, p. 507-514, 2006. ISSN 1678-7153. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000300020>.

ALMEIDA, L.; MARINHO-ARAUJO, C.; AMARAL, A.; DIAS, D. Democratização do acesso e do sucesso no ensino superior: Uma reflexão a partir das realidades de Portugal e do Brasil. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 17, n. 3, p. 899-920, 2012. [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772012000300014&lng=pt&tlng=pt](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772012000300014&lng=pt&tlng=pt).

ALMEIDA, L.; VASCONCELOS, R. Ensino superior em Portugal: Décadas de profundas exigências e transformações. **Inovación Educativa**, v. 18, p. 23-24, 2008. <https://hdl.handle.net/1822/26572>.

ARAÚJO, D.; MONTEIRO, H.; TIMÓTEO, I.; PINTO, R.; SAMPAIO, R.; VEIGA, S. Resgatando o sentido emancipatório da educação social na resposta à crise pandémica: Um olhar a partir da formação e dos estágios de licenciatura. **Sensos-e**, v. VIII, n. 1, p. 22-31, 2021. <https://doi.org/10.34630/sensose.v8i1.3808>.

CARVALHO, C.; PONTES, A. (2020). **Algumas reflexões sobre o impacto da crise pandémica no ensino superior**. [https://aepq.tecnico.ulisboa.pt/files/sites/22/algumas-reflexoes-sobre-o-impacto-da-crise-pandemica-no-ensino-superior\\_vfinal.pdf](https://aepq.tecnico.ulisboa.pt/files/sites/22/algumas-reflexoes-sobre-o-impacto-da-crise-pandemica-no-ensino-superior_vfinal.pdf).

CERDEIRA, L.; CABRITO, B. Democratização e acessibilidade no ensino superior em Portugal: Mudanças recentes. **Acta Scient. Educ**, v. 40, n. 1, p. e40632, 2018. Doi 10.4025/actascieduc.v40i1.40632.

CRUZ, G.; NASCIMENTO, M.; DOMINGUEZ, C. With a little help from my peers: Professional development of higher education teachers to teach critical thinking. **Revista Lusofona de Educação**, v. 44, n. 44, p. 141-157, 2019. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle44.09>

FELIX, C.; FERNANDES, C. O futuro da educação é on-line? Discussão sobre tecnologia e educação a partir de uma visão crítica. **Acervo**, v. 35, n. 1, p. 1-14, 2022. ISSN 2237-8723.

FERNANDES, J. (2009). A implementação do Processo de Bolonha nas instituições. In CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Org.), **O Processo de Bolonha e os seus desenvolvimentos: Actas do Seminário realizado em 23 de Junho de 2008** (1ª ed., pp. 59-68). Lisboa: Conselho Nacional de Educação. ISBN 978-972-8360-60-3.

FLORES, M.; GAGO, M. Teacher education in times of COVID-19 pandemic in Portugal: National, institutional and pedagogical responses. **Journal of Education for Teaching**, v. 46, n. 4, p. 507-516, 2020. <https://doi.org/10.1080/02607476.2020.1799709>.

FLORES, M.; SIMÃO, A.; BARROS, A.; FLORES, P.; PEREIRA, D.; LOPES FERNANDES, E.; FERREIRA, P.; COSTA, L. Ensino e aprendizagem à distância em tempos de COVID-19. Um estudo com alunos do ensino superior. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 55, p. e055001, 2021. [https://doi.org/10.14195/1647-8614\\_55\\_1](https://doi.org/10.14195/1647-8614_55_1).

KRUEGER, R. (2000). **Focus groups: A practical guide for applied research**. 3<sup>rd</sup> ed. London: Sage. 215 p.

GUIMARÃES, M.; BORGES, A.; VAN PETTEN, A. Trajectories of students with disabilities and inclusive education policies: From basic education to higher education | Trajetórias de alunos com deficiência e as políticas de educação inclusiva: Da educação básica ao ensino superior. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, p. 935–952, 2021. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0059>

LOPES, H. **Atividades académicas (co) curriculares e o (des) envolvimento dos estudantes: O curso e as margens na travessia da implementação do processo de Bolonha no ensino superior** [Doctoral dissertation, Universidade do Porto]. Repositório Institucional da Universidade do Porto, 2016. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/98257>.

PIRES, A.; SAMPAIO, H.; CARNEIRO, A. De volta ao futuro? A pandemia de covid-19 como catalisadora de mudanças no ensino superior. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 2, p. 53-66, 2022. ISSN: 2358-8322.

SECO, G.; ALVES, S.; FILIPE, L.; PEREIRA, A.; SANTOS, C. Promoção de competências de comunicação e de relação: Contributos do Serviço de Apoio ao Estudante do Instituto Politécnico de Leiria. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, v. 2, n. 1, p. 409-418, 2008.

SILVA, J.; PIMENTEL, A. Educational inclusion for visually impaired persons in the higher education | Inclusão educacional da pessoa com deficiência visual no ensino superior. **Brazilian Journal of Occupational Therapy**, v. 29, p. e2904, 2021. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.CTOAR2193>

SOUSA, I. **Processo de Bolonha e mudanças na educação superior: Um estudo no ensino superior politécnico português** [Doctoral dissertation, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias]. Repositório Institucional da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2011. <https://recil.ensinolusofona.pt/jspui/handle/10437/3324?mode=full>.

VEIGA, S. Developing transversal competencies in the sociodramatic space: Narrative of a curricular experience in higher education. **Educ. Sci.**, v. 12, n. 2, p. 125, 2022. <https://doi.org/10.3390/educsci12020125>.

# CAPÍTULO 4

## THE ECOLOGICAL ETHICS OF LAUDATO SI', ITS PEDAGOGY AND DOABLE SOLUTIONS FOR A GREENER PHILIPPINES

Data de submissão: 14/09/2023

Data de aceite: 06/10/2023

**Antonio Levy S. Ingles, Jr.**

De La Salle-College of Saint Benilde  
Manila, Philippines

<https://orcid.org/0009-0001-4031-080X>

**ABSTRACT:** Laudato Si', the first encyclical that addresses the environment, challenges us all to survive, thrive and let our generation in times of change "be a time remembered for the awakening of a new reverence for life" (LS #207). The Ecological Ethics of Laudato Si' echoes the biblical concept of justice – the Hebraic Covenant Theology, which refers to as Right-Relations in four directions: to God, to oneself, to our fellow human beings and to creation. Pope Francis calls us for this integral ecology to be "educators capable of developing an ethics of ecology, and helping people, through effective pedagogy" (LS #210). Responding to this call toward a Greener Philippines, this paper proposes to incorporate doable ways in making learning authentic based on some key ideas from the instructional principles of constructivist pedagogy and balances it with cognitive and affective approaches where experiential learning moves the student to sympathy, empathy and

action. Seventy (70) environmental advocates are sought to identify the most doable among the suggested four solutions namely: Zero Carbon, Zero Waste, Sustainable Water and Sustainable Transportation, which will be integrated to student's experiential learning in any of the four areas, namely: at home, in school, in community and in the work place. The results of the survey suggest that most of the respondents prefer the Zero Waste solution to be applied in all four areas in order to survive and thrive for a Greener Philippines.

**KEYWORDS:** Ecological Ethics. Ecological Education. Right-Relation. Effective Pedagogy. Doable Solution.

### 1 INTRODUCTION

In 1965, Pope Paul VI declares that the "Sacred Ecumenical Council has considered with care how extremely important education is in the life of man and how its influence ever grows in the social progress of this age. Indeed, the circumstances of our times have made it easier and at once more urgent to educate young people." He also says that the "Church must be concerned with the whole of man's life, even the secular part of it insofar as it has a bearing on his heavenly calling. Therefore, she has a role in the progress and development of education" (Pope Paul VI, 1965).

In 2015, Pope Francis declares that environmental education “needs educators capable of developing an ethics of ecology, and helping people, through effective pedagogy, to grow in solidarity, responsibility and compassionate care” (LS #210).

An effective pedagogy may consist of incorporating a real-life and doable solution in making learning authentic based on some key ideas from the instructional principles of constructivist pedagogy and balances it with cognitive and affective approaches where experiential learning may move the students to sympathy, empathy and action.

An experiential learning-teaching strategy does not downplay the value of typical classroom instruction; rather, it facilitates authentic learning both inside and outside the classroom through authentic tasks leading to the production of a meaningful real-life and doable solution.

## **2 RESEARCH PROBLEM**

The challenge for educators today is how and when to apply the Ecological Ethics of Laudato Si’ through an effective pedagogy and integrate the real-life and doable solutions to Filipino students’ experiential learning within the Philippine context that may guide their conduct at home, in school, in community and in the work place.

The present task of this paper is to figure out which among the four solutions is preferred by the seventy environmental advocates as doable that may be integrated to students’ experiential learning, namely: Zero Carbon, Zero Waste, Sustainable Water and Sustainable Transportation.

How and when the integration of the preferred doable solution to students’ experiential learning effectively works will be the future task of a follow through study.

## **3 THE ECOLOGICAL ETHICS OF LAUDATO SI’**

This paper is cross-referenced based on Fuellenbach’s Life-Giving Relationships, also known as Holistic Relationality. It offers itself as a context of the Ecological Ethics of Laudato Si’, which echoes the biblical concept of justice – the Hebraic Covenant Theology.

The basic notion of ‘relationality’ is referred to as the essential relations that extend in four directions or fourfold relationality, namely to God, to oneself, to neighbors (both referred to an individual and individuals who are part and parcel of a society) and to creation as a whole, while the basic notion of ‘holistic’ is referred to every position of truth that we hold, which represents just one part of a larger truth (Koukl as cited in Ingles, 2006). Likewise, it presupposes Arthur Koestler’s ‘holon’ to refer to “any entity



that is itself a whole and simultaneously a part of some other whole” (Mairesse as cited in Ingles, 2006, p. 32).

In the New Testament (NT), Paul describes the Kingdom of God as, “...not a matter of food and drink, but of righteousness (justice), peace, and joy in the Holy Spirit” (New American Bible, Romans 14:17).” In the Old Testament (OT), the Hebraic Covenant Theology best translates justice concept as “Right-Relations” or “Life-Giving Relationships” (Fuellenbach, 1998). As an ethical value, this can be associated with the concepts of harmony, wholeness, caring, compassion, reciprocal regard, and mutual valuation of intrinsic worth (Acorn, 2004).

According to Fuellenbach (1998) to be just means human beings should live in life-giving relationships in the following holistic essential relations in four directions or the fourfold relationality: (1) with their fellow human beings, (2) with themselves, (3) with nature (creation) and (4) ultimately with God (p. 195).

Integral Ecology presupposes the said holistic essential relations and serves as a paradigm both for ecological ethics and ecological education. Pope Francis tells us that ecological education “seeks to restore the various levels of ecological equilibrium, establishing harmony (1) within ourselves, (2) with others, (3) with nature and other living creatures, and (4) with God” (LS #210). He also says that “environmental education should facilitate making the leap towards the transcendent which gives ecological ethics its deepest meaning” (LS #210).

This paper is also cross-referenced with the works of a Filipino prolific writer and scholar, Florentino Hornedo. In his paper, ‘Values Education in the Social Sciences,’ he speaks of justice in four directions.

Hornedo (1994) claims that, “Values education is profoundly affective and teaching in a classroom “can benefit greatly from the methods of exposure and immersion and the reflective element that procedurally follows such exercises.” He observes that due to the “lack of imagination on the part of many educators,” the results of education are “a great amount of cognitive learning and a minimum of affective learning” (par. 43).

Hornedo (1994) explains these in greater detail: “Justice is meaningful in terms of the relationships man has and creates (1) between himself and other humans and human institutions, (2) between himself and nature, (3) between himself and himself, and (4) between himself and the Transcendent” (par. 74).

### 3.1 RELATIONALITY WITH FELLOW HUMAN BEINGS

Hornedo (1994) claims that doing justice is to recognize the value and rights of the individuals and to give them their due: “Nutrition if they are hungry, clothing if they are

naked, medicine if they are sick, education if they are ignorant, deliverance from bondage if they are oppressed, and so forth.

The recognition of the rights of others means the proper rendering to them of that to which they have a right.... – But most importantly, the rights of others is to be read as one's obligation towards them: they have rights precisely because I have obligations" (par. 75). Hornedo (2009) expands human beings' relations with their fellow human beings to include institutions, unfortunately he observes that: "Rebels against the government frequently have been elevated to the status of folk heroes while the law enforcers are shown as bungling, terroristic, and corrupt. This is an indication of an anarchistic attitude, a failure to relate to the largest natural institution – the government and its agencies" (par. 76).

### 3.2 RELATIONALITY WITH THEMSELVES

It is justice to self and to society, Hornedo (1994) claims, to care for one's development personally and professionally. It is injustice to fail to value peoples' potential and grow up to become burdens both to themselves and to society. Thus, every school child ought to know these facts to motivate her/him towards growth and to make her/him persevere to learn and know more (par. 79).

### 3.3 RELATIONALITY WITH NATURE

Doing justice with nature, Hornedo (1994) argues, involves the promotion of the beneficence of nature for mankind. He argues that it is unjust to society to resort to hasty aggression upon nature that plagues man in the form of shortages of natural resources. What is just in dealing with nature is the provident use of natural resources for the sustenance of society's necessities (Hornedo, 1994: par. 28).

### 3.4 RELATIONALITY WITH THE TRANSCENDENCE

The relationship of man with Transcendence, Hornedo (1994) contends, is recognized legally under the provision of law assuring freedom of belief and religious expression. He proposes that "values education needs to confront squarely the developing religious consciousness of learners, especially their growth towards tolerance and the positive appreciation of the religious culture of other people" (par. 80).

Mercado (1994) noted that relationships with nature are considered by the Filipinos as something to be in harmony with. By borrowing Hornedo's words, he explained it further: "The traditional Filipino lived with nature. The forests and rivers were

his 'brothers.' Their preservation and conservation were his life. Their destruction, his destruction. He had lore to teach his society this fact. When he told his children the divine beings prohibited the desecration of the forest, he was speaking with the authority of life and in the name of life, not of money" (Mercado, 1994: par. 7).

Hornedo claims (as cited in Mercado, 1994) that for a traditional Filipino preservation and conservation of nature would mean his own preservation and conservation, and their destruction, his destruction.

#### **4 AUTHENTIC PEDAGOGY**

This paper is also verifying the Authentic Pedagogy with an article on making learning authentic in Lessenger Middle School, Manzo (1998) dealt with the students who saw beyond the obvious conditions of Detroit's River Rouge that impacted life in and around the water and applied what they were learning in class to real-life problems. The students' opportunity to document their observations opened the door to lessons about water and the environment. Added to these hands-on activities or learning by doing praxis-based pedagogy, students understood the reasons how oxygen, water and organism interrelate and work together. Students realized that in the past they did not know that different pollutants have different effects on the river.

Now they already knew the reasons why the river is polluted. With authentic learning activities students engaged into, they gained a deeper understanding of the scientific principles they were studying, and they realized how human activities impacted the environment's intricate balance. Students were taking charge of their own learning and engaging in inquiry and projects that they cared about. As a matter of fact, these students have made presentations to the local Friends of the Rouge advocacy group about their findings.

Their classroom and the river were their immediate context. Their learning environment supported collaborative construction of knowledge through social negotiation. Social interaction and collaboration are critical as they became involved in a "community of practice." It supports what Honebein (1996) referred to as embedding learning in social experience which eventually led the students to engage in an advocacy.

#### **5 RESEARCH DESIGN AND PARTICIPANTS**

The paper opted for an interpretive methodology in order to "articulate and critique this understanding" (Packer, 2000) by incorporating linguistic discourse and discursive analysis, guides the research to collect, analyze and interpret data. It is acknowledged

and accepted as a satisfactory method of textual investigation involving official documents (Sack, 1974, Atkinson and Coffey, 1997 and Silverman, 2001 as cited in Choo, 2005). In this paper, the official document that it refers to is Laudato Si', which is the first encyclical that addresses the environment. It is cross-referenced on Fuellenbach's Life-Giving Relationships; Hornedo's 'Values Education in the Social Sciences' and Manzo's Authentic Pedagogy.

This paper also used Google Form mail questionnaire survey conducted among environmental advocates in the Philippines. Google Form provides a free and fast way to create an online survey. After creating a survey, respondents are invited by email. The respondents answer the questions from almost any web browser, which includes mobile smartphone and tablet browsers. The responses are collected in an online spreadsheet, which can be viewed in a single row of a spreadsheet, with each question shown in a column.

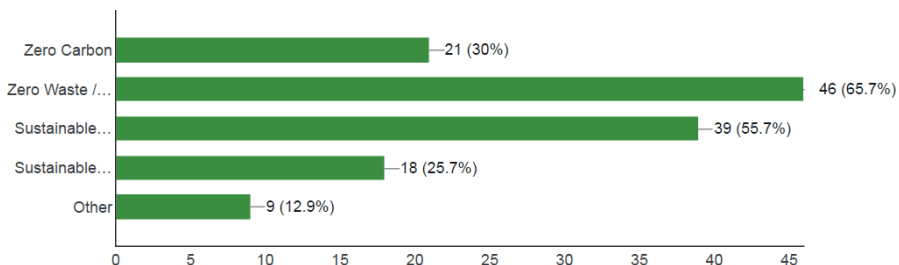
A total of 200 survey questionnaires were initially mailed out to the sample respondents, of which only 70 questionnaires were returned. Two hundred environmental advocates were emailed and invited to take the survey on how one's commitment to care and protect our environment translate to a more practical and doable solutions for a Greener Philippines, of which only seventy of them responded.

The seventy environmental advocates were asked to identify the most doable among the proposed four solutions namely: Zero Carbon, Zero Waste, Sustainable Water and Sustainable Transportation that may be applicable in any of the four areas, namely: at home, in school, in community and in the work place. The preferred doable solution will then be integrated to student's experiential learning in all the four areas.

## 6 RESULTS AND DISCUSSION

Graph 1: Environmental Advocates Preference of Doable Solutions 'At Home'.

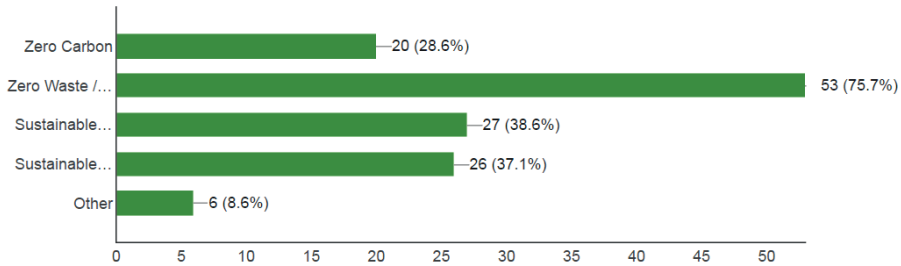
at home? (70 responses)



Representing the result “at home”, the distribution of the population in the above graph (Graph 1) shows that 21 or 30% of the environmental advocates preferred Zero Carbon, 46 or 65.7% preferred Zero Waste, 39 or 55.7% preferred Sustainable Water, 18 or 25.7% preferred Sustainable Transportation and 9 or 12.9% preferred Other doable solutions.

Graph 2: Environmental Advocates Preference of Doable Solutions 'In School'.

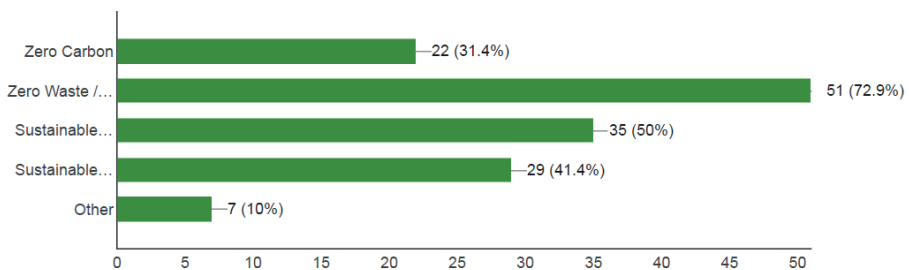
in school? (70 responses)



Representing the result “in school”, the distribution of the population in the above graph (Graph 2) shows that 20 or 28.6% of the environmental advocates preferred Zero Carbon, 53 or 75.7% preferred Zero Waste, 27 or 38.6% preferred Sustainable Water, 26 or 37.1% preferred Sustainable Transportation and 6 or 8.6% preferred Other doable solutions.

Graph 3: Environmental Advocates Preference of Doable Solutions 'In Community'.

in community (parish/barangay)? (70 responses)

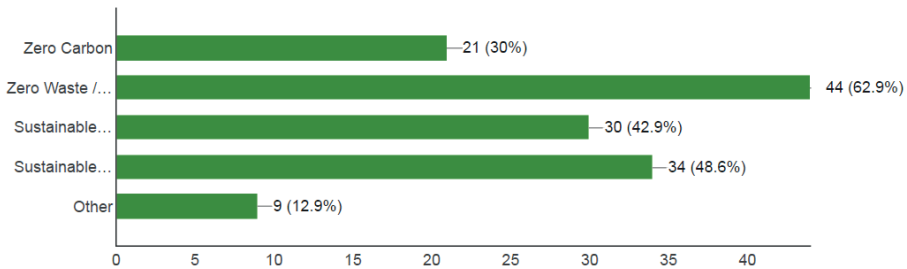


Representing the result “in community”, the distribution of the population in the above graph (Graph 3) shows that 22 or 31.4% of the environmental advocates preferred Zero Carbon, 51 or 72.9% preferred Zero Waste, 35 or 50% preferred Sustainable

Water, 29 or 41.4% preferred Sustainable Transportation and 7 or 10% preferred Other doable solutions.

Graph 4: Environmental Advocates Preference of Doable Solutions 'In the Work Place'.

in the work place? (70 responses)



Representing the result “in the work place”, the distribution of the population in the above graph (Graph 4) shows that 21 or 30% of the environmental advocates preferred Zero Carbon, 44 or 62.9% preferred Zero Waste, 30 or 42.9% preferred Sustainable Water, 34 or 48.6% preferred Sustainable Transportation and 9 or 12.9% preferred Other doable solutions.

## 7 CONCLUSION

The preferred doable solution that should be integrated to students' experiential learning that will be applied in any of the four areas, namely: at home, in school, in a community and in the work place can be gleaned from the data obtained from the seventy environmental advocates. Among the doable solutions, namely: Zero Carbon, Zero Waste, Sustainable Water and Sustainable Transportation, the results of the survey showed that most of the respondents preferred the Zero Waste solution to be integrated to student's experiential learning in any of the four areas mentioned above.

Like any other research undertaking, this paper does not cover the actual application of integrating the Zero Waste as a doable solution to student's experiential learning. While most of the respondents preferred the Zero Waste solution to be applied in all the four areas, this paper suggests that it would be beneficial to pursue a follow-up study based on the findings presented here.

## REFERENCES

Acorn, A. (2004). *Compulsory compassion: A critique of restorative justice*. Toronto: UBC Press.

Choo, K. (2005). How critical are business schools' time-bounded structured MBA programmes? Retrieved March 15, 2018, from University of Wales Institute, Cardiff: <http://www.mngt.waikato.ac.nz/ejrot/cmsconference/2005/proceedings/whithermba/Choo.pdf>

Francis. Encyclical Letter. *Laudato si'*. 24 May. 2015. Retrieved March 15, 2018, from The Holy See – Vatican: [http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)

Fuellenbach, J. (1998). *Throw fire*. Manila: Logos Publications.

Honebein, P. (1996). *Seven goals for the design of constructivist learning environments*. In B. Wilson (Ed.), *Constructivist learning environments: Case studies in instructional design* (pp.11-24). New Jersey: Educational Technology Publications.

Hornedo, F. (1994). *Values education in the social sciences*. Cultural Heritage and Contemporary Change, Series III. Asia, 7: M. Dy (Ed.), *Values in philippine culture and education* (pp.85-104). Washington: The Council for Research in Values and Philosophy.

Ingles, A. (2006). Nakakaluwag: An affirmation of a vision of persons living in peaceful harmony and with respect for life and dignity. *Ang Makatao*, 32–43.

Manzo, K. (1998). Making learning authentic. Retrieved March 15, 2018, from *Editorial Projects in Education*: <https://www.edweek.org/ew/articles/1998/10/01/lessons-from-a-dirty-river.html>

Mercado, L. (1994). The Filipino Mind. *Philippine Philosophical Studies*, II. Retrieved March 15, 2018, from *Council for Research in Values and Philosophy*: <https://www.scribd.com/doc/97325407/The-Filipino-Mind-Leonardo-Mercado>

Packer, M. (2000). An interpretive methodology applied to existential psychotherapy. Retrieved March 15, 2018, The Society for Laingian Studies: <http://www.mathcs.duq.edu/~packer/Pubs/APA2000.html>

Paul VI. Second vatican council's declaration on christian education. 28 October. 1965. Retrieved March 15, 2018, from The Holy See – Vatican: [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_en.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_en.html)

Wilson, B. (Ed.) 1996. *Constructivist learning environments: Case studies in instructional design*. New Jersey: Educational Technology Publications.

# CAPÍTULO 5

## BAHÁ'Í RELIGION FACING SUSTAINABILITY MATTERS: SOME PROPOSALS

*Data de submissão: 28/09/2023*

*Data de aceite: 13/10/2023*

**Marta Scialdone**

Sapienza University of Rome  
Department of History, Anthropology,  
Religions, Arts and Performing Arts  
Italy

**ABSTRACT:** This work aims at analyzing the link between the new category of cultural sustainability and the Bahá'í religion. The further objective of this essay is to present itself as an innovative and original work that establishes a connection between two seemingly distant fields of study, the religious domain and the secular one, sustainability, showing that these entities have the ability to synergize and mutually support each other both in theoretical terms and in the pursuit of social improvement as a shared objective. In this work I aim to pursue the objectives, as mentioned in the introduction, of critically highlighting, relying on some theories and categories of the history of religions and anthropology, some of the actions proposed by the Bahá'í International Community, with the ambition to acknowledge that each individual must contribute to the construction

of a more just and peaceful social order; moreover to start the process of social betterment of the society with application, and diffusion of knowledge.

**KEYWORDS:** Bahá'í. Religion. Sustainability. Culture.

### 1 INTRODUCTION. METHODOLOGY AND SOURCES

This work aims at analyzing the link between the new category of cultural sustainability and the Bahá'í religion. I deemed it appropriate to incorporate it within the scope of study of my doctoral project, which investigates cultural sustainability as a means for heritage enhancement and “traditional” valorization of the Bahá'í belief. In this case, the adjective “traditional” refers to a complex of elements “linked to a past that has been preserved and passed down through generations”, according to Natale Spineto (2015: 18). The same author, however, emphasizes that all phenomena undergo changes: the determination of a phenomenon as “traditional” is arbitrary, as it depends on the rate of continuity and innovation (2015: 19). Each tradition purports to assert an



authenticity that cannot be truly evaluated and whose “value” has no real legitimizing impact. Traditions are occasionally inventions that swiftly establish themselves, filling a void left by declining “authentic” traditions (Hobsbawm, Ranger, 2012).

The further objective of this essay is to present itself as an innovative and original work that establishes a connection between two seemingly distant fields of study, the religious domain and the secular one, sustainability, showing that these entities have the ability to synergize and mutually support each other both in theoretical terms and in the pursuit of social improvement as a shared objective (Ives-Kidwell, 2019; Bomberg-Hague, 2018).

My interest in the Bahá'í religion emerged in 2019 through research focused on its inception and subsequent development in its Country of origin, Iran, as well as its dissemination in Italy and Bahrain, based primarily on oral sources, analyzing witness reconstructions of the origins in their respective territories, focusing on the topic of religious freedom, their perceptions of considering themselves a religious minority, the discourse on religious pluralism, and the prospects of transmitting their knowledge to future generations.

This research has given rise to the master's thesis work in Historical-religious Sciences and continues, to this day, with the doctoral project, which also includes the Tunisian community in its study. The methodology employed for this contribution is based on the integration of various approaches. A preliminary phase of the study was devoted to conducting a bibliographic analysis of relevant theories and examining online archives pertaining to the Bahá'í religion. The Bahá'í community, through the diligent effort of believers from various communities worldwide and under the guidance of the Universal House of Justice, has implemented a vast collection of documentation and works created by the founder and his successors. This vast array of elements is now largely accessible through online platforms (Bahá'í.it; Bahá'í.org; bahaipedia.it). The objective I am striving to achieve is to establish coherence among various sources available on the internet and engage in a critical comparison between primary sources (interviews) and Bahá'í production. The “official sources” of the community, many of which are self-produced by the believers themselves, have proven to be significant tools for information and in-depth analysis. The implementation of ethnographic interviews, following the life story approach, with religious leaders and believers, based on a semi-structured questionnaire, has enabled the collection of original data, obtained firsthand through audio and video recordings.

The essay develops along two paragraphs and a conclusive one. The first one is about the category of cultural sustainability and aims at discussing what are its

peculiarities; the second one is focused on the involvement of the Bahá'í community in sustainability; the third one traces conclusions.

## 2 CULTURAL SUSTAINABILITY: A USEFUL CATEGORY

The topic of sustainable development, which entails a development approach that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs, and a focus on consumption, was initially addressed in the 1987 Brundtland Report.

In 1987 the Norwegian politician Gro Harlem Brundtland, with a strong commitment to environmentalism, President of the United Nations World Commission on Environment and Development established in 1983, presented the report “Our Common Future”, wherein she outlined the guidelines for sustainable development that remain relevant to this day, officially introducing the subject matter. The Brundtland report identified that the critical points and global environmental issues were primarily attributed to the significant poverty in the South and the unsustainable production and consumption pattern in the North of the world. It underscored the imperative to implement a strategy capable of seamlessly integrating the demands of development and those of the environment. This strategy has been designated in English as “sustainable development”, a widely utilized term at present. In this regard, it is not specifically referring to the physical environment as a “portion of space” or a place where human communities exist, but rather to the interplay between locations and individuals, as well as the multi-faced well-being encompassing aspects such as health, socio-economic status, education, professional dignity, and rights. It shed light upon a significant ethical principle, namely the responsibility of present generations towards future generations, encompassing at least two aspects of eco-sustainability: the preservation of resources and the environmental balance of our planet. A few years later, specifically at the Rio de Janeiro Conference in 1992, *United Nations Conference on Environment and Development: UNCED or Earth Summit*, the proper inception of the expression “sustainable development” arises as the right to development to be implemented “in order to equitably satisfy the developmental and environmental needs of present and future generations”. With this statement, the so-called three pillars of sustainable development, namely the economic, environmental, and social pillars, are outlined, as indicated by principle Eleven thereof, which generally delineates the “three pillars” of sustainability. In the article *Three pillars of sustainability: in search of conceptual origins*, published in 2018 in *Sustainability Science*, Ben Purvis, Yong Mao and Darren Robinson of Laboratory for Urban Complexity and Sustainability, Nottingham University,

assert that there is no specific moment of origin for the concept of the three pillars. However, there has been a gradual emergence of criticism towards the current economic status quo from both a social and ecological perspective; on the other hand, there is the endeavor to reconcile economic growth with the resolution of social and ecological issues by the United Nations, as stated in the UN resolution, *The future we want* (2012). There are several documents pertaining to the subject matter at hand, among them *Transforming our World: the 2030 Agenda for Sustainable Development*, Agenda 2030 for Sustainable Development, an action plan for people, planet, and prosperity, endorsed in September 2015 by the governments of the 193 member states of United Nations, which includes among its 17 objectives the sustainability of cities and communities, specifically the establishment of “sustainable cities” to safeguard and preserve the global cultural and natural heritage. It encompasses the commitment to “making cities and human settlements inclusive, safe, resilient, and sustainable” is fully understood and acknowledged (Ob. 11). The latest studies in reference to sustainable development identify a fourth pillar in cultural sustainability: the dimensions of cultural practices and religious beliefs, as well as their valorization, are assuming increasing importance in the social, political, environmental, and economic spheres. The definition continues to evolve, sometimes making explicit its role in heritage enhancement as scholars Powter and Ross state in their work. In other cases, considering the possibility that given “cultures” may survive into the future, according to Norwegian scholars Soini and Birkland. It refers to sustainable development in the sense of valuing religious beliefs, cultural practices, heritage preservation, and culture as its own entity, and attempts to answer the question of whether or not a given culture can exist in a future context. From an anthropological perspective, these connotations need to be discussed and criticized. On one hand, these statements lead to the misconception of regarding “minority” cultures as “authentic” and “at risk of extinction”, thus falling into the stereotype of cultures being stagnant over time that persists across generations and history. “Dynamic anthropology,” the Manchester School, and Marxist anthropology have already highlighted such issues many decades ago. It can be stated that cultures are not biological entities, but rather constantly reinvent, transform, and reshape themselves. Often, elements that are legitimized as authentic have been reinvented or invented by isolating previous traits in order to construct “typicality” or “antiquity” to be preserved. On the other hand, it is worth noting that while it may refer to the concept of “material culture”, encompassing works, artifacts, objects, and thus material heritage, culture is not merely a collection of tangible objects, but encompasses intangible elements and cannot be regarded as a static complex. On the contrary, one of its defining characteristics lies in its

dynamism, its transformations, and the stratification among the societal “classes”. Georges Balandier asserts that cultural changes occur through internal dynamics and external dynamics. A dynamic process cannot be constrained by the mere acknowledgment of contacts between different “civilizations” and the phenomenon of acculturation but must be interpreted in the context of the endogenous dynamism present in each culture. Ingold suggests envisioning a world in which communities inhabit a continuous and barrier-free territory, infinitely diverse in its features and contours, yet devoid of any disparities or divisions. Today, it appears that a shift has occurred, as Ingold suggests, whereby the delineation of cultural boundaries cannot be easily discerned, and he emphasizes that the concept of “transmitting to future generations” inherently involves a transformative element: the transmitted content undergoes transformation, generations, so-called “values”, socioeconomic status, means of communication, languages, social relationships, and generational dynamics undergo change. However, it arises the transmission and its being a “collective set of characteristics” as fundamental elements of its culture.

The studies linking sustainability and religion are relatively recent and in their early stages. They focus on the impact of religious “values” on sustainability, such as those proposed by Ives and Kidwell, or on the environmental implications, as stated by Johnston. Ives and Kidwell assert that religion, as an institution, amalgamates beliefs, practices, and structures, effectively exerting influence over a substantial portion of the global population. Due to its immense potential, it has the ability to influence change towards sustainability, a change that will occur within society itself as religious activities permeate various social “strata”.

A recent study conducted by Bomberg and Hague highlights the potential role of religion as a cultural “resource” that could impact social adaptation and respond to environmental change. All religions (and forms of spirituality) involve the theme of relationships and respect for the environment, nature, human beings, and all living things.

Although still relatively unexplored, the study prospects related to cultural sustainability highlight that the cultural, social, and religious components of human societies are not secondary but rather play a leading role in understanding relationships with the environment and in combating its depletion.

There are numerous documents on the topic, including “Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development”, a program of action for people, planet and prosperity signed in September 2015 by the governments of the 193 member countries of the UN, which includes among its 17 goals the sustainability of cities and communities, i.e. the realization of “sustainable cities” for the protection and preservation of the world’s

cultural and natural heritage that includes the commitment to “make cities and human settlements inclusive, safe, resilient and sustainable” (Ob.11) and the fight against climate change (Ob.13).

The Agenda also mentions the need to “strengthen efforts to protect and preserve the world’s cultural and natural heritage,” a reference to the protection of cultural heritage as instrumental to the pursuit of sustainable development goals. Cities are also playing an increasingly important role as actors of change in the direction of sustainable development through culture, which brings added value, in monetary and non-monetary terms, through cultural expressions, preservation of tangible and intangible heritage, promotion of cultural diversity.

Intangible heritage is also included, in accordance with the UNESCO Convention for the Safeguarding of Intangible Cultural Heritage, i.e., the idea of “cultural heritage” contained in the 2015 Program seems to coincide with that of “urban heritage” in reference to the 2011 UNESCO recommendation concerning the historic urban landscape, according to which “urban heritage constitutes a social, cultural and economic asset for humanity, defined by a historical stratification of values that have been produced by the succession of past and contemporary cultures and an accumulation of traditions and experiences, recognized as such in their diversity”. Thus, it refers not only to the World Heritage of Humanity (as defined in the 1972 UNESCO Convention for the Protection of the World Cultural and Natural Heritage), but also to a broader concept that includes – in the same way as historical and artistic heritage – intangible heritage – in accordance with the 2003 UNESCO Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage – and cultural differences, which, since the 2005 UNESCO Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions, become themselves an asset to be safeguarded.

The Faro Convention emphasizes the important aspects of cultural heritage in relation to human rights and democracy, too. It promotes a broader understanding of cultural heritage and its relationship to communities and society. The Convention encourages people to recognize that objects and places are not, in themselves, what is important about cultural heritage. They are important because of the meanings and uses people attach to them and the values they represent.

### **3 BAHÁ'Í INVOLVEMENT IN SUSTAINABILITY**

A case study is Bahá'í faith communities and their involvement in cultural and ecological sustainability, which consider the balance and harmony between human

differences. Among its main principles, are respect for all human beings, harmony between science and religion, and the environment respect.

For an in-depth study of the Bahá'í religion, it has not been easy to find “non-insider” works to offer as “objective” and scholarly view as possible, as analyzing the profiles of the authors of many of the contributions revealed that most of them are part of the Bahá'í community, have converted to the faith or come from Bahá'í family backgrounds, although they are not believers. Bahá'í believers over time have put in place a huge collection of documentation of the works done by the founder and his successors. This body of evidence is now largely available online ([bahai.it](http://bahai.it); [bahai.org](http://bahai.org), Bahai Library online).

The Bahá'í faith traces its origins to the messianic tradition inherent in Shi'a Islam and emerged in Persia during the first half of the 19<sup>th</sup> Century. In 1844, the Babi movement emerged from Shiism, with Siyyid Ali Muhammad Shirazi, known as the Báb, being acknowledged as the primary prophet and the source of divine revelations (Warburg, 2006: 7). He proclaimed himself as the bearer of a message destined to transform humanity. During a period in which his country, Persia, was plagued by widespread moral decay, the announcement of his intention to bring about a profound change generated excitement and hope across all social strata, swiftly attracting thousands of followers. He adopted the name Báb, which in Arabic signifies “Gate”, serving as the gateway to the knowledge of the hidden imam, whose existence is a cornerstone of Shiite doctrines. His mission, which lasted only six years, was to pave the way for the advent of a Manifestation of God, a divinely inspired Educator, whom he referred to as “He Whom God shall make manifest”, Bahà'u'lláh, the “Glory of God”. Bahà'u'lláh assumed the leadership of the community of the Báb's followers after his execution in 1850, thereby spearheading the transformation of the Babi heritage into a new religious movement, known as Bahá'í faith. By identifying himself as “He Whom God shall make manifest,” Bahà'u'lláh revitalized the messianic fervor of the Babi faith (Fozdar, 2015: 281). It is proposed that he be regarded as the final in the succession of Divine Manifestations, namely the divine Messengers who have revealed the will of God, thereby manifesting His guidance to humanity throughout the centuries (Smith, 2000: 13-15). Despite the expression found in the Quran that describes Muhammad as the “Messenger of God and Seal of the Prophets,” signifying his role as the ultimate and final revelation, Shiite traditions assert that the sanctity of the imams is considered an integral and significant part of prophethood, placing them immediately after Muhammad (Gobillot, 2007: 814). The Bahá'í faith recognizes Bahà'u'lláh as an additional Messenger in the chain of prophets that extends from Judaism to Islam. In this perspective, the significance of the cultural, historical, and

religious substrate in which the emerging religion was being structured becomes clear. Bahà'u'llàh endeavored to disseminate their divinely inspired reflections and thoughts. Among the vigorously advocated principles – which still today constitute the core of the Bahá'í faith – was a central notion that all religions share a common origin and derive from the same source. In relation to this subject, there was an intertwining emphasis placed on the importance and necessity of religious tolerance as a tool to counteract the negative consequences caused by religious hatred and fanaticism, and consequently as a factor for peacebuilding. His arrival, according to believers, would have established the Great Peace, the unity of mankind, and would have laid the foundation for a new world order characterized by justice:

«For Jews, he was the 'Everlasting Father', the 'Lord of Hosts' come down 'with ten thousands of saints'; for Christians Christ returned 'in the glory of the Father'; for Shi'i Muslims the return of the Imâm Husayn; for Sunnis the descent of Jesus, the 'Spirit of God'; for Zoroastrians, Šâh Bahrâm; for Hindus the reincarnation of Krishna; and for Buddhists the fifth Buddha» (Smith, 2000)

The faith subsequently solidified through the succession of its eldest son, Abdu'l-Bahà, and with the leadership of Shoghi Effendi. During his tenure as the leader of the community, Abdu'l-Bahà made concerted efforts to safeguard the faith from its adversaries and advance the principles of peace and unity. With his efforts, the Bahá'í faith has commenced its global dissemination and positioned itself as a global religion (Fozdar, 2015: 281). To Abdu'l-Bahà's grandson, Shoghi Effendi, the ultimate Guardian of the Faith, to whom the lineage concluded as he did not leave any heirs, is owed the global dissemination of the faith, facilitated by his septennial plans for the dispatch of pioneers: for the Bahá'í community, it was imperative to establish a presence in every location, even if in limited numbers. After his demise, it is the Universal House of Justice that provides unity of action and thought to all believers worldwide. It refers to the International Bahá'í Governing Council, comprised of nine members, elected every five years by the members of the national assemblies; it is entrusted with the responsibility of applying the teachings of the Bahá'í faith to the evolving needs of society. Additionally, it possesses the authority to legislate on matters not explicitly addressed in the Sacred Texts.

The aspiration for widespread global dissemination, driven by universalism, global citizenship, and cosmopolitanism, was a prominent feature. Bahá'í religion aligned itself with the major monotheistic religions. The dissemination has occurred in highly diverse contexts, thereby highlighting the adaptability and organizational capabilities of different communities, while consistently maintaining a transnational approach to relationships and faith.

Bahá'í believers desire social justice and development in everything around them. This article would introduce two contributions proposed by BIC, Bahá'í International Community, respectively to the UN Commission on Sustainable Development in 2010 and to the promotion of the Sustainable Development Goals (SDGs) of the United Nations in 2018 convened by the Arab League.

For the discussion, held on the 10<sup>th</sup> of May 2010 at the New York offices of the Bahá'í International Community, cosponsored by UNESCO – the United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization – and the Permanent Mission of Sweden to the United Nations, the Bahá'í International Community published a new document as a further contribution to the work done by the UN Commission on Sustainable Development. *Rethinking prosperity. Forging alternatives to a culture of Consumerism* challenges the idea that there is an irresolvable conflict between what people want – presumably to consume more and more – and what humanity needs. The document deals with the issue of consumerism by reflecting on the question of what human nature is. Peter Adriance, a member of the Bahá'í International Community's delegation to the Commission, asserted that the statement is a contribution to the dialogue to develop a 10-year framework to encourage the development of new programs capable of promoting sustainable consumption and production. He underlined that the transition to sustainable consumption and production is one of the greatest challenges of our time; the achievement of this task requires a transformation in thinking and acting. The cultural forces at play are very strong, and if people want to make progress, they need to reexamine them. Tim Jackson, economist, and a member of the Sustainable Development Commission of the United Kingdom took part in the conference and stated that people are encouraged to spend money they don't have, on things they don't need, to create impressions that don't last, on people they don't care about. Moreover, he added that countries are being driven further into debt – not to mention potential environmental catastrophe – by levels of consumerism that do not contribute to sustainability. According to Bahá'í principles, constructive change depends upon individuals who are able to recognize spiritual principles and to identify patterns and processes of development in society. Duncan Hanks, a representative of the Bahá'í International Community to the UN Commission on Sustainable Development, said that people have been rethinking what true prosperity looks like and what is needed first is public discourse on the nature and purpose of human development, along with the recognition that each individual has a contribution to make in building a more just and peaceful social order.

The second event I would propose is the promotion of the Sustainable Development Goals (SDGs) of the United Nations in 2018 convened by the Arab League, a regional



organization of about 20 nations in North Africa and the Middle East, where for the first time, the Bahá'í community had an official presence in a special space.

Solomon Belay, a representative of the Bahá'í International Community who attended the meeting affirmed that the participants in the meeting put on the agenda the issue of sustainable development to them and tried to ensure that everyone took part. During the performance has been distributed the statement, *Summoning Our Common Will: A Baha'i Contribution to the United Nations Global Development Agenda*.

To craft a development agenda that is “accepted by all countries” and “applicable to all countries” is to acknowledge the interdependence and fundamental oneness of humanity, pursuant to one of the fundamental tenets of the Bahá'í religion. Development is increasingly understood as a process that must benefit all and draw on the talents and capacities of all. It is not without significance that Agenda 2030 uses the term “universal” twenty-nine times in twenty-nine pages. A sense of common cause has been placed as the main focus of the global development agenda, reflecting a growing commitment to the premise that every member of the human family has not only the right to benefit from a thriving global civilization but also the capacity to contribute to its construction.

The correlation between religious belief and service for the common good, however, is not inherently automatic. It is entirely possible, for instance, to have a congregation of noble-thinking and well-intentioned adherents whose actions do little to contribute to the betterment of society. In this sense, religious communities can be understood as communities of practice in which spiritual teachings are translated into social reality. The efforts of Bahá'ís and their like-minded collaborators around the world present one example of a community striving to learn about the tangible development of their neighborhoods, villages, and communities. Central to the Bahá'í community's understanding of the process of social betterment is the generation, application, and diffusion of knowledge. The aforementioned concept is linked to the category of cultural sustainability, too, because it is correlated to the idea of preserving and passing on values and best practices.

Over the past two decades, the Bahá'í community has established a decentralized, worldwide process of spiritual and moral education that seeks to raise capacity within a population to take charge of its own spiritual, social, and intellectual development.

Broadly, the efforts of the Bahá'í community are intended to build capacity in individuals and institutions for selfless service to others and contribution to the common good. Bahá'í efforts at social action seek to reach beyond establishing a mere set of activities and address deeper issues such as modes of expression and patterns of thought and behavior.

Bahá'ís are committed to this path of learning and seek to pursue it not only in explicitly “religious” settings or “development” venues but across all spheres of life. The Bahá'í International Community commends the ambition captured in the goals and targets of Agenda 2030 and welcomes the growing global movement dedicated to learning about how this vision can gradually be translated into the reality of a spiritually and materially prospering world civilization.

#### 4 CONCLUSION

These are just two examples of Bahá'í commitment and involvement in the sustainable field: the educational process, providing both content and training in education, is a powerful tool for pursuing the objectives of SDG on inclusive education and lifelong learning. According to Bahá'í principles is relevant to reconsider the nature of the consumer culture that relentlessly urges people to adopt a lifestyle based on the acquisition of new and more material goods.

In this work I aimed to pursue the objectives, as mentioned in the introduction, of critically highlighting, relying on some theories and categories of the history of religions and anthropology, some of the actions proposed by the Bahá'í International Community, with the ambition to acknowledge that each individual must contribute to the construction of a more just and peaceful social order; moreover to start the process of social betterment of the society with application, and diffusion of knowledge. I have endeavored to analyze internal perspectives transmitted through the oral history of Bahá'í believers and scientific perspectives in order to reconstruct the manner in which this religious community has established itself, evolved, and continues to do so, in order to achieve their primary objective: to establish a widespread global presence and foster a community that is committed to universalism, global citizenship, and cosmopolitanism.

In the second paragraph, I introduced two important actions prepared by the Bahá'í International Community in order to become an active participant in the betterment of the world, particularly in the lives and well-being of individuals, it is imperative to engage in a proactive approach. There is no definitive conclusion to these actions as the Bahá'ís will continue to pursue their objectives and remain steadfast in their commitment to serving the community.

#### REFERENCES

Balandier, G., *Le désordre: éloge du mouvement*, Paris, Fayard, 1988.

Bomberg E., Hague A., Faith-based climate action in Christian congregations: mobilisation and spiritual resources, 2018 URL <https://doi.org/10.1080/13549839.2018.1449822>

Brundtland, G.H., Report of the World Commission on Environment and Development Our Common Future, United Nations, 1987, p. 15.

Cole, J.R.I., Modernity & the Millennium. The Genesis of the Bahá'í Faith in the Nineteenth-Century Middle East, Columbia University Press, New York, 1998.

Fozdar, F., The Baha'i Faith: A Case Study in Globalization, Mobility and the Routinization of Charisma, in Australian Religion Studies Review, 2015, pp. 273-292.

Gobillot, G., voce "Sigillo dei profeti", Amir Moezzi, M. A. (a cura di), Dizionario del Corano. Edizione italiana a cura di I. Zilio-Grandi, Mondadori Doc, Milano, 2007 (ed. or. 2007), pp. 812-814.

Hobsbawm, E., Ranger, T., The invention of tradition, Cambridge University Press, 2012.

Ingold, T., Anthropology, why it matters, Polity Press, Cambridge, 2018.

Ives C.D., Kidwell, J., Religion and social values for sustainability, in "Sustainability Science", XIV, 2019, pp. 1355-1362.

Johnston, L.F., Religion and Sustainability. Social Movements and Politics of the Environment, Routledge, Londra, 2013.

Powter, A., Ross, S., Integrating Environmental and Cultural Sustainability for Heritage Properties, in "The Journal of Preservation and Technology", XXXVI, 4, 2005, p. 5.

Smith, P., A Concise Encyclopedia of the Bahá'í Faith, Oneworld, Cambridge University Press, Boston 2000.

Soini, K., Birkland, I., Exploring the Scientific Discourse on Cultural Sustainability, in Geoforum, LI, 2014, pp. 213-223.

Spineto, N., La festa, Laterza, Roma-Bari, 2015.

Warburg, M., Citizens of the World. A History and Sociology of the Baha'is from a Globalisation Perspective, Brill, Leida, 2006.

# CAPÍTULO 6

## ANÁLISIS DE FACTORES SOCIOCULTURALES EN LA MOVILIDAD ESTUDIANTIL MEDIANTE MODELIZACIÓN MATEMÁTICA<sup>1</sup>

Data de submissão: 29/07/2023

Data de aceite: 23/11/2023

### Gustavo Adolfo Juarez

Licenciado en Matemática  
Facultad de Ciencias Exactas y Naturales  
Departamento Matemática  
Universidad Nacional de Catamarca  
San Fernando del Valle de Catamarca  
Argentina  
CV

### Silvia Inés del Valle Navarro

Doctora en Física  
Facultad de Ciencias Exactas y Naturales  
Departamento Física  
Universidad Nacional de Catamarca  
San Fernando del Valle de Catamarca  
Argentina  
CV

### María Luz del Valle Quiroga

Profesora en Física  
Facultad de Ciencias Exactas y Naturales  
Departamento Física  
Universidad Nacional de Catamarca  
San Fernando del Valle de Catamarca  
Argentina  
CV

### Sonia Laura Mascareño

Facultad de Ciencias Exactas y Naturales  
Departamento Matemática  
Universidad Nacional de Catamarca  
Licenciada en Enseñanza de las  
Ciencias Experimentales en Física  
San Fernando del Valle de Catamarca  
Argentina  
CV

**RESUMEN:** Un objetivo de la Demografía es el estudio de la dinámica poblacional y los factores que la producen. Así la cuantificación de la población que pertenece a una cierta comunidad, varía a lo largo del tiempo y espacio, es indicada por censos, junto a otras informaciones que permiten determinar la característica de esa población. La modelización matemática ha acudido al avance de varias ciencias mediante su característica de poder representar problemas de diversas áreas, expresándolas en lenguaje matemático, y en este caso de los modelos dinámicos, mediante la simulación. Aquí presentamos la modelización mediante la Dinámica de Sistemas, propio de la Teoría General de Sistemas, para plantear un problema particular, como el de la dinámica poblacional estudiantil, que varía mediante migraciones interescolar. Por ello se realiza el enfoque sistémico con modelos compartimentados, donde la población estudiantil de cada establecimiento se representa por compartimentos. Allí, se establece las relaciones entre compartimentos

<sup>1</sup> Artículo fue presentado oportunamente en la **I Jornadas Regionales de Debate Interdisciplinario en Estudios de Población "Heterogeneidad estructural, Políticas sociales y Desigualdades Persistentes: aportes y desafíos regionales"**, desarrollado el 6 y 7 de septiembre de 2023 - Facultad de Ciencias Económicas y de Administración - Universidad Nacional de Catamarca - San Fernando del Valle de Catamarca, Argentina.

mediante la movilidad o migración de alumnos. Esto corresponde a compartimentos bajo un sistema abierto pues el ingreso de alumnos al sistema educativo, donde los egresos y abandonos marcan la entrada y salida del sistema. A partir de allí, y mediante conocimientos de problemáticas adosadas al planteo de migración escolar, se determinan factores que influyen a la situación dada. Una vez reconocido algunos de tales factores que puedan ser representativos, se realiza el modelo bajo Dinámica de Sistemas, graficándose el modelo en Diagramas de Forrester para ser simulados con el Software Vensim Ple.

**PALABRAS CLAVE:** Modelización matemática. Dinámica poblacional. Sistemas dinámicos.

## ANALYSIS OF SOCIOCULTURAL FACTORS IN STUDENT MOBILITY THROUGH MATHEMATICAL MODELING

**ABSTRACT:** One objective of Demography is the study of population dynamics and the factors that produce it. Thus, the quantification of the population belonging to a certain community, which varies over time and space, indicated by censuses, together with other information that allows determining the characteristics of that population. Mathematical modeling has contributed to the advancement of several sciences through its characteristic of being able to represent problems from various areas, expressing them in mathematical language, and in this case dynamic models, through simulation. Here we present the modeling through System Dynamics, typical of General Systems Theory, to pose a particular problem, such as that of student population dynamics, which varies through interschool migrations. Therefore, the systemic approach carried out with compartmental models, where the student population of each establishment represented by compartments. There, relationships between compartments established through students mobility or migration. This corresponds to compartments under an open system since the entry of students into the educational system, where exits and dropouts mark the entry and exit of the system. From there, and by means of knowledge of problems related to school migration, factors that influence the given situation are determined. Once some of such factors that may be representative are recognized, the model made under System Dynamics, plotting the model in Forrester Diagrams to be simulated with Vensim Ple Software.

**KEYWORDS:** Mathematical Modeling. Population Dynamics. Dynamical Systems.

### 1 INTRODUCCIÓN

El presente trabajo tiene como punto de partida el modelo matemático matricial titulado *Modelo sobre el intercambio del alumnado en un circuito local* (Paz C., Soto M, 2017), realizado como trabajo de investigación en la asignatura Modelos Matemáticos, donde se describió el comportamiento dinámico de una población de alumnos de distintos establecimientos educativos de la localidad de San Pablo, Tucumán-Argentina. Mediante el mencionado, se pretendió expresar cómo es aproximadamente el movimiento migratorio de los alumnos entre los diferentes establecimientos. Allí, en un principio se

consideró el movimiento migratorio de un cierto ciclo lectivo, para finalmente lograr una proyección final, que nos permitiría comprender como predecir los años posteriores. Presentaremos a continuación un enfoque sistémico que proyecta la generalización de tal situación. En este trabajo partimos de tal modelo e implementamos la Dinámica de Sistemas, donde las escuelas son consideradas compartimentos para desarrollar el modelo que posteriormente podremos simular con VensimPle, a los efectos de analizar los comportamientos de la dinámica poblacional estudiantil.

## 2 MARCO TEORICO

La Dinámica de Sistemas, es un instrumento eficaz que ofrece afabilidad y validez, para analizar problemas según su complejidad. Formalmente definimos un sistema como *una unidad cuyos elementos interaccionan juntos, ya que continuamente se afectan unos a otros, de modo que operan hacia una meta común*. Por ejemplo, un sistema económico, formado por agentes económicos, relacionados entre sí por el intercambio de bienes y servicios; un sistema ecológico, formado por distintas poblaciones, relacionadas mediante cadenas alimentarias o vínculos de cooperación, etc. Es algo que se percibe como una identidad que lo distingue de lo que la rodea, y es capaz de mantener esa identidad a lo largo del tiempo y bajo entornos cambiantes. En la modelización matemática distinguimos variables que tienen mayor participación e influencias con respecto a otras; llevando a concentrarnos en ciertos aspectos de la realidad a los que abarque en considerar como sistemas, aunque para ello tengamos que prescindir de alguna de sus conexiones. Aquí nos ocuparemos de la clase de sistemas, donde podemos especificar las partes que los forman y las relaciones entre estas partes, mediante las que se articulan en la correspondiente unidad (Aracil, 1995). La *dinámica de un sistema nos referimos a que las distintas variables que podemos asociar a sus partes sufren cambios a lo largo del tiempo, como consecuencia de las interacciones que se producen entre ellas*. Su comportamiento viene dado por el conjunto de las trayectorias de todas las variables, que suministra una narración de lo sucedido al sistema, (Aracil, 1995). Para el estudio de los sistemas en general, se ha desarrollado lo que se conoce como *metodología sistémica*, la cual *aporta instrumentos con los que se estudia aquellos problemas que resultan de las interacciones que se producen en el seno de un sistema, y no de disfunciones de las partes consideradas aisladamente* (Araceli 1995; Martín García 2003; 2006). El análisis de un sistema consiste en su disección, al menos conceptual, para establecer las partes que lo forman; el mero análisis de un sistema no es suficiente, se requiere comprender su comportamiento, integración, mecanismos que participan

para obtener su coordinación, y la síntesis de las partes en el sistema. En el estudio de un sistema, es importante tanto el análisis, como la síntesis que distingue la metodología sistémica de las metodologías científicas, más clásicas de análisis de la realidad; tiende a sobrevalorar los aspectos analíticos por oposición a los sintéticos, mientras en la metodología sistémica se adopta una posición más equilibrada (Martin García, 2003; 2006). *La metodología sistémica suministra también un lenguaje que aporta nuevas formas de ver los problemas complejos.* Las herramientas que aporta la Dinámica de Sistemas, desde los diagramas de influencias hasta los modelos informáticos; nos muestran los sistemas presentes en nuestro entorno mediante una óptica diferente, descubriendo aspectos en los que no hayamos reparado y que, de este modo, nos permite alcanzar una visión más rica de la realidad. A finales de la década de los años 60, se produce el estudio que contribuyó a la difusión de la Dinámica de Sistemas. Se trata del primer informe al Club de Roma, sobre los límites al crecimiento, que se basó precisamente en un modelo de Dinámica de Sistemas, en el que se analizaba la previsible evolución de una serie de magnitudes agregadas a nivel mundial como son *la población, los recursos y la contaminación*. En este modelo se analizaba la interacción de estas magnitudes y se ponía de manifiesto cómo, en un sistema variaba debido a las fuertes interacciones que se producen en su seno. (Martin García, 2003; 2006)

### 3 METODOLOGÍA

Para comenzar a plantear nuestro problema de modelización matemática, procederemos a realizar una breve descripción de la Instituciones Educativas existentes en la localidad de San Pablo, Provincia de Tucumán - Argentina.

- a. **Instituto San Pablo Apóstol:** Colegio Privado Parroquial que cuenta con ayuda estatal, fundado para los niños y jóvenes del pueblo. La Institución cuenta con casi 600 alumnos en ambos turnos, al que también asisten alumnos de pueblos aledaños (Departamento Lules). La comunidad del pueblo de San Pablo está formada por distintas clases sociales, en su mayoría de clase media o baja, en la que la gran mayoría de los alumnos solo se dedica a estudiar. En el periodo de investigación, observamos distintos tipos de problemáticas que son factores que incitan, a veces, a no terminar sus estudios en la misma institución de ingreso y en el peor de los casos a abandonarlos. Por lo que se advierte que muy pocas familias acompañan a sus hijos en los procesos de enseñanza y aprendizaje, y no debemos perder de vista que, lamentablemente el trabajo de cada padre o tutor les ocupa todo el día.

- b. Escuela Secundaria San Pablo Norte:** ubicada en el pueblo de San Pablo (Departamento de Lules), tiene su domicilio entre las calles 26 y 27 del Barrio Fonavi. Es una escuela de gestión estatal a la que asiste parte del alumnado del pueblo que, por pertenecer en su gran mayoría a una clase baja, no tiene otra opción. Lo que observamos cuando se realizaron las entrevistas y las visitas fue que, las principales causas de migración o abandono son lamentablemente, las adicciones de todo tipo, a pesar de contar con el apoyo de toda la comunidad educativa; estas acciones no son suficientes.
- c. Escuela Secundaria de Lules:** Instituciones educativas existentes en el Municipio de San Isidro de Lules, particularmente cuenta con mucha colaboración y especial ayuda del Municipio. La mayoría de la población luleña tiene la gran posibilidad de trabajar en la misma ciudad, ya que cuenta con empresas que en su gran mayoría se dedican a la agricultura. Siendo éste, el principal causante de ausentismo o abandono escolar, debido a que los alumnos trabajan desde muy pequeños al lado de sus padres. Razón está, que los directivos de la escuela, brindan todo el apoyo necesario al alumnado en general con el objetivo de que finalicen sus estudios secundarios, este factor también hace que los alumnos migren a otras instituciones de la zona.

### 3.1 DESARROLLO DEL PROBLEMA

A los efectos de arribar a un modelo matemático, vamos a comenzar a incorporar la notación correspondiente. (Caswell, 2001; Habermann 1998; Bassanezi 2002; Juarez, Navarro 2022). La existencia del alumnado en un determinado año se indica con el siguiente vector de estado  $X_t$ , para el tiempo  $t$  dado en años:

$$X_t = \begin{pmatrix} x_t \\ y_t \\ z_t \end{pmatrix}$$

Siendo,  $x_t$ : Cantidad de alumnos en el Instituto San Pablo Apóstol en el año  $t$ ;  $y_t$ : Cantidad de alumnos en la Escuela San Pablo Norte en el año  $t$ ;  $z_t$ : Cantidad de alumnos en la Escuela Secundario de Lules en el año  $t$ .

En el comienzo del ciclo lectivo 2017 la población estudiantil del pueblo se encuentra distribuida según el siguiente vector de partida:

$$X_0 = \begin{pmatrix} 421 \\ 300 \\ 590 \end{pmatrix}$$



De la información obtenida, la población estudiantil de estas tres escuelas de un año al siguiente o bien se mantienen en el mismo establecimiento o migran entre ellas, según ciertas políticas de las instituciones, o de la situación estudiantil, social y económico-familiar del núcleo al que pertenecen los alumnos. Una de las políticas institucionales, está dada por el Instituto San Pablo, que no acepta repitentes, con lo cual, el alumno debe migrar a alguna de las otras escuelas. Estas tasas de migraciones, se conocen según el siguiente Sistema de Ecuaciones en Diferencias, donde se expresa el vector de estado para el primer año, a partir del estado inicial. Estas tasas, tienen insertas también realidades concernientes a causas de migraciones por las disponibilidades horarias de las instituciones, y las actividades laborales que realizan muchas veces los alumnos. Estas y otras causales determinan que sea tratado al modelo como cerrado, pues no existen variantes del tamaño total del alumnado, al no considerarse abandono del sistema educativo, y que los ingresos y egresos totales se suponen iguales en un primer momento, para que este movimiento migratorio estimado sea nulo. Según los datos del problema definimos el siguiente sistema (Caswell 2001; Iannelli 1990; Juárez, Navarro 2022).

$$\begin{cases} x_1 = 0,70 * x_0 + 0,10 * y_0 + 0 * z_0 \\ y_1 = 0,10 * x_0 + 0,75 * y_0 + 0,10 * z_0 \\ z_1 = 0,20 * x_0 + 0,15 * y_0 + 0,90 * z_0 \end{cases}$$

Entonces podemos determinar la matriz de transición de la siguiente manera

$$A = \begin{pmatrix} 0,70 & 0,10 & 0 \\ 0,10 & 0,75 & 0,10 \\ 0,20 & 0,15 & 0,90 \end{pmatrix}$$

Teniendo ya estos datos podemos aplicar la Proyección de estados futuros

$$X_n = A^n X_0$$

Ahora calculamos la población en los primeros tres años

$$X_1 = A^1 X_0$$

$$X_1 = \begin{pmatrix} 0,70 & 0,10 & 0 \\ 0,10 & 0,75 & 0,10 \\ 0,20 & 0,15 & 0,90 \end{pmatrix} \begin{pmatrix} 421 \\ 300 \\ 590 \end{pmatrix}$$

$$X_1 = \begin{pmatrix} 324,7 \\ 326,1 \\ 660,2 \end{pmatrix}$$

$$X_2 = A^2 X_0$$

$$X_2 = \begin{pmatrix} 0,70 & 0,10 & 0 \\ 0,10 & 0,75 & 0,10 \\ 0,20 & 0,15 & 0,90 \end{pmatrix}^2 \begin{pmatrix} 421 \\ 300 \\ 590 \end{pmatrix}$$

$$X_2 = \begin{pmatrix} 259,9 \\ 343,65 \\ 708,35 \end{pmatrix}$$

Según lo elaborado con este modelo, podemos observar como la cantidad de alumnos se va concentrando en la Escuela Secundarias de Lules, también como disminuye considerablemente el número de alumnos en el Instituto San Pablo Apóstol, mientras que no observamos mucha variación del alumnado en la Escuela San Pablo Norte ya que es la que menos movimientos de alumnos posee. Si bien en tres años podemos estimar el movimiento del alumnado en estas tres instituciones, es fácil de observar que, si calculamos para algún futuro lejano, si se continúa conservando la misma realidad actual, hablemos de 10 a 15 años, seguramente la Institución Privada se iría quedando sin alumnos, mientras que la Escuela Secundarias de Lules concentraría la mayor cantidad de alumnos.

### 3.2 TRATAMIENTO DINÁMICO Y SISTÉMICO DE LA MODELIZACIÓN MATEMÁTICA

La población estudiantil de la localidad referenciada oportunamente, se distribuye en tres escuelas secundarias cada una con una identidad distinta. A fin de dar una generalización al problema con el enfoque sistémico, es que consideramos la siguiente estructura. Por un lado, la Escuela Privada, a la cual asisten alumnos que aspiran alcanzar una formación que les permitiría desempeñarse en actividades privadas, con independencia laboral y espíritu creativo, aspirando a estudios o formaciones superiores a nivel universitario. Esto motiva que la característica de los alumnos es distinguida por su pertenencia a cierta clase social, cultural y económica más sobresaliente, a nuestros efectos la identificamos *escuela Técnica*. La segunda escuela, posee titulación que les permite una actividad formativa desde tareas labores administrativas en la parte privada como en la pública, pero con una formación terciaria limitada. El nivel socio-económico es algo más reducido que el anterior grupo, la identificamos *escuela Comercial*. La tercera escuela, recibe a la población estudiantil con situación socio-económico más limitada, por lo que muchos de ellos desarrollan actividades laborales en empleos no

reconocidos. A estos últimos se les ofrecen secciones en horario nocturno debido a sus actividades laborales, a la tercera escuela la identificamos **Bachiller**. Las características dadas por las exigencias de las Instituciones son: la **Técnica (T)**, no se aceptan repitentes, motivo éste, por la que solo se incorporan alumnos en el curso inicial, en cuanto a su transferencia a otras escuelas se dan en los distintos cursos, tanto a la segunda como a la tercera de las escuelas. En **Comercial (C)** se observa una migración solo a la tercera escuela, siendo el motivo disciplinar, económico o por repetir por segunda vez el cursado de alguno de los ciclos del sistema educativos. Finalmente, **Bachiller (B)** es receptora de las otras dos, y muy pocos casos se observa la incorporación desde allí a la segunda escuela. Una vez establecido los tres compartimentos, uno por cada escuela, al sistema se lo considera en un principio como cerrado, esto es, todo alumno permanece de un año al siguiente en alguno de los compartimentos. Con lo cual podemos tener una estabilidad del sistema en un cierto periodo finito. Por ello, tomando el modelo matricial original, y expresado como Modelo Compartimentado en Dinámica de Sistema, se formula el diagrama causal (Fig.1), su simulación (Fig.2).

Figura 1: Modelo bajo dinámica de sistema del comportamiento migratorio entre tres escuelas.

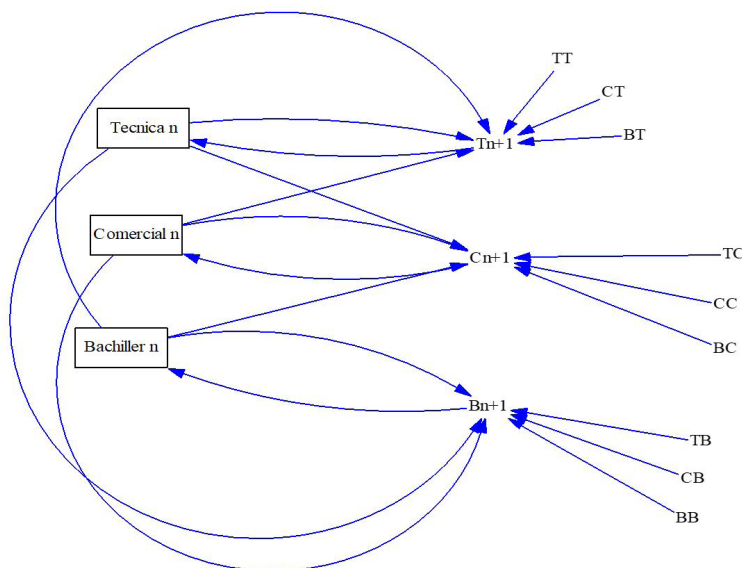
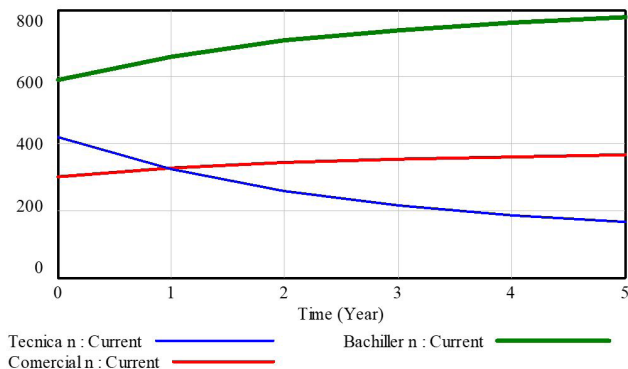
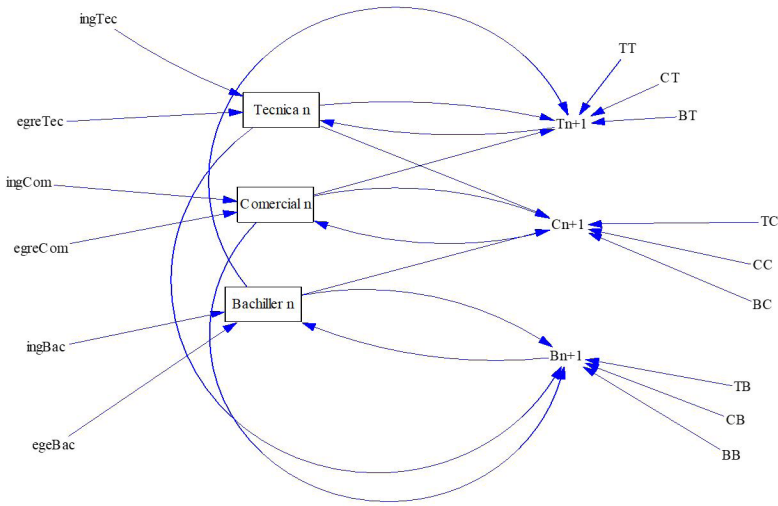


Figura 2: Simulación del modelo sistémico de migración estudiantil.



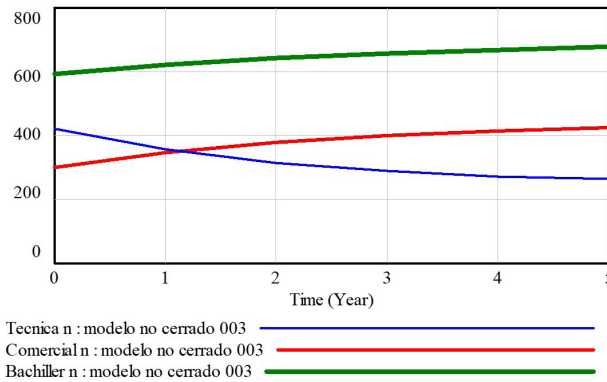
Considerando la simulación en un periodo de ocho años del modelo compartimentado cerrado, se logra estabilidad en el sistema, donde existe un valor superior en la **Comercial (C)** y notable decrecimiento en la **Técnica (T)**. Las tasas se suponen constantes durante el periodo evaluado, las cuales son densodependientes. Con la denominación anterior interpretamos con tales iniciales a las tasas de migración entre escuelas. Para un nuevo intento de modelización, podemos reconocer el ingreso constante a cada establecimiento en cierto periodo de interés de nuestro estudio, y el egreso por diversas causas, como ser el final de carreras, movilidad fuera del sistema de las escuelas en estudio, mortalidad, etc. Por ello este nuevo tratamiento, nos lleva a una *modelización no cerrada* y con ello a una posible *ausencia de equilibrio* en el sistema (Martin Garcia 2008; Juarez, Navarro 2022; Turraca, Salim Rosales, Serrano, Navarro, Juarez 2023). Entonces, tendremos que considerar para cada escuela un número de ingresantes, estimado según datos de años anteriores. En cuanto al egreso de alumnos de cada escuela, debemos tomar, por un lado, los que finalizan el ciclo, en la **Técnica (T)**, son los que siempre estuvieron allí. En cuanto a las otras dos escuelas, se incrementa por haber alumnos que migran hacia ellas. Otra forma de egresar, es por abandono al sistema educativo. Otras causas son, el traslado a otro lugar de residencia, motivado generalmente por causas laborales de los tutores. Con estas nuevas variables resulta el siguiente modelo (Fig.3)

Figura 3: Incorporación al modelo sistémico de alumnos al sistema educativo desde fuera de los compartimentos.



Resultando la siguiente simulación (Fig.4).

Figura 4: Simulación del modelo revisado con movimiento migratorio positivo, o sea, ingresos.



### 3.3 INCORPORACIÓN DE NUEVAS VARIABLES

Presentaremos el siguiente planteo, que se agrega al existente. Por un lado, tendremos para cada una de las escuelas, ciertos alumnos ingresantes a ellas, de manera que agrupando a todas las variables, forman lo que llamaremos  $\Delta I$  el **total de los que ingresan**, vectorialmente lo podemos expresar como:

$$\Delta I = \begin{pmatrix} \Delta I_T \\ \Delta I_C \\ \Delta I_B \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} \text{ingresantes Tec} & +\text{incorTec} \\ \text{ingresantes Com} & +\text{incorCom} \\ \text{ingresantes Bac} & +\text{incorBac} \end{pmatrix}$$

**Ingresos desde primer año:** Esc.Técnica (ingresantes Tec) 90 alumnos; Esc. Comercio (ingresantesCom) 80 alumnos; Bachiller (ingresantes Bac) 75 alumnos.

**Otros alumnos se incorporan desde otras escuelas que no son las citadas:** Incorporación Esc.Técnica (incorTec) 5 alumnos; Incorporación a Comer (incorCom) 5 alumnos; Incorporación a Bach (incorBac) 12 alumnos.

En cuanto a los que dejan las escuelas, esto es, egresan del sistema educativo de las tres escuelas en cuestión, vamos a representarlas en total por  $\Delta E$ , de manera que en forma análoga a los ingresos estos egresos lo podemos colocar vectorialmente como:

$$\Delta E = \begin{pmatrix} \Delta E_T \\ \Delta E_C \\ \Delta E_B \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} egre Tec & + Trans Tec & + aban Tecn & + fallec Tec \\ egre Com & + Trans Com & + aban Com & + fallec Com \\ egre Bach & + Trans Bach & + aban Bach & + fallec Bac \end{pmatrix}$$

Esta variación total de egresados del sistema educativo de las tres escuelas lo podemos indicar a través de las siguientes variables:

**Egresados del nivel con el título secundario:** Egreso como Técnicos (egre Tec) 89 alumnos; Egreso como Comerciales (egre Com) 72 alumnos; Egreso como Bachiller (egre Bach) 53 alumnos.

**Transferidos a otras escuelas que no son las citadas:** Trans desde Tecn (trans Tec) 4 alumnos; Trans desde. Com (trans. Com) 3 alumnos; Trans desde Bach (trans Bach) 6 alumnos.

**Deserción o abandono del Sistema educativo:** Deserc desde Tecn (aban Tecn) 1 alumnos; Deserc desde. Com (aban. Com) 8 alumnos; Deserc desde Bach (aban Bach) 24 alumnos.

**Fallecimientos según cada escuela:** Fallec Tec (fallec Tec) 1 alumnos; Fallec. Com (fallec. Com) 2 alumnos; Fallecidos Bachiller (fallec Bach) 4 alumnos.

### 3.3.1 Variables de Contacto

Otra causa que lleva a determinar nuevas variables, se deben al *contacto entre dos alumnos, y que ocasiona una migración*. Esto ocurre de distintas formas, *pueden ser de igual o de distintas escuelas y se transfieren a una de ellas o a una tercera*, tales variables son cuadráticas. Esto motiva que uno de ellos se traslade a la escuela que cursa el otro, o bien elegir ambos una tercera escuela. Ocurre principalmente por relaciones entre parejas. Puede ocurrir que elijan una tercera escuela, aunque esto por lo general no se observa, o bien que sea relaciones de amistad o deportivas en donde a partir de varios alumnos se desplacen a otra escuela. Esto últimos casos no se cuentan aquí. Por ello consideramos aquí solo dos situaciones, que entre dos alumnos uno de la **Técnica (T)**

y otro de **Comercial (C)** se traslade el primero a esta última escuela y en forma idéntica entre **Comercial (C)** y **Bachiller (B)**, se traslade a ésta última. Se tiene en consecuencia las variables: Transferencia a Comercio desde Tec y Comer (Comer de Tec y Comer) 0.00004; Transferencia a Bach desde Com y Bachiller (Bach de Com y Bach) 0.00002.

Estos últimos se expresan como tasas densodependientes y actúan en forma positivas si incrementan o negativa si disminuyen a la población en la que se menciona. La contribución de estas dos variables respectivamente a la cantidad de alumnos de las escuelas **Técnica (T)**, **Comercial (C)** y **Bachiller (B)**, es:

$$-hT_n C_n, hT_n C_n - kC_n B_n \text{ y } kC_n B_n$$

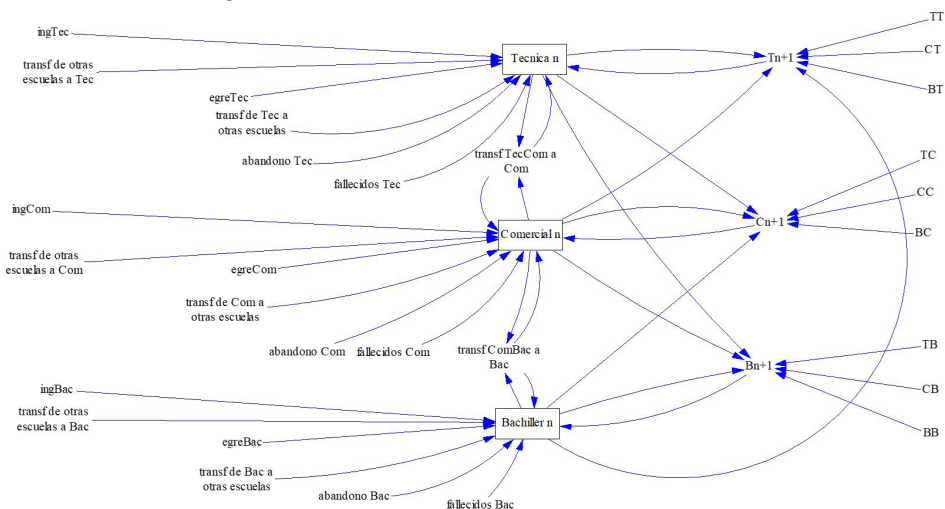
### 3.4 EL MODELO DINÁMICO SISTÉMICO

Podríamos usar la notación matricial para expresar este modelo que estamos creando:  $P_{t+1} = AP_t + C + \Delta I - \Delta E$  Donde  $A$  es la matriz de transición como en el modelo inicial, y  $C$  una matriz de Contacto, con tales coeficientes cuadráticos, y las restantes los vectores de ingresos y egresos totales al sistema educativo de las tres escuelas en cuestión, las cuales contienen variables no densodependientes (Martin García, 2006; 2008). Así:

$$P_{t+1} = \begin{pmatrix} T_{t+1} \\ C_{t+1} \\ B_{t+1} \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} \end{pmatrix} \begin{pmatrix} T_t \\ C_t \\ B_t \end{pmatrix} + \begin{pmatrix} -hT_n C_n \\ hT_n C_n - kC_n B_n \\ kC_n B_n \end{pmatrix} + \begin{pmatrix} \Delta I_T \\ \Delta I_C \\ \Delta I_B \end{pmatrix} - \begin{pmatrix} \Delta E_T \\ \Delta E_C \\ \Delta E_B \end{pmatrix}$$

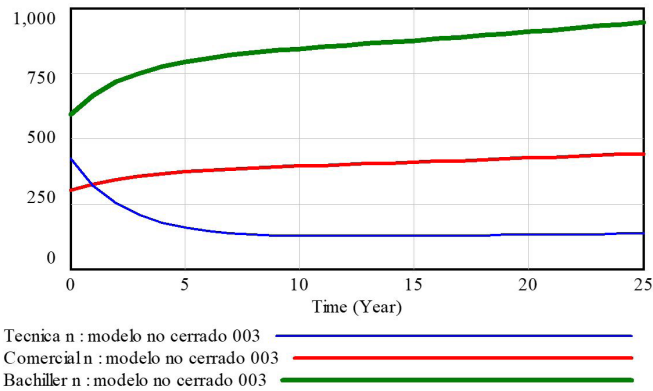
Hasta aquí la modelización estaría dada por el siguiente diagrama (Fig.5).

Figura 5: Modelo dinámico sistémico de la movilidad estudiantil.



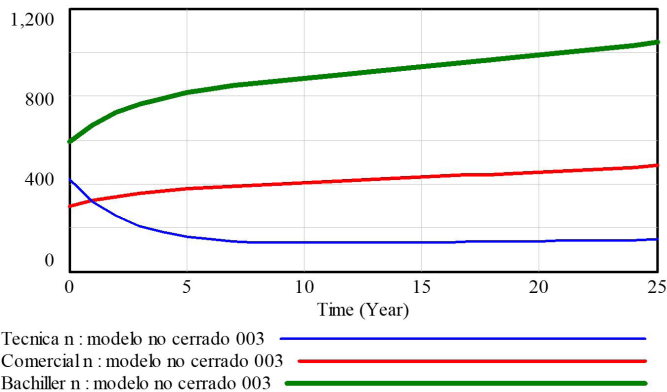
Con los valores asignados se simula el modelo anterior, obteniendo para un tiempo de veinticinco años el comportamiento siguiente (Fig.6).

Figura 6: Simulación del Modelo Dinámico Sistémico.



Con este modelo definido, si suponemos que, en **Bachilleres (B)**, el egreso con título disminuye, esto implica a que permanezcan repitiendo cursos algunos alumnos. Por ejemplo, bajemos de 53 a 48, y todas las poblaciones aumentan, pues se acumulan alumnos en esa escuela, pero por el carácter sistémico en las otras también, (Fig.7).

Figura 7: Simulación del Modelo Dinámico Sistémico cuando baja la cantidad de egresados en escuela de Bachilleres.



### 3.5 ANÁLISIS DE ESTABILIDAD

Si consideramos en el modelo matricial desarrollado, que los ingresos y egresos totales, dados por los últimos términos, correspondientes a cada una de las escuelas, que sean iguales, la diferencia de tales vectores es nula.



$$P_{t+1} = \begin{pmatrix} T_{t+1} \\ C_{t+1} \\ B_{t+1} \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} \end{pmatrix} \begin{pmatrix} T_t \\ C_t \\ B_t \end{pmatrix} + \begin{pmatrix} -hT_n C_n \\ hT_n C_n - kC_n B_n \\ kC_n B_n \end{pmatrix} + \begin{pmatrix} \Delta I_T \\ \Delta I_C \\ \Delta I_B \end{pmatrix} - \begin{pmatrix} \Delta E_T \\ \Delta E_C \\ \Delta E_B \end{pmatrix}$$

Desarrollando nos queda:

$$\begin{pmatrix} T_{t+1} \\ C_{t+1} \\ B_{t+1} \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} a_{11} T_t + a_{12} C_t + a_{13} B_t \\ a_{21} T_t + a_{22} C_t + a_{23} B_t \\ a_{31} T_t + a_{32} C_t + a_{33} B_t \end{pmatrix} + \begin{pmatrix} -hT_n C_n \\ hT_n C_n - kC_n B_n \\ kC_n B_n \end{pmatrix}$$

O bien:

$$\begin{pmatrix} T_{t+1} \\ C_{t+1} \\ B_{t+1} \end{pmatrix} = \begin{pmatrix} a_{11} T_t + a_{12} C_t + a_{13} B_t - hT_n C_n & \\ a_{21} T_t + a_{22} C_t + a_{23} B_t + hT_n C_n & -kC_n B_n \\ a_{31} T_t + a_{32} C_t + a_{33} B_t & +kC_n B_n \end{pmatrix}$$

Si nos preguntamos por la población total, esto es sumar todos los elementos de ambos miembros por separados, nos queda en el primer miembro:  $T_{t+1} + C_{t+1} + B_{t+1}$ , mientras que en el segundo miembro, al ser la matriz  $A$  una matriz de Proceso de Markov, donde las columnas suman uno, y que la suma de los coeficientes del vector de contacto se anulan, resulta  $T_t + C_t + B_t$ . Así:  $T_{t+1} + C_{t+1} + B_{t+1} = T_t + C_t + B_t$ .

Es decir, el total de la población permanece constante, de un tiempo dado al siguiente. O sea, el sistema es estable. (Martin García, 2008; Momo, Capurro 2006)

## 4 RESULTADOS Y CONCLUSIONES

Bajo las condiciones presentadas, de la población estudiantil conformada por las tres escuelas determinadas bajo ciertas condiciones, se logró describir el comportamiento de la movilidad estudiantil producida por migraciones entre ellas bajo variables densodependientes, mientras que los movimientos migratorios fuera de estos tres compartimentos, dados en cada escuela, se representaron con coeficientes no densodependientes. La modelización matemática obtenida representa el comportamiento deseado, mostrando que la Dinámica de Sistema ofrece la posibilidad de estabilidad del sistema bajo condiciones de equilibrio en los movimientos migratorios según la relación fuera de los compartimentos y en particular, si los egresos con títulos se deben a un retardo ocasionado por repitencia de cursos, en cuyo caso hay una superpoblación, la cual se da en las escuelas Comercial y Bachiller.

## REFERENCIAS

- Aracil, J. (1995) *Dinámica de Sistema*. Isdefe. Madrid.
- Bassanezi C. (2002). *Ensino-aprendizagem com modelagem matemática*. Brasil. Editora Contexto.
- Caswell H. (2001) *Matrix Population Model. Construction, analysis, and interpretation*. Editorial Sinauer USA.
- Habermann R. (1998). *Mathematical Model. Mechanical Vibrations, Population Dynamics, and Traffic Flow. An Introduction to applied Mathematics*. EEUU. Philadelphia: SIAM.
- Iannelli, M. (1990). *Introduzione ai Modelli di Popolazione*. Italia. Università degli Studi di Trento.
- Juarez G., Navarro S. (2022) *Modelos Matemáticos Compartimentados*. Catamarca. Editorial Científica Universitaria. Universidad Nacional de Catamarca.
- Martín García, J. (2003). *Teoría y Ejercicios Prácticos de Dinámica de Sistemas*. España. Barcelona. Edición del Autor.
- Martín García, J. (2006). *Sysware*. España. Barcelona. Edición del Autor.
- Martín García J. (2008). *Ejercicios avanzados en Dinámica de Sistemas*. España, Barcelona. Autor y editor.
- Momo F., Capurro A. (2006). *Ecología Matemática: principios y aplicaciones*. Argentina. Buenos Aires. Ediciones Cooperativas.
- Turraca D.C., Salim Rosales P.J., Serrano A.B., Navarro S.I., Juárez G.A. (2023) Modelización dinámica del rendimiento entre asignaturas correlativas mediante modelos compartimentados discretos. *Revista Ciências humanas [livro eletrônico] Estudos para uma visão holística da sociedade. Curitiba, PR. Brasil. Editora Artemis Vol.VI-p.154-162*.

# CAPÍTULO 7

## CULTURA ORGANIZACIONAL BAJO LA PERCEPCIÓN GERENCIAL EN PYMES DEL SECTOR CONSTRUCCIÓN

Data de submissão: 14/09/2023

Data de aceite: 06/10/2023

### **Román Alberto Quijano García**

Doctor en Gestión Estratégica y  
Políticas de Desarrollo

Universidad Autónoma de Campeche  
México

Facultad de Contaduría y Administración  
<https://orcid.org/0000-0001-7316-1997>

### **Dr. Roger Manuel Patrón Cortés**

Doctor en Administración

Universidad Autónoma de Campeche  
México

Facultad de Contaduría y Administración  
<https://orcid.org/0000-0003-4553-9803>

### **Dra. Giselle Guillermo Chuc**

Doctora en Gestión Administrativa

Universidad Autónoma de Campeche  
México

Facultad de Contaduría y Administración  
<https://orcid.org/0000-0002-7748-4731>

### **MAD. Fidel Ramón Alcocer Martínez**

Maestro en Alta Dirección

Universidad Autónoma de Campeche  
México

Facultad de Contaduría y Administración  
<https://orcid.org/0000-0002-5106-8932>

**RESUMEN:** Esta investigación analiza las dimensiones de la cultura empresarial desde la óptica de los gerentes de las organizaciones participantes. El estudio es descriptivo con diseño no experimental transversal, se consideró como población a las constructoras del sector vivienda de la ciudad de Campeche; los resultados obtenidos señalan que la cultura organizacional se ha construido con base a los niveles de confianza fomentada entre los colaboradores por un estilo de liderazgo transformacional, aunque los valores obtenidos en el índice construido expofeso, indican que el líder debe enfrentar los problemas con oportunidad, al igual que los desafíos necesarios para innovar, lo que permitiría incrementar la colaboración y apoyo que brindan los trabajadores mediante una comunicación abierta que fortalezca la construcción, transmisión y preservación de la cultura organizacional.

**PALABRAS CLAVE:** Cultura empresarial. Estilo de liderazgo. Pymes.

### ORGANIZATIONAL CULTURE UNDER THE MANAGERIAL PERCEPTION IN SMEs OF THE CONSTRUCTION SECTOR

**ABSTRACT:** This research analyzes the dimensions of business culture from the perspective of the managers of the participating organizations. The study is descriptive with a non-experimental transversal design, the construction companies in the housing sector

of the city of Campeche were considered as the population; the results obtained indicate that the organizational culture has been built based on the levels of trust fostered among collaborators by a transformational leadership style, although the values obtained in the index constructed expressly, indicate that the leader must face problems with opportunity, as well as the challenges necessary to innovate, which would allow increasing the collaboration and support provided by workers through open communication that strengthens the construction, transmission and preservation of organizational culture.

**KEYWORDS:** Business Culture. Leadership Style. SMEs.

## 1 INTRODUCCIÓN

El Plan Nacional de Desarrollo de México 2019-2024 (Gobierno Federal de los Estados Unidos Mexicanos, 2019), contempla al sector construcción como una industria fundamental para la economía del país e incluye el fomento de proyectos regionales de infraestructura como el denominado Tren Maya que beneficiará a todo el sureste del país como detonante de la industria, comercio y turismo. La forma en que las organizaciones crean, transmiten, salvaguardan y almacenan el conocimiento generado mediante la realización de sus operaciones permite desarrollar una planeación estratégica de largo plazo y la tecnología de información contribuye a este fin, sin embargo en ocasiones ambas dimensiones no son prioridad en las empresas derivado de la percepción del líder y la inversión económica para implementarlas.

La cultura organizacional representa el conjunto de procesos y valores creados y transmitidos por la administración a los colaboradores de las empresas, y normalmente es el reflejo del estilo de liderazgo ejercido a través de la toma de decisiones (Velázquez 2005), por lo tanto, este estudio pretende los siguientes objetivos: a) Identificar los elementos que integran la cultura organizacional en las mipymes del sector hotelero de la ciudad de Campeche, b) Evaluar los mecanismos de fomento y transmisión de la cultura organizacional implementados en las organizaciones participantes y c) Identificar el estilo de liderazgo presente y su incidencia en la cultura del sector construcción de vivienda de la ciudad de Campeche.

## 2 REVISIÓN DE LA LITERATURA

Diversos estudios señalan que la cultura y sus valores favorecen la innovación al interactuar con la gestión para diseñar nuevos y mejores procesos que faciliten la adaptación a los cambios constantes en el mercado mediante el compromiso, la capacitación y la motivación del recurso humano, (Pérez 2003, Kyriakidou y Gore 2005 y Gálvez 2011).

Tarore (2016), analizó la cultura organizacional y el aprendizaje para establecer sus efectos en el compromiso y el empoderamiento y señala que el compromiso organizacional no tiene efectos en el desempeño mientras que el aprendizaje y el empoderamiento son factores que contribuyen a los resultados de las empresas. La sinergia, el compromiso y la creatividad en los colaboradores contribuyen a la gestión de la cultura organizacional favoreciendo el trabajo en equipo, (Goncalvez, Goncalvez y Narloch, 2006); en este sentido toda empresa cuenta con un sistema organizacional y de acuerdo a su nivel de estructura será su contribución al desarrollo de la misma. los valores que conforman la cultura organizacional permiten elevar los niveles de rentabilidad y responsabilidad social (Ortiz y Camargo 2010); por lo tanto, el pensamiento del líder incide en los niveles de sustentabilidad alcanzados por la organización (González, Zizaldrá, y Mercado, 2015; Semenovych 2014).

Turbay (2013), plantea como interrogante en su estudio de liderazgo e innovación organizacional, cuáles son los factores que permitirán a las organizaciones sobrevivir a los cambios que se producen en su entorno y ser competitivas, considera que a partir del liderazgo, las organizaciones hacen frente al entorno cambiante que modifica sus estructuras y procesos, por lo tanto la innovación es la condición para permanecer en el mercado. Por su parte Contreras y Juárez (2013), consideran que el capital psicológico tiene un efecto sobre las prácticas de liderazgo en las pymes y este a su vez sobre el bienestar de los subordinados y el desempeño laboral e incluso la cultura empresarial, Estrada (2006), propone un modelo de liderazgo para organizaciones cambiantes, basado en la integralidad del dirigente organizacional; parte de la caracterización del líder, integrada por las cualidades, habilidades, y actitudes necesarias para dirigir a las organizaciones al logro de las metas propuestas. Concluye por lo tanto que debe poseer una formación integral que fomente la comunicación, negociación y solución de conflictos.

Contreras y Barbosa (2013), consideran que el liderazgo tienen fuertes implicaciones en el cambio organizacional y plantea la necesidad de evolucionar de un tipo de liderazgo transaccional (propio de ambientes estables) a un liderazgo transformacional (la inestabilidad y la incertidumbre son habituales); los autores indican que la organización debe ser conceptualizada como un sistema que a través de la auto-organización logra adaptarse a los ambientes inestables donde operan actualmente; desde su perspectiva el liderazgo transformacional puede resultar más apropiado para potenciar el cambio con miras a la perdurabilidad en el sector. Por su parte Haven-Tang y Jones (2012) consideran que el liderazgo transformacional permite el logro de asociaciones estratégicas entre pequeñas empresas prestadoras de servicios turísticos, lo que facilitaría un mejor posicionamiento en el mercado.

Algunos estudios indican que la capacidad profesional, la forma de comunicarse, el compromiso con la organización y la manera en que se solucionan los problemas están relacionados con las competencias y el desempeño del liderazgo en las organizaciones, (Zayas 2011). De acuerdo con Velázquez (2005) el liderazgo empático permite el diseño de esquemas de trabajo y estructuras organizacionales, para lo cual se requiere desarrollar altos niveles de afinidad entre directivos y colaboradores, el resultado debe reflejarse en la innovación de los procesos, el desarrollo de la creatividad en favor de la empresa, identidad con la cultura organizacional y alcanzar la satisfacción de los clientes.

### 3 METODOLOGÍA

La población estudiada está integrada por pymes del sector construcción de vivienda, el número de unidades de análisis permitió llevar a cabo un censo considerando los datos de la Cámara Mexicana de la Industria de la Construcción (CMIC), identificándose ciento ocho de los cuales aceptaron participar en el estudio noventa y veintitrés lo que representa el 86% de la población identificada.

El estudio desarrollado es de tipo descriptivo, al pretender especificar las características y perfiles del grupo de empresas estudiadas en su ámbito; con diseño no experimental pues no implica la manipulación de la variable cultura organizacional. El método utilizado para obtener la información cuantitativa es a través de trabajo de campo y la técnica empleada es la encuesta (Hernández, Fernández y Baptista, 2014).

La información se obtuvo a través del cuestionario formulado por Mul, Mercado y Ojeda (2013) quienes lo diseñaron para estudiar la forma en que se gestiona el conocimiento en las empresas del sureste de México e incluye reactivos relativos a la cultura. La integración del instrumento se describe en la Tabla 1.

Tabla 1. Elementos del cuestionario administrado a los gerentes de las constructoras.

Variable	Dimensión	Definición Operacional	Reactivos	Proporción
Cultura organizacional	Comunicación abierta	Proceso mediante el cual se transfiere el conocimiento entre los miembros de la entidad.	53, 55, 58, 70, 71, 72	15.70%
	Confianza	Es la disposición a compartir el conocimiento de manera fluida.	46, 47, 48, 49, 50, 54	15.7%
	Colaboración y apoyo	Es la intervención gerencial para facilitar y fomentar que el conocimiento permee en toda la organización.	51, 52, 64, 66, 67, 69	15.7%
	Estructura clara	Son los procesos o mecanismos facilitadores de adquisición y transmisión de conocimiento.	56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 68	24.0%

Fuente: Elaboración propia con datos de Mul, Mercado y Ojeda (2013).

Se agregó al instrumento una sección que recaba información socio demográfica y del perfil administrativo del gerente, así como de posicionamiento de la empresa en el mercado. La escala utilizada en el cuestionario es tipo Likert.

La prueba piloto se desarrolló con el 10% de la población para adaptarlo a la población participante; se determinó el alfa de Cronbach con un valor de 0.800; al replicar la prueba los valores en general para cada variable y dimensión, se muestran en la Tabla 2.

Tabla 2. Confiabilidad del cuestionario administrado a los gerentes de las constructoras.

Variable	Dimensión	Número de elementos	Alfa de Cronbach
Cultura organizacional		27	0.961
	Comunicación abierta	6	0.841
	Confianza	6	0.876
	Colaboración y apoyo	6	0.900
	Estructura clara	9	0.919

Fuente: Elaboración propia con base a información estadística.

La aplicación de los cuestionarios se realizó personalmente a los administradores de las constructoras con duración de veinte minutos cada uno, y se procesó la información obtenida a través del software SPSS versión 21.

## 4 RESULTADOS

El análisis de los datos sociodemográficos de los gerentes de las organizaciones pymes del sector construcción en el Estado de Campeche permite establecer que el 95% de los encuestados fueron varones, cuyo principal rango de edad (46.9%) va de los 45 a los 52 años y el estado civil en su mayoría casados (92.3%). El 93.8% de la población posee estudios de nivel licenciatura y un 4.2% posgrado. Se encuestaron organizaciones cuya estructura jurídica es: sociedad (55%), organizaciones con un solo propietario (30%) y familiar (15%).

Del perfil administrativo de las organizaciones se observa que el 69.6% de las empresas tiene entre 5 y 13 empleados, el 50% de los encuestados considera tener un buen nivel de competitividad indicando que su principal ventaja competitiva es el precio de los servicios que proporcionan (42.4%), seguida de la calidad de los mismos (27.3%) y en el mismo porcentaje el tipo de servicio. Respecto a las relaciones comerciales con los sectores a los que prestan servicios, 47.8% consideran que éstas son buenas con el sector gubernamental, con el privado el 78.3% y en el social el 60.9%. El 73.9% de las empresas tiene como principal objetivo la obtención de utilidades, lo que se ve afectado por las dificultades para contratar personal calificado (24.6%) y la competencia (13.8%) y

para afrontar estos retos, una verdadera comunicación interna y externa es la estrategia que mejor les ha funcionado al 26.8% de los encuestados.

El cuestionario incluye cuatro dimensiones para la variable cultura organizacional y a través del cálculo de la media y la desviación estándar se identificaron los reactivos más cercanos y lejanos de los valores asignados en la encuesta, pudiéndose observar el grado de dispersión de las respuestas, (Tabla 3).

Tabla 3. Estadística descriptiva de la variable cultura organizacional.

Variable	Dimensión	N	Valor Mínimo	Valor Máximo	Media	Desviación Estándar
Cultura organizacional	Comunicación abierta	93	1	4	2.81	4.003
	Confianza	93	1	4	3.00	3.813
	Colaboración y apoyo	93	1	4	2.86	4.238
	Estructura clara	93	1	4	2.95	6.861

La tabla indica el promedio de los valores asignados por los encuestados respecto a la variable estudiada, en ningún caso se alcanza el valor más alto establecido, lo anterior se corrobora con la dispersión en las respuestas. Fuente: Información estadística obtenida de la encuesta.

Los valores del instrumento oscilan de 1 a 4 y en el caso de la variable cultura organizacional la media más alta es 3 y corresponde a la dimensión “Confianza” y la menor 2.81 y pertenece a “Comunicación abierta”, lo que señala que en estas empresas las decisiones estratégicas no son rápidamente transmitidas al personal de la organización y que los conflictos no se comentan de manera abierta, aunque han logrado un alto nivel de interacción “cara a cara” con los colaboradores y las ideas de los empleados son escuchadas, bajo un clima de confianza y apertura, Tabla 4.

Tabla 4. Estadística descriptiva relativa a la dimensión confianza.

Reactivo	Mínimo	Máximo	Media	Desviación estándar
48. Hay un alto nivel de interacción cara a cara entre los trabajadores en el lugar de trabajo.	1	4	3.04	1.065
47. En la empresa existe un ambiente de confianza y apertura.	1	4	3.17	0.650
46. En la empresa se fomenta la seguridad en el empleo y la existencia de poca incertidumbre.	1	4	3.13	0.626
49. La información fluye con facilidad en todos los niveles de la organización.	1	4	2.74	0.864
54. La empresa valora las redes informales de comunicación.	1	4	2.83	0.778
50. En la empresa las ideas de los empleados son escuchadas.	1	4	3.09	0.793

Fuente: Información estadística obtenida de la encuesta.



Para evaluar si los factores sociodemográficos y empresariales inciden en la variable se determinó la prueba T de Student para pruebas independientes (género y estado civil), y la ANOVA para determinar las diferencias de mayor relevancia entre varianzas (edad, nivel de estudios, puesto en la empresa, antigüedad de la organización, origen de la misma, antigüedad en el puesto, número de trabajadores y de subordinados). No se encontraron diferencias estadísticas significativas en ambas variables tanto para pruebas independientes como para las varianzas.

Con los valores cuantitativos se diseñó un índice que facilite interpretar la percepción que tiene el cuerpo gerencial respecto a la cultura organizacional que se denominó Índice de Cultura Organizacional (ICO); para su determinación se observaron los siguientes pasos: a) se obtuvo la suma de los valores asignados en cada pregunta por empresa, b) el puntaje máximo que podía tener cualquier empresa fue de 108 (4 puntos máximo por 27 ítems) y c) se dividió el número obtenido en el inciso “a” entre 108 y el resultado se multiplicó por 100.

Un mayor valor de ICO significa que el gerente tiene una mejor perspectiva de la cultura desarrollada por la empresa, (Tabla 5).

Tabla 5. Índice de Cultura Organizacional (ICO).

INDICE DE CULTURA ORGANIZACIONAL				
Tipo de empresa	Número de empresas	Puntaje promedio por empresa	Puntaje Máximo	ICO (%)
Único propietario	28	76	108	70.0
Familiar	14	70	108	65.0
Sociedad	51	80	108	74.0

ICO= Índice de cultura organizacional = Puntaje / Puntaje máximo x 100. El resultado puede interpretarse como la percepción que tiene el gerente respecto a la cultura como ventaja competitiva.

De acuerdo a los resultados de la Tabla 5, el promedio del ICO es de 69.67%, por lo tanto, debe reforzarse las redes formales de comunicación y valorar el comportamiento responsable y la disposición hacia el aprendizaje de los colaboradores para fortalecer el trabajo en equipo.

## 5 CONCLUSIONES

Al contrastar los resultados de las investigaciones consideradas en la revisión de la literatura con los obtenidos en este estudio, puede señalarse la importancia de divulgar los elementos de la planeación estratégica de las organizaciones participantes y que los colaboradores conozcan su misión, visión, valores y objetivos como parte integrante de la cultura organizacional y lograr la diferenciación de sus servicios tal como propone

Esparza y García (2011); de igual forma debe definirse claramente las estructuras de los procesos y los esquemas de recompensa que fomenten el compromiso y los valores entre los colaboradores para contar con un recurso humano permanentemente motivado, tal como lo plantean Pérez (2003) y Gálvez (2011).

Entre los resultados analizados resalta la confianza como la dimensión mejor percibida por los colaboradores en la cultura organizacional, lo que señala que en las empresas existe un ambiente de apertura con seguridad en el empleo, lo que minimiza la existencia de incertidumbre entre el personal, cuyas ideas son escuchadas favoreciendo el trabajo en equipo y coincide con lo estudiado por Goncalvez, Goncalvez y Narloch (2006).

Considerando los objetivos del estudio, es posible señalar que las empresas participantes deben fortalecer la comunicación abierta como elemento fundamental de la cultura organizacional, para que los empleados puedan dirigirse con mayor facilidad hacia los mandos superiores y que las decisiones fundamentales operativas y administrativas sean transmitidas oportunamente, para que la estructura organizacional sea claramente identificada por todos los integrantes de la empresa, lo anterior se refuerza con el valor promedio no mayor al 75% determinado a través del índice de cultura organizacional.

Entre la población participante no se tiene implementado mecanismos documentados para el desarrollo y divulgación de la cultura empresarial, lo cual puede originarse de la necesidad de diseñar estructuras claras desde los puestos de trabajo y línea de mando, hasta el reconocimiento de las tareas de acuerdo al puesto asignado.

De acuerdo al último objetivo, el estilo de liderazgo presente es el transformacional, aunque el responsable de guiar a estas empresas al logro de objetivos de largo plazo deberá intervenir con oportunidad en la solución de problemas, y tomar decisiones cuyos resultados eleven la percepción positiva de su gestión en favor de las metas empresariales.

La principal limitante de la investigación es su corte cuantitativo y el número de empresas participantes, por lo tanto, futuras líneas de investigación en otras regiones del país con mayor población, permitirían contrastar los resultados en las variables consideradas en el presente estudio incluso desde un enfoque cualitativo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Contreras F. y Barbosa D. (2013). Del liderazgo transaccional al liderazgo transformacional: implicaciones para el cambio organizacional. *Revista Virtual Universidad Católica del Norte*. 39 pp. 152-164.

Contreras F. y Juárez F. (2013). Efecto del capital psicológico sobre las prácticas de liderazgo en pymes colombianas. *Revista Venezolana de Gerencia*. 18,62 pp. 247-264.

Esparza, J. y García, D. (2011). La cultura de las empresas familiares turísticas mexicanas y su influencia en la gestión estratégica. *Cuadernos de Administración*. 24, 42 pp. 295-311.

- Estrada S. (2006). Modelo de liderazgo en organizaciones cambiantes. *Scientia Et Technica*. XII, 32 pp. 295-300.
- Gálvez, E. (2011). Cultura intraemprendedora e innovación: un estudio empírico en las mipymes turísticas colombianas. *Cuadernos de Administración*. 46 pp. 103-114.
- Gobierno Federal de los Estados Unidos Mexicanos. (2019). Plan Nacional de Desarrollo 2019-2024. Gaceta Parlamentaria, (5266-XVIII). <http://gaceta.diputados.gob.mx/PDF/64/2019/abr/20190430-XVIII-1.pdf>
- Goncalves, J., Goncalves, M., y Narloch C. (2006). La importancia de la cultura organizacional en la gestión de empresas turísticas: el caso de blue tree hotels. En [http://www.esade.edu/cedit2006/pdfs2006/papersla\\_importancia\\_de\\_la\\_cultura\\_organizacional\\_en\\_la\\_gestión\\_de\\_empresas\\_turísticas.pdf](http://www.esade.edu/cedit2006/pdfs2006/papersla_importancia_de_la_cultura_organizacional_en_la_gestión_de_empresas_turísticas.pdf)
- González, C., Zizaldrá, I. y Mercado, P. (2015) Sustentabilidad organizacional en pymes familiares restauranteras de la Jonquera en Cataluña, España. *Noésis Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*. 24 pp. 80-97.
- Haven-Tang, C. y Jones, E. (2012). Local leadership for rural tourism development: a case study of adventa, monmouthshire, UK. *Tourism Management Perspectives*. 4, pp. 28-35.
- Hernández, R., Fernández, C. y Baptista, P. (2014). *Metodología de la investigación*. Mc Graw Hill, México.
- Kerlinger, F.N. (2002). *Investigación del comportamiento*. México: McGraw-Hill.
- Kyriakidou, O., Gore, J. (2005). Benchmarking organizational culture in hospitality, tourism and leisure SMEs. *Benchmarking: An International Journal*. 12 (3), pp. 192-206.
- Mul, J., Mercado, L. y Ojeda, R. (2013). *Propuesta de un instrumento para conocer las actividades de gestión del conocimiento y los factores organizativos que la influyen*. Memorias en extenso del XVIII Congreso Internacional de Contaduría Administración e Informática, UNAM, México.
- Ortiz, F. y Camargo, I. (2010). Propuesta de valores para una cultura organizacional en el turismo sostenible. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, Vol 8. 01 pp. 125-138.
- Pérez, R. (2003). Propuesta de un modelo de gestión humana y cultura organizacional para pymes innovadoras. *Revista Escuela de Administración de Negocios*. 43 pp. 46-65.
- Semenovich, O. (2014). Small and medium-size enterprise leadership in sustainable development, a case study of the tourism industry in Jamaica. *UWSpace*. <http://hdl.handle.net/10012/8572>
- Tarore, J. (2016). The effects of organizational culture, learning organization, empowerment, and organizational commitment on the performance of SMEs (A case study of SMEs in the Regency of South Minahasa). *IOSR Journal of Business and Management*. Vol 8. Ver. II PP.59-64.
- Turbay M. (2013). Liderazgo e innovación organizacional. *Psicología desde el Caribe*. 30, 1 pp. vii-ix.
- Velázquez, G. (2005). Liderazgo empático, un modelo de liderazgo para las organizaciones mexicanas. *Revista del Centro de Investigación*. pp. 81-100.
- Zayas, M. (2011). El desempeño, el liderazgo y las competencias en los directivos del sector turístico. *Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local*. 4, 11 pp. 1-11.

# CAPÍTULO 8

## COORDINACIÓN DE PARENTALIDAD Y MODELO MULTIFACTORIAL: DIVORCIOS CONFLICTIVOS Y RECHAZO DE MENORES<sup>1</sup>

Data de submissão: 25/09/2023

Data de aceite: 10/10/2023

**Gloria Terrats Ruiz**

Licenciada en Psicología  
Universidad de Barcelona  
España

<https://orcid.org/0000-0002-0880-2417>

**RESUMEN:** Los procedimientos judiciales que se generan en los casos de las separaciones y divorcios contenciosos suelen ir acompañados de un conflicto permanente entre progenitores con incidencia muy negativa en los menores, que quedan atrapados dentro de una dinámica disfuncional responsable de la aparición de lo que hemos denominado Dinámicas de Resistencia Rechazo Filio Parental (DRRFP). Las DRRFP han sido objeto de estudio a partir de los años 80 del siglo pasado, inicialmente por los autores defensores de las propuestas del Modelo Unifactorial representadas por el Síndrome de Alienación Parental (SAP) propuesto por Gardner (1985) y posteriormente por aquellos autores que desde la Teoría de la Alienación Parental (AP) han adoptado una perspectiva multifactorial Kelly y Johnson (2001). El objetivo de este artículo es el de profundizar en el estudio de dichas dinámicas, desde la propuesta del Modelo Multifactorial

<sup>1</sup> XIV CONGRESO (INTER) NACIONAL DE PSICOLOGÍA JURÍDICA Y FORENSE.

y dentro del contexto de intervención del Coordinador de Parentalidad.

**PALABRAS CLAVE:** Relación paterno-filial. Conflicto post-divorcio. Resistencia-rechazo de menores.

PARENTALITY COORDINATION AND MULTIFACTORIAL MODEL: CONFLICTIVE DIVORCES AND REJECTION OF MINORS

**ABSTRACT:** The legal proceedings that are generated in cases of contentious separations and divorces, are usually accompanied by a permanent conflict between parents with a very negative impact on the children, who are trapped within a dysfunctional dynamic responsible for the appearance of what we have called Dynamics of Resistance and Rejection of Parental Parents (DRRFP). DRRFPs have been the object of study since the 80's of the last century, initially by the authors defending the proposals of the Unifactorial Model represented by the Parental Alienation Syndrome (PAS) proposed by Gardner (1985) and later by those authors who, from the Parental Alienation Theory (PA), have adopted a multifactorial perspective, Kelly and Johnson (2001). The aim of this article is to deepen the study of these dynamics, from the proposal of the Multifactorial Model and within the context of intervention of the Parenting Coordinator.

**KEYWORDS:** Parent-child relationship. Post-divorce conflict. Resistance-rejection of minors.

## 1 INTRODUCCIÓN

A pesar de la existencia de una resolución judicial, en determinadas circunstancias los/las progenitores/as muestran dificultades a la hora de implementar el plan de parentalidad, aprobado judicialmente. Estas situaciones suponen un retorno continuado a los juzgados para resolver cuestiones cotidianas, así como cualquier discrepancia derivada de la práctica diaria de la coparentalidad, hechos que acaban por incrementar la conflictividad entre progenitores y en consecuencia un incremento de riesgo en el desarrollo psicosocial de los menores.

En los casos de divorcios conflictivos, la solución jurídica no es suficiente a la hora de regular la situación que se produce con posterioridad a la ruptura de pareja, ni tampoco suele dar respuesta a las incidencias que se producen en el desarrollo individual de los menores, quienes suelen presentar problemas de conducta, emocionales, relacionales y/o académicos.

Las parejas (con posterioridad a un divorcio o separación conflictiva), suelen construir narrativas con arreglo a sus propias vivencias que conservan en la memoria en forma de enfado, humillación, dolor o decepción que deriva en una visión negativa de la expareja (compartida por el entorno) y que acaba por convertirse en el eje de una campaña de desacreditación, desconfianza y odio hacia el otro progenitor con el único objetivo de interrumpir y finalizar la relación paterno filial.

Este tipo de dinámicas de resistencia-rechazo han sido mayoritariamente contempladas dentro de la propuesta que Gardner (1985), identifico como “Síndrome de Alienación Parental” (SAP) donde se asume que el padre alienador (o padre preferido) es la fuente primaria del problema y donde el menor aparece como única víctima.

## 2 MODELOS GENERALES DE INTERVENCIÓN

Son aquellos que tratan de dar respuesta al cómo y el porqué de lo que se conoce como Alienación Parental (AP), entendida como el rechazo injustificado hacia uno de los/las progenitores/as. Se contemplan dos modelos de referencia

- “*Single Factor Model* “
- “*Multi- Factors Models*”

Para algunos autores la propuesta que deriva del Modelo Unifactorial (*Single Factor Model*) parte de una visión inadecuada, simple y engañosa que defiende la falacia de que el abuso o la mala crianza de cualquiera de los dos progenitores/as ha sido o puede llegar a ser razón suficiente para provocar el rechazo del menor.

Como contrapunto a lo anterior, las aportaciones de los Modelos Multifactoriales tienen como objetivo desarrollar nuevos matices que puedan ser utilizados como guía en las evaluaciones realizadas por profesionales y que a la vez permita una mejor intervención con aquellas familias donde un menor se resiste o rechaza el contacto con el otro progenitor. En general sus propuestas surgen de una amplia gama de investigaciones (básicas y aplicadas), realizadas en ciencias sociales Garber (2020).

El Modelo Multifactorial se construye a partir de una matriz de factores problemáticos y/o patológicos, que pueden crear una alianza en favor de uno de los progenitores contra el otro que se contempla como el vértice en el que se forja la respuesta del menor en función de su propia resistencia y vulnerabilidad Fidler et al. (2013).

Tabla 1. Factores de análisis en el modelo multifactorial.

	<b>Factores Ontogénéticos</b>	<b>Micro Factores</b>	<b>Macro Factores</b>
<b>Progenitor Rechazado</b>	Estilo parental: (autoritario, protector) Enfermedad mental (Consumo de sustancias, trastorno personalidad)	Conductas alienación Reacción a las conductas de alienación Violencia doméstica	Enfrentamiento familiar Sistema jurídico adversarial
<b>Progenitor Preferido</b>	Estilo parental: (autoritario, protector) Enfermedad mental (consumo de sustancias, trastorno de personalidad).	Conductas de alienación Reacciones a las conductas de alienación Violencia doméstica	Enfrentamiento familiar Sistema jurídico adversarial
<b>Menor</b>	Evaluación de Conflictos/ Edad de Distorsión Cognitiva/ Capacidad cognitiva.  Histórico de relaciones entre padres e hijos	Exposición a un elevado nivel de conflicto entre progenitores. Triangulación. Límites difusos. Influencias de hermanos mayores/ de la familia extensa o de familias sobrevenidas	Exposición al litigio legal. Repetidas evaluaciones (asistencia social, sistema judicial...)

Fuente: adaptado de Polak y Saini (2105).

Por otra parte, cuando los menores se resisten o rechazan el contacto con uno de los progenitores, habría que considerar las diferentes tipologías como **indicadores de riesgo** en el desarrollo de ese tipo de conductas, diferenciando los casos simples de los casos híbridos en los que se combinan dos tipos de conductas (ver tabla 2).

Tabla 2. Modelo Multifactorial e indicadores de conductas de riesgo.

Conductas		Casos Simples		
	Alignment: Alineación (entendida como afinidad o alianza)	Alienation Alienación: Rechazo injustificado hacia uno de los progenitores)	Enmeshment Relaciones aglutinadas	Estrangement Distanciamiento
Conductas		Casos Híbridos		
<b>Enmeshment</b> +	<i>Enmeshment</i> +	Enmeshment +	Alienation +	Neglect and/ or Abuse by the Rejected Parent
<b>Aliénation</b>	<i>Aliénation</i> + <i>Estrangement</i>	Estrangement	Estrangement	

Fuente. adaptado de Friedlander y Gans (2010).

## 2.1 INTERVENCIÓN DEL COORDINADOR DE PARENTALIDAD DESDE EL MODELO MULTIFACTORIAL

Siguiendo con la propuesta del Modelo Multifactorial, el Coordinador de Parentalidad (CP) es un híbrido (legal/salud mental) cuya intervención contempla la evaluación, gestión de casos, resolución de conflictos y, algunas veces la toma de decisiones (AFCC, 2019).

Frente a las situaciones de resistencia-rechazo de los menores, la figura del Coordinador Parental (CP), adopta un carácter holístico que (desde una perspectiva familiar sistémica), interviene con el propósito de facilitar soporte a los progenitores, en situaciones de divorcios altamente conflictivos, durante el periodo de reorganización familiar posterior a los mismos y con el foco puesto en la protección del/a menor.

La intervención del CP se estructura alrededor de la confección y cumplimiento del Plan de Parentalidad consensuado por ambos progenitores con el objetivo de evitar interpretaciones arbitrarias sobre el contenido del mismo.

Algunos autores apuntan a que el conflicto interpersonal de los adultos queda asociado al sufrimiento del/la menor, no solo a través de los problemas de conducta que externaliza (agresiones y conducta antisocial), sino también en aquellos problemas que el/la menor internaliza canalizando a través de sintomatología de ansiedad y/o depresión.

El conflicto post divorcio puede resultar especialmente perjudicial para el/la menor. Los desacuerdos entre los progenitores sobre la custodia, horarios de visitas, manutención y y/o estilos educacionales tienen una incidencia negativa en los/las menores porque quedan “atrapados” en mitad de un conflicto de lealtades que incrementa los problemas que les afectan.

De acuerdo con lo expresado por diferentes autores, cuando el conflicto personal entre progenitores se expresa a través del conflicto legal (custodia, régimen de visitas etc.), los problemas de los menores crecen de forma exponencial.

### 3 CONCLUSIONES

Existe una base amplia de investigación que confirma que el conflicto interpersonal (aún en ausencia de conflicto legal) tiene un efecto de deterioro tanto en los/las menores como en los/las progenitores/as. (Cummings, Merrilees y George, 2010).

De acuerdo con lo anterior y desde la perspectiva de la mejor intervención del CP en los casos en que un menor presenta conductas de resistencia-rechazo hacia uno de los progenitores, las aportaciones del Modelo Multifactorial resultan especialmente apropiadas, cuando el CP se plantea desde una óptica sistémica, considerar los factores que mejor garantice la eficacia de su trabajo teniendo en cuenta lo siguiente:

- La observación relacional del sistema familiar
- Factores ontogenéticos; micro y macro factores de progenitores y menores (ver tabla 1)
- Indicadores de riesgo (ver tabla 2).

Es importante que la investigación continúe profundizando en el estudio de las dinámicas de resistencia-rechazo filio parentales posteriores las separaciones y/o divorcios conflictivos. Las estadísticas señalan que a pesar de que el número de casos es reducido (sobre el 15% de las parejas que se separan), la incidencia en los Juzgados derivadas de las continuas demandas ralentiza de manera significativa otras actuaciones.

Por otra parte cabría señalar que en la mayoría de casos, los progenitores no van a encontrar una respuesta legal a los conflictos emocionales provocados por la separación o divorcio, que es lo que muchas veces pretenden resolver poniendo en manos de un juez la responsabilidad que adquieren con sus hijos.

De ahí que el CP se convierte en la figura que (desde su concepción híbrida), puede tratar de resolver las verdaderas necesidades de la familia y reconducir el conflicto en favor de la salud psicosocial de los menores.

### REFERENCIAS

Association of Family and Conciliation Courts. (2019). Guidelines for parenting coordination: Developed by the AFCC Task Force on Parenting Coordination. Retrieved from <https://www.afccnet.org/Portals/0/Guidelines%20for%20Parenting%20Coordination%202019.pdf?ver=2019-06-12-160124-780>



Cummings, E. M., Merrilees, C. E., & George, M. W. (2010). Fathers, marriages, and families: Revisiting and updating the framework for fathering in family context. In M.

E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 154–176). John Wiley & Sons Inc.

Fidler, B. J., Bala, N., & Saini, M. A. (2013). *Children who resist postseparation parental contact: A differential approach for legal and mental health professionals*. New York, NY: Oxford University Press.

Garber, B. D. (2020). Sherlock Holmes and the case of resist/refuse dynamics: Confirmatory bias and abductive inference in child custody evaluations. *Family Court Review*, 58(2), 386–402.

# CAPÍTULO 9

## RACISMO CONTRA OS POVOS INDÍGENAS DO NORDESTE: DA IDEOLOGIA À DESIDEOLOGIZAÇÃO

Data de submissão: 08/10/2023

Data de aceite: 27/10/2023

**André Luiz Teles Ramos<sup>1</sup>**

Mestrando na UFS, BRASIL

<http://lattes.cnpq.br/2055300923805794>

**José Fernando Andrade Costa<sup>2</sup>**

UEFS, BRASIL

<http://lattes.cnpq.br/0809275570407723>

<https://orcid.org/0000-0002-5677-0093>

**RESUMO:** O artigo se insere no campo interdisciplinar dos Estudos Decoloniais e da Psicologia Social, com foco na área temática das Relações Étnico-Raciais. A partir da pesquisa teórica, são trazidas as especificidades do racismo contra os Povos Indígenas no Nordeste brasileiro. O

<sup>1</sup> Graduação em Psicologia (2021) pela Faculdade Pio Décimo (SE), Especialização em Psicologia Social e Comunidades pelo Instituto Parentes em parceria com a Faculdade de Governança Engenharia e Educação de São Paulo (FGE) e Mestrando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Culturas Populares.

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia (2013) pelo Centro Universitário São Camilo, Mestrado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2016), Doutorado (2022) no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). Professor assistente na área de Psicologia do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia na Universidade Estadual de Feira de Santana (DCHF-UEFS).

levantamento de dados se deu a partir da seleção de discursos ideológicos presentes em notícias de jornais e das reações críticas das etnias do Nordeste que indicam caminhos para a desideologização. Foram examinados os seguintes fenômenos históricos que engendraram o racismo contra indígenas no Nordeste: os Diretórios Pombalinos, a Lei de Terras e a cabocliização. A análise desses dados seguiu os referenciais dos campos já citados, além de autores indígenas com base nos quais destacamos a emergência da questão indígena na atualidade, sobretudo em relação ao compromisso ético-político da Psicologia com os Povos Originários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo. Ideologia. Indígenas. Nordeste (Brasil). Fenômenos históricos.

### RACISM AGAINST INDIGENOUS PEOPLES OF THE NORTHEAST: FROM IDEOLOGY TO DE-IDEOLOGIZATION

**ABSTRACT:** The article is part of the interdisciplinary field of Decolonial Studies and Social Psychology, focusing of the thematic area of Ethnic-Racial Relations. From the theoretical research, the specificities of racism against Indigenous Peoples in the Brazilian Northeast are brought. The data collection was based on the selection of ideological discourses present in newspaper reports and the critical reactions of the ethnic groups in the Northeast that indicate paths to

desideologization. The following historical phenomena that engendered racism against indigenous peoples in the Northeast were examined: the Pombaline Directories, the Land Law and cabocization. The analysis of these data followed the references of the field already mentioned, in addition to indigenous authors based on which we highlight the emergence of the indigenous question today, especially in relation to the ethical-political commitment of Psychology with the Original Peoples.

**KEYWORDS:** Racism. Ideology. Indigenous. Northeast (Brazil). Historical phenomena.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo parte de uma abordagem interdisciplinar no campo dos Estudos Decoloniais e da Psicologia Social, com foco na área temática das Relações Étnico-Raciais. Tomamos, como ponto de partida, a seguinte indagação: “o que sustenta a invisibilização presente no racismo praticado contra os Povos Indígenas do Nordeste brasileiro?”.

Ao buscarmos responder essa questão, temos como objetivo geral colaborar para a identificação das especificidades do racismo praticado contra os Povos Indígenas do Nordeste no Brasil, de modo que isso nos permita: analisarmos os discursos ideológicos, dirigidos a etnias do Nordeste, em notícias de jornais que tenham cunho racial; examinarmos os principais fenômenos históricos que engendraram a ideologia do racismo contra os Povos Indígenas do Nordeste; e apresentarmos algumas contribuições da Psicologia no que diz respeito à luta antirracista dos Povos Indígenas.

A realização deste artigo se justifica por compreendermos que dentro da questão indígena, em perspectiva nacional, há reivindicações em comum, por parte dos movimentos indígenas, como o combate ao racismo. Ocorre que esse fenômeno assume contornos específicos, a depender da realidade de cada região, no grau de contato com a sociedade nacional, quanto à preservação das línguas, das tradições, do modo de vida e etc. No caso dos indígenas do Nordeste, como veremos mais à diante, suas existências são negadas mesmo com as suas presenças concretas.

Uma de nossas hipóteses é que essa invisibilização se dá por razões ideológicas, as quais discutiremos por meio de fenômenos históricos interpretados pelos embasamentos teóricos da Psicologia da Libertação e dos Estudos Decoloniais. Acreditamos que a ideologia que sustenta tal invisibilização, de alguma forma, marca uma especificidade presente no racismo praticado contra Povos Indígenas do Nordeste e é o que pretendemos abordar introdutoriamente, a seguir.

A literatura atual sobre Psicologia e Povos Indígenas têm avançado na sistematização do conhecimento sobre processos psicossociais e coletivos das mais diversas etnias e nas mais variadas regiões graças à compreensão de que é fundamental

respeitar o protagonismo e a voz das etnias, bem como reconhecer a importância da luta organizada dos Povos Originários enquanto processos políticos e epistêmicos.

No âmbito das contribuições recentes, destacam-se as ações da Articulação Brasileira de Psicólogas/os Indígenas (ABIPSI), da Rede de Articulação Psicologia, Povos Indígenas, quilombolas, de terreiro e em luta por território, do Sistema Conselhos, além de diversos grupos de pesquisa e extensão engajados com a questão indígena (GUIMARÃES, 2022; FERNANDES; GONÇALVES, 2022; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022).

Nesse contexto, partimos do pressuposto de que a produção de conhecimento sobre a realidade dos Povos Indígenas exige um compromisso ético-político fundamental com a luta de resistência dos Povos Originários.

Delimitamos como recorte a região político-administrativa do Nordeste brasileiro em função da resistência histórica dos Povos Indígenas nesse território, desde o primeiro momento da invasão europeia, e devido ao processo de invisibilização específica dos povos indígenas do Nordeste (BANIWA, 2006) decorrente desse contato. Por isso, embora reconheçamos que esse recorte geográfico não corresponde à forma como os próprios indígenas de modo geral concebem o território, consideramos que compartilham processos históricos similares.

O processo de colonização fez com que os povos indígenas do Opará e do litoral, por uma questão de sobrevivência, migrassem por territórios que correspondem hoje a diferentes Unidades da Federação (SANTOS JUNIOR, 2016). Os encontros e trocas culturais e genéticas ocorridas ao longo do tempo permitem considerar que há muitas semelhanças entre as diversas populações indígenas do Nordeste, resguardadas as especificidades de tradições, modos de vida, hábitos e costumes de cada etnia.

Existe uma especificidade no modo como os processos de colonização e miscigenação conformam a região Nordeste brasileira, resultando em manifestações ideológicas recorrentes, presente entre os não-indígenas, como a de que “não existem indígenas no Nordeste” ou que não existiriam indígenas “verdadeiros” na região, pois não correspondem ao imaginário colonizado/racializado sobre os Povos Indígenas.

Nessa ocasião, a Psicologia pode contribuir para elucidar os processos que sustentam tais discursos ideológicos e para dar respostas ao enfrentamento da ideologia racista. Embora as discussões sobre raça e etnia incluam diversos povos tradicionais, consideramos importante acrescentar ao debate uma abordagem do fenômeno do *racismo contra indígenas* (PEIXOTO, 2017) e, mais especificamente, contra indígenas do Nordeste brasileiro devido às especificidades vividas pelas etnias que compartilham suas realidades nesta região.

O racismo é um fenômeno mais amplo e complexo do que as manifestações de preconceito a ele associadas. Enquanto essas últimas revelam um posicionamento defensivo, hesitante e/ou uma incapacidade do indivíduo em abrir-se para uma atitude positiva como o outro diferente (SANTOS, 2017), o racismo, por sua vez, compreende um conjunto sistemático de representações, discursos e práticas que decorrem da concepção ideológica de uma hierarquização baseada na ideia de raça (QUIJANO, 2005).

Enquanto ideologia, o racismo depende da reprodução cotidiana, muitas vezes inarticulada, de pressuposições sobre relações de poder. O racismo contra Povos Indígenas tem como marco a invenção da modernidade ocidental, em 1492, onde ele servirá para classificar e distribuir a população mundial dentro da articulação do padrão de poder colonial/moderno e eurocentrado do sistema-mundo: a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005).

É possível identificar o racismo nas relações concretas quando há a hierarquização de um grupo social que se julga superior a outro, tido como inferior (PEIXOTO, 2017). Nesse sentido, não há uma fórmula para reconhecê-lo em todos os lugares do mundo, porque cada sociedade estabelece suas normas de hierarquizar os seres humanos (PEIXOTO, 2017). No caso da realidade vivida pelos Povos Indígenas do Nordeste brasileiro, propomos entendê-lo a partir dos processos de *invisibilização* e *silenciamento* os quais as etnias são sujeitas e contra os quais resistem cotidianamente.

No que se segue, vamos primeiro discutir o racismo contra povos indígenas do Nordeste a partir de elementos de sua constituição histórica, destacando o papel ativo do Estado brasileiro na tentativa de invisibilização dos indígenas; em seguida vamos analisar os aspectos psicossociais presentes nos discursos ideológicos racistas presentes nas mídias digitais; por fim, acompanhando os aportes da Psicologia da Libertação, abordaremos alguns desafios e possibilidades para a desideologização da experiência e fortalecimento da luta antirracista em relação aos indígenas.

## 2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO RACISMO CONTRA POVOS INDÍGENAS

O racismo existe desde o início da colonização. De acordo com Aníbal Quijano (2005), a raça foi o primeiro critério para distribuir a população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder na sociedade colonial. Tanto que o extermínio, epistemicídio e a escravização dos Povos Indígenas compuseram a primeira forma de violência estrutural baseada na ideia de raça, no “Novo Mundo”, e seguiu-se *pari passu* à escravização dos povos africanos até o século XVII (GOMES e SCHWARZ, 2018).

No contexto brasileiro, a região Nordeste foi a primeira a ser invadida pelos europeus. Baniwa (2005) destaca que essa região é constituída por populações que sofreram e sofrem profundas perdas territoriais por meio de violentos processos de desocupação, a perda da língua nativa (salvo a etnia Fulni-ô com o Yathêe, além dos Kariris-Xokós e Pataxós em processo de recuperação do Dzubukuá e Patxohã, respectivamente) devido à imposição do português e houve alteração significativa no modo de vida das populações originárias, com a imposição do imaginário e dos padrões culturais dos europeus.

Para entendermos quais foram os principais eventos históricos que a ideologia racista naturalizou, podemos destacar três aspectos que se interligam no processo de invisibilização das etnias do Nordeste: os Diretórios Pombalinos, a Lei de Terras e a caboclicização (VIEIRA, 2019, s.p).

Na segunda metade do século XVIII, com a instalação dos Diretórios Pombalinos (1757-1798) a Coroa portuguesa se debruçou sobre a administração das terras ultramarinas estabelecendo determinações para que as aldeias da colônia se tornassem vilas; para permitir a realização de casamentos mistos entre cristãos e cristão novos; regulando o trabalho obrigatório no setor agrícola e do comércio; entre outras medidas (SILVA, 2013). No bojo dessas ações foi proibido aos indígenas usarem seus próprios nomes e estabelecido o uso único e exclusivo da língua portuguesa, em detrimento da prática da língua geral (SILVA, 2013).

Os diretórios foram um marco na questão indígena do país, no sentido de mudarem a forma de administração colonial para atenderem os interesses da metrópole, passando da gerência da Igreja para a gerência do Estado. Se antes a ideia era segregar os indígenas em aldeamentos para explorar suas terras, desse momento em diante tratava-se de integrá-los enquanto mão de obra para o sistema colonial (MEDEIROS, 2011). Isso impulsionou o discurso assimilacionista, isto é, a tentativa de homogeneizar o Brasil em uma única raça e o começo da invisibilidade dos Povos Indígenas do Nordeste.

No século XIX, a Lei de Terras (1850) foi criada para substituir o sistema sesmarial e o regime de posse para que pudesse servir de legislação específica aos critérios de ocupação territorial no Brasil (OLIVEIRA, 2019). Nela, os indígenas eram tratados como tutelados pois as terras que a eles eram dirigidas eram tidas como terras reservadas, com a finalidade de promover a colonização e aldeamento dos mesmos, diferentemente das terras devolutas que poderiam ser vendidas de acordo com a Lei (AZANHA, 2001).

Azanha (2001) denuncia o caráter assimilacionista desta Lei, que funcionou como uma armadilha do Estado brasileiro para, mais tarde, vender as terras indígenas. Ela foi utilizada como prerrogativa de fazendeiros para garantir o direito às terras indígenas

através da compra das mesmas a fim de garantir que elas fossem propriedades deles, tal como previa esta lei. Isso só foi possível mediante a prova de que essas terras não tinham nenhum outro dono e, para isso, passou-se, inclusive, a *negar a existência* dos Povos Originários sob o discurso ideológico de que eles estavam confundidos com os demais brasileiros (SILVA, 2003).

Na maioria dos Estados do Nordeste, a exemplo de Sergipe, a Lei de Terras foi utilizada como dispositivo jurídico, por parte das autoridades locais, para negarem as existências das etnias na região, sob o pressuposto da mestiçagem, conforme Santos Junior (2003).

No Nordeste, diante desse contexto dos Diretórios Pombalinos e da Lei de Terras de 1850, a primeira província a negar institucionalmente a existência de indígenas foi o Ceará, já em 1850, seguida de Pernambuco, Paraíba e Sergipe (CUNHA, 1992). Nesse processo, com a desintegração social, física e cultural dos Povos Originários, surgiu o uso do termo *caboclo* (SILVA, 2017) que Vieira (2019) se refere como *caboclição*, entendendo-o como um fenômeno de negação e manutenção de memórias de apagamento sobre os Povos Originários do Nordeste.

Mata (1989) analisa a origem racial desse termo:

O termo *caboclo*, que desde os tempos mais remotos até estudos antropológicos recentes revelou um caráter **discriminador** da sociedade colonizadora, passa a possuir uma característica evolucionista-assimilacionista. Se pensarmos o índio como etapa inicial do processo evolutivo, em seu estado selvagem, o *caboclo* seria um meio caminho entre o índio que já não pode ser e o branco que não quer ou não conseguirá ser. Produto da cultura ocidental, é pela mesma condenado ao desaparecimento por 'leis naturais' já que não está 'apto' a viver numa sociedade civilizada (p.55-56, grifo nosso).

Logo esse termo se ampliou e, além de referir-se a indígenas não identificados a partir de seus aspectos físicos e culturais, passou a ser utilizado pelos indígenas que queriam esconder a sua identidade étnica diante de inúmeras perseguições (SILVA, 2017).

No entanto, mesmo que nas décadas de 1860 e 1870 as autoridades políticas tenham buscado invisibilizar os indígenas, para pôr fim aos aldeamentos e arrendar aos fazendeiros, as retomadas identitárias das diferentes etnias do Nordeste, chamadas de *caboclos*, aliadas a retomada do território continuaram com maior força durante quase um século depois (ARRUTI, 2009 *apud* SOUZA, 2016).

A construção da racialidade "*cabocla*", além de assimilacionista, promoveu o assujeitamento e invisibilização dos povos indígenas, de modo que ao longo do tempo foram intensificadas as lutas pela sobrevivência e reconhecimento da identidade desses povos, como indica o Pajé Raimundo Xokó, no documentário *Índios e Missionários no sertão Sergipano*, retratado por Oliveira (2018):

Caboclo? Que que é isso? Chamava de caboclo... nós não somos caboclo, nós somos índios! Porque nós temos uma história! Caboclo? Que que é isso? Caboclo? Nós somos índios! Temos ói [mostrando o pulso] o sangue indígena.

Como observou Oliveira (2018), o termo caboclo foi usado para desqualificá-los e invisibilizá-los, sob o pretexto de utilizar a mestiçagem para justificar a usurpação de suas terras. Em Sergipe, por exemplo, desde 1853 a presença indígena é coibida mediante o Decreto nº 1.139, de 6 de abril: “Não existindo, na Província de Sergipe, índios que estavam nas circunstâncias previstas no Decreto n. 426 de 24 de junho de 1845: Hei por bem Suprimir a Diretoria Geral dos Índios da mesma província” (BRASIL, 1853, s.p).

A negação da existência dos povos indígenas, em contexto nacional, ocorreu também no censo do IBGE. O primeiro censo foi realizado no ano de 1872 e contou com as categorias de branco, preto, pardo ou caboclo (BRASIL, 2017). A categoria “índio”, somente aparecerá no censo a partir de 1950, sumindo na década de 70 e só voltando nos próximos censos em 1990, 2010 (BRASIL, 2017) e, mais recentemente, em 2022.

A existência de uma bancada ruralista persistente no Parlamento Nacional representa a perpetuação dessa aliança entre Estado e latifundiários que trabalham veementemente para a flexibilização das leis ambientais e dos direitos dos Povos Originários, como a PEC 490, do Marco Temporal. Se essa lei for aprovada, os Povos Indígenas do Nordeste são os que mais serão prejudicados, pois como muitos deles foram expulsos dos seus territórios ainda no século XIX, por parte dos fazendeiros, dentro do que propõe esta lei, eles perderiam o direito à terra.

Além disso, após a Constituição de 1988, a morosidade do poder público em se posicionar diante da questão indígena tem causado um agravamento nos acirramentos de conflitos territoriais de latifundiários, empreiteiras, madeireiros, caçadores ilegais, pescadores, grileiros com relação aos indígenas.

Em decorrência do agravamento dos conflitos, no mandato de Jair Bolsonaro (2018-2022), foi intensificada a auto-organização e resistência dos Povos Indígenas em torno da política institucional, culminando na maior participação em instâncias representativas e administrativas e na conquista, pela primeira vez, de uma pasta própria: o Ministério dos Povos Originários, instituído pelo governo Lula, em 2023.

Nesse contexto histórico, observa-se que se tornou de fundamental importância o fato de as diversas etnias recuperarem sua memória histórica e se autodeclararem indígenas, pois isso visa romper com um silenciamento perpetrado pelos não-indígenas durante séculos. Como afirma Neto Pitaguary: “se antes nós tínhamos que nos calar para sobrevivermos, hoje precisamos falar para sobreviver”. Esse modo de enfrentamento trata-se de uma das formas que as próprias etnias vêm resistindo



contra a ideologia da invisibilização dessa forma de racismo e, conseqüentemente, contra a ideologia colonial.

### 3 ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA COLONIALIDADE: OS DISCURSOS IDEOLÓGICOS RACISTAS CONTRA INDÍGENAS

A repercussão do assassinato do indigenista Bruno Pereira e do jornalista Dom Philips, em 2022, fez com que as organizações indígenas, como a Articulação Brasileira dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), retomassem diversas discussões dentro da questão indígena.

Uma delas foi a necessidade de enfrentamento do racismo, motivada após declarações racistas contra o cacique Marcos Xukuru, após sua fala no velório do indigenista Bruno Pereira, realizado no dia 24 de junho de 2022, no Estado de Pernambuco. Na ocasião, houveram diversas manifestações nas redes sociais de internet questionando a identidade étnica do Cacique devido à sua aparência.

Uma dessas publicações dizia: “Olha os índios que passaram na Globo kkkkkkkk Se essa turma é índio, eu sou astronauta kkk” (RUDNITZKI, 2022, s.p). Em resposta, o Cacique emitiu a seguinte nota de repúdio:

Tem aparecido na internet alguns comentários desrespeitosos sobre a nossa ‘aparência’ enquanto indígenas. Isso é **racismo** e só deixa evidente a mentalidade de uma parte da população que não conhece a nossa ancestralidade, nossa cultura e a pluralidade do nosso povo. Vamos tomar todas as medidas jurídicas cabíveis neste caso, pois não só busca nos ofender, bem como ofender todos os povos originários do Brasil (ALEIXO, 2022, grifo nosso).

A fala do Cacique nos inspira a pensar em várias possibilidades de se abordar o racismo contra indígenas do Nordeste: através do controle identitário do Estado e das políticas indigenistas sobre quem é ou não-indígena; das representações sociais que os não-indígenas têm sobre os indígenas; através da análise do conteúdo racial proveniente dos discursos de ódio e práticas de violência de não-indígenas, lideranças estatais e latifundiárias, dentre outros. Poderíamos discutir, por exemplo, a importância da Lei 14.532/2023, que equipara injúria racial ao crime de racismo, e quais os potenciais de sua efetivação prática. No entanto, torna-se mais difícil coibir atos racistas quando estes operam para resultar na *invisibilização* e *silenciamento* dos Povos Indígenas e suas lutas.

Aqui entra o papel que pode ser desempenhado pela Psicologia, enquanto ciência e profissão, em uma perspectiva crítica sobre o assunto. Interessa-nos, sobretudo, a contribuição da Psicologia para desideologizar o racismo promovido por eventos históricos que foram naturalizados no discurso dos não-indígenas para negar a existência

dos Povos Indígenas. Podemos frisar a importância dessa atitude crítica, sobretudo, em relação aos Povos Indígenas do Nordeste.

Até pouco tempo atrás, os Estados do Rio Grande do Norte e Piauí negavam a presença de indígenas, segundo Guerra (2009), sob as mesmas premissas discutidas por Silva (2017) e Azanha (2001), isto é, de que eles teriam sido todos assimilados e/ou mortos. Essa forma de racismo se faz tão presente na contemporaneidade da questão indígena do Nordeste que o Projeto Nova Cartografia da Amazônia (PNCSA) noticiou o reconhecimento do primeiro território indígena na região, após 520 anos de colonização. O depoimento do coletivo de indígenas piauienses expressa uma clara alusão ao racismo durante a pandemia de Covid-19:

Nesse contexto histórico e político de apagamento e silenciamento, o Governo Federal e os respectivos ministérios da Justiça e Segurança Pública e da Saúde, ainda constroem mecanismos para nos apagar culturalmente e fisicamente, por meio de uma política etnocida e de morte, não considerando indígenas em contextos urbanos e indígenas com territórios ainda não demarcados como um grupo prioritário na vacinação – vale ressaltar que nenhum povo do Piauí possui seu território demarcado pela União. O plano excluiu quem vive nos centros urbanos e, segundo o Censo do IBGE de 2010, 46% dos povos originários deste país vivem em área urbana, ou seja, metade da população nativa de Pindó Maranhã (Brasil). Estes dispositivos via burocracia do Estado é mais um meio **etnocida, racista e genocida** utilizada historicamente para nos apagar, nos reduzindo a falaciosos 0,6% da população (nós sabemos que somos muito mais), através dos censos e da política colonial-capitalista que recorrentemente nos expulsa dos nossos territórios sagrados (O CORRE DIÁRIO, 3 de março de 2021, grifo nosso).

No Estado do Maranhão, foi possível notar também semelhante negligência da vacinação das etnias da região, segundo matéria publicada pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em 24 de maio de 2021, com destaque para o seguinte trecho de uma carta coletiva, escrita pelos povos da região:

Excluindo indígenas com territórios ainda não demarcados e indígenas em contexto urbano como parte do grupo prioritário de vacinação, o Estado continua seu projeto **etnocida, racista e genocida** utilizado historicamente para nos apagar/silenciar e nos matar/exterminar. Apesar de nossas terras tomadas e não demarcadas, continuamos povos indígenas. [...] Mais uma vez nos dirigimos à sociedade para denunciar o **racismo** que nós estamos sofrendo por parte do Estado e por parte dos representantes do poder público que, incansavelmente, criam barreiras para dificultar o acesso dos povos indígenas aos seus direitos (CIMI, 2021, grifo nosso).

É importante ressaltar o uso recorrente dos termos “etnocídio”, “genocídio” e, atrelado a eles, “racismo” nas denúncias dessas - e de muitas outras - lideranças indígenas. Consideramos que a voz de uma liderança indígena, quando erguida em sinal de protesto, em geral é uma voz forte, pois não é solitária, mas carrega consigo a força de todo um povo, de uma comunidade, seu território, seus encantados e seus ancestrais.

Sobre o desafio de enfrentar a ideologia - enquanto processo simultaneamente psíquico, social e histórico -, recorreremos às contribuições de Ignacio Martín-Baró que contribuiu para a compreensão da ideologia enquanto “falsa consciência”, isto é, uma distorção na relação entre a configuração da realidade e sua representação na consciência dos grupos e das pessoas (MARTÍN-BARÓ, 2017).

No âmbito da nossa discussão, a ideologia é um processo psicossocial que faz com que os não-indígenas evitem questionar por qual razão eles continuam negando a existência dos indígenas do Nordeste, mesmo diante da presença dos mesmos. Essa mesma “falsa consciência” impede que se reconheça a variedade de etnias indígenas no Brasil e nossa dívida histórica para com os Povos Originários.

A “falsa consciência” não é “falsa” no sentido de se opor a uma consciência “verdadeira”, mas porque ela é mediada por relações ideológicas objetivas que encobrem as determinações da realidade e bloqueiam o acesso da consciência a outras formas de experienciar o mundo. Ela é um resultado, portanto, das consequências do poder colonial, que despojou os Povos Originários de suas identidades históricas e as racializou, implicando na desvalorização de suas culturas ao serem retratadas como inferiores (QUIJANO, 2005).

A colonialidade opera por meio da ideologia causando impacto na autocompreensão dos sujeitos sobre si mesmos - suas subjetividades - e também na maneira como são legitimados os processos culturais que validam a coexistência de diferentes povos. Se, num primeiro momento, os colonizadores encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade todos eles, posteriormente, acabaram sendo reduzidos à uma única categoria ideológica: “índios”<sup>3</sup> (QUIJANO, 2005, p.127).

Essa homogeneização promoverá o ocultamento das experiências concretas de cada etnia e fará com que diferentes povos, de todas as regiões do Brasil, sejam analisados, equivocadamente, dentro de um mesmo processo unilinear e a-histórico, perdendo de vista os diferentes desdobramentos que a colonialidade tem no Brasil. É o que Maldonado-Torres (2007) chama de colonialidade do ser, isto é, dentro da proposta que trazemos, é quando a dominação externa e objetiva é subjetivada e internalizada como dominação interna, enquanto expressão da ideologia em curso, refletida, também, na experiência vivida.

<sup>3</sup> É importante distinguir entre o termo “índio” e “indígena”, pois enquanto o primeiro opera como categoria homogeneizante e induzida pela ideologia colonial, o segundo termo resulta de uma luta por reconhecimento e da recuperação do protagonismo desses povos. Trata-se, portanto, de uma questão ética empregar o termo indígena em detrimento do termo “índio”, sendo necessário sempre contextualizar o uso dessas categorias - que não são nada neutras quando discutimos processos ideológicos e de reprodução do racismo.

Com isso, o que observamos nas atuais populações indígenas do Nordeste, em comparação com as etnias de outras regiões do Brasil, não é a “ausência de uma cultura”, mas o resultado do que os colonizadores reprimiram, desde como os indígenas produzem sentido em seus universos simbólicos, expressões até a forma como objetivam suas subjetividades (QUIJANO, 2005). A compreensão de Nhenety Kariri-Xokó é bastante elucidativa quanto a esse contexto, na aldeia de Porto Real do Colégio, em Alagoas:

Aqui o cocar foi trocado pelo chapéu; a tanga de palha pela calça de pano; o arco e flecha pela espingarda; o colar de dentes e sementes pelo de metal; a maloca coletiva pela casa privada para um só casal; a rede de dormir ou a esteira pela cama; a lasca de pedra pelo machado de ferro; a canoa pelo carro de boi, que depois veio a moto e o automóvel; o pilão, pelo moinho de cereais; o balaio de cipó pelo baú; o cavador de madeira pela enxada. O café foi incorporado e o mel das abelhas foi trocado pelo açúcar de cana (GERLIC, 2012, p.22).

O depoimento de Nhenety retrata a repressão que o europeu impôs aos indígenas de modo a interferir em seus padrões de produção de sentidos, nos universos simbólicos, nos padrões de expressão e objetivação da subjetividade, fazendo com que eles se assemelhem à cultura camponesa e iletrada (QUIJANO, 2005).

Entretanto, as recentes expressões subjetivas desses povos são reflexo do que eles estão fazendo nesse momento histórico, após terem suas identidades e relações sócio-comunitárias reconfiguradas pelo colonialismo (QUIJANO, 2005). A desestruturação de seus modos de vida, o ocultamento da origem étnica e o interesse de se apropriar de suas terras é o que está encoberto na ideia racista muito difundida de que, supostamente, “não existem índios no Nordeste”.

Em 2022, 13,2% do território nacional estava demarcado como terra indígena. Deste total, cerca de 98,6% está na Amazônia Legal, enquanto os demais 1,4% abrangem as regiões Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste. No mesmo ano, o CIMI relatou conflitos com latifundiários no território de retomada dos Pataxós, na Terra Indígena Barra Velha, Bahia (CIMI, 2022). Além disso, com frequência são publicadas reportagens sobre o assassinato de lideranças indígenas, como no caso de Edinaldo Atikum, em Pernambuco (BARROS e SOBREIRA, 2022) e também de Guajajaras no Maranhão e, novamente, com Pataxós da terra indígena Barra Velha, conforme noticiado no primeiro mês do ano de 2023.

De acordo com o último Censo do IBGE (2010), existem 311.232 indígenas no Nordeste brasileiro, sendo 208.691 residindo em aldeias e 102.541 em contexto urbano. Além disso, o Censo registrou que a maior parte da população indígena em contexto urbano vive no Nordeste (33,7%), sendo que entre as dez cidades mais populosas de indígenas, três (Pesqueira, Salvador e Marcação) ficam no Nordeste enquanto que regiões

como Norte, Centro-Oeste, Sul e Sudeste apresentam a proporção de 19,5%, 10,9%, 10,8% e 25,1% de indígenas, respectivamente. Com relação à proporção dos indígenas que vivem nas aldeias, o Norte (48,6%) é a região mais populosa, seguido do Nordeste (20,4%), Centro-Oeste (20,1%), Sul (8,1%) e Sudeste (3,7%).

Conforme os dados do IBGE de 2010 nos revelam, grande parte dos indígenas do Nordeste vivem, hoje em dia, em contexto urbano e isso traz uma outra reflexão importante para evidenciarmos as razões dessa invisibilidade: a de que os indígenas em contexto urbano são os que mais se distanciam do imaginário colonial construído acerca do indígena nu, que vive na aldeia, não fala português e que atribuído de “primitivo” pelo colonizador supostamente “civilizado”, não reproduziria nenhum elemento da cultura ocidental dada a sua condição inferior, conforme denunciada por Quijano (2005). Consequentemente, não seriam e nem costumam ser reconhecidos como indígenas nas cidades, justamente, por causarem essa ruptura com a racialização que a colonialidade do poder impôs.

A invisibilidade de indígenas em contexto urbano e, sobretudo, interseccionada com o marcador da região Nordeste, seria uma discussão para um outro artigo, dada a sua complexidade e extensão. O que nos importa, nesse momento, é que o/a leitor/a perceba que a negação da existência dos indígenas no Nordeste é um ocultamento ideológico da realidade, cuja violência, sob forma de genocídio e etnocídio, perdura como efeito da colonialidade do poder. Acerca da invisibilização da existência dos Povos Indígenas, Bia Pankararu (2020) afirma que:

Nosso apagamento na história da formação da identidade brasileira gera interpretações folclóricas sobre nós e nossa visão de mundo e de vida. Se eu parar em qualquer rua de qualquer cidade de Pernambuco e dizer que o Estado tem 17 territórios indígenas e mais alguns ainda em resistência, saibam, o espanto é real. Perdi as contas de quantas vezes, em Recife, precisei explicar que sim, em Pernambuco tem territórios demarcados, homologados e no meio da conversa ouvir “mas vocês não têm cara de índio não” ou “mas índio de verdade já não existe mais”. Como dialogar sobre povos e territórios indígenas enquanto habita no imaginário coletivo a imagem do indígena de 1500? (PANKARARU, 2020, s.p)

O racismo contra indígenas é um problema de toda a sociedade. Enquanto os não-indígenas reproduzirem práticas racistas, estarão vendados pela falsa consciência e tenderão ao fatalismo e à desumanização; os Povos Indígenas, por sua vez, enfrentam séculos de invisibilidade, silenciamento, etnocídio e tentativas de assimilação, gerando consequências tanto em sua capacidade de resistência em estado permanente, quanto problemas concretos que demandam respostas públicas sensíveis às especificidades das comunidades tradicionais. Por essa razão, o enfrentamento do racismo contra indígenas exige esforços contínuos de *desideologização*.

## 4 DESAFIOS PARA A DESIDEOLOGIZAÇÃO DO RACISMO NA PERSPECTIVA DA LIBERTAÇÃO EM PSICOLOGIA

Quais são as possibilidades que se apresentam para o enfrentamento do racismo contra os Povos Indígenas? Para tentarmos responder a essa pergunta devemos questionar, primeiramente, o que nós entendemos por humanidade, haja visto que o racismo desumaniza todos aqueles que são excluídos dela. De acordo com Krenak (2020):

Ao longo da história, os humanos, aliás, esse clube exclusivo da humanidade - que está na declaração universal dos direitos humanos e nos protocolos das instituições -, foram devastando tudo ao seu redor. É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão de fora dela são a sub-humanidade (KRENAK, 2020, p. 9-10).

Essa sub-humanidade a qual ele se refere são os “caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes” (KRENAK, 2020, p. 21). Os povos tradicionais, por terem uma relação ecossistêmica com a terra e contraporem o modelo de humanidade do Antropoceno, são vistos enquanto empecilhos ao “progresso” e ao “desenvolvimento”, devido ao seu modo de vida não acumulativista. Isso ocorre, também, em razão do nosso entendimento de desenvolvimento ser restrito à esfera econômica quando, na verdade, ele também é desenvolvimento humano, espiritual e social, conforme Baniwa (2005).

O que Krenak (2020) critica, em outras palavras, é a noção de humanidade criada pelos europeus, ou seja, uma noção que hierarquiza as sociedades em modernas ou atrasadas, onde os europeus imaginam a si mesmos como os mais avançados da espécie humana enquanto que o restante da espécie estaria pertencendo a uma categoria inferior e, por isso, relacionada ao passado da humanidade (QUIJANO, 2005). O problema não se trata, apenas, de os europeus terem pensado a humanidade dessa forma, mas no fato dessa perspectiva hegemônica ter sido tão difundida no novo universo subjetivo do padrão mundial de poder ao ponto de permanecer hegemônica ainda nos dias atuais (QUIJANO, 2005).

No âmbito de uma história marcada pelo colonialismo e pela colonialidade, as relações sociais estão sempre permeadas pela ideologia. De acordo com Martin-Baró (2017), a ideologia é um conjunto de pressupostos da vida cotidiana de cada grupo social que são essenciais para atender aos interesses do grupo dominante. Ela faz com que as pessoas reproduzam tais interesses alheios, através da ação ideológica, como se fossem suas próprias ideias, pois “toda influência social é, em maior ou menor grau, a materialização de forças e interesses das classes que constituem uma determinada formação social” (MARTIN-BARÓ, 2017, p. 69).

Segundo Baró (2017), é no cotidiano popular que a ideologia dominante reina, pois para que algo se torne senso comum em uma sociedade, as exigências objetivas são transformadas em exigências subjetivas por meio de hábitos, rotinas e papéis estereotipados bem como na naturalização e individualização daquilo que é histórico e social. Nesse sentido, abordar o racismo contra os Povos Indígenas, segundo a sua dimensão ideológica, consiste em compreender a quem serve a negação das existências dos indígenas do nordeste, ao deslegitimar seus lugares de fala, silenciando e invisibilizando-os em torno da naturalização de eventos históricos que o colonizador produziu para mantê-los marginalizados da sociedade.

Na perspectiva de Baró (2017), o racismo não é uma herança cultural do período colonial que mantém os indígenas em lugares de exclusão, mas a própria ideologia que os mantém em lugares marginalizados dentro da colonialidade do poder. A própria colonialidade não seria uma herança, mas a perpetuação de uma ideologia instaurada desde o colonialismo cujo problema da não satisfação das necessidades das populações indígenas está na forma como a estrutura social é ideologicamente imposta pelo grupo dominante e reproduzida pelas pessoas (MARTIN-BARÓ, 2017).

Diante do que a ideologia causa na vida das pessoas, Baró destaca que cabe à Psicologia Social a tarefa de contribuir para que a sociedade adquira meios de desideologizar a experiência cotidiana. Isso significa desenvolver formas de “desmascarar o ‘senso comum’ que justifica e viabiliza subjetivamente a opressão dos povos” (MARTIN-BARÓ, 2017, p. 62).

Para Grubits e Silva (2006), a Psicologia, enquanto ciência e profissão, pode contribuir com as outras ciências e com os Povos Indígenas para trazer, conforme o compromisso ético-político de psicólogas e psicólogos, novas vozes e perspectivas acerca da questão indígena. Como propõem Guimarães e colaboradores (2016), nosso intuito *não é dar voz* aos indígenas, porque eles sempre manifestaram suas vozes de forma autônoma; o que podemos fazer é *escutá-los* e *construir parcerias* necessárias para fazerem outros trabalhos conjuntos a partir dessa escuta (GUIMARÃES et al., 2016).

Precisamos fomentar encontros que oportunizem esse contato entre a Psicologia e os Povos Indígenas com a sociedade não-indígena para que se possa desmascarar essa ideologia racista que insiste em mantê-los numa estrutura social que os subalterniza. Isso pode ocorrer em diversas frentes, seja através de rodas de conversa, oficinas, seminários, fóruns, colóquios etc. ou por meio de outras modalidades de encontros não formais, em que se possa imergir na realidade das próprias etnias – sob anuência das lideranças e comunidades –, de modo a obter um aprendizado oriundo da experiência, como, por

exemplo, acompanhando as reuniões dos movimentos indígenas locais, as mobilizações nacionais como o Acampamento Terra Livre, a realidade concreta dos que vivem nas aldeias, dos que vivem nas periferias urbanas, entre outras possibilidades.

Ademais, quando tratamos da temática racial, não podemos abordar somente de quem sofre o racismo, seja ele indígena, negro ou de outro grupo étnico. É preciso não apenas falarmos do branco opressor, como incluí-lo nas intervenções. Se essas intervenções se restringem ao indígena e ao negro, estaremos, de um jeito ou de outro, atuando de uma forma culpabilizante, psicologizante desse racismo e perdemos de vista o seu caráter relacional, ou seja, a partir de quem ele parte e para quem ele se dirige.

Toda manifestação de racismo deve ser coibida, assim como deve haver uma adequada compreensão dos processos históricos envolvidos, de modo a proporcionar a reflexão crítica e a instrumentalizar um letramento racial para que o cotidiano seja efetivamente desnaturalizado e desideologizado.

Com isso, as intervenções no combate ao racismo podem ter os grupos opressores e suas práticas enquanto alvos a serem publicamente discutidos e revisados, de modo a promover a consciência crítica da sociedade sobre nossa própria desumanização sempre que somos coniventes com quaisquer práticas racistas. Trata-se de tornar evidente, na esfera pública como um todo, os efeitos perniciosos do racismo e os meios que temos para coibi-lo, de modo que, por meio de intervenções sistemáticas e persistentes, consigamos atingir um número crescente de indivíduos aliados em torno da desideologização do racismo.

Para que sejam efetivas, essas intervenções devem ser elaboradas juntamente com os grupos marginalizados, pois são os que melhor conseguem identificar as características da opressão que sofrem, bem como potencialmente enfrentá-la, indicando a forma respeitosa como desejam ser tratados e, assim, proporcionando um avanço em termos de aprendizado social.

Conscientização, segundo Martin-Baró (1996, p. 18), significa promover uma “consciência crítica sobre as raízes, objetivas e subjetivas, da alienação social” para desvelar todo um véu de justificativas e racionalizações que sustentam, ideologicamente, o racismo. Em contextos específicos, como o racismo praticado contra os Povos Originários do Nordeste brasileiro, esse processo de conscientização precisa ser acompanhado da recuperação da memória histórica de cada povo e da região como um todo, além de pressupor uma valorização das potencialidades e da capacidade de luta e resistência dos povos oprimidos.

Nesse sentido, consideramos que a Psicologia pode contribuir para o enfrentamento do racismo desde que assuma um compromisso ético-político explícito



para com os Povos Indígenas e suas lutas, isto é, que desenvolva uma ação psicossocial compactuada com as etnias. Nesse sentido, esse compromisso ético-político exige que a Psicologia tome posição acerca da questão indígena, mantendo-se atenta aos seus limites e possibilidades enquanto ciência e profissão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito, neste artigo, foi contribuir para o desvelamento das condições que sustentam o racismo praticado contra os povos indígenas do Nordeste, a partir de uma perspectiva histórica, libertadora e decolonial. Para isso, trouxemos alguns fenômenos históricos - Diretórios Pombalinos, Lei de Terras e cabocização - que por estarem naturalizados e subjetivados no discurso dos não-indígenas, continuam invisibilizando e silenciando as etnias por meio de expressões como “não existem índios no nordeste” que os indígenas do Nordeste não tem “cara de índio”, nem são “índios de verdade” e atos discriminatórios no plano concreto das relações.

Essas expressões se tornam discriminatórias, na medida em que muitas etnias do Nordeste são deslegitimadas ao falarem de si, pois acabam tendo de lidar, quase sempre, com um não-indígena questionando as suas identidades étnicas. Isso, por sua vez, ofusca as suas reivindicações dentro e fora dos seus territórios, impede que sejam contemplados por políticas públicas que considerem as suas especificidades culturais, nega os seus direitos de cidadania e os mata, de forma etnocida e violenta, através dessa ideologia.

Ao identificar, historicamente, alguns dos fatores que oprimem e desumanizam as etnias do Nordeste, é possível intervir nessa falsa consciência perpetuada ideologicamente pelos não-indígenas. A falsa consciência é compreendida aqui como uma forma distorcida, pela colonialidade, de enxergar e se relacionar com os Povos Indígenas. É falsa por não corresponder à realidade concreta de como as etnias se reconhecem, mas de como o colonizador quer que as enxerguemos. A conscientização, nesse sentido, trata-se de “intervir nos processos subjetivos que sustentam e viabilizam essas estruturas injustas” (BARÓ, 1998, p.22).

Algumas formas de intervenção foram descritas no decorrer do próprio artigo e elas se referem, principalmente, aos não-indígenas embora reconheçamos que é importante que a Psicologia intervenha de forma colaborativa com os indígenas em todas as etapas desse processo, pois eles sabem como querem ser tratados, vistos e possuem experiências de luta anteriores à própria Psicologia se pronunciar a respeito.

Todavia, deixamos claro que a discussão proposta neste artigo é, apenas, introdutória, no sentido de instigar a imaginação teórico-crítica e o desenvolvimento de

novas pesquisas e intervenções. Recomendamos que o/a leitor/a possa aprofundar e, se for necessário, retificar as linhas gerais da discussão trazida, sobretudo a partir do trabalho de campo com as etnias, consideradas como sujeitos do conhecimento que analisam as suas próprias realidades, juntamente com Psicólogos/as, tendo em vista a valorização dos saberes locais para os instrumentos e parâmetros acordados em diálogo interepistêmico.

Sabemos que essa é uma discussão que não se aprofunda, nem se esgota por aqui. Mas, esperamos, de alguma forma, ter prestado alguma contribuição inicial para esses debates do ponto de vista da Psicologia e reafirmar o compromisso da mesma com os Povos Originários.

## REFERÊNCIAS

520 anos depois, Piauí tem seu 1º território indígena reconhecido. **Nova Cartografia Social da Amazônia**, 2022. Disponível em: < <http://novacartografiasocial.com.br/520-anos-depois-piaui-tem-seu-1o-territorio-indigena-reconhecido/>> Acesso em 1 de Agosto de 2022.

ALEIXO, Isabella. Publicações que questionam identidade do cacique Marcos Xukuru são falsas. **UOL**, São Paulo, 1 de julho de 2022. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2022/07/01/publicacoes-que-questionam-identidade-do-cacique-marcos-xukuru-sao-falsas.htm>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

ARRUTI, José Maurício. Da memória cabocla à História Indígena: conflito, mediação e reconhecimento (Xocó, Porto da Folha/SE). In: SOIHET, ALMEIDA, AZEVEDO E CONTIJO (orgs.). **Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia**. Civilização Brasileira, p.249-270, 2009.

AZANHA, Gilberto. A Lei de Terras de 1850 e as terras dos índios. **Brasília, Centro de Trabalho Indigenista**, 2001. Disponível em: < <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto52/FO-CX-52-3368-2004.PDF>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

BANIWA, G. J. dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Continuada/Alfabetização e Diversidade, 2006. (Série Vias dos Saberes; 1). Disponível em: <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio\\_brasileiro.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf)> Acesso em 1 de Agosto de 2022.

BARÓ, I. M. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, 3(1), 1996, p. 7-27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>> Acesso em 3 de agosto de 2022.

BARROS, Maria Lígia; SOBREIRA, Vinícius. PM assassinou idoso indígena no Sertão de Pernambuco, denuncia comunidade. **Brasil de Fato**, Recife, 17 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/06/17/pm-assassinou-idoso-indigena-no-sertao-de-pernambuco-denuncia-comunidade>> Acesso em 3 de agosto de 2022.

BRASIL. Decreto nº 1.139, de 06/04/1853. Extingue a Diretoria geral dos Índios em Sergipe. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília/DF, 6 abr. 1991. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1139-6-abril-1853-558861-publicacaooriginal-80530-pe.html>> Acesso em 10 de junho de 2022.

BRASIL. **Decreto nº 401 de 24 de dezembro de 1991**. Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, no Estado de Sergipe, 1991. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm). Acesso em 30 de abril de 2022.

BRASIL. **Trabalho social com famílias indígenas na proteção social básica**. – Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2017. Disponível em: <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/cartilhas/OrientacoesTécnicas\\_TrabalhoSocialcomFamíliasIndigenas.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/cartilhas/OrientacoesTécnicas_TrabalhoSocialcomFamíliasIndigenas.pdf)> Acesso em 2 de outubro de 2022.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Política indigenista no século XIX. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. (org.). **História dos índios no Brasil**. 2.ed. São Paulo, 1998, p.133-154. Disponível em: <[etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hist%3Ap133-154/p133-154\\_Cunha\\_Politica\\_indigenista\\_seculo\\_XIX.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hist%3Ap133-154/p133-154_Cunha_Politica_indigenista_seculo_XIX.pdf)> Acesso em 1 de Agosto de 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos indígenas. Brasília, DF: Autor, 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA (CRP). **Caderno de psicologia e relações étnico-raciais: diálogos sobre o sofrimento psíquico causado pelo racismo**. In: MÄDER (org.) – Curitiba: CRP-PR, 2016.

COSTA, J. F. A. Fazer para Transformar: a Psicologia Política das Comunidades de Maritza Montero. **Revista de Psicologia Política**, v. 15, p. 269-283, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v15n33/v15n33a03.pdf>> Acesso em 3 de agosto de 2021.

FERNANDES, Saulo Luders; GONÇALVES, Bruno Simões. Psicologia, Povos Tradicionais e Perspectivas De(s)coloniais: Caminho para Outra Psicologia. **Psicologia: Ciência & Profissão**. Vol. 42, Núm. Esp., e263863, pp. 1-14, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003263863/>>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

FERRAZ, ISABELLA TORMENA; DOMINGUES, ELIANE. **A Psicologia Brasileira e os Povos Indígenas**: Atualização do Estado da Arte. *Psicologia: Ciência e Profissão (Online)*, v. 36, p. 682-695, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703001622014>> Acesso em 1 de Agosto de 2022.

GERLIC, Sebastián (Org.). **Memória**: índios na visão de índios. Ed. ONG Thydêwá. 17ª Coleção, 2012. Disponível em <<http://www.thydewa.org/wp-content/uploads/2012/07/memoria.pdf>> Acesso em 3 de agosto de 2022.

GOMES, Flávio S. e SCHWARCZ, Lília M. Indígenas e Africanos. In: GOMES, Flávio S. e SCHWARCZ, Lília M. **Dicionário da escravidão e liberdade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 274-282. Disponível em: <[https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/SCHWARCZ\\_-GOMES-2018.-Dicion%3%A1rio-da-escravid%C3%A3o-e-liberdade.pdf](https://contrapoder.net/wp-content/uploads/2020/04/SCHWARCZ_-GOMES-2018.-Dicion%3%A1rio-da-escravid%C3%A3o-e-liberdade.pdf)> Acesso em 2 de outubro de 2022.

GRUBITS, Sonia e SILVA, Máira Pedroso Corrêa da. Reflexões éticas em pesquisas com populações indígenas. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, p. 46-57, 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100005>> Acesso em 3 de agosto de 2022.

GUERRA, Jussara Galhardo Aguirres. Construindo outra história: do silêncio às múltiplas vozes indígenas no Rio Grande do Norte. **ANPUH-XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza**, 2009. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0059.pdf>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

GUIMARÃES, Danilo et al. Considerações sobre o trabalho com comunidades indígenas a partir do serviço “Rede de Atenção à Pessoa Indígena”. In: TEIXEIRA, Lumena C. (org.). **Povos Indígenas e Psicologia: a procura do bem viver**. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP): 2016. p. 189-198. Disponível em: <[https://www.crsp.org/uploads/impreso/110/RLAg\\_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf](https://www.crsp.org/uploads/impreso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf)> Acesso em 3 de agosto de 2022.

GUIMARÃES, Danilo Silva. A tarefa histórica da Psicologia Indígena diante dos 60 anos da Regulamentação da Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência & Profissão**. Vol. 42, Núm. Esp., e263587, pp. 1-14, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003263587/>>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

ÍNDIOS e missionários no sertão sergipano. Direção: Edson Júnior/ Renato Mariano, Produção: Daniela Sampaio. Aracaju: Unit/EaD, 2012, 1 DVD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OR3e4BxZeoY&t=2s>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

KRENAK, A. A humanidade que pensamos ser. In: CARELLI, R. (org.). **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 55-72.

KRENAK, A. Não se come dinheiro. In: CARELLI, R. (org.). **A vida não é útil**. 1ª ed - São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 7-29.

MAIS de 98% das terras indígenas ficam na Amazônia Legal. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 6 de junho de 2013. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/noticias/520747-mais-de-98-das-terras-indigenas-ficam-na-amazonia-legal>> Acesso em 3 de agosto de 2022.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, p. 127-167, 2007. Disponível em: < <http://www.w.decolonialtranslation.com/espanol/maldonado-colonialidad-del-ser.pdf>> Acesso em 2 de agosto de 2022.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na Psicologia**: Estudos psicossociais. Organização, notas e tradução de Fernando Lacerda Júnior. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MEDEIROS, Ricardo Pinto de. Política indigenista do período pombalino e seus reflexos nas capitâneas do norte da América portuguesa. **A presença indígena no Nordeste: processos de territorialização, modos de reconhecimento e regimes de memória**. Rio de Janeiro: Contra Capa, p. 115-144, 2011. Disponível em: < [http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/ricardo\\_pinto\\_medeiros.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/ricardo_pinto_medeiros.pdf)> Acesso em 2 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Roberta Caiado. Do sesmarialismo à Lei de Terras: A negação dos direitos territoriais indígenas. **Emblemas**, v. 16, n. 1, 2019. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/emblemas/article/view/56590/34091>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, Valéria M.S. **Memória/identidade Xokó**: práticas educativas e reinvenção das tradições. 2018. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Tiradentes, 2018.

PANKARARU, Bia. 522 anos de resistência indígena no Nordeste e não queremos o seu ‘parabéns’. Boletim Combate ao Racismo Ambiental, 2 de outubro de 2022. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2022/08/11/522-anos-de-resistencia-indigena-no-nordeste-e-nao-queremos-o-seu-parabens/>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

PEIXOTO, Kércia PF. Racismo contra indígenas: reconhecer é combater. **Anthropólicas**, v. 21, n. 28, p. 27-56, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/viewFile/25363/28917>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

PIAUI é o único estado brasileiro que ainda não vacinou indígenas contra a Covid-19. **O Corre é Diário**, Piauí, 3 de mar. De 2021. Disponível em < <https://ocorrediariorio.com/piaui-e-o-unico-de-estado-brasileiro-que-ainda-nao-vacinou-indigenas-contra-a-covid-19/>> Acesso em 2 de agosto de 2022.

POVO Pataxó retoma territórios tradicionais fazendeiros no extremo sul da Bahia. **Conselho Indigenista Missionário (CIMI)**, Brasília, 28 de junho de 2022. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2022/06/povo-pataxo-retoma-territorios-tradicionais-no-extremo-sul-da-bahia/>> Acesso em 3 de agosto de 2022.

POVOS indígenas sem terra demarcada e em contexto urbano do Maranhão denunciam seguir excluídos da vacinação prioritária. **Conselho Indigenista Missionário (CIMI)**, Brasília, 2 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://cimi.org.br/2021/05/povos-indigenas-sem-terra-demarcada-e-em-contexto-urbano-do-maranhao-denunciam-seguir-excluidos-da-vacinacao-prioritaria/>> Acesso em 2 de agosto de 2022.

QUÍJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino americanas**. Buenos Aires, Argentina. CLACSO: 2005, p.107-130. Disponível em:<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod\\_resource/content/1/colonialidade\\_do\\_saber\\_eurocentrismo\\_ciencias\\_sociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf)> Acesso em 23 de maio de 2022.

RUDNITZKI, Ethel. Posts com discursos contra indígenas viralizam após velório de Bruno Pereira. **Terra**, 2022. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/nos/posts-com-discursos-contra-indigenas-viralizam-apos-velorio-de-bruno-pereira,2d7460b86239ad859884199851a5343e6f1rswar.html#>> Acesso em 1 de Agosto de 2022.

SANTOS JUNIOR, A. A. **A conflitualidade para além da regularização territorial**: a propósito das múltiplas determinações das políticas públicas na Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, em Sergipe. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016. (Tese de Doutorado em Geociências). Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20629?mode=full>> Acesso em 1 de Agosto de 2022.

SANTOS JUNIOR, A. A. Terra Xokó: uma história de luta. **Revista TOMO**, 10 out. 2003. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tomo/article/view/5236>> Acesso em 5 de fevereiro de 2023.

SILVA, E. Índios no Semiárido nordestino: (re) conhecendo sociodiversidades. **Clio Revista de Pesquisa Histórica**. V. n.35, p.254-272, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24540>> Acesso em 1 de Agosto de 2022.

SILVA, Edson. Índios no semiárido nordestino:(re) conhecendo sociodiversidades. **CLIO: Revista Pesquisa Histórica**, v. 35, n. 1, p. 254-272, 2017. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7186261.pdf>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

SILVA, Edson. Povos indígenas no Nordeste: contribuição à reflexão histórica sobre o processo de emergência étnica. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 4, n. 07, 2003. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/download/163/153/0>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

SOUZA, Jucimara Araujo Cavalcante. **“Nascer como uma algaroba e crescer como um juazeiro”** - os Xokó da ilha de São Pedro. 2016. 90 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016. Disponível em: < <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/10470>> Acesso em 2 de outubro de 2022.

VIEIRA, Alexandre G. Historicidade, narrativas e imaginário: possibilidades e problematizações a partir do léxico “caboco”. In: **30° Simpósio Nacional de História: História e o futuro da educação no Brasil**, 2019, Recife-PE. Anais do 30° Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil., 2019. Disponível em: <[https://www.snh2019.anpuh.org/recursos/anais/8/1565278587\\_ARQUIVO\\_artigo-anpuh-Alexandre-Vieira.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/recursos/anais/8/1565278587_ARQUIVO_artigo-anpuh-Alexandre-Vieira.pdf)> Acesso em 2 de outubro de 2022.

# CAPÍTULO 10

## ENSAIO SOBRE O ESGOTAMENTO: CORPOS MELANCÓLICOS E NEOLIBERALISMO

Data de submissão: 23/09/2023

Data de aceite: 10/10/2023

Laila Algaves Nuñez

Faculdade de Ciências Sociais e  
Humanas da  
Universidade Nova de Lisboa  
Lisboa

<https://orcid.org/0000-0001-7048-3907>

**RESUMO:** Uma pesquisa pela palavra “cansaço”, no Google, nos leva a duas questões frequentemente perguntadas: *por que me sinto sempre cansado?* e *o quanto de cansaço é normal?* A percepção de um estado generalizado de esgotamento é tanto sentida nos corpos ocidentalizados quanto tema de interesse acadêmico crescente nos últimos anos – Deleuze, Pál Pelbert, Byung-Chul Han são alguns dos autores que, de

forma mais ou menos direta, abordam o assunto. Nesse sentido, tentaremos sugerir algumas respostas às duas inquietações aqui mencionadas, partindo-se da hipótese de que o corpo é, por excelência, o *locus* da produção, do diagnóstico e de uma possível transmutação de um modo de viver avaliado como inerte, exaurido e melancólico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esgotamento. Cansaço. Melancolia. Corpo. Capitalismo neoliberal.

### ESSAY ON TIREDNESS: MELANCHOLIC BODIES AND CONTEMPORANEITY

**ABSTRACT:** A quick search for the word “tiredness”, on Google, leads us to two frequently asked questions: *why do I always feel tired?* and *how can I know if my fatigue is normal?* The perception of a generalised state of exhaustion is both felt in Westernised bodies and the subject of growing academic interest in recent years – Deleuze, Pál Pelbert, Byung-Chul Han are some of the authors who, in a more or less direct way, address the subject. In this sense, this article tries to suggest some answers to the two concerns mentioned here, starting from the hypothesis that the body is, par excellence, the locus of production, diagnosis and a possible transmutation of a way of living assessed as inert, exhausted and melancholic.

**KEYWORDS:** Exhaustion. Tiredness. Melancholy. Body. Neoliberal capitalism.

*Ficar sentado o menor tempo possível; não dar crença ao pensamento não nascido ao ar livre, de movimentos livres — no qual também os músculos não festejem. Todos os preconceitos vêm das vísceras. — A vida sedentária (Sitzfleisch) — já o disse antes — eis o verdadeiro pecado contra o santo espírito.*

Friedrich Nietzsche

## 1 INTRODUÇÃO

Dizer que a história do sistema capitalista é acompanhada de um processo de aceleração do mundo parece ser uma constatação consensual e quase óbvia. Ao longo de todas as suas fases, que se acumulam mais do que se excluem – um capitalismo industrial, financeiro, informacional, de vigilância, globalizado e neoliberal –, a representação imagética e teórica que impera é aquela da *velocidade*. Multidões que se esbarram e se espalham por todas as direções em alguma grande avenida estadunidense, olhos nervosos que assistem à descida e subida dos números nas bolsas de valores ao redor do globo, incontáveis aviões que povoam o céu e deslocam-se às mais remotas cidades a 900 quilômetros por hora.

De fato, o projeto econômico que suscita tal imaginário é o da atividade e circulação ininterruptas do capital, um sistema cujo desempenho ideal depende da produtividade 24/7 e que, “no seu paradigma conexcionista, (...) estar sempre a fazer alguma coisa, a mexer, a mudar (...) [é o] que tem prestígio, por oposição à estabilidade, muitas vezes sinônima de inação” (Boltanski e Chiapello apud Crary, 2018, p. 23). No entanto, a hipótese do presente ensaio é a de que a fantasia da agilidade, da prontidão e do movimento encoberta um modo de viver, hoje, diametralmente contrário. Não à toa, nos últimos anos, começa-se a definir o homem como “insuficiente” (cf. Erhenberg, 2010), portador de um “corpo esgotado” (cf. Deleuze, 2010 e Pelbart, 2013), um corpo “que não aguenta mais” (cf. Lapoujade, 2002) e que pressupõe uma “sociedade do cansaço” (cf. Han, 2017).

Enquanto promove e encoraja a aceleração, a somatopolítica neoliberal é causa e efeito de um corpo cada vez mais paralisado e sentado, postura em que operamos as inúmeras máquinas industriais e digitais nos atuais padrões de produção-consumo. Etimologicamente, *sentar* e *sedar* derivam da mesma palavra-mãe latina *sedere*, revela-nos Baitello Junior (2017, p. 21). Em seu livro “O Pensamento Sentado” – fonte de importantes ideias para esta pesquisa –, o autor salta por entre curtos capítulos enquanto traça uma breve genealogia da mobilidade humana, associando-a, também, à atividade do *pensar*:

Com a postura sentada pretende-se acalmar o animal inquieto e criativo, um verdadeiro vulcão pronto para entrar em erupção a qualquer momento. (...) Parece que tudo no mundo moderno (...) gira em torno de uma cadeira, um

O diagnóstico de um estado generalizado de esgotamento – sintomático de um tempo homogêneo e de um corpo apático, que perdeu sua capacidade de reação e de ação – leva-nos a elaborar, ainda, a ideia de que a experiência tão antiga como íntima da melancolia se torna, na moral capitalista e neoliberal, um dos eixos fundamentais de sustentação do poder. Nesse sentido, as figurações da melancolia – tais como a tristeza, a paralisia do tempo, a anestesia e a hipocondria (Moreira, 2018, p. 315) – podem ser atualizadas para nossas condições sócio-históricas específicas, ao mesmo tempo em que assinalam uma (talvez surpreendente) unidade do *typus melancholicus*.

Este recorte temático, no entanto, privilegiará, sempre que possível, uma observação do corpo. Corpo este tomado como entidade imediatamente expressiva, cujos “membros, a cara, a pele, a voz ‘esquematizam’ o sentido dos afectos e pensamentos que (...) se inscrevem no interior” da mesma forma que constituem, eles mesmos, superfície de inscrição e comunicação entre o espaço interno e o espaço exterior objetivo (Gil, 1997, p. 180). Logo, o corpo, conceito que tão habilmente se esquia de definições precisas e seguras, é aqui considerado o *locus* primordial da produção, do diagnóstico e de uma possível transmutação do estado melancólico, inerte e exaurido que acomete os sujeitos contemporâneos.

O texto será dividido em três seções, que organizam as hipóteses apresentadas acima em torno de três perguntas: (1) *por que me sinto sempre cansado?*, questão que já acumula 1.490.000.000 de resultados de busca no Google<sup>1</sup>; (2) *por que ainda a melancolia?*, título de um inspirador artigo publicado há apenas três anos acerca das atuais implicações e potencialidades políticas da melancolia (Moreira, 2018); e (3) *o quanto de cansaço é normal?*, inquietação também frequentemente dirigida ao Google e recomendada automaticamente ao se digitar o termo “cansaço” em inglês (*tiredness*). Assim, traçamos um percurso entre (1) o reconhecimento de uma conformação sensorial que obedece à lógica da automação e precarização neoliberal, investindo em um corpo sedentário, esgotado e indissociável do circuito conforto-productividade-consumo; (2) a aproximação desta condição corporal, social e política à experiência da melancolia, através da análise de suas representações tradicionais e de seus modelos clínico-psicanalíticos; para chegarmos, enfim, à (3) insinuação de humildes propostas para caminhos possíveis de revitalização do corpo – com a devida cautela para não perdermos de vista que “a verdadeira doença não é estar doente, mas, na cura, possuir remédios que pertencem ainda à doença” (Lapoujade, 2002, p. 85).

<sup>1</sup> Número referente à pesquisa pela pergunta, em inglês, *why do I feel so tired all the time?*, no dia 14 de abril de 2021.



## I. POR QUE ME SINTO SEMPRE CANSADO?: A NEGOCIAÇÃO DA VITALIDADE

Em pesquisa realizada em 2015 pela *American Heart Association*, constatou-se que apenas 20% da força de trabalho estadunidense, naquele ano, correspondia a atividades fisicamente ativas. Enquanto isso, observou-se um aumento de 83% no número de trabalhos sedentários desde 1950<sup>2</sup>. Dados como estes colocam-nos diante de um aparente absurdo, uma pergunta que comumente nos assalta: como posso estar cansado se, durante o dia inteiro, estive, em rigor, sempre *sentado*? A questão que motiva este capítulo mascara, na verdade, uma pergunta primordial: estou cansado *de quê*?

A predominância de um certo modo de trabalho imaterial – tendência ampliada e acelerada, ainda, pelas imposições de distanciamento social pela pandemia do Covid-19 – solicita do trabalhador “não seus músculos nem sua força física, mas sua inteligência, sua força mental, sua imaginação” (Pelbart, 2011, p. 147). Sentados e imóveis durante a maior parte de nossos dias, resta-nos o horizonte distante, enquadrado e virtual. A promessa de felicidade está nos ecrãs, nas janelas sintéticas que oferecem um mundo ora histórico, ora sedativo e, muitas vezes, ambos simultaneamente. As imagens a que assistimos e as (pseudo)atividades que realizamos – que não mais se distinguem entre aquelas que são próprias do tempo de labor e aquelas que são próprias do tempo de lazer – pretendem que não nos despertemos do “estado pré-comatoso em que colocamos nossos corpos nos depósitos de corpos, as cadeiras, sofás, bancos, assentos e poltronas” (Baitello Junior, 2017, p. 52). Capturados como que por uma “rede metálica”, “o livre jogo dos (...) [nossos] gestos” (Kleist, 2009, p. 141) cede à atrofia total, à espera de paralisias excitadas e tensões paralisantes. De mãos dadas com a utopia tecnológica, o capitalismo neoliberal negocia, então, a ingestão de seus principais produtos:

a serotonina, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, os antibióticos, o estradiol, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo aquele complexo material-virtual que pode ajudar na produção de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, de onipotência, de controle total (Preciado apud Pelbart, 2013, p. 127).

Em outras palavras, “o que está em jogo é uma forma de vida depauperada, uma economia dos afetos sobre a qual repousa toda a economia dos bens de consumo” (Citton apud Pelbart, 2013, p. 29). Se, na sociedade disciplinar descrita por Foucault (2013), a sujeição dos corpos se efetua através da repressão ou da ideologia, a sociedade contemporânea – da transparência, da positividade e do cansaço (cf. Han,

<sup>2</sup> Disponível em <[https://atgprod.heart.org/HEARTORG/HealthyLiving/PhysicalActivity/FitnessBasics/The-Price-of-Inactivity\\_UCM\\_307974\\_Article.jsp](https://atgprod.heart.org/HEARTORG/HealthyLiving/PhysicalActivity/FitnessBasics/The-Price-of-Inactivity_UCM_307974_Article.jsp)>. Acedido em: 15 abr. 2021.

2017) – emprega técnicas de modelização e modulação que incidem exatamente sobre o “*espírito da vida e da atividade humana*”. Ela assume o controle dos seres humanos ‘por dentro’ (...) e ‘por fora’ (...), ao atribuir a eles certos modos de percepção e sensibilidade (...)” (Lazzarato, 2014, p. 38, grifos nossos). Em vez de – ou melhor, além de – um corpo dócil, mais vale, hoje, a produção de um corpo carente, distraído, sedentário; em suma, um corpo abandonado, “analfabeto das emoções das quais recolhe ecos difratados” (Citton apud Pelbart, 2013, p. 29) e enfraquecido de sua potência vital.

É curioso que, em busca por dados relativos ao sedentarismo global, encontremos, ao lado de uma série de prognósticos e estatísticas médicas do tipo “6% das mortes no mundo estão vinculadas à inatividade física”, uma lista de artigos comerciais relacionados à cadeiras ergonômicas (Figura 1). A cadeira, durante muitos séculos reservada aos poucos que detinham poder e luxo, é introduzida no chão de fábrica e popularizada somente a partir da Revolução Industrial. Hoje, não é exagero dizer que todas as nossas atividades cotidianas se organizam em torno de assentos, que devem ser cada vez mais confortáveis. O objetivo é que *sentemos* de modo que não *sintamos* o corpo.

Figura 1 – captura de ecrã do sítio <<http://ergonomictrends.com/sedentary-lifestyle-sitting-statistics/>>, acessado em 17 abr. 2021.

## 4. 6% of Deaths Globally are linked to Physical Inactivity

So what are the risks of sitting for too long and living a sedentary lifestyle? Well, you have nothing but a dramatic increase in risk of developing chronic conditions and even death to look forward to.

According to the WHO (World Health Organization), physical inactivity is the **fourth leading risk factor for global mortality**. It accounts for:

- 6% of deaths globally
- 22% of heart disease
- 22% of colon cancer
- 12% diabetes and hypertension

### RELATED POSTS TO CHECK OUT

The Best Ergonomic Desk & Chair Sets for Kids [2021 Edition]

9 Most Comfortable Office Chairs in 2021

8 Best Armless Office Chairs in 2021 to Consider

The 5 Best Ergonomic Foot Rests for Under the Desk in 2021



Historicamente, o desenvolvimento dos nossos glúteos esteve diretamente relacionado à manutenção da postura ereta (Montagu apud Baitello Junior, 2012, p. 21). De fortes músculos e alavancas poderosas para o correr, fugir e saltar, transformaram-se, bastante abruptamente, em pequenas almofadas para descanso e quietude. A esta altura do ensaio, pode parecer estranha a atenção que concedemos ao sentar. No entanto, é importante notar de que maneira o sedentarismo compulsório que perfaz os modos de viver capitalistas e ocidentalizados é *fonte e indício de sofrimento*, hipótese

que será também explorada no capítulo seguinte. O *homo sedens* é a imagem precisa do “cansaço de fazer e de poder. A lamúria do indivíduo depressivo de que *nada é possível* só se torna possível numa sociedade que crê que *nada é impossível*” (Han, 2017, p. 16).

Somos como personagens de Beckett, para os quais já é difícil andar de bicicleta, depois, difícil de andar, depois, difícil de simplesmente se arrastar (...). Mesmo nas situações cada vez mais elementares, que exigem cada vez menos esforço, o corpo não aguenta mais. Tudo se passa como se ele não pudesse mais agir, não pudesse mais responder ao ato da forma, como se o agente não tivesse mais controle sobre ele. Os corpos não se formam mais, mas cedem progressivamente a toda sorte de deformações. Eles não conseguem mais ficar em pé nem ser atléticos. Eles serpenteiam, se arrastam. Eles gritam, gemem, se agitam em todas as direções, mas não são mais agidos por atos ou formas. É como se tocássemos a *própria definição do corpo*: o corpo é aquele que não aguenta mais, *aquele que não se ergue mais* (Lapoujade, 2002, p. 82, grifos nossos).

É claro que, enquanto a *crise* for a modalidade que define a (não) gestão neoliberal, o *esgotamento* será a modalidade que define seus corpos. Como prognostica Lazzarato, a “governamentalidade liberal se exerce passando da crise econômica para a crise climática, para a crise demográfica, para a crise energética, para a crise alimentar etc. Mudando de nome, troca-se apenas de medo” (2017, p. 11). Os 1.490.000.000 resultados à pergunta *por que me sinto sempre cansado?* podem então ser objetivamente resumidos em uma frase: porque o corpo não aguenta mais “tudo (...) que o coage, por fora e por dentro” (Pelbart, 2011, p. 44). E não esqueçamos da potente afirmação de Judith Butler (2017, p, 146): “A melancolia é uma rebelião que foi derrubada, esmagada”.

## II. POR QUE AINDA A MELANCOLIA?: A PRODUÇÃO DE CORPOS MELANCÓLICOS COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA

Ilda Teresa de Castro (2011), em seu ensaio “Alienação civilizacional, arte e melancolia”, põe em suspeita o fenômeno que, em pesquisas anteriores, havia concluído se tratar de uma “melancolia civilizacional”. Em sua mais recente publicação sobre o tema, corrige-se ao propor a inviabilidade de uma experiência verdadeiramente melancólica, em que o sujeito tomaria consciência de si próprio, em nossos tempos. O capitalismo neoliberal teria de tal forma nos confinado neste ciclo mercadológico e acelerado da produtividade-consumo que nem sequer restaria espaço ou tempo para a emergência da melancolia. No presente trabalho, porém, regressaremos à hipótese de que não apenas a melancolia persiste enquanto modo de viver contemporâneo, como, ainda, é um efeito necessário à sustentação das formas neoliberais de regulação de poder (cf. Moreira, 2018; Safatle, 2016; Pedrossian, 2008).

Começamos, então, pela definição psicanalítica da melancolia como proposta por Freud em seus ensaios de metapsicologia. Segundo ele, o melancólico é aquele que, como o sujeito em trabalho de luto, perdeu um objeto de amor. No entanto, contrariamente ao luto, o melancólico não sabe, precisamente, *o que* perdeu – e não consegue, portanto, elaborar a sua perda. O desejo livre, em vez de deslocar-se para outro objeto, retira-se para o ego e lá, contudo, não encontra “uso qualquer”, acabando por produzir “uma identificação do ego com o objeto abandonado” (Freud, 2013, p. 34). “No luto, o mundo se torna vazio e empobrecido; na melancolia, é o próprio eu (ego) que é atingido, ferido, dilacerado” (Peres, 2013, p. 60).

O efeito da melancolia, então, parece ser a perda do mundo social a partir da internalização de um profundo sentimento de abandono, de ausência. Nesse sentido, perguntamo-nos: não estaria esta descrição bastante próxima da construção neoliberal de um indivíduo “autônomo” (desamparado), que incorpora a culpa pelo seu próprio fracasso e a impotência diante da esfera política, da qual nem mais sente-se pertencente? Em concordância com as considerações de Safatle (2016), cogitamos, assim, a existência de um sistema que alimenta a *melancolização* dos sujeitos, lançando-nos a um tempo de inação, de sedentarismo *físico* e *político*, cujos resultados imediatos são os sentimentos de ressentimento e resignação. A “sombra do objeto que caiu sobre o ego” do melancólico (Freud, 2013, p. 34) seria esta lembrança contínua de nosso vínculo perdido, através da institucionalização do sofrimento, da solidão, do pessimismo e da descrença generalizada.

Ao passo que liberais clássicos [...] consideravam que o sofrimento, seja do trabalhador, seja do cidadão, é um problema que atrapalha a produção e cria obstáculos para o desenvolvimento [...], a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair *mais produção* e *mais gozo* do próprio sofrimento. (Dunker, 2017, p. 284, grifos nossos).

Avançemos na caracterização da melancolia enquanto modelo para as angústias contemporâneas. Pinheiro e Vertzman (2012, p. 19), a partir da análise de casos clínicos, esforçam-se em organizar alguns traços psicossomáticos típicos dos melancólicos, dentre os quais estariam “uma enorme angústia que os assalta e cuja causa desconhecem”; “a dificuldade com relação a uma dimensão de futuro” em uma “vida marcada minuto a minuto”; “uma lucidez quase absurda”; e “um código moral bastante rígido que não só servirá para instrumentar a crítica mordaz que dirigem aos outros como também e, sobretudo, a si próprios”. Há neles, ainda, uma “preocupação permanente com a noção de ridículo” e, destacamos, “uma total estranheza com relação ao próprio corpo, como se esse corpo não lhes pertencesse” (Pinheiro e Vertzman, 2012, p. 19).

Em contraposição à ideia de que a melancolia, enquanto experiência excepcional, traria o sujeito “de volta a si” (De Castro, 2011), conclui-se que a prática psicanalítica revela um indivíduo nem sempre em verdadeiro contato com a sua própria condição melancólica – ou melhor, o aparato egoico do sujeito melancólico percebe uma inadequação, uma falta, mas a veste de um discurso lógico, lúcido, coerente. Parece ter um supereu que Freud definiu, inclusive, como cruel (Pinheiro e Vertzman, 2012, p. 34), que “encontra satisfação no autodesnudamento” (Freud, 2013, p. 32). É nesse sentido, ainda, que Pedrossian fala em uma *consciência feliz* que mascara o conflito do melancólico, impedindo-lhe “a mobilidade da consciência”, cujo desfecho é “uma convivência narcisista e melancólica com a realidade estabelecida” (2008, p. 173).

Sugerimos, então, que, se a presença da melancolia aparece comumente condicionado a um espaço e tempo próprios à contemplação, ao ócio e à monotonia, então há, sim, no contexto sedentarizado e “prático-inerte” (Sartre apud Crary, 2018, p. 121) do capitalismo neoliberal que descrevemos no primeiro capítulo, condições para a sua emergência. Além disso, não apenas viável, é interessante que o sujeito contemporâneo assimile racionalmente a sua solidão e autodepreciação melancólicas, retirando-se, impotente, da esfera social e política. Afinal, “se algo foi perdido na melancolia, entretanto tudo parece estar nos devidos lugares” (Pinheiro e Vertzman, 2012, p. 34), isto é, o consumo e a produção devem continuar, mesmo que seus agentes estejam esgotados.

E o esgotamento parece mesmo estar implicado no *typus melancholicus* ao longo de sua vasta e rica história. Já no século II d.C., Areteu da Capadócia oferece uma descrição da melancolia que impressiona pela acurácia atual: “O melancólico se isola; tem medo de ser perseguido e aprisionado; (...) transforma suas fantasias em verdade; queixa-se de doenças imaginárias (...). Acorda subitamente e é preso de um grande cansaço” (apud Solomon, 2014, p. 234). Além disso, atrevemo-nos a traçar um paralelo entre a postura e o gesto humanos como percebidos, hoje, e como retratados plasticamente pela tradição artística que se debruça sobre o tema da melancolia (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – “Melancholia I” (1514), de Albrecht Dürer, à esquerda, e “The Melancholic Temperament” (1596), de Jacob de Gheyn II, à direita.

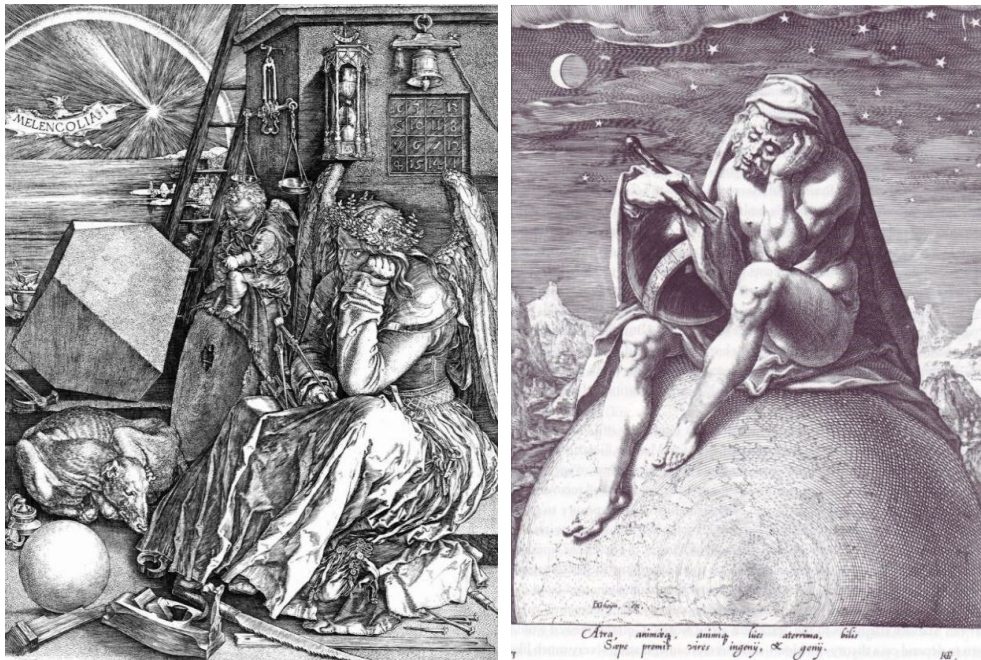
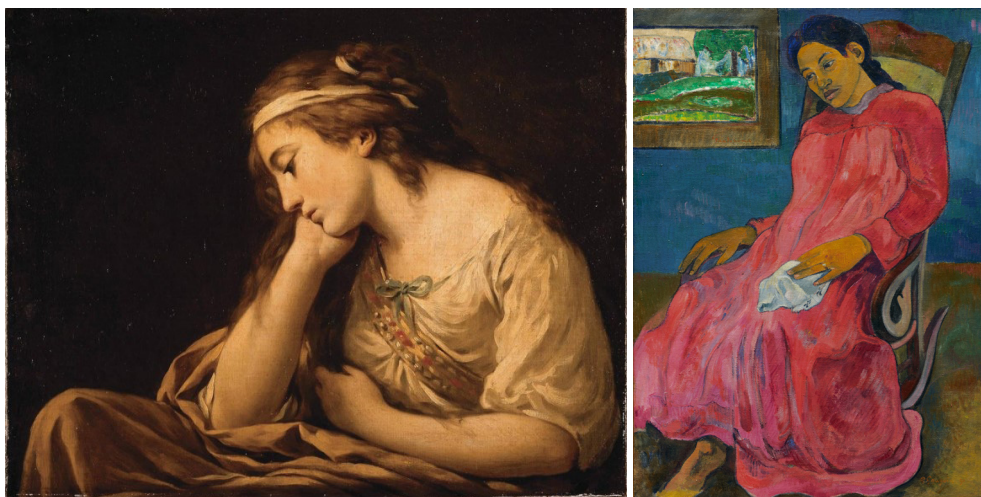


Figura 3 – “La Mélancolie” (1785), de Louis-Jean-François Lagrenée, à esquerda, e “Faaturuma (Melancholic)” (1891), de Paul Gauguin, à direita.



Essas obras, apenas algumas entre muitas que poderiam ser incluídas na análise aqui proposta, possuem incontestáveis afinidades: o olhar vago, desinteressado, que parece pesar a cabeça, e – claro – o corpo sentado, sem motivação para se erguer. São figuras como que fantasmáticas, ao redor das quais paira um certo pressentimento de

que algo abandonou a cena. Mais uma vez, insinuamos que este *algo* é o próprio corpo, o corpo “que nunca está lá onde está o pensamento ou (...) os desejos” (Baitello Junior, 2012, p. 30), o corpo que, não estando mais no presente, “contém o antes e o depois, o cansaço, a espera” (Deleuze apud Lapoujade, 2002, p. 83). Se pensarmos na postura que assumimos cotidianamente em frente aos inúmeros ecrãs que nos cercam, ou talvez até na postura do leitor deste texto – e da autora que o escreve –, descobriremos, então, nossos corpos melancólicos. E o que fazer diante desta descoberta?

### III. O QUANTO DE CANSAÇO É NORMAL?: SOBRE A POSSIBILIDADE DE UMA SAÚDE NÃO-MÉDICA E UMA SALVAÇÃO NÃO-TEOLÓGICA

Em artigo sobre a melancolia no século XXI, Grovier (2019) convoca o reavivamento da “rebelião aniquilada”, nos termos de Butler. Após um resgate histórico da representação da melancolia pela História da Arte –compreendendo algumas das imagens anexadas no capítulo anterior –, a jornalista convoca uma obra de 2019, um mural atribuído a Banksy (Figura 4), para convidar-nos a deixar a inércia. No grafite, uma criança está ajoelhada ao lado de uma pequena pá e um pequeno rebento que acabou de plantar. Em sua mão, um pequeno cartaz impresso com o logotipo geométrico do movimento ambiental *Extinction Rebellion*, uma ampulheta estilizada cercada por uma esfera – qualquer semelhança à gravura seminal de Dürer não é mera coincidência. Letras garrafais explicitam o apelo final: *from this moment despair ends and tactics begin*, anunciando, para Grovier, que “there’s no longer time to muse over hidden meanings or decrypt the entangled connotations of secret symbols. The age of subtlety is over, the mural seems to say. Melancholy is a luxury our survival cannot afford” (2019, online).

Figura 4 – mural de autoria atribuída a Banksy, surgido em abril de 2019 em Londres, Inglaterra.



Embora as ideias que o crítico de arte norte-americano expõe estejam alinhadas às teses deste ensaio, precisamos ponderar, com cuidado, sobre o que significaria tomar a melancolia como um “luxo” que poderia e deveria ser simplesmente rejeitado. Nesse sentido, importa esclarecer porque insistimos na melancolia em vez dos tantos outros nomes que se proliferam nos manuais diagnósticos de distúrbios nervosos, uma convicção tão bem manifesta por Moreira (2018, p. 315):

Talvez porque a retomada dessa figura clínica seja ainda capaz de expandir as possibilidades narrativas tão encolhidas nas linguagens técnicas do presente, talvez porque ela carrega com sua tinta negra a história atravessada pelos paradoxos do pensamento, porque ela nos ofereça seu esforço de imaginação e suas formas de expressão na arte, talvez porque ela seja uma condição ontológica, uma necessidade estética, uma afirmação política.

Assim, a melancolia, além de – ou apesar de, ou exatamente porque – produto e efeito direto dos modos de distribuição e investimento da libido prescritos pelo capitalismo neoliberal, pode também carregar um potencial de “denúncia das ficções que nos forjam”, impelindo-nos a engajar a figura da “melancolia ‘alada’, a que imagina e cria” (Moreira, 2018, p. 315). Embora possa parecer uma ideia romântica, um clichê acadêmico, a “crise revela as forças que estavam em jogo, ou melhor, ela as redistribui” (Pelbart, 2013, p. 37). É uma espécie de decisão, ao mesmo tempo consequência de algo e origem de algo outro. Se aqui tanto discutimos o cansaço generalizado que nos aflige, vale, agora, dizer que é precisamente o *esgotamento do possível* que nos conduzirá, talvez, à produção de outra modalidade de possível. Em outras palavras, “melancholy can be overcome only by melancholy” (Burton apud Grovier, 2019, online).

O mesmo é verdade para o corpo. Em seus brilhantes estudos sobre a dança, José Gil aponta para o vazio primordial do qual irrompe o movimento em suas múltiplas formas. “Só o silêncio ou o vazio permite a concentração mais extrema de energia, energia não-codificada, preparando-a todavia a escorrer-se nos fluxos corporais” com “toda a força da sua singularidade” (2001, p. 17). Logo, o corpo melancólico conjuga paradoxalmente toda a inação e a ação latente.

Não se trata, portanto, de condenar a melancolia para ajustar-se aos níveis recomendados de “normalidade”. Como nos ensina Nietzsche, qualquer projeto de erradicação da doença seria desprovido de sentido. Segundo o filósofo, a saúde é, por excelência, dionisíaca: não significa “matar as zonas de sombra, mas (...) *incluí-las em um movimento de alegria* que as supera (...). Essa grande saúde engloba todos os nihilismos para transfigurá-los” (apud Peixoto Junior, 2010, p. 409, grifos nossos). Trata-se, então, de *curar* a melancolia. Curar não no sentido determinista e científico de uma resolução derradeira e permanente da dor, mas como o tratamento demorado e apurado que se dá,



por exemplo, à madeira, ao queijo ou ao concreto. Curar no sentido de preparar, aparelhar, laborar, maturar. Entregar o corpo a si próprio, “não ao corpo-mecânico nem ao corpo-biológico, mas ao corpo penetrado de consciência” (Gil, 2001, p. 28), recobrando aquilo que lhe é mais essencial – sua afectibilidade (Pelbart, 2013, p. 31), sua musculatura ativa, seu dinamismo, seu ritmo.

Bá, o hieróglifo do antigo Egito para a alma (e para a letra B), era a parte interior da perna e o pé. É como se a alma se constituísse de caminhar, caminhar como o vento e com o vento. Assim, a alma do humano é o movimento, conta-nos Hillman (Baitello Junior, 2012, p. 127).

Não é certo que deste processo resultará algo positivo – ou algo sequer. A perda e a falta são, por natureza, ambíguas: podem, na mesma proporção, paralisar ou impulsionar o sujeito. O trabalho<sup>3</sup> apresenta-se, aí, como o ponto de transformação, o ponto que faz virar este pêndulo rumo à atividade, à criação. Caso não se execute trabalho, submerge-se no caos ou, na pior das hipóteses, permanece-se sentado, no mesmo contar monótono dos dias. É o trabalho que “franqueia passagem para uma satisfação outra, mais intensa e rica. Ousaria dizer que mais humana, pois se expressa por aquilo que trazemos de mais característico em nossa espécie, a construção do simbólico” (Chaffin, 2012, p. 66). Lacan nos diz que “andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele” (apud Chaffin, 2012, p. 64). Nós, entretanto, diremos: para que algum dia *cheguemos*, precisamos, antes de tudo, andar. Somente assim poderemos (re)criar um corpo que tenha o poder de (re)começar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JUNIOR, N. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2012.

BUTLER, J. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CHAFFIN, C. **Caos e criação: a dinâmica da perda criadora**. In: Revista Alceu, 12 (24). Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2012.

CRARY, J. **24/7 – Capitalismo Tardio e os Fins do Sono**. Lisboa: Antígona, 2018.

<sup>3</sup> No contexto do presente ensaio, estamos cientes da conotação que o termo pode assumir. Por isso, faz-se necessário sinalizar que sua aparição no texto não pretende evocar a ideia do trabalho na lógica capitalista neoliberal, que se quer desenfreado, 24/7, autônomo e sem garantias. O sentido no qual o utilizamos, aqui, é somente aquele resgatado por Cássia Chaffin (2012): o trabalho como a sua conceituação na física, que descreve as trocas energéticas entre sistemas. Quando há energia sendo acrescentada ao corpo, quando a força atua no sentido do deslocamento, o trabalho é positivo; quando uma força no sentido oposto ao deslocamento retira energia do corpo, o trabalho é negativo.

DE CASTRO, I. Alienação civilizacional, arte e melancolia. In: **artciencia.com, Revista de Arte, Ciência e Comunicação** [online], 2011. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/artciencia/article/view/12190>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

DELEUZE, G. **Sobre o teatro: Um manifesto de menos / O esgotado**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2010.

DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

EHRENBERG, A. **The Weariness of the Self: Diagnosing the History of Depression in the Contemporary Age**. Quebec: McGill-Queen's University Press, 2010.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: FREUD, S.; KEHL, M.; PERES, U.; CARONE, M. e CARONE, M. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GIL, J. **Movimento Total; o Corpo e a Dança**. Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

GROVIER, K. What is melancholy in the 21st Century? **BBC Culture**, 7 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/culture/article/20191107-what-is-melancholy-in-the-21st-century>>. Acedido em: 13 abr. 2021.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

VON KLEIST, H. **Sobre o teatro de marionetas e outros escritos**. Lisboa: Antígona, 2009.

LAPOUJADE, D. O corpo que não aguenta mais. In: LINS, Daniel D.; GADELHA, Silvio. (Org.) **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LAZZARATO, M. **O governo do homem endividado**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

\_\_\_\_\_. **Signos, máquinas e subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc e n-1 edições, 2014.

MOREIRA, L. Por que ainda a melancolia? In: Miscelânea: **Revista de Literatura e Vida Social**, 23 [online], 2018.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

PAL PELBART, P. **O avesso do niilismo: Cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PEDROSSIAN, D. O sofrimento do corpo e da psique sob a dominação social. In: **Psicologia UsP**, 19 (2). São Paulo: abril/junho, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusp/v19n2/v19n2a04.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PEIXOTO JUNIOR, C. Algumas considerações nietzschianas sobre corpo e saúde. In: **Interface - Comunic., Saúde, Educ.** 14 (35) [online], 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/2010nahead/aop2110.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

PERES, Urania Tourinho. Uma ferida a sangrar-lhe a alma. In: FREUD, S.; KEHL, M.; PERES, U.; CARONE, M. e CARONE, M. **Luto e Melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

PINHEIRO, T.; VERZTMAN, J. O modelo melancólico e os sofrimentos da contemporaneidade. In: HERZORG, R.; VERZTMAN, J.; PINHEIRO, T.; PACHECO-FERREIRA, F. (Org). **Sofrimentos narcísicos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC, 2012.

SAFATLE, V.; KEHL, M. **Melancolia no poder**. Conferência proferida no dia 19 agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NtqCR5845XY>>. Acedido em: 13 abr. 2021.

SOLOMON, A. **O demônio do meio-dia, uma anatomia da depressão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

# CAPÍTULO 11

## OBESIDADE INFANTIL NÃO É DOENÇA? A PERSPECTIVA DE PAIS DE ESCOLARES SOBRE O EXCESSO DE PESO EM SÃO PAULO, BRASIL

Data de submissão: 30/09/2023

Data de aceite: 13/10/2023

**Marta Pereira Militão da Silva**

Faculdade de Medicina da  
Universidade de São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/5749589817580556>

**Rosana Machin Barbosa**

Faculdade de Medicina da  
Universidade de São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/9222532963593471>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo compreender a perspectiva dos pais de crianças em idade escolar sobre o excesso de peso de seus filhos e examinar suas implicações para o tratamento da questão e para a comunicação entre famílias e profissionais de saúde. Trata-se de um estudo qualitativo realizado por meio de entrevistas com crianças em idade escolar identificadas com excesso de peso e seus familiares. Os participantes foram captados em parques públicos em São Paulo, em janeiro de 2021. Foram entrevistados 10 adultos e 11 crianças, entre 7 e 10 anos, identificadas com excesso de peso. As entrevistas abordaram práticas de alimentação, lazer e atividade física da criança e percepções sobre o excesso de peso para a família. As entrevistas foram

transcritas, codificadas em unidades de categorias temáticas e analisadas à luz da antropologia interpretativa. Foram identificados três elementos centrais do entendimento das famílias sobre as causas da condição de excesso de peso: o ambiente familiar, a individualidade da criança, e uma ruptura na situação familiar. A experiência do excesso de peso está inserida em uma situação peculiar da criança e da família, sendo resultado de processos mais longos. O sobrepeso e a obesidade não são vistos pelas famílias como um continuum; o sobrepeso é visto como ligado ao estilo de vida e comportamento e a obesidade como uma condição de saúde. Os achados da pesquisa contribuem para o avanço das pesquisas sobre a experiência das crianças com excesso de peso e de suas famílias, preenchendo assim uma lacuna da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Obesidade. Sobrepeso. Obesidade pediátrica. Antropologia da saúde. Antropologia médica.

ISN'T CHILDHOOD OBESITY A DISEASE? THE PERSPECTIVE OF PARENTS OF SCHOOLCHILDREN ON BEING OVERWEIGHT IN SÃO PAULO, BRAZIL

**ABSTRACT:** This article aims to understand the perspective of parents of school-aged children on their children's excess weight and examine its implications for the treatment of the issue and for communication between families and health professionals. This is a

qualitative study carried out through interviews with school-age children identified as overweight and their families. Participants were captured in public parks in São Paulo, in January 2021. 10 adults and 11 children, between 7 and 10 years old, identified as overweight, were interviewed. The interviews addressed the child's eating, leisure and physical activity practices and the family's perceptions about excess weight. The interviews were transcribed, coded into thematic category units and analyzed in the light of interpretative anthropology. Three central elements of families' understanding of the causes of overweight were identified: the family environment, the child's individuality, and a disruption in the family situation. The experience of being overweight is part of a peculiar situation for the child and the family, being the result of longer processes. Overweight and obesity are not seen by families as a continuum; overweight is seen as linked to lifestyle and behavior and obesity as a health condition. The research findings contribute to the advancement of research on the experience of excess weight in children and families, thus filling a gap in the literature

**KEYWORDS:** Obesity. Overweight. Pediatric obesity. Health anthropology. Medical anthropology.

## 1 INTRODUÇÃO

A obesidade vem sendo apontada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um dos maiores problemas de saúde pública enfrentados no século XXI. A estimativa feita pela Organização, é de que a prevalência da obesidade e do sobrepeso afetava, em 2016, 2 bilhões de adultos (WHO, 2016). Segundo o *Childhood Obesity Atlas*, em 2019, aproximadamente 150 milhões de crianças em idade escolar e adolescentes estavam com obesidade no mundo, e há a previsão de que esta cifra chegue a 250 milhões em 2030. Os países de renda média e baixa registraram o maior crescimento dos números de pessoas com obesidade nos últimos anos (WOF, 2022).

No Brasil, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional de Saúde, de 2020, na população adulta acima de 20 anos, a proporção de pessoas obesas na população passou de 12,2% para 26,8% entre 2003 e 2019. Os dados para as crianças também indicam uma tendência de crescimento na prevalência da obesidade e do sobrepeso. Os dados brasileiros para as crianças apontam que 3 em cada 10 crianças de 5 a 9 anos estão acima do peso no país (IBGE, 2020). Nas crianças menores de 5 anos, o Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil mostrou que uma em cada 10 crianças brasileiras de até 5 anos está com o peso acima do ideal: são 7% com sobrepeso e 3% já com obesidade. Em comparação com o estudo anterior, de 2006, a prevalência de excesso de peso em crianças nessa faixa etária aumentou de 6,6% para 10%, em 2019 (ENANI, 2022).

O aumento em nível mundial da obesidade nas últimas décadas levou a OMS a declarar a obesidade como epidemia global nos anos 2000 e adotar uma série de

diretrizes para seu enfrentamento voltadas sobretudo para a prevenção precoce (WHO, 2000) No entanto, o aumento dos índices de peso nas últimas décadas coincide com o aumento de medidas de controle e prevenção implantadas em diversos países, indicando que tais medidas não estão sendo suficientes para o enfrentamento do problema.

Gracia-Arnaiz (2020) sugere que os atuais modelos de prevenção, embora enfatizem a importância do ambiente, estejam dando uma ênfase excessiva à responsabilidade individual e subestimando a comida como uma prática complexa. Os modelos atuais tratariam a distribuição social desigual da obesidade e determinados elementos estruturais superficialmente. Além disso, apesar do “modelo ideal” de uma dieta equilibrada estar amplamente difundido e incorporado no discurso popular, não se tem evidências de que as práticas alimentares estejam de fato mudando.

São múltiplas as causas que vem sendo apontadas para explicar o fenômeno do rápido aumento do peso da população: transição nutricional, predisposições genéticas individuais, aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, ambientes obesogênicos, entre outros (ALMEIDA E JUNIOR, 2015; LOUZADA, 2021; ROBINSON et al, 2017).

A produção científica da área da saúde também tem dado maior ênfase às pesquisas voltadas às escolhas individuais do que às questões ambientais, sociais e estruturais. Diversos autores (CARVALHO E MARTINS 2004; NAVAS LOPEZ et al, 2014; ALCARAZ ET AL, 2014) têm argumentado sobre a necessidade de se incorporar as dimensões socioantropológicas aos estudos sobre obesidade, apontando a necessidade de se tirar o foco da responsabilização ao indivíduo e nos concentrarmos na complexidade das causalidades que levam às atuais práticas alimentares e modo de vida.

Ralston et al. (2018), afirmam que se deve adotar uma nova narrativa acerca da obesidade se quisermos conectar as causas e as soluções da situação. Eles propõem uma narrativa que considere os indivíduos que vivem com excesso de peso, nem como vítima e nem como culpados, e sim como protagonistas que possuem agência, e que agem sob limitações de um ambiente obesogênico e sob limitações fisiológicas sobre as quais não tem total controle. Para que tal narrativa possa ser construída e trabalhada, os autores valorizam a necessidade de se conhecer a experiência concreta das pessoas que vivem com sobrepeso e obesidade, apontando para a importância de pesquisas que preencham tal lacuna (GRACIA-ARNAIZ, 2015; RALSTON et al, 2018).

Em se tratando das crianças, para compreendermos como se dá sua experiência de viver com excesso de peso, é necessário que entendamos a situação da família como um todo. Os estudos que buscam incorporar o papel das famílias na questão da obesidade da criança apontam como um dos problemas a não identificação do excesso de peso na criança por parte dos cuidadores, sobretudo da mãe. Diversos

estudos observam que a não identificação por parte da família sobre a condição do peso da criança pode minimizar a questão e prejudicar a oferta de cuidado adequado a esta (CAMARGO et al, 2013; SANTOS et al, 2017) Em artigo de revisão sobre o tema, Camargo et al (2013) mostram que, em diversos estudos, a família não consegue identificar o excesso de peso nas crianças de acordo com os parâmetros de normalidade atuais que consideram o Índice de Massa Corporal (IMC), sendo que os autores sugerem a inclusão da percepção materna do estado corporal de crianças e adolescentes como subitem da multifatorialidade das causas do excesso de peso.

Contudo, estudos que aportam uma perspectiva socioantropológica observam que o reconhecimento da obesidade como uma doença ainda não é unânime socialmente, fora da esfera biomédica. Em relação às crianças, a equivalência entre obesidade e doença é um fenômeno muito recente. Ou seja, embora a perspectiva biomédica, que é hegemônica na atualidade, classifique a obesidade como uma doença, isso não significa que toda população pense, nomeie e a classifique dessa maneira (SANTOS et al, 2017; COUTO et al, 2009).

O entendimento de que a família possui uma percepção “distorcida ou equivocada” mostra que há uma tensão entre a visão que as famílias possuem da condição de saúde da criança e a visão que os profissionais de saúde possuem.

Partindo desse contexto, o presente estudo tem como objetivo compreender a visão que as famílias têm sobre o excesso de peso das crianças e examinar suas implicações para o tratamento da questão e para a comunicação entre famílias e profissionais de saúde.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, que forma parte de um projeto de pesquisa maior, cujo objetivo é compreender a experiência das crianças, em idade escolar, identificadas com excesso de peso e os sentidos dados pela família à situação de excesso de peso da criança.

Foram entrevistados 21 sujeitos: 11 crianças e 10 adultos. As crianças tinham, entre 7 e 10 anos, das quais 7 eram meninas e 4 meninos. Todas haviam sido identificadas com excesso de peso. Dentre os responsáveis apenas um era homem, e as demais eram mulheres. A idade dos adultos variou de 27 a 69 anos. Em relação à renda declarada, em salários mínimos, temos que 3 famílias estão na faixa de até 2 s.m.; 1 família está na faixa de 2 a 4 s.m.; 3 famílias têm renda entre 4 e 10 s.m e uma família possui renda na faixa entre 10 e 20s.m. Duas famílias não quiseram declarar a renda. A escola

pública era frequentada por 6 crianças e a particular por 5. Em relação à escolaridade dos responsáveis, 3 participantes possuíam o nível do ensino fundamental/técnico e 7 possuíam nível superior. A cor negra foi declarada por 1 participante e a cor branca por 9. As famílias moravam em regiões variadas da cidade de São Paulo.

A captação dos participantes ocorreu em parques públicos da cidade de São Paulo, em janeiro de 2021. Essa escolha foi motivada por serem espaços pelos quais as crianças circulam, com suas famílias em práticas públicas de lazer, e que não teriam a bagagem da dimensão institucional tanto de um serviço de saúde quanto da escola. Ademais, o espaço escolhido poderia trazer diversidade de participantes e evitar a produção de estigmas. Os participantes adultos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As crianças assinavam um Termo de Assentimento, que foi elaborado em linguagem acessível para crianças alfabetizadas e não alfabetizadas. Foi explicado para crianças sobre o sigilo e o anonimato da participação, e o fato de elas poderem abandonar a entrevista a qualquer momento, caso desejassem.

As entrevistas seguiram um roteiro previamente elaborado que abordava os aspectos relativos às práticas de alimentação, lazer e atividade física da criança, bem como as percepções e consequências que o excesso de peso trazia para a família como um todo.

Todo o material obtido por meio de entrevistas foi transcrito e transformado em texto. Foi realizada a leitura extensiva dos dados empíricos até que se alcançou a impregnação de seu conteúdo, assim como a apreensão das características comuns, das particularidades e da lógica interna do relato (MINAYO, 2012). Na seguinte etapa, iniciamos a codificação do texto. A partir da recorrência e combinação dos códigos, criamos unidades de categorias temáticas, sendo que algumas estavam previstas na concepção do roteiro e outras emergiram dos dados empíricos e se destacaram pela intensidade e frequência com que apareceram (SALDAÑA, 2016). Ao chegarmos às categorias temáticas, previstas e que emergiram da pesquisa, realizamos a interlocução com a literatura dedicada a estas e construímos categorias analíticas. A análise foi realizada à luz da antropologia interpretativa (GEERTZ, 2018).

### 3 RESULTADOS

Com vistas a nos aproximarmos da construção das famílias sobre o excesso de peso das crianças buscamos compreender como as famílias explicam a causa do excesso de peso, qual sua visão de saúde e qual a implicação desta para a definição sobre o excesso de peso das crianças.



### 3.1 EXPLICAÇÕES SOBRE AS CAUSAS DO EXCESSO DE PESO

Dentre as explicações dadas às causas da condição de excesso de peso, identificamos três elementos centrais do entendimento das famílias: o ambiente familiar, a individualidade da criança, uma disrupção na situação familiar.

O primeiro atribui ao ambiente familiar a maior responsabilidade pelo excesso de peso das crianças. Frases como “toda a família é gorda”, “todos estão se alimentando mal”, foram muito mencionadas e indicam que os responsáveis veem a situação como uma questão dos hábitos da família como um todo e não exclusiva da criança.

A individualidade da criança foi mencionada como outro dos elementos que contribuem com o excesso de peso. Um dos traços da individualidade responsável pelo excesso de peso da criança seria o que os pais chamam de herança genética. Algumas mães contam que as crianças “sempre foram gordinhas”, outros mencionam o “biotipo da família” como causa (“pai alto”, “ossos largos”, “somos roliços”, “nunca fomos magros”). As famílias apontam esse traço como um elemento que muitas vezes não é considerado pelos médicos na hora de se avaliar a condição da criança, assim como a fase de acúmulo de gordura corporal que ocorre antes do estirão da puberdade e a composição corporal. O “paladar” das crianças foi um elemento muito mencionado pelos pais e seria outro traço de sua individualidade. A ausência de “paladar para frutas e verduras” ou o excesso de “paladar para doces e carboidratos” são citados como motivos. Os pais dizem que os filhos não comem verduras e legumes porque não gostam e dizem frases como: “nasceu com a tendência para gostar mais de doces”, “tem restrição no paladar para legumes e verduras”, “não come nada de salada e legumes”. Questões relativas à indução ao consumo dos ultraprocessados, como a hiperpalatabilidade dos produtos e a publicidade ostensiva dirigida às crianças não foram mencionadas como elementos que influíam no paladar das crianças. As preferências por doces e a restrição a produtos in natura eram vistas como um traço da individualidade da criança (SAWAYA e FILGUEIRAS, 2011; MALLARINO ET AL, 2013).

Por fim, está o fato de os pais relacionarem diretamente o excesso de peso a uma consequência de um processo vivido pela criança ou pela família, que de certa maneira ocasionou alguma disrupção na normalidade familiar, isto é, a situação de excesso de peso se inicia após uma situação ou evento que causou uma mudança na rotina da criança ou da família. Foram mencionadas situações de separação familiar, mudanças de escola, o surgimento de outras doenças e a própria pandemia de COVID-19 como situações que levaram ao excesso de peso.

Esse é um achado importante da pesquisa, pois mostra que a experiência do excesso de peso das crianças, é entendida de formas diferentes pelas famílias. Ela está

inserida em uma situação peculiar da criança e da família, sendo o excesso de peso resultado de processos mais longos. Não que não relacionem o aumento de peso com o aumento da ingestão calórica, mas veem o aumento de peso como resultado da situação disruptiva, que gera um aumento na ingestão de alimentos. O achado indica também que mudanças significativas que ocorrem na vida da criança e da família podem desencadear um ganho de peso, seja por mudanças na rotina ou mesmo por um aumento de estresse e ansiedade que podem levar a criança a comer mais. Desse modo, os profissionais que acompanham o cuidado das crianças devem estar atentos quando observarem tais situações de modo a se comunicarem melhor com as famílias, não se concentrando no excesso de peso como um fato isolado.

Em relação ao impacto dos ambientes na condição do excesso de peso das crianças, observou-se um ambiente doméstico marcado pela sobrecarga do trabalho feminino, e pela predominância da mãe nas funções ligadas à alimentação. A escola se mostrou um ambiente que contribui para ampliação do repertório alimentar, positiva ou negativamente. É também um espaço estratégico para a implementação de políticas de educação alimentar e nutricional e de incentivo à atividade física, visto que é o local onde as crianças passam a maior parte do tempo depois de sua casa. As famílias avaliam que elas são as principais responsáveis pelo enfrentamento da questão do excesso de peso e reconhecem a escola como um dos únicos espaços que pode oferecer alguma ajuda na questão. De modo geral, não foram mencionadas questões estruturais como elementos relevantes para a condição de excesso de peso da criança, com exceção da pandemia.

### 3.2 NOÇÕES DE SAÚDE E IMPLICAÇÕES DO EXCESSO DE PESO

A visão que se tem sobre a saúde é um elemento fundamental para entender o papel que o peso e seu excesso desempenha na vida da criança. Os achados da pesquisa em relação à visão de saúde que os responsáveis compartilharam conosco, indicam uma divisão das respostas em dois grupos.

O primeiro grupo vê a saúde como equilíbrio dos diferentes aspectos da vida da criança: alimentação, lazer, sono, desenvolvimento adequado. O outro grupo de respostas considerava que uma criança saudável é uma criança que é ativa, feliz e que tenha disposição para brincar. Esse grupo de respostas enfatizou que o peso é apenas um dos componentes da saúde e não um determinante.

As respostas das crianças, em relação ao entendimento sobre o que é ser saudável, foi surpreendente por sua homogeneidade. A maioria expressou que uma criança saudável é aquela que come frutas, verduras e legumes e pratica atividade física.

Observa-se que o discurso hegemônico sobre o que é ser saudável está bem incorporado na fala das crianças.

Todos os familiares afirmavam haver relação entre saúde e peso e entendiam que o excesso de peso tinha consequências atuais e futuras para suas crianças. Das consequências atuais, mencionaram problemas com a autoestima e o início de preocupações estéticas das crianças, que manifestavam o desejo de serem magras e se mostravam descontentes com o visual de algumas roupas, e também o fato de algumas crianças se mostrarem ofegantes ao brincar e correr. Observaram o grande medo de que venham a sofrer “bullying” na adolescência, expressado sobretudo pelos responsáveis das meninas.

Uma resposta se destacou, tanto pela recorrência como por seu significado. Os responsáveis afirmaram que se o peso começasse a “afetar exames” seria sinal de uma situação mais preocupante. Por “exames”, referiam-se a índices colhidos por sangue como colesterol e glicemia. As medições por meio da balança, da fita métrica e posterior classificação por meio de uma tabela não eram classificadas na categoria “exame”. Os índices eram o que “realmente” mostravam a situação, refletindo uma noção de doença como algo do domínio interno do corpo. Exames dentro do padrão eram uma evidência para as famílias de que a criança estava bem. No momento em que o peso “afeta exames” ele sai da esfera estética e comportamental e passa à esfera da saúde. É uma ideia que se aproxima também de uma noção qualitativa da obesidade, na qual esta é definida como o acúmulo de gordura que pode trazer problemas à saúde. Diferente de uma noção quantitativa que baseia sua classificação no IMC (POULAIN, 2013).

### 3.3 DIFERENÇAS ENTRE SOBREPESO E OBESIDADE

Os responsáveis classificaram os termos sobrepeso e obesidade em esferas diferentes. O sobrepeso estaria na esfera do comportamento alimentar, do estilo de vida e da estética. Já a obesidade estaria na esfera da saúde, que estaria ligada também a fatores genéticos, hormonais. Observou-se que os responsáveis não veem o sobrepeso e a obesidade como um continuum, isto é, a obesidade não é vista como uma continuação e uma consequência necessária do sobrepeso. Não é o aumento do peso por si só que transformará o sobrepeso em obesidade, é a **transformação qualitativa da situação**, representada pelos “exames alterados”. Nenhum responsável via seu filho como doente, nem mesmo os responsáveis das crianças classificadas como obesas pelos pediatras (NAVAZ LOPEZ et al, 2015).

## 4 DISCUSSÃO

Os resultados apresentados sobre as causas do excesso de peso, as noções de saúde e as classificações sobre o que é sobrepeso e obesidade na visão das famílias das crianças identificadas com excesso de peso no permitem iniciar a discussão sobre como se constrói a noção do excesso de peso das crianças nas famílias. A partir dos resultados, observa-se que para que a família chegue a nomear a criança com excesso de peso e este represente uma questão de saúde é necessário mais que um número na balança e em uma tabela.

Identifica-se um descompasso entre como o campo biomédico vê o excesso de peso e seus desdobramentos na saúde da criança, e a visão das famílias. A visão biomédica trabalha com noção de risco e probabilidades, estatísticas, parâmetros de normalidade e patologia (SARTI, 2010). As famílias veem a questão sob o ponto de vista qualitativo. Dentro do contexto e da temporalidade da criança e da família, esta resiste à classificação do corpo gordo como um corpo doente, já que a doença viria do interior e seria revelada pelos exames de sangue e a saúde seria o equilíbrio de diversos elementos. Observou-se uma preocupação maior com as consequências sociais e psicológicas que o excesso de peso pode ocasionar às crianças do que com riscos futuros à saúde.

Contudo, isso não indica “falta preocupação” ou “desinteresse” com a saúde da criança. Discordamos de que se afirme que há o que chamam de “percepção distorcida” ou “percepção equivocada” (CAMARGO et al, 2013; SANTOS et al, 2017) da família e também das afirmações que colocam a família em um lugar de ignorância, desinteresse e despreocupação em relação à situação do peso da criança e, por conseguinte, de sua saúde.

Considerando o aumento geral no peso das crianças nas últimas décadas e da visão sobre a normalidade como relacional, o que se poderia afirmar é que a visão sobre o peso das crianças não corresponde à classificação dada pelas curvas de peso utilizadas. E isso não significa que as “mães não percebem” ou que têm “percepção equivocada”. As mães e famílias percebem o mundo a partir de suas referências. Como as mães poderiam saber sobre as curvas e parâmetros de peso visto que essas são produções técnicas baseadas em dados estatísticos e não falam de sua criança real, de carne e osso e das crianças com as quais seu filho convive? Santos et al. mostra que “a preocupação” não demonstra relação com o cuidado ofertado (SANTOS et al, 2017) O que seria uma mãe preocupada suficientemente? Aquela que vê a criança de modo integral levando em conta se há um equilíbrio entre diferentes esferas da vida, que leva em conta se a criança é feliz sendo o peso considerado um fator entre outros, ou aquela que leva a criança ao médico para tratar qualquer desvio da normalidade?

Entendemos que o desafio dos profissionais de saúde é muito grande, pois a cada dia surgem novos estudos relacionando a obesidade na infância ao desenvolvimento de uma série de doenças e que os profissionais se veem obrigados a enfatizar a questão do peso preventivamente, contudo a situação atual mostra que a comunicação entre as famílias e a área da saúde não está produzindo os efeitos desejados.

De modo a melhorar a comunicação com as famílias, entendemos que os profissionais de saúde deveriam comunicar e explicar ao menos dois pontos. O primeiro, informar qual a faixa de peso em que a criança deve estar, e não assumir que a família deve saber esse dado. E o segundo, explicar como o excesso de peso pode afetar a qualidade de vida da criança agora e no longo prazo mesmo que os “exames” estejam dentro da normalidade. E com isso, estabelecer uma relação de parceria com a família para que a criança receba um cuidado efetivo.

Para ampliar a compreensão da questão, sugere-se mais estudos com as crianças e suas famílias, sobretudo investigando a história de vida e percepções dos pais, que acabam por marcar o cuidado ofertado à criança.

Os achados deste estudo contribuem para o avanço das pesquisas sobre a experiência de excesso de peso das crianças uma vez que desvelam fatores que marcam tal experiência, Estes resultados favorecem igualmente as pesquisas sobre percepções das famílias sobre o excesso de peso de crianças e contribui com as pesquisas em saúde feita com crianças, onde seus pontos de vista são contemplados, preenchendo assim uma lacuna da literatura.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCARAZ J et al. **Actualizando los abordajes socioculturales de la obesidad: propuestas a partir de Hacking, Bourdieu y Foucault.** Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 30(3), e300322, 2020.

ALMEIDA AT, JUNIOR JT. **Medidas de transmissão intergeracional da obesidade no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, 20 (5), 1401-1414. 2015.

CAMARGO AP et al. **A não percepção da obesidade pode ser um obstáculo no papel das mães de cuidar de seus filhos.** Ciência & Saúde Coletiva, 18 (2), 323-333, 2013.

CARVALHO MC, MARTINS A. **A obesidade como objeto complexo: uma abordagem filosófico-conceitual.** Ciência & Saúde Coletiva, 9 (4), 1003-1012, 2004.

COUTO, M. T. et al. **Aspectos sociais e culturais da saúde e da doença.** In: Martins MA et al. (Org.). Tratado de Clínica Médica. São Paulo, v. 1, p. 350-356, Editora Manole, 2009.

ENANI 2019. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Estado Nutricional Antropométrico da Criança e da Mãe: Prevalência de indicadores antropométrico de crianças brasileiras menores de 5 anos de idade e suas mães biológicas:** ENANI 2019.

- GRACIA-ARNAIZ M. **Acting against obesity: a cross-cultural analysis of prevention models in Spain, Argentina and Brazil.** *Critical Reviews in Food Science and Nutrition.* 62 (8), 2192-2804, 2022.
- GRACIA-ARNAIZ M. **Comemos lo que somos: Reflexiones sobre cuerpo, gênero y salud.** Icaria editorial: Barcelona, 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde 2019. Atenção primária à saúde e informações antropométricas.** Ministério da Saúde, 2020.
- LOUZADA MLC et al. **Impacto do consumo de alimentos ultraprocessados na saúde de crianças, adolescentes e adultos: revisão de escopo.** *Cad. Saúde Pública;* 37 Sup :e00323020, 2021.
- MALLARINO C et al. **Advertising of ultraprocessed foods and beverages: children as vulnerable population.** *Rev Saúde Pública,* 47 (5), 1006-10, 2013.
- MINAYO M. C. S. **Análise qualitativa: teorias, passos e fidedignidade.** *Ciência & Saúde Coletiva,* 17 (3), 621-626, 2012.
- NAVAS LÓPEZ et al. **La otra cara de la obesidad: reflexiones para una aproximación sociocultural.** *Ciência & Saúde Coletiva,* 9 (06), Jun 2014.
- NAVAS LÓPEZ et al. **Aproximación socio-antropológica a la obesidad infantil: estudio de caso en dos colegios de Valencia (España).** *Rev. Nutr., Campinas,* 28(2):155-163, mar./abr., 2015.
- POULAIN, JP. **Sociologia da Obesidade.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.
- RALSTON, J. et al. **Time for a new obesity narrative.** *Lancet (London, England),* 392(10156), 1384–1386, 2018.
- ROBINSON TN et al. **“Screen Media Exposure and Obesity in Children and Adolescents.”** *Pediatrics* vol. 140, Suppl 2, 2017.
- SALDAÑA J. **The Coding Manual for Qualitative Researchers.** 2a. Edição. SAGE, 2013.
- SANTOS D et al. **Implicações da pouca preocupação e percepção familiar no sobrepeso infantil no município de Curitiba, PR, Brasil.** *Ciência & Saúde Coletiva,* 22(5):1717-1724, 2017.
- SARTI, C. A. **Corpo e Doença no Transito dos Saberes.** RBCS Vol. 25 n° 74 outubro, 2010.
- SAWAYA AL e FILGUEIRAS A. **“Abra a Felicidade”? Implicações para o vício alimentar.** *Estudos Avançados* 27 (78), 2013.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Consideration of the evidence on childhood obesity for the Commission on Ending Childhood Obesity: report of the ad hoc working (group on science and evidence for ending childhood obesity.** Geneva, Switzerland, 2016.
- WOF. **World Obesity Atlas 2022** [Internet]. World Obesity Federation. Available from: <https://www.worldobesity.org/resources/resource-library/world-obesity-atlas-2022>

# CAPÍTULO 12

## VIOLENCIA SEXUAL Y RESISTENCIA DE LAS MUJERES EN LA LUCHA CONTRA LAS DICTADURAS LATINOAMERICANAS DEL CONO SUR<sup>1</sup>

Data de submissão: 12/09/2023

Data de aceite: 06/10/2023

**Pilar Iglesias Aparicio**

Investigadora Independiente

<https://orcid.org/0000-0002-8825-6558>

**RESUMEN:** Diferentes autoras de narrativa abordaron en sus obras la violencia sexual contra las mujeres, como estrategia específica de dominación en las dictaduras militares latinoamericanas del Cono Sur de la segunda mitad del siglo XX, dando voz a las víctimas antes de que esta forma de tortura fuese reconocida como crimen de lesa humanidad. La temática se enfoca desde la teoría del mal de Hanna Arendt y la perspectiva de género feminista.

**PALABRAS CLAVE:** Escritoras de narrativa latinoamericanas. Violencia sexual. Terrorismo de Estado.

<sup>1</sup> Una versión de este trabajo ha sido publicada en el volumen colectivo *La Historia Habitada: Sujetos, procesos y retos de la Historia Contemporánea del siglo XXI. ACTAS DEL XV CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN DE HISTORIA CONTEMPORÁNEA*, 2023, accesible en: <https://www.uco.es/ucopress/index.php/es/2018-07-26-11-32-47/e-books/e-books-gratis/product/1000-la-historia-habitada-sujetos-procesos-y-retos-de-la-historia-contemporanea-del-siglo-xxi>

### SEXUAL VIOLENCE AND WOMEN RESISTANCE IN THE FIGHT AGAINST SOUTHERN CONE LATIN AMERICAN DICTATORSHIPS

**ABSTRACT:** Different women writers approached in their works sexual violence against women, as a specific domination strategy in the twentieth century Latino American South Cone military dictatorships, giving voice to the victims, before such a form of torture was recognised as a crime against humanity well into the twenty first century. The subject is focused using Hanna Arendt theory of evil and the feminist gender perspective.

**KEYWORDS:** Latin American narrative women writers. Sexual violence. State terrorism.

### 1 INTRODUCCIÓN

Durante los años sesenta y setenta un número importante de mujeres participaron en los procesos revolucionarios de los países del Cono Sur de América Latina y en la lucha contra las dictaduras, cometiendo una doble transgresión: contra el sistema político y el orden patriarcal. A las diferentes formas de tortura y asesinatos del terrorismo de Estado ejercido dentro del operativo conocido como Operación Cóndor, se sumó la violencia sexual, ejercida sobre los hombres en

algunos casos, y de manera sistémica sobre las mujeres. Esta forma de violencia solo fue denunciada y reconocida oficialmente ya en el siglo XXI. Sin embargo, diferentes autoras de ficción latinoamericanas, desde los años setenta hasta la actualidad, han incorporado la perspectiva de género feminista al relato del terror, mostrando la violencia sexual contra las mujeres, así como sus estrategias de resistencia. Este trabajo aborda los relatos de las escritoras argentinas: Luisa Valenzuela, *Cambio de armas y Simetrías*; Noemí Ulla, *Cuentas y El proemio*; Angélica Gorodischer, *En el subsuelo* y Mária Averbach, *Excepto*; el relato *Despojos* de la uruguaya Silvia Lago, y el titulado *Mordaza* de la chilena Pía Barros; las novelas *Conversación al Sur*, de la argentina Marta Traba; *Los Nudos del Silencio*, de la paraguaya Renée Ferrer; *A veinte años, Luz y Doble Fondo* de la argentina Elsa Osorio, y *Carne de perra* de la chilena Fátima Simé; así como los documentales *La Venda Sexy* y *La Flaca Alejandra*, y las películas *Garage Olimpo* y *Migas de Pan*.

## 2 TEORÍA DEL MAL RADICAL Y CONCEPTUALIZACIÓN DE LA VIOLENCIA SEXUAL

Numerosos estudios analizan la violencia ejercida en las dictaduras del Cono Sur del siglo XX a la luz de la teoría del «mal radical» de Hanna Arendt. Al igual que en los totalitarismos, el terror desafía la comprensión humana y se convierte en la esencia del régimen, aniquilando la persona jurídica y la persona moral, mediante la anulación absoluta de los derechos y la posibilidad de libre decisión. El terror destruye así la humanidad de víctimas y victimarios (BOTERO y LEAL GRANOBLES, 2013: 99-126).

La violencia sexual contra las mujeres como mecanismo de dominación del sistema patriarcal, ha sido ampliamente conceptualizada por pensadoras feministas y declaraciones y convenios internacionales<sup>2</sup>. Tanto la violencia sexual, como su posterior invisibilización en los primeros juicios a las Juntas Militares tras las dictaduras, tienen sus raíces en la construcción patriarcal de género. En la concepción patriarcal androcéntrica, la mujer ocupa un lugar de objeto, de «ser-para-otros», cuyo cuerpo adquiere un valor simbólico y se convierte en «lugar de ejercicio de poder para humillar, deshonar, negar o enviar mensajes cifrados a otros varones. Esto se repite como una constante histórica que se invisibiliza porque se la niega» (FEMENÍAS, 2009; 34). Esta violencia se acentúa aún más en las situaciones en que se produce mayor violación de los derechos humanos, como las dictaduras militares. No se basa en la satisfacción incontrolada de un impulso

<sup>2</sup> Recomendaciones Generales sobre Violencia contra la Mujer núm. 19 (1992) y núm. 35 (2017), del Comité CEDAW; Declaración sobre la eliminación de la violencia hacia la mujer de Naciones Unidas (1993); Convención Interamericana para prevenir, sancionar y erradicar la violencia contra la mujer de Belém do Pará (1994); la Plataforma de Acción de Beijing (1995); Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional (1998, en vigor desde 2002); Convenio del Consejo de Europa sobre prevención y lucha contra la violencia contra la mujer (2011).



sexual, sino en «una pedagogía de la crueldad en torno a la cual gravita todo el edificio del poder» (SEGATO, 2016: 79).

### 3 VIOLENCIA SEXUAL EN LAS DICTADURAS DEL CONO SUR

En los juicios iniciales a las Juntas militares y los primeros informes emitidos en los diferentes países (Argentina: Informe Nunca Más, 1984. Chile: Informe de la Comisión Nacional de Verdad y Reconciliación, 1991 e Informe Rettig, 1996. Brasil: Informe *Nunca mais*, 1985), la violencia sexual quedó invisibilizada, o subsumida en el marco general de las torturas y tratos degradantes. En los juicios celebrados en los años ochenta, el relato de las declaraciones de las víctimas, «se construyó sobre la imagen de un ciudadano abstracto que les escamoteaba su condición de varones y mujeres concretos» (SONDERÉGUER y CORREA, 2012: 290). No se investigó sobre la violencia sexual como tormento específico:

En general, al prestar declaración testimonial, no se les preguntó a las víctimas si existió violencia sexual, cosa que sí se hizo respecto de otros delitos (robos, torturas, ingresos violentos a sus domicilios, etc.). En los procesos penales en que las víctimas declararon haber padecido agresiones sexuales, estas denuncias fueron efectuadas de manera espontánea por quienes las sufrieron (VILLEGAS, 2018: 259).

Ello tuvo como resultado que las

denuncias de prácticas de violencia sexual hacia las mujeres – o hacia los varones- quedaron subsumidas en la figura de los tormentos y en las distintas vejaciones. Incluso, quedaron relegadas ante el crimen de la desaparición forzada, que se consideró el elemento central de la metodología represiva del terrorismo de Estado (SONDERÉGUER y CORREA, 2012: 290-291).

Será ya en el siglo XXI cuando se visibilice la violencia sexual como forma de tortura específica dentro de la memoria del terror, debido, por una parte, al desarrollo del marco jurídico internacional de derechos de las mujeres como derechos humanos a lo largo de la década de los noventa; la creación de los dos tribunales *ad hoc*, el Tribunal Penal Internacional para ex Yugoslavia (TPIY), que determinó que la violación puede constituir un crimen de lesa humanidad y el Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TPIR), que reconoció que puede constituir también un acto de genocidio; y el reconocimiento de la violencia sexual como crimen de lesa humanidad en el artículo 7, punto g, del Estatuto de Roma de la Corte Penal Internacional. Y, por otra, a la acción de las organizaciones de derechos humanos, la movilización ciudadana y los cambios producidos dentro de las propias sociedades de cada país. Ello permitió derogar las leyes de impunidad, crear centros de documentación y archivos de la memoria oral, poner

en marcha Comisiones de la Verdad, elaborar nuevos informes<sup>3</sup>, establecer talleres de escritura de supervivientes y publicar numerosos trabajos, varios de ellos recogidos en la bibliografía, planteados ya desde la perspectiva de género feminista, que han contribuido a la reescritura de la memoria de las dictaduras, incluyendo las voces de las mujeres y la denuncia de la violencia sexual. Estos nuevos procesos de investigación parten de tres supuestos, ampliamente probados:

En primer lugar, que un número mayoritario de las mujeres que fueron víctimas de detención o tortura, sufrieron algún tipo de violencia sexual. En segundo lugar, que la violencia sexual ejercida contra las mujeres constituía un método de tortura extendido, consistente en la coacción, la amenaza, la intimidación, el uso de la fuerza y la violencia física o psíquica, para destruir, agredir, degradar y humillar a la víctima por su condición de género. Por último, que la violencia sexual que se ejerció en contra de las mujeres fue invisibilizada, no revelada, ocultada o no nombrada por la sociedad, las instituciones e individuos que trabajaban en la defensa de los derechos humanos y por las propias mujeres víctimas, por diversas razones, entre ellas el estado de las relaciones de género y la subordinación a que están o estuvieron sometidas las mujeres (CARRERAS y GUTIÉRREZ, 2005: 62).

Se demuestra que la violencia contra las mujeres, instrumento de dominación permanente del sistema patriarcal, se recrudece en el contexto de la dictadura militar, y que la violencia sexual dentro del terrorismo de Estado, formó parte de una estrategia de dominación y destrucción absoluta:

La violencia sexual no fue una experiencia aislada, ni actos cometidos por sádicos en forma individual. Fue una pieza utilizada por el terror de Estado dentro de una maquinaria, un sistema montado y al amparo de la impunidad para aniquilar a los sujetos. Un plan sistemático para destruir personas, dañarlas, enloquecerlas y/o eliminarlas, un poder aniquilador que buscó la dominación física, psíquica y moral. Plan para quebrar al individuo, quebrar al grupo y quebrar a la sociedad. Plan que aún hoy sigue teniendo consecuencias en quienes portan sus efectos, en su descendencia y en la sociedad en su conjunto (MANGADO y ROBAINA, 2012: 26).

Se reconoce asimismo el diferente significado de la violencia sexual sufrida por hombres y mujeres:

mientras el cuerpo violado de los varones es destituido de su masculinidad, en el cuerpo violado de las mujeres la agresión sexual inscribe la "soberanía" de los perpetradores. La "ocupación" del cuerpo de la mujer se asimila a la ocupación del territorio enemigo. Esta apropiación vale también para la "entrega" del cuerpo de las mujeres, en los vínculos sexuales e incluso amorosos, y no sólo en los encuentros sexuales forzados, sino en aquellos vínculos "consentidos" entre secuestradas y sus captores. Sabemos que el contexto no es neutro

---

<sup>3</sup> Argentina: Consideraciones sobre el juzgamiento de los abusos sexuales cometidos en el marco del terrorismo de Estado de la Unidad Fiscal de coordinación y seguimiento de las causas por violaciones a los Derechos Humanos cometidas durante la dictadura (2011). Chile: Informe «Valech» de la Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura (2004). Paraguay: Informe *Anive haguã oiko* (2008). Brasil: Informe de la Comisión de la Verdad, grupo de Trabajo sobre «Dictadura y Género» (2014).

y está pautado por la violencia, y es indispensable reflexionar sobre las condiciones del consentimiento (SONDERÉGUER y CORREA, 2012: nota al pie núm.6, p.91).

Consecuentemente, se produjeron las primeras denuncias y condenas. En Argentina, en abril de 2010, el Tribunal Oral Federal de Santa Fe, en la causa contra Horacio Américo Barcos, ex agente civil de inteligencia del Ejército, dictó el primer fallo que establece que los abusos sexuales y la violación sexual hacia una víctima de terrorismo de Estado, cometido en el marco de la represión ilegal llevada adelante durante la dictadura en los centros clandestinos de detención, constituye una forma particular de tormento que corresponde encuadrar como delito de lesa humanidad. El 12 de junio de ese mismo año, el tribunal Oral Federal 1 de Mar del Plata condenó a prisión perpetua al suboficial Gregorio Rafael Molina, exjefe del centro Clandestino La Cueva, entre otros delitos de lesa humanidad, por violaciones reiteradas, agravadas por ser el autor la persona encargada de la guarda de la víctima, diferenciando, por vez primera, en una sentencia, el delito de violación sexual del de tormentos y dictaminando que bastaba para probarlo el testimonio de las víctimas. En Chile, se presentó la primera querrela por tortura sexual el 10 de diciembre de 2010. En Uruguay, 28 expresas políticas presentaron demanda en 2011, contra 112 militares, policías, médicos y enfermeras; el 24 de febrero de 2011, en el caso Gelman contra Uruguay, se analizó por vez primera la violencia de género contra mujeres detenidas como práctica sistémica de terrorismo de estado a nivel interestatal siendo calificada como delito de lesa humanidad. Además, en 2015, en el marco de la XVIII Reunión Especializada de Ministerios Públicos del Mercosur y Estados Asociados, se acordó establecer la obligación de investigar estos crímenes de manera seria, imparcial y efectiva, encuadrándolos en los delitos sexuales específicos, garantizando su visibilidad, impulsando la persecución penal para imputar a todos los responsables, y comprometiéndose a promover las medidas necesarias para brindar una reparación integral a las víctimas de violencia sexual conforme es definida por el derecho internacional de los derechos humanos. Quedó, pues, plenamente establecido que la violencia sexual y reproductiva fue una práctica sistémica de tortura extrema a lo largo de todo el proceso<sup>4</sup>.

Podemos decir con Lilian Celiberti (2012: 14) que el desarrollo del pensamiento feminista fue el marco conceptual que permitió esta reescritura de la narrativa de la violencia:

<sup>4</sup> El Informe de la Comisión Nacional sobre Prisión Política y Tortura, presidida por el obispo Sergio Valech, de Chile, presentado en agosto de 2011, recibió el testimonio de 3399 mujeres, que representaban el 12,5% de personas declarantes. «Casi todas manifestaron haber sido objeto de violencia sexual sin distinción de edades. 316 dijeron haber sido violadas. No obstante, la Comisión estima que la cantidad de mujeres violadas es muy superior a los casos en que ellas relataron haberlo sido». Informe Valech: 291.

Si hoy podemos hablar de violencia de género es porque desde el feminismo hemos creado el espacio de enunciación colectivo que supone la existencia de un sujeto capaz de politizar su experiencia y abrir campos de disputa con otros actores acerca del sentido de esas experiencias.

#### 4 LITERATURA TESTIMONIAL

En la amplia literatura basada en los testimonios de las mujeres producida en las últimas dos décadas, podemos distinguir diferentes tipos de textos. En primer lugar, ensayos en que las autoras contribuyen a una conceptualización de la violencia sexual dentro del contexto del conflicto armado y el terrorismo de estado. Entre otros, los de Calveiro, Fornicito, González Baica, Jelin, Llanos y Sonderéguer. Asimismo, son numerosos los textos testimoniales basados en la experiencia personal de las autoras, sobre los que se han publicado diversos estudios<sup>5</sup>. Entre otras, las obras de las autoras argentinas: Alicia Kozameh, *Pasos Bajo el Agua* (1987) y *Bosquejo de Alturas* (1992), relatos ficcionalizados a partir de su experiencia como prisionera política; Alicia Partnoy, *La escuelita*, relato de su prisión en el centro clandestino del mismo nombre<sup>6</sup>; Noemí Ciollaro, *Pájaros sin luz* (1999), que da voz a las compañeras de hombres represaliados y desaparecidos; Marta Diana, *Mujeres Guerrilleras. La militancia de los setenta en el testimonio de sus protagonistas* (1997), recopilación de testimonios de mujeres que participaron en la lucha armada; o Susana Jorgelina Ramos que aborda la historia del movimiento Montonero a partir de la experiencia de militancia, detención, tortura y muerte de su hermano Carlos y la suya su propia como militante detenida en la ESMA<sup>7</sup>. Las uruguayas Lucy Garrido y Lilián Celiberti, en *Mi habitación, mi celda* (1990), exponen el testimonio de Garrido a partir de una larga conversación entre ambas. Desde el punto de vista de la siguiente generación de hijas e hijos, la argentina Mariana Eva Pérez publica, en 2012, *Diario de una princesa montonera*. Encontramos asimismo otros relatos colectivos de mujeres como *Memorias para Armar* (2005), obra creada en el Taller de Género y Memoria de Ex Presas Políticas de Uruguay; *Ese Infierno. Conversaciones de cinco mujeres supervivientes de la ESMA* (2006), de las argentinas Munú Actis., Cristina Aldini, Liliana Gardella, Miriam Lewin y Elisa Tokar; o la denuncia directa de los crímenes sexuales que supone la obra *Putas y Guerrilleras* (2014), de las argentinas Miriam Lewin y Olga Wornat. En la novela *Un hilo rojo* (1998), la argentina Sara Rosenberg narra la investigación sobre la vida de una supuesta militante desaparecida, en lo que probablemente sea un relato autobiográfico.

<sup>5</sup> Ver: Nora STREJILEVICH. *El arte de no olvidar*. Literatura testimonial en Chile, Buenos Aires: Catálogos, 2006.

<sup>6</sup> Escrito en castellano por la autora ya exiliada en EEUU, fue difundido clandestinamente en Argentina, traducido y publicado en inglés bajo el título *The Little school* en 1984. La primera publicación en castellano es de 2006.

<sup>7</sup> Centro clandestino de detención, tortura y exterminio situado en la Escuela de Mecánica de la Armada en Buenos Aires, por el que pasaron más de 5000 personas detenidas y desaparecidas.

Nora Strejilevich encuadró su testimonio sobre la detención y tortura de su hermano Gerardo y la suya propia en la historia de represión de su genealogía familiar en *Una sola muerte numerosa* (1997), visibilizando la relación entre la violencia en las dictaduras del Cono Sur y la violencia de la Shoa.

## 5 VIOLENCIA SEXUAL EN LAS DICTADURAS EN OBRAS DE FICCIÓN

La violencia específica contra las mujeres se centró tanto en la sexualidad como en su capacidad reproductiva, coexistiendo ambas formas de violencia en la mayoría de los casos. Se dieron diferentes expresiones de violencia sexual, desde la desnudez, los manoseos, la falta de intimidad, las miradas e insultos, hasta las violaciones extremadamente violentas, incluidas las realizadas utilizando objetos y animales. La violencia centrada en la capacidad reproductiva de las mujeres, fue la primera denunciada internacionalmente a través, sobre todo, de las Madres (luego Abuelas) de Plaza de Mayo de Argentina. Son frecuentes los testimonios de supervivientes que hacen referencia a los abortos provocados a las mujeres embarazadas mediante palizas, pateos en el vientre, violaciones sistemáticas, etc.; los partos en condiciones inhumanas; los embarazos fruto de las violaciones, y el robo de los bebés al nacer, siendo las madres generalmente asesinadas posteriormente. Tanto la violencia sexual como la reproductiva, al igual que las estrategias de resistencia de las mujeres, han sido reflejadas en las obras objeto de este estudio.

En 1981, Marta Traba publica *Conversación al Sur*, novela basada en un diálogo entre dos mujeres, Irene y Dolores, de diferentes edades y posiciones ante la barbarie. Irene representa a la sociedad que ha intentado «quedarse al margen», «no saber», que nunca ha deseado «estar al lado de las víctimas». Algo que ya no le será posible ante el riesgo inminente de detención de su propio hijo y su nuera en Santiago de Chile, y tras haberse enfrentado en su último viaje a Buenos Aires con la desaparición de la hija de una amiga y haber gritado ella también junto con las Madres de la Plaza de Mayo, «¿dónde están?», asombrada ante la hipocresía de la gente que desaparece de la plaza para no ver, para no saber. Dolores, joven militante idealista, que pretendía transformar la sociedad, ha conocido la derrota, el asesinato de su compañeros y el horror de la tortura (patearon su vientre hasta provocarle un aborto y sufre pérdidas de orina consecuencia de las palizas) pero no ha sido vencida en su capacidad de denuncia, y seguirá afirmando al final de la novela, cuando ya se acercan los golpes en la puerta que presagian la vuelta de ambas al horror: «Esto ha pasado porque la mayoría de la gente no cree que las víctimas sean personas parecidas a ellos» (TRABA, 1999: 67).

En *A veinte años, Luz* (1998) Elsa Osorio aborda la violencia del «robo de la maternidad» a través de la historia de Luz. Liliana, joven militante embarazada, detenida y torturada, se libra de que ser golpeada hasta abortar o de parir sobre una mesa, sin atención médica alguna. Recibe un «trato privilegiado» durante los últimos meses de embarazo, debido a que uno de los torturadores ha decidido quedarse con su criatura, para satisfacer el deseo de maternidad de su novia, Miriam. La coincidencia con la muerte en el parto del nieto de un general, cambiará el destino de Luz, pero no el de Liliana. Aunque intente huir con su criatura con la ayuda de Miriam, será batida a tiros en la calle. La novela constituye una denuncia de la crueldad de esta práctica, repetida en otros regímenes dictatoriales, incluido el franquista durante la guerra civil y después de ella. El poder dominante no sólo dispone de la vida de la madre, sino que se permite la usurpación de las criaturas negándoles su historia y su identidad, viniendo a constituir un auténtico genocidio. Al mismo tiempo establece el paralelismo entre la violencia de la dictadura y la violencia de género que pesa sobre las mujeres, representada en la historia de Miriam. Resalta la capacidad de resistencia de varios de los personajes femeninos: Liliana no delata a su compañero, y lucha hasta el final para liberar a Luz. El vínculo emocional creado entre ella y Miriam, llevará a ésta a una transformación completa de su vida y a luchar para que Luz logre conocer sus orígenes veinte años después. Las Madres y Abuelas de la Plaza de Mayo, al igual que en *Conversación al Sur*, constituyen un personaje coral imprescindible.

En el relato *Excepto* (2003) de Margara Averbach, encontramos de nuevo la absurda arbitrariedad y brutalidad del sistema represivo. Teresa, la joven maestra casada con Diego, el sindicalista, es valiente, acude a las asambleas del colegio y escribe «cartas de protesta sobre el presupuesto, sobre el estado de los baños, sobre la comida, sobre la bruja de la directora que exige que no se corra en los recreos» (AVERBACH, 2003: 217). Teresa reclama igualdad con Diego en su relación: igualdad para ser capaces de correr riesgos, para no dejar de luchar por la justicia. Por ello, continúa haciéndolo pese al miedo de Diego, quien sabe que Betty, otra maestra reivindicativa y embarazada como Teresa, «se desvaneció en el aire, se esfumo en esa nada que se abre bajo los pies de las personas» (AVERBACH, 2003: 219). La misma nada en que desaparece todo el grupo de jóvenes que se reúnen todos los sábados para jugar una partida de truco, aquel día en que «Pasos en la vereda. Alguien tira la puerta abajo a patadas. La puerta cae como un puente que, de pronto, ya no lleva a ninguna parte»<sup>8</sup>.

Teresa se pregunta durante la tortura: «¿Que ven cuando me miran?» (AVERBACH, 2003: 232). Aquellos hombres

<sup>8</sup> Frase con que terminan los seis capítulos del relato.

no veían a una mujer (a un ser humano, diría yo) no la relacionaban con las mujeres que tal vez tenían fuera del pozo, las mujeres a las que volvían de noche, de día...Eran testigos de su sexo, de su maternidad, de su humanidad. Todos: el hombre de uniforme manchado y verde, el de las manos agudas como agujas, el que esperaba vestido de médico con los ojos brillosos y avaros y torpes, fijos en el hijo y no en ella, como si ella fuera una vaca que fuera a dar a luz un ser humano, una vaca lista para ir al matadero. Todos.

Teresa desaparecerá, su criatura será robada antes de lanzarla al mar, pero ella mantiene la capacidad de resistencia suficiente para transmitir un último mensaje a *La Bicha*<sup>9</sup>, golpeadas y ciegas ambas bajo las oscuras capuchas que las cubren: «44-7890 y ella se llama Laura» (AVERBACH, 2003: 135). Ello permitirá que *La Bicha* localice a la familia de Teresa desde España y se abra la esperanza de que la búsqueda que Diego inicie lleve al encuentro de la niña robada. Averbach visibiliza también en este relato el continuum de la violencia contra las mujeres, al establecer un paralelismo entre la violencia en el marco del terrorismo de Estado y la violencia de género ejercida por el hermano de Marta contra ésta, su madre y su hermana.

Otras obras abordan directamente la violencia sexual contra las mujeres. Angélica Gorodisher escribió *En el subsuelo* en algún momento que no recuerda con precisión, y aún permanece inédito. Podría ser el primer texto de ficción que da voz a una víctima de la violencia sexual. La protagonista no recuerda el pasado y su hermana Blanca crea para ella el falso recuerdo de un accidente, para explicar las consecuencias de la tortura:

Tengo todos estos inconvenientes y el asunto de la piel que no termina de curarse y dice el dermatólogo que es largo pero que va a andar bien. Pero es feo. Me incomoda cuando hago pis y cuando hago otras cosas. Una vez Dorita me dijo sos joven, che, tenés que volver a casarte y yo casi me desmayo. ¿Casarme con eso espantoso que tengo entre las piernas? De pensar en tener relaciones me quiero morir, cómo va a pretender andar un hombre por ahí por mis intimidades con esa especie de carne viva que tengo, ay no, qué horror, y el dolor y la vergüenza, no, por supuesto que no. ¿Cómo habrá sido de terrible el accidente que me hirió en tantas partes de mi cuerpo, cómo habrá sido? (*En el subsuelo*, cita tomada de Graciela, ALETTA DE SILVAS, «Género, violencia y dictadura...»).

*Cuentas*, de Noemí Ulla, escrito en 1974, publicado en la colección *La viajera perdida* en 1983 e incluido por la autora en la antología *Una lección de amor y otros cuentos* (2005), es el monólogo de una mujer que se refugia en contar obsesivamente las hojas de un árbol mientras es interrogada, tras la detención de su esposo, visibilizando a las mujeres que fueron detenidas y torturadas como forma de castigo por la militancia de sus compañeros y familiares varones. Finalmente, ella también es torturada y mutilada físicamente hasta quedar estéril. En *El proemio*, publicado dentro de la colección *El cerco del deseo* (1994), Ulla aborda con cierta ironía el enfrentamiento de la protagonista con

<sup>9</sup> Apodo de otra de las protagonistas. Liberada y exiliada por intermediación de su padre, influyente burgués.

la dificultad que representa narrar su testimonio a la vuelta del exilio. *Ganarse la muerte* (1976), novela publicada en Francia, tras ser prohibida por la censura en Argentina, de Griselda Gambaro, presenta la brutal violencia y abyección a que es sometida su protagonista, Cledi, en el hospicio y en la familia, hasta ser violada por su suegro y asesinada por su marido. Constituye una denuncia de la violencia contra las mujeres en el ámbito privado y en la estructura de un Estado donde domina el terror.

En *Cambio de armas*, escrito en 1977, pero publicado en 1982, dentro de una colección de cinco relatos de ese mismo título, estando ya la autora en el exilio, y *Simetrías*, publicado en 1993, Luisa Valenzuela presenta una de las formas más perversas de violencia impuesta a las mujeres durante la dictadura: obligarlas a acompañar en público a sus torturadores, debidamente vestidas y maquilladas, entre una y otra sesión de violaciones y tortura. O convertirlas en sus amantes, robándoles su ideología, su compromiso, su identidad. Valenzuela es una de las escritoras más destacadas en la crítica a la violencia contra las mujeres, desde su primera novela, *Hay que sonreír* (1966), y la violencia en la dictadura argentina y los años previos a la misma, utilizando un lenguaje simbólico y creativo, no carente de un sutil sentido del humor. Así lo encontramos en obras como *Rabo de Lagartija* (1983), cuyo protagonista es un personaje esperpéntico, una parodia magistral de José López Regá, alias *El Brujo*, siniestro hombre de confianza de Isabel Perón y creador del grupo terrorista paramilitar conocido como la Triple A; o los relatos publicados bajo el título de *Aquí pasan cosas raras* (1976).

La protagonista de *Cambio de armas* parece una muñeca rota, débil, enferma, al cuidado de una sirvienta, carente de recuerdos, de identidad e incluso de nombre. Atiende al de Laura, asignado por el hombre que la ha encerrado en la casa de lujo donde reside, de la que, al parecer, nada le impide escapar, sino la anulación a que ha sido sometida. Desprovista de emociones, sólo experimenta en ocasiones una angustia indefinida que le provoca deseos de gritar, o la inexplicable

sensación de amor que le recorre la piel como una mano y de golpe ese horrible, inundante sentimiento: el amado está muerto. ¿Cómo puede saber que está muerto? ¿Cómo saber tan certeramente de su muerte si ni ha logrado darle un rostro de vida, una forma? Pero lo han matado, lo sabe, y ahora le toca a ella solita llevar adelante la misión; toda la responsabilidad en manos de ella cuando lo único que hubiera deseado era morirse junto al hombre que quería (VALENZUELA, 2008: 168).

Sobre todo, ante las palabras de su ¿amante?: «No pienses, no te tortures, vení conmigo, así estás bien, no cierres los ojos. No pienses. No te tortures (déjame a mi torturarte, déjame ser dueño de todo tu dolor, de tus angustias, no te me escapes)» (VALENZUELA, 2008: 170).



Todo su mundo lo constituye ese hombre y la relación sexual que la autora describe detalladamente, incluida la presencia de los guardaespaldas que vigilan al otro lado de la puerta, pasando inmediatamente a la imagen de esa misma mujer en la sala de torturas cuando su ahora «amante» la violaba intentando provocar la delación de sus compañeros. Perdida toda resistencia psicológica, la mujer luchadora que un día fue, parece haber sido totalmente aniquilada, convertida en esta otra, sometida sexualmente a su dominador. No es placer sexual lo que busca el hombre, ni la destrucción de la enemiga ideológica, es el perverso ejercicio del poder total, de la dominación máxima: en vez de matar, doblegar la voluntad, arrancar las ideas, la personalidad, remodelar y recrear a la persona según la voluntad del torturador. Laura es, pues, el producto final de la refinada y sádica violencia ejercida sobre ella por su torturador. Pérdida de identidad similar a la que pueden sufrir las mujeres en situación de violencia de género, o la que sufrieron las víctimas del Holocausto. De hecho, si observamos la relación entre Laura y el hombre, ignorando el hecho de que anteriormente fueron torturada y torturador respectivamente, estaremos ante una relación de violencia de género, en que se da esa anulación de la personalidad de la mujer, esa asunción de la culpabilización por la brutalidad infringida por el maltratador, que ha sido ampliamente estudiada y que provoca que mujeres víctimas de violencia de género creen vínculos de dependencia con su victimario y tarden años en poder salir del ciclo de la violencia. La situación vivida es tan inconcebible que la víctima no puede creerla, «olvida» la realidad, en un mecanismo de disociación cognitiva como forma de autoprotección inconsciente, y llega a identificarse con el personaje que su dominador crea para ella. Valenzuela establece también un paralelismo con la disociación de las mujeres en situación de explotación sexual: los diversos nombres masculinos con que Laura llama al hombre, y la lujosa casa con espejos en el techo del dormitorio evocan el burdel y la situación de la mujer prostituida, sin poder alguno sobre su cuerpo y su sexualidad.

El final del relato abre una puerta a la esperanza. Antes de huir del país ante la inminente caída de la dictadura, el hombre intenta cruelmente obligar a Laura a recordar, evocando todo el recorrido de la tortura, llegando a poner a su alcance el revólver, con el que probablemente la amenazó y quizás violó. Algo cambia entonces en el interior de la mujer, facilitando la posibilidad de un cambio de roles: «ella ve esa espalda que se aleja y es como si por dentro se le disipara un poco la niebla. Empieza a entender algunas cosas, entiende sobre todo la función de ese instrumento negro que él llama revólver. Entonces lo levanta y apunta» (VALENZUELA, 2008: 179).

En *Simetrías*, Laura Valenzuela nos da algunos rasgos más de las estrategias de opresión. No sólo basta con dominar, anular, humillar, a la víctima, hay que hacerlo de

forma que sirva para público escarmiento, que sea ejemplarizante, de forma y manera que otras y otros se sometían sin necesidad siquiera de sufrir la violencia directa. La protagonista sin nombre de *Simetrías* podría ser una de las muchas mujeres que además de ser golpeadas, torturadas con la picana, violadas con ratas, perros y diferentes objetos, eran más tarde, quizás el mismo día, obligadas a vestirse y maquillarse para convertirse en visible trofeo. Los coroneles y generales paseaban con las «elegidas», pasando de la agresión a la caricia, luciéndolas en restaurantes de lujo, antes de volver a la celda, a estremecerse de asco y de horror escuchando los gritos de sus compañeras y compañeros en la sala de tortura, al otro lado de la pared. El escarnio ha de hacerse público para que toda la sociedad conozca la capacidad de poder de la dictadura y sea sometida por el pánico a sufrir un castigo similar, facilitando también que la mujer sea despreciada por sus propios compañeros. El miedo sobrecogedor lleva a culpabilizar a las víctimas, amparándose en el «a mí no me pasará», y a someterse aún más para demostrar la «inocencia» y la sumisión, como sucede, por ejemplo, con el protagonista del relato *Los censores*, relato que forma parte de la colección *Donde viven las águilas*, publicada en 1983. Se logra así que el miedo y la interiorización del discurso dominante reiteradamente repetido, provoquen el sometimiento de la población, derivado del terror, aún sin haber sufrido directamente la violencia.

Un paso más en la perversidad de la violencia sexual ejercida contra las mujeres en el marco del terrorismo de estado fueron aquellos casos en que un torturador establecía una relación pretendidamente «amorosa» con una de las mujeres retenidas y torturadas, convirtiéndola en su esclava sexual y procurando ganar su complicidad incluso para llevar a cabo acciones, no solo de delación, sino también de colaboración activa con el régimen dictatorial. Este tema fue abordado por la escritora argentina Liliana Heker en la novela *El fin de la historia* (1996), cuya protagonista, Leonora Ordaz, al igual que la Lorena/Irene de *La vida doble* (2010) del autor chileno Arturo Fontaine, representa a las mujeres que se convirtieron en deladoras y colaboradoras. *Carne de perra* (2009) de Fátima Simé y *Doble Fondo* (2017), de Elsa Osorio, permiten ahondar en la perversidad de esta forma de violencia, (quizás la más difícil de ser visibilizada por las propias víctimas), y las consecuencias posteriores en sus vidas (disociación, angustia, autocastigo, dificultad de entablar relaciones sexuales, ocultación de identidad, rechazo social, etc.) así como las emociones contradictorias que provocaba en las víctimas. De nuevo las autoras muestran también la capacidad de resistencia de las mujeres. La protagonista de múltiples nombres de *Doble Fondo* logra salvar a su pequeño hijo y escapar de su amante-torturador, construyendo una nueva vida en Francia. Aunque sea asesinada muchos años más tarde, sus cartas lograrán que su hijo conozca la verdad

y reconstruya su memoria. Ambas obras muestran cómo algunas de estas mujeres fueron convertidas en «cómplices» y utilizadas incluso para llevar a cabo crímenes al servicio de la represión, como en el caso de María Rosa, la enfermera protagonista de *Carne de Perra*. Fátima Simé le ofrece un giro de tuerca del destino, al reencontrar a su antiguo amante-torturador en el hospital donde trabaja, cuando éste sufre un cáncer terminal. Tras las humillaciones extremas a que fue sometida, ella tiene ahora el poder. La aplicación de la sustancia que acelerará la muerte del *Príncipe*, evitando un prolongado sufrimiento, puede ser un acto de piedad, y también el inicio de un camino de recuperación, tras dieciocho años bajo la marca del torturador. Simé y Osorio tienen en cuenta que, incluso en estos casos extremos de establecimiento de relación y supuesta complicidad entre víctima y torturador «no existe la posibilidad del consentimiento de la víctima pues la naturaleza de la represión dictatorial y la situación de violencia extrema que la define, hace de la sumisión y la obediencia femenina las formas predominantes de sobrevivencia» (LLANOS, 2015: 854).

En *Los Nudos del Silencio* (1988), Renée Ferrer, muestra tres rostros de la violencia y la resistencia de las mujeres. La violación, la prostitución y la violencia física ejercidas sobre Mei Li, quien fue vendida por su propio tío; la «sutil» dominación ejercida sobre Malena por su esposo Manuel, y la tortura de la joven militante sin nombre, violada hasta la muerte por Manuel y sus soldados. La resistencia de las tres se realiza a través del silencio: la militante se negó a delatar a sus compañeros pese a la tortura y la violación; Mei Li burla las expectativas masculinas transgrediendo el mandato heteropatriarcal en un espectáculo erótico lésbico; Malena cuestiona su vida, se niega al capricho de su marido por vez primera y deja abierta la posibilidad de romper definitivamente su cautiverio. La autora juega en esta obra con el doble sentido del silencio en las mujeres, al igual que en el relato *El Ovillo*, publicado en la colección *La Seca y otros cuentos* (1986) y reproducido en múltiples antologías. Por una parte, las diferentes formas de silencio opresor a que se ven sometidas las mujeres, como lo son las protagonistas de ambas obras. Por otra, el silencio como exponente de resistencia y libertad. En este sentido, destaca el silencio de la joven detenida por razones políticas:

Pese a toda la violencia sexual, psicológica y física sufrida hasta llegar a la muerte, ella mantuvo el silencio: sus gritos de dolor fueron la única respuesta, no delató jamás a sus camaradas. Ella, la víctima sin nombre, fue más fuerte que sus torturadores. Ella es la mujer que ha sabido enfrentar la opresión patriarcal y dictatorial. Ella, violada, torturada y asesinada, es una vencedora (IGLESIAS APARICIO, 2010: 8).

Un abordaje muy interesante del silencio de una mujer represaliada y torturada realiza también la chilena Pía Barros en el relato *Mordaza* (1990), en el que establece un

paralelismo entre la violencia a que es sometida la mujer torturada y la violencia ejercida sobre las mujeres indígenas en el proceso de colonización, personificadas en Malinche. Al igual que la militante de *Los Nudos del Silencio*, la mujer se resiste a delatar a sus camaradas:

no venderá el secreto de la voz, Malinche no era tan malinche, es que son ellos, los del mar o los del norte, la geografía se trueca desde abajo, son ellos los que nos retacean la historia, la hacen jirones y nos dejan el trozo suficiente para construir la mordaza, el retazo servil de la mansedumbre (BARROS, 2004: 33).

Tampoco Malinche, juzgada como traidora, fue la causante de la derrota de su pueblo, sino la víctima del invasor. En un final ambiguo, en el que dudamos si ha sido obligada a declarar en medio de la tortura, o ha muerto a causa de la tortura, mantiene su maldición a los represores:

Ella se hunde en el asco, el vómito seco, la inconsciencia, para despertar otra, por la eternidad otra, ante las flores y la fruta podridas, frente a los ojos harapientos que la observan mezclando el deseo y la compasión, cubierta por una camisa grande, sin zapatos, antes de que la lleven a una cama y un médico, a la memoria de haber firmado algo, una declaración, y el hombre harapiento traiga a un cura porque no se atreve a tocarla, y en el sigilo cobarde y madrugador de la ciudad, sea trasladada a la iglesia mientras vocifera, cree ella, mientras en realidad musita, llévense sus dioses y sus cruces, llévense el negro de las sotanas, no nos juzguen, no los necesitamos, ni a ustedes ni a los otros normadores, Malinche y yo los venceremos alguna vez, cuando remen mar adentro con sus dogmas y nuestra tristeza (BARROS: 36).

Silvia Lago retrata en *Despojos* (1994) la vida de una pareja, dos seres deshechos por el horror de la represión, la cárcel y la tortura. Es Matilde, bajo cuyo pecho queda la «huella imborrable» de la quemadura hecha «con una vara de metal al rojo», quien se sobrepone al hastío, para mantener el débil hilo de vida de Augusto.

## 6 MIRADAS CINEMATOGRÁFICAS

*La Flaca Alejandra* (Carmen Castillo y Guy Girard, 1994) ofrece el testimonio de Marcia Merino, autora del libro *Mi verdad... Más allá del horror; yo acuso*, 1994, exdirigente del Movimiento de Izquierda Revolucionaria (MIR) chileno, sobre su detención, tortura y traición. *Garage Olimpo* (Mario Bechis, 1998) refleja las diferentes formas de tortura y violencia, incluida la violencia sexual y las «desapariciones»; la angustia sufrida en los centros de detención clandestinos y la indefensión de las mujeres detenidas, torturadas, violadas y, finalmente, asesinadas. El documental *La Venda Sexy* recoge testimonios de seis supervivientes de este centro de detención y tortura de la Dirección de Inteligencia Nacional de Chile (DINA). Una de las participantes denuncia la presencia de mujeres torturadoras que obtenían poder imitando los comportamientos masculinos, al ejercer

violencia sexual sobre las represaliadas utilizando la picana, diferentes objetos o animales. La protagonista de *Migas de pan* (Menane Rodríguez, 2016) enfrenta el rechazo de su propio hijo, cuando regresa del exilio a Uruguay. La supervivencia al terror supuso para muchas personas, sobre todo mujeres, el rechazo por parte de familiares y camaradas, y la sospecha de complicidad con los represores.

## 7 CONCLUSIONES

Durante el terrorismo de Estado de las dictaduras militares, las mujeres fueron detenidas y represaliadas, tanto por su propia actividad política, como, en algunos casos, por su relación con militantes. Además de otras formas de tortura, las mujeres sufrieron sistemáticamente diferentes formas de violencia sexual y reproductiva. Solamente entrado ya el siglo XXI, se ha reconocido esta forma de violencia específica como crimen de lesa humanidad y han sido condenados algunos de los perpetradores. A ello han contribuido, los avances en la conceptualización de la violencia contra las mujeres, el marco jurídico internacional sobre derechos humanos de las mujeres y la aplicación del enfoque de género feminista a la recogida de testimonios y elaboración de estudios e informes. Sin embargo, desde los años setenta, diferentes escritoras, a través de relatos testimoniales basados en su propia experiencia y, sobre todo, en obras de ficción, visibilizaron la represión y violencia sexuada contra las mujeres y también su capacidad de resistencia, cumpliendo así la literatura y el cine la función de mantener la memoria histórica, denunciar la brutalidad del terrorismo de Estado y dar voz a quienes se veían privadas de ella.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALETTA DE SILVAS, Graciela. (2012). «Género, violencia y dictadura en la narrativa de escritoras argentinas de los 70». *Amerika*, 7.

AUCÍA et al. (2011). *Grietas en el silencio. Una investigación sobre la violencia sexual en el marco del terrorismo de Estado*, Rosario (Argentina), CLADEM.

AVERBACH, Mária (2003). «*Excepto*», en *Cuarto menguante*, Buenos Aires, Emecé Editores S.A.

BACCI, Claudia et al (2012). *Y NADIE QUERÍA SABER. Relatos sobre violencia contra las mujeres en el terrorismo de Estado en Argentina*. Buenos Aires: Memoria Abierta.

BARROS, Pía (2004). «Mordaza», en *A Horcajadas*, Santiago, Lom Ediciones (4.ª edición): 33-36.

BOTERO, Adolfo Jerónimo y LEAL GRANOBLES, Yuliana (2013). «El mal radical y la banalidad del mal: las dos caras del horror de los regímenes totalitarios desde la perspectiva de Hannah Arendt», *Universitas Philosophica* 60: 99-126.

CALVEIRO, Pilar (2004). *Poder y desaparición: los campos de concentración en Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Colihue.

CARRERA, Carolina y GUTIÉRREZ, Paulina (compiladoras) (2005). *Memorias de ocupación. Violencia sexual contra mujeres detenidas durante la dictadura*, Santiago de Chile: Fundación Instituto de la Mujer.

CELIBERTI, Lilián (2012). «Desatar, desnudar... reanudar», en Soledad GONZÁLEZ BAICA, y Mariana RISSO FERNÁNDEZ (compiladoras), *Las Laurencias. Violencia sexual y de género en el terrorismo de Estado uruguayo*. Montevideo, Trilce:13-23.

FEMENÍAS, María Luisa (2009). «Cuerpo, poder y violencia. Algunas intersecciones», en Carmen Susana TORNQUISTAR et al, *Leituras de resistência: Corpo, violência e poder*, Santa Catarina (Brasil), Rita Motta - Ed. Tribo da Ilha: 25-47.

FORNICITO, Ana (2012). *Los umbrales del testimonio: Entre las narraciones de los sobrevivientes y las señas de la posdictadura*. Madrid: Iberoamericana.

JELIN, Elizabeth (2002). *Los trabajos de la memoria*, Madrid, Siglo XXI.

LLANOS, Bernardita (2015). «Memoria y traición femenina en la ficción y el testimonio», *KAMCHATKA* 6: 853-863.

MANGADO, Lala y ROBAINA, María Celia (2012). «La Emergencia de un prolongado y silenciado dolor», en *Las Laurencias...*:25-38.

SEGATO, Rita (2016). *La guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de Sueños.

SONDERÉGUER, María y CORREA, Violeta (2012). «Género y violencias en el terrorismo de Estado en Argentina», en María SONDERÉGUER (ed.), *Género y Poder: violencias de género en conflictos armados y contextos represivos*, Bernal, Editorial UNQ: 289-302.

TRABA, Marta (1998). *Conversación al Sur*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1999 (8.ªedic.).

VILLEGAS, María Cecilia Rita (2018). «La violencia contra las mujeres en el marco del terrorismo de Estado en Argentina», *Revista Derechos en Acción*, 3 (9): 251-265.

VALENZUELA, Luisa (2008). «Cambio de armas» y «Simetrías», en *Cuentos Completos y uno más*, México, Alfaguara, (3.ª reimpresión).

# CAPÍTULO 13

## ARCHITECTURAL HISTORY IN FLUX: ERNESTO ROGERS AND THE DUALITY OF ESTRANGEMENT AND FAMILIARITY

Data de submissão: 09/10/2023

Data de aceite: 27/10/2023

**Lejla Vujcic, PhD**

Union Nikola Tesla University  
Department of Architecture  
Belgrade, Serbia

<https://orcid.org/0000-0002-2242-3173>

**ABSTRACT:** Ernesto N. Rogers was the key figure in post-war Italian architecture, both in the field of theory and practice. An architect, educator, writer, and editor, he was a man of great erudition and talent. Like many intellectuals in post-Second World War Italy, he theorized history and used sources somewhat eclectically to promote his idea of continuity as a temporal model in architecture. His theory, on the one hand, emerged from a particular Italian pre-war intellectual tradition but was also based on a wide spectrum of resources, including Enzo Paci, Henri Bergson, John Dewey, and Henri Focillon, among others. It found its way into the narrative of architecture in some of the works of his office, notably the project for Torre Velasca in Milan, which we will use as a case study in this paper. Following his idea of “sensing history,” he created buildings and pieces that are in a constant state of flux between what one might feel is

familiar, a “true” representation of history, and, on the other hand, estrangement that comes with the desire to physically embody history in pre-existing environments (i.e., cities or natural environments) that were never truly present. The result is the uneasiness that arises from the question of representing history in physical form, which oscillates between history as we imagine it and history as a source of future imagination.

**KEYWORDS:** Ernesto Rogers. Continuity. History. Tradition. Torre Velasca.

### HISTÓRIA DA ARQUITETURA EM FLUXO: ERNESTO ROGERS E A DUALIDADE DO ESTRANHAMENTO E DA FAMILIARIDADE

**RESUMO:** Ernesto N. Rogers foi a figura chave da arquitetura italiana do pós-guerra, tanto no campo da teoria como na prática. Arquiteto, educador, escritor e editor, foi um homem de grande erudição e talento. Como muitos intelectuais na Itália pós-Segunda Guerra Mundial, ele teorizou a história e usou fontes de forma um tanto eclética para promover sua ideia de continuidade como modelo temporal na arquitetura. A sua teoria, por um lado, emergiu de uma tradição intelectual italiana específica do pré-guerra, mas também se baseou num amplo espectro de fontes, incluindo Enzo Paci, Henri Bergson, John Dewey e Henri Focillon, entre outros. Encontrou o seu caminho na narrativa da arquitetura em algumas das obras do seu escritório, nomeadamente no projeto da

Torre Velasca em Milão, que utilizamos como estudo de caso neste artigo. Seguindo a sua ideia de “sentir a história”, ele criou edifícios e peças que estão em constante estado de fluxo entre o que se pode sentir como familiar, uma representação “verdadeira” da história, e, por outro lado, o estranhamento que vem com o desejo de incorporar fisicamente a história em ambientes pré-existentes (ou seja, cidades ou ambientes naturais) que nunca estiveram verdadeiramente presentes. O resultado é o desconforto que surge da questão de representar a história em forma física, que oscila entre a história tal como a imaginamos e a história como fonte de imaginação futura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ernesto Rogers. Continuidade. História. Tradição. Torre Velasca.

## 1 INTRODUCTION<sup>1</sup>

In the period immediately after WWII, Italy was a country of political confusion, economic desperation, blurred borders of national identity, and a site of artificially induced “self-absolving collective memory” created in order to ease the transition into postwar political, social, and building reconstruction. Building activities reflected land speculation, backed up by traditional building techniques and the need to reduce an enormous unemployment rate. Italy lacked a comprehensive urban planning policy which had multiple consequences for the development of its cities in the 1960s.

A plan for Milan sketched out in 1945 as a comprehensive regional plan by Franco Albini, Pietro Bottoni, Ignazio Gardella, Ernesto Rogers, Ludovico Belgiojoso, and Ezio Cerutti, did not go through. After the Christian Democratic Party (DC), strongly supported by the United States, won the election in 1948, it offered a national housing plan that gave only partial solutions to the current urban problems. In 1949 INA casa (Istituto Nazionale Abitazioni) came into being initiated by DC minister Amintore Fanfani which gave again, partial solutions to the problems of the cities.

For Italian architects, grappling with history and its integration into their work was not simply a matter of progressing seamlessly from previous times. Instead, they faced the challenge of re-engaging with modernism. Modernism, as widely debated, promoted a linear approach to time and a continuous pursuit of the new, reflecting an ahistorical stance in architectural production. In contrast, Italian architects cultivated a complex understanding of historical time within the context of their rich architectural heritage.

The political and social context of the time was also complex. The concept of ‘temporal’ raised the theoretical challenge of balancing tradition with the present moment and also manifested as a concern in building practice. These challenges converged explosively when architects worked within and around the historic city. In this reexamining of architectural and urban policies, there was not always an interest in novelty per se, and

<sup>1</sup> This topic was first discussed at the 2017 IAFOR Conference on Arts and Humanities, “History, Story, Narrative.” <https://papers.iafor.org/submission34539/>



while many other art disciplines developed an avant-garde approach, Italian architectural production of the 60s was considered to belong to 'incomplete' avant-garde or rearguard.

Ernesto Rogers was an internationally renowned Italian architect with remarkable career that lasted from 1932 until his untimely death in 1969. Apart from his involvement in the office BBPR, which he established with Gian Luigi Banfi (1910-1945), Lodovico Barbiano di Belgiojoso (1909-2004), and Enrico Peressutti (1908-1976), he also taught in Great Britain, the United States, and South America, and was one of the best-known Italian CIAM (Congrès Internationaux d'Architecture Moderne) members. As with many intellectuals of post-Second World War Italy, Rogers theorized history and used sources somewhat eclectically to promote his idea of continuity as a temporal model in architecture. Following his ideas of "sensing history," pre-existing environments, continuity, and mediation, he created buildings and pieces that are in a state of flux between what one might feel is familiar, a "true" representation of history, and, on the other hand, estrangement that comes with the desire to physically embody history in the field of pre-existing environments (i.e., cities or natural environments) that was never really present. The result was the uneasiness that comes with the question of representation of history in the physical form that oscillates between history as we imagine it and history as a source of future imagination.

## 2 ERNESTO ROGERS AND THE CONCEPT OF CONTINUITY

*Continuità*, as a cultural concept and temporal model, was propagated through Rogers's editorial politics in the journal *Casabella*, one of the most influential and widely read media outlets that supported both modern architecture in its struggle against formalism and the continuation of Italian rationalism in the post-war period. As a model of time, *continuità* encompassed several of Rogers's concerns, ranging from the notions of tradition and memory to invention, experience, individualism, and cultural unity. At its core lies the idea of an evolutionary process, representing the cumulative power of gradual change. Rogers often used the term 'evolution' to describe the development of urban forms.

Furthermore, 'continuità' marked the continuation of the pre-war experience and the legacy of Giuseppe Pagano and Eduardo Persico in *Casabella*. Through their editorial policies, these two authors critiqued academic approaches influenced by right-wing philosophy that prevailed in architectural education during that period. In the late 1950s, Rogers featured the works of Modern masters in *Casabella*, emphasizing their role in the evolution of architectural modernity. He deliberately underscored the enduring significance of the word, insisting on the cumulative power of more or less gradual changes. Rogers'

understanding of historical shifts is clearly articulated in his debate with architectural historian Walter Gropius: “No opposition, dialectically conceived, can be isolated as an absolute negation, just as no continuity can be considered outside of a dialectical action, which, above all, contributes to the process of evolution.” (Rogers, 1963, p.2)

At the same time, *continuità* functioned as a methodology, a tool, and a ‘complex ideology progressively theorized by Rogers.’ It signified, in Rogers’s words, ‘historical consciousness.’ As a methodology, it supported his theory of pre-existing environments. As an ideology, the concept of *continuità* encouraged the integration of modernist principles with historical and traditional elements.

The concept of *continuità* emerged from Rogers’s understanding of tradition as a broad cultural activity to which the subject had direct access through art. Rogers and his friend, philosopher Enzo Paci, attacked modernist ideology reflected in functionalism as well as Crocean idealism by offering phenomenological reading of history. They intended to bring artistic expression down from the world of the ideal into the world of culture, presented as a unity of the social, technical, and historical.<sup>2</sup> Rogers’s writings often express a desire to return to what Lukacs referred to as an ‘integrated civilization,’ one that is pre-modern and reflects a society where the subject and the world exist in unity. This unified world, free from intellectual mediation and cognitive a-priori, allows for the immediate experience of the subject and is what Rogers refers to as tradition.

At the beginning of his article “L’architettura e il mondo della vita” published in *Casabella* 217 Paci (1957), summarized key issues of two opposite tendencies that, in his view, needed to be superseded: Crocean detachment from the realities of the world, and the tendency to prioritize function and deny the artistic qualities of architecture. Paci goes on to problematize Marxist philosophy for its claims that artistic form is conditioned by economic structure:

“It is true that every human activity is conditioned. But what conditions it is not solely economic structure but a complex set of factors, between which, in the case of architecture, reenter the nature of materials, utilitarian functions, geographic and environmental situation, ways and means of communication, psychological character of a given population, historical traditions and so on.” (Paci, 1957, p.53)

Both Rogers and Paci believed that architecture is a way of exposing the ‘life-world’, “the world of straightforward intersubjective experiences,” in Husserl’s terms, as a pre-meditative, mutually shared ever-changing cultural ‘horizon.’ The changes in the life-world are temporal phenomena, which is why Rogers considered the past significant for

<sup>2</sup> For instance, Rogers ascribes the short life of Style Nouveau to the non-unified society where the relationship between content and representation is broken. See Ernesto N. Rogers, Cesare de Seta, *Gli elementi del fenomeno architettonico*, p.70.

understanding human existence and the existence of architecture as one of the necessary human practices: “It is while questioning the past (but not by becoming the past) that I understand the present and the interest of the present for its own transformation.” (Paci, 1972, p. 24). Paci furthermore deployed Husserl’s ‘suspension of judgment’ and ‘seeing things the way they are,’ as immediately accessible for perception. New ‘style,’ according to Paci, could only be born of new encounters with the life-world, through lived experience unburdened by prejudices. The architect, who can uncover certain aspects of the life-world through his/her work, can find in it a society that is not “theorized or ideologized or structured beforehand according to the perspectives of a given sociology... but make[s] alive and real social relationship of his country, with its needs and miseries, with its illusions and hard sense of reality, of the limits and conditions of life.” (Paci, 1957) This heightened awareness of the world is what the architect can bring forth if only (s)he herself can “see the things the way they are.” It is the collapse of an ordered relationship between human subjects and the world – ‘authentic living’ that goes beyond purely rational and involves bodily engagement – that Paci and Rogers wanted to see in new architecture.<sup>3</sup>

### 3 ERNESTO ROGERS, T.S. ELIOT AND HENRI BERGSON

In a February 1954 editorial, “Tradition and the Individual Talent,” Rogers borrows the title of T. S. Eliot’s well-known essay advancing the theory of artistic depersonalization. Rogers described how Eliot “invites artists and critiques to broaden the terms of historic sense while warning them against inborn deformations, which alter the quality of the judgment.” (Rogers, 1997, p.262) It is the capacity to critically approach one’s own and other cultures that is the prerequisite for a true artist. In this context, tradition is the field in which artist continually erases himself, and his progress is a “continual self-sacrifice, a continual extinction of personality” which enables mediating or channeling experiences outside his/her own sphere. In this vein, tradition, as Eliot claims, cannot be inherited:

“...if you want it you must obtain it by great labor. It involves, in the first place, the historical sense which we may call nearly indispensable to anyone who would continue to be a poet beyond his twenty-fifth year; and the historical sense involves a perception, not only of the pastness of the past, but of its presence; the historical sense compels a man to write not merely with his own generation in his bones, but with a feeling that the whole of the literature of Europe from Homer and within it the whole of the literature of his own country has a simultaneous existence and composes a simultaneous order... This

---

<sup>3</sup> It is precisely this request for authenticity and abstraction of historical contextualization of the subject that will be attacked by Theodor Adorno. According to Adorno, thinking that it is possible to grasp something substantial behind the thought generates the ideology of a “universal humanity” that blurs distinctions between the subject and historical conditions to which it belongs. In Adorno’s opinion, “jargon” of authentic existence does not liberate the subject from alienation but masks the circumstances under which it operates. See Theodor W. Adorno, *The Jargon of Authenticity*.

historical sense, which is a sense of the timeless and of the temporal together, is what makes a writer traditional. And it is at the same time what makes a writer more acutely conscious of his place in time, of his own contemporaneity.” (Eliot, 1982, p.37)

This understanding of historical sense is what fuels Rogers’s understanding of historical time: at once continuous time and the atemporal content of history shape themselves in the form of tradition. Instead of the causal chain of events, Rogers thought of history as the layering of events, layers that for him were equally visible in anonymous architecture as well as in the structured historicity of classical architecture.

How are temporal phenomena manifested in physical form in Rogers? Through invention, of which memory is an agent.<sup>4</sup> It is the memory that “confers on space the measure of time, of all the time which comes before us.” (Rogers, 1960) Following Bergson’s (Bergson, 1911) discussion of two kinds of memory, Rogers claims that memory has two functions in design, related to contemplation and activity respectively: “one that moves from us towards things” and one that moves “from things to us and beyond us.”<sup>5</sup> In Bergson the former uses “centrifugal movements” and constitutes bodily memory registered in the body itself, while the second suggests “centripetal movements,” marked in representations within the external world. The first implies action formed by a habit, while the second requires recollection. In both cases the human body is the medium that communicates between the external world and the perception of it.<sup>6</sup> While Bergson’s understanding of memory remained a discussion of individual memory, Rogers did not explicitly delineate how this individual memory becomes collective; it is clear, however, in his writings that the artist/author is the one “who knows” the collective.

The work of art also engages Bergson’s concept of contemplative memory, which transitions ‘from things to us’ and shapes representations of the world as it exists within us. Rogers and Paci, in line with their beliefs, assert that for a work of art or architecture to fulfill its role, it must strike a delicate balance between utility and beauty.<sup>7</sup> The definition of form, moreover, was to Rogers one of the central problems of misuse of history in architecture:

---

<sup>4</sup> Rogers claims that memory is just one element necessary for art to address larger cultural issues.

<sup>5</sup> While Rogers does not explicitly cite Bergson in this editorial, he affirms his familiarity with Bergson’s work in ‘Economia e armonia,’ where he explores the concept of tactile vision.

<sup>6</sup> Bergson’s dual memory concept stands in contrast to Paci’s notion of continuity as a life-world. The former suggests a sense of directionality, moving from the subject towards the world and vice versa, a quality not readily apparent in Paci’s perspective.

<sup>7</sup> By eliminating the element of stability or firmness from the Vitruvian triad, Rogers sidestepped certain structural concerns. This shift aligned with Paci’s lack of interest in the technological aspects of architectural work. In contrast, Rogers, well-versed in emerging technologies, showed keen interest in the potential of prefabrication and its role in reconstruction – a topic explored in the pages of Casabella. During a discussion with Roberto Pane, Rogers argued that the concept of ‘firmness’ is implicitly included as a practical concern within ‘utility.’ While some modernists advocated for technology, Rogers exhibited limited enthusiasm for such technological pursuits.

“it is clear that the measure of these terms [utility and beauty] is different from case to case and that, therefore, their internal relations are in each case different. But it is just this identity of method, which consists in drawing form out of the reality intrinsic to each case that, in penetrating each case, reveals it for what it is and finds a different expression from one to another.” (Rogers, 1960, p.2)

The ‘case by case’ method served as Rogers’ doctrine, enabling him to critique the perceived universalization of architectural language on one hand and the use of typology, such as that advocated by Saverio Muratori, on the other hand. This method was Rogers’ means to enact his ideology, addressing the classical ideal of ‘Concordia discors,’ which involves a strategy of mutual interdependence among architectural works, urban environments, and man-made landscapes/nature. Additionally, it allowed him to challenge the repetitiveness inherent in typological approaches. It was in his mind also the most powerful tool against formalism. To avoid formalism, new architectural creations should result from a specific process or method that engages in a dialectical relationship between the past and the present:<sup>8</sup>

“Thus, the most profound discovery of the Modern Movement, i.e. the inclusion of methodological research in the process of form, transformed the very essence of traditional theory and practice which, however variable and rich, was based on a belief in few principles subject to the play of variations.”<sup>9</sup> (Rogers, 1961, p.1)

Paradoxically, in Rogers’s discourse, method generates specific autonomy of architectural work: “[p]recisely because the method of approaching is the same, it follows that the solution to every problem is different.” (Ockman, 1993, p.201) Thus the solution to what Rogers sees as formalism and lack of historical awareness lies in keeping and balancing the distinction between *particular* generated by the method and *universal* created by typology. In Rogers’s view method requires careful recognition of the “concreteness” of a pre-existing environment, while typology abstracts its complexity. The duality between method and typological approach maintained in Rogers recurs as a problem in Torre Velasca, one of the most disputed and difficult projects BBPR built following the theory of pre-existing environments.

#### 4 THE THEORY OF PRE-EXISTING CONDITIONS

Rogers introduced the theory of pre-existing conditions in the editorial “*Le preesistenza ambientali e i temi pratici contemporanei*” in *Casabella Continuità* (February

<sup>8</sup> “The style, as a unification of figurative expressions, is each time specified through facts and there can be no mechanical repetition nor analogical (imitative) transference, where its formal constitution is already defined somewhere else. To empty forms from their defining content would be completely external operation which would precipitate into *formalism*.” (Rogers, 2006, p.99)

<sup>9</sup> Rogers acknowledged Walter Gropius’ influence on his thinking in several instances, while also expressing his disagreements regarding the treatment of history.

1955). The text summarizes much of his thinking on the relationship between a building, urban environment and man-made and natural landscape. *L'ambiente*, or context as it came to be translated in English, is the place of pre-existences, of the “prime plasmatic matter” as Rogers defined history.<sup>10</sup> “It is clear then,” he further explains in *The Image: the Architects Inalienable Vision*, “that building cannot be isolated from the environment which surrounds it; and this does not merely include the landscape [paeasaggio] that which visually embraces the place where the building is erected; but also that unity of images born of the most diverse associations, all of which are legitimate by reason of the serrated logic of sensation.”<sup>11</sup> (Rogers, 1966, p.246) In a relational universe, where objects constantly create and recreate mutual connections, new buildings must enter “organically into the given spatial-temporal situation” where each form is specific to its own set of circumstances. This means that architecture is “profoundly connected to environmental conditions,” which are determined both by socio-economic and cultural factors. For Rogers, language, nature, and architecture are products of the long history of transformations. Evolution of forms is the result of a long period of adaptation and selection.<sup>12</sup> Evolution is culturally constituted but also has its natural determinants. However, when a building is set in relationship with the context, “the copying of the traditional forms will obviously be impossible, but so will the design of an architecture only abstractly satisfying our taste and the conditions of contemporary technology[.]” Furthermore, forms must “convincingly document the subtlest ethical claims of a collective and individual man, continuing the ancient discourse.” (Rogers and Molinari, 1997, 279-286)<sup>13</sup>

In his discussions of architectural continuity and evolution, Rogers had in mind both spatial and temporal consistency, notwithstanding radical shifts that mechanisms of change might bring in certain epochs or certain places. One must understand history and time as underlying the overall structure of human existence to understand why for Rogers it is not possible to eschew living in history:

“Whether history evolves according to a continuation of customs, content, form or whether history is characterized by a fracture that causes an emergency, in any case, as I was suggesting, there is a relationship in time between the present time and the period that preceded it.” (Rogers, 1999, p.55)

<sup>10</sup> In *Gli elementi del fenomeno architettonico* Rogers defines history as an “available heritage, becoming once again malleable raw material (*materia prima plasmabile*), according to the will and interpretation of which we are capable.” (Rogers, 2006, p. 32) Interestingly enough, Marc Bloch, founder of the Annales School of History claimed that “history’s time is the plasma in which phenomena are immersed and the locus of their intelligibility.”

<sup>11</sup> Rogers contributed to this book together with Jean Arp, Naum Gabo, S. Giedion, Walter Gropius, Fernand Leger, Richard J. Neutra, Norbert Wiener, and others.

<sup>12</sup> Rogers had a familiarity with Henri Focillon’s work, and his theory of pre-existing conditions resonates with Focillon’s theory of the evolution of form.

<sup>13</sup> Translated and republished in Joan Ockman, *Architecture Culture 1943-1968*, pp. 200-204.

Continuity, then, is not marked by the rate or nature of change, gradualness, or finding similarities between epochs but is a ubiquitous principle. It simply implies a dynamic historical process, where every stage of development relates to the previous one.<sup>14</sup> Continuity thus needs to be distinguished from chronological, or linear time, segmented into measurable units that succeed one another. Continuity, channeled through the theory of pre-existing conditions, molds two concepts of time in one: while it implies diachronic<sup>15</sup> processes of adjustment in the evolutionary development, working with pre-existing conditions understood as a historical pre-requisite requires a horizontal cut through the grain of time.<sup>16</sup>

## 5 TORRE VELASCA AND TIME COLLAPSE

At the 1959 CIAM conference in Otterlo, Ludovico Belgiojoso, Enrico Peressutti, and Ernesto Rogers (BBPR) exhibited the project of Torre Velasca, representing several years of exploration into methodologies for skyscraper design within historic urban environments.<sup>17</sup> The twenty-eight story building, located in the heart of Milan, was an opportunity to further explore the theory of pre-existing conditions and a case by case method. Initially conceived as a modern steel structure, the design eventually evolved into a reinforced concrete tripartite tower.

<sup>14</sup> This understanding of continuity resembles the notion of continuism in science. Continuism assumes that “any event of today was directly preceded by some event which must have taken place yesterday. However, the event of today is not necessarily an ‘advance’ over the event of yesterday, but it is only a ‘reaction’ to it, and the reaction may be a positive or negative one. That is, the event of today may concur with yesterday’s event and carry it forward, or it may disagree with it, and oppose it with something different.” See “Continuity and discontinuity in nature and knowledge”, Dictionary of the History of Ideas. <https://xtf.lib.virginia.edu/xtf/view?docId=DicHist/uvaBook/tei/DicHist1.xml;chunk.id=dv1-62;toc.depth=1;toc.id=dv1-62;brand=default>

<sup>15</sup> In *Course in General Linguistics* Ferdinand de Saussure distinguishes between two branches of linguistics: “Synchronic linguistics will be concerned with logical and psychological connections between coexisting items constituting a system, as perceived by the same collective consciousness. Diachronic linguistics on the other hand will be concerned with connections between sequences of items not perceived by the same collective consciousness, which replace one another without themselves constituting a system.” See p. 98. Diachronic time is related to diachronic history, often represented along a vertical axis. Diachronic history is inherently evolutionary, documenting changes and the emergence of events over time. Synchronic history, on the other hand, adopts a structural approach and concentrates on a system or situation at a specific, fixed point in time.

<sup>16</sup> In a few instances, Rogers mentioned cyclical time in the context of modern architecture. He was familiar with Vico’s *corsi e ricorsi* from his student days and described, in one of his texts, historic change in terms of culture exhausting itself and creating a new one. This concept of historic time is not elaborated upon in his writings, but it does, however, contribute to the overall understanding of historical time, which is not based on the notion of progress.

<sup>17</sup> In 1959, members of CIAM (Congrès International d’Architecture Moderne) convened for the eleventh time. The congress took place in Otterlo at the Musée Kröller-Müller. Richard Rogers was part of the coordination team, along with Bakema, Roth, Voelcker, and Wogenscky. The presentations showcased irreconcilable approaches to the direction of architectural thinking, marking the end of CIAM. Peter Smithson, Alison Smithson, and Jacob Bakema strongly criticized BBPR’s project. Giancarlo de Carlo, Ignazio Gardella, and Vico Magistretti also exhibited their work at the conference, sparking debates among the members. For instance, Jacob B. Bakema argued that Rogers was resisting contemporary life. Projects by Vittorio Gregotti, Aldo Rossi, Guido Canella, Aimaro Isola, and Roberto Gabetti were featured in Casabella, becoming known as Neo-Liberty.

For an architectural practice rooted in the Italian rationalist tradition, Torre Velasca was not only different from other BBPR works but also posed challenges for many CIAM participants.<sup>18</sup> Rogers' (and BBPR's) interpretation of history as an overarching principle and tradition understood as 'life-world' liberated from any sort of elitism, once implemented in the urban context, was seen as static and anachronistic. While Italian architect and theorist Giuseppe Samonà astutely recognized Rogers' primal plasmatic matter of history in the project and described the building "as the explosion of a compact magma that, suddenly in a specific point, has shot with a vertical jet the matter of which it consists," to many outside Italy it was a building that conveyed the wrong message to modernity. (Samonà, 1959, p.659)

In a heated conference debate, Peter Smithson commented that the building belongs to an anachronistic "closed aesthetic" and wielded a "plastic vocabulary" of an "immoral" and dangerous sort: "[n]ow I suggest that you, in a way, created a model here which has included certain consequences which, if you had been aware of your position in the society and your position in the development of things, you would have seen are dangerous." (Newman, 1961, p.92) Jacob B. Bakema thought that the building's silhouette looked as if it could have been there for fifty years, and its form failed to communicate contemporary life.<sup>19</sup> In his answer to Smithson's charge of immorality, Rogers insisted on the structural integrity of the building: "[t]o me the intimate morality of architecture is the clarity and sincerity of the structure and the awareness of the use of the many things required in the putting up a building – that is the morality of the object."<sup>20</sup> (Newman, 1961, p.95).

---

<sup>18</sup> There are other projects in this period that exhibit BBPR's interest in building with the theory of pre-existing conditions in mind. One of those is a mixed-use building in Corso Francia in Torino. Most of them, however, do not exhibit historical elements in the manner Torre Velasca does.

<sup>19</sup> Bakema's statement points towards a lack of understanding of the specificity of Italian situation and the building constraints in Milan in this period.

<sup>20</sup> In response to Smithson's argument that BBPR's project is aesthetically and ethically wrong, Rogers pointed out a significant challenge: '...you think in English. Now that is not my way of thinking.' It is difficult to assess whether the argument between Rogers and Smithsons is, as Rogers pointed out, purely a consequence of cultural differences. However, Rogers's insistence on the structural integrity and methodological consistency and unwillingness to accept the fact that these two parameters create particular aesthetics in the case of Torre Velasca is highly problematic. In contrast to Rogers' stance, the idea of immediate access to culture and its history has demonstrated its lack of universality, as it may not be universally accessible or comprehensible to all.



Figure 1. Torre Velsaca (Authors's images).



At the conference, Rogers claimed that “the general shape of the building is the result of a very rational design approach,” where “in the design of any building there are three things to be considered: how the building meets the ground, how it meets the sky and the variation of the body (how it goes around the corner).” (Newman, 1961, p.92) Rogers thought that the three-part division of the façade in Torre Velasca was satisfactory, without reference to non-differentiated vertical (metaphorically infinite) compositional structure which is the usual typological determinant for a skyscraper. At the same time, Rogers claimed, the horizontal division of the high-rise enabled contact with human dimension. He emphasized how the building was an “articulation of the structure,” which comports

with Paci's idea that architecture has the particular power of articulating the relationship between function and construction as a part of a larger agenda of art to demonstrate social life.

Apart from the "structural coherence" that allows for the construction to have an aesthetic role, Rogers claimed that the significance of the project also lies in the collection of images it evokes without direct reference to any particular Milan building. "The value of this design," Rogers explained, "lies in its intent to epitomize, culturally speaking – while avoiding repetition of the expressive language used in any of its buildings – the atmosphere of the city of Milan, its ineffable yet perceptible character." (Rogers & Molinari, 1997, p.289) According to the architect, the design was a product of a carefully crafted method of looking into pre-existing conditions and that is the only lens through which it can be seen.

## 6 CONCLUSION

Rogers's theory of *preesistenza ambientale* and his desire for cultural unity generated a methodology that introduced a temporal conflict between events and structures, or processes and systems. When applied to Torre Velasca, it dismantled historical continuity by making a horizontal cut through the grain of time thus allowing for the simultaneous occurrence of architectural elements that belonged to separate time periods of the historical development of Milan. These elements, such as the concrete color, shape of the windows, and the tripartite shape of the tower, referenced the cumulative evolution of the city over time. However, their amalgamation in one place in one/present moment could not but freeze the historical process. This created an aesthetics, (something Rogers and his team claimed to have little interest in), that simultaneously evoked feelings of both estrangement and familiarity.

This tacit dualism in the architecture of Torre Velasca drew from the notion of continuity, while also embracing the "collapse of time" within a contextual approach. The contextual framework that Rogers and BBPR posed as a starting point was a complex historic environment and a resource for the work of art that imaginatively addressed the whole of the history of Milan. However, to many observers, the synchronization of the past embedded within the image of the building seemed to stem from an eclectic approach to history. This approach, often labeled as stylistic, aligned with what George Kubler referred to as the "spatialization of time," a characteristic feature of stylistic representations of history.<sup>21</sup> (Kubler, 1967, pp. 849-855)

Torre Velasca can be seen both as a skyscraper and a scaled-up fragment of a historic city; it is a prefabricated system with expressive structural components and

<sup>21</sup> Kubler: "The idea of style is best adapted to static situations, in cross-cut or synchronous section...Thus style and the flow of happening are antinomies. Style pertains to a timeless sphere..."

heaviness that resembles August Perret's work, one of Rogers' favorite masters. One can say, however, that history in this building operates as the mechanism of memory: it is fragmented and somewhat remote. This brings us to the question of whether cultural unity was ever broken or its nature was transformed. If there is any reason why this work cannot be named historicist, proto-post-modern or any other lexical interpretation of the reaction to modern it is because it still belongs to the period of crisis of history. The attempt at timelessness of the building manifested through the set of historical references belonging to different time periods and consequently different cultural expressions brings us back to the question of the familiar and estranged. In this "time confusion," without the possibility of true contradiction, Rogers found a source of cultural richness and the capacity for dismantling the dualism between the Nietzschean interior and exterior. Architecture's task of mediating the aesthetic and ethic, or what Smithson called "morality," proved difficult (Tafuri, 1989): "This was an architecture that reflected on everything – the past, the city, and the possible dialogue between intellectuals and the masses – less than on itself."

## REFERENCES

- Adorno, T. (1973). *The Jargon of Authenticity*. Evanston, IL: Northwestern University Press.
- Banham, R. (1959). Neoliberty: The Italian Retreat from Modern Architecture. *Architectural Review*, 125, 230-235.
- Barili, R. (1995). *La neoavanguardia italiana: della nascita de "Verri" all fine di "Quindici"*. Bologna, Italy: Mulino.
- Bergson, H., & Mitchell, A. (1911). *Creative Evolution*. New York, NY: H. Holt and Co.
- Croce, B. (1969). *Breviario di estetica. Quattro lezioni*. Bari, Italy: Laterza.
- Dewey, J. (1979). *Art as Experience*. New York, NY: Paragon Book.
- Di Biagi, P. (2001). *La Grande Ricostruzione: il piano Ina-Casa e l'Italia degli anni cinquanta. Saggio Storia e Scienze Sociali*. Roma, Italy: Donzelli.
- Doordan, D. (1988). *Building Modern Italy: Italian Architecture, 1914-1936*. New York, NY: Princeton Architectural Press.
- Eliot, T. S. (1982). Tradition and the Individual Talent. *Perspecta* 19, 36-42.
- Ginsborg, P. (1990). *A History of Contemporary Italy: Society and Politics, 1943-1988*. Harmondsworth, UK: Penguin.
- Kubler, G. (1967). Style and Representation of Historical Time. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 138(2).
- Leonardo, M. (1982). *BBPR, La Torre Velasca: disegni e progetto della Torre Velasca, Progetto di architettura*. Milano, Italy: Abitare Segesta.

- López Reus, E. (2005). E. N. Rogers e L'architettura della continuità. *Rassegna di architettura e urbanistica*, 115/116, 71-82.
- Molinari, L. (2000). Between Continuity and Crisis: History and Project in Italian Architectural Culture of the Postwar Period. *2G*, 3(15), 2-11.
- Molinari, L. (2003). Giancarlo De Carlo and the postwar modernist Italian architectural culture: role, originality and networking. <http://www.team10online.org/research/papers/delft2/molinari.pdf>
- Newman, O. (1961). *New Frontiers in Architecture; CIAM '59 in Otterlo*. New York, NY: Universe Books.
- Ockman, J., & Eigen, E. (1993). *Architecture Culture, 1943-1968: A Documentary Anthology*. New York, NY: Rizzoli.
- Paci, E. (1959). Continuità e coerenza dei BBPR. *Zodiaco* 4, 82-115.
- Paci, E. (1972). *The Function of the Sciences and the Meaning of Man*. Evanston, IL: Northwestern University Press.
- Paci, E. (1957). L'architettura e Il mondo della vita. *Casabella Continuità*, 217, 53-55.
- Paci, E. (1951). Tempo e relazione. Fondamenti di una sintesi filosofia. *Aut Aut*, 4, 318-337.
- Rogers, E. N. (1955). *Auguste Perret*, Milano, Italy: Il Balcone.
- Rogers, E. N. (1955). La tradizione dell'architettura moderna italiana. *Casabella Continuità*, 206, 1-8.
- Rogers, E. N. (1957). Continuità o crisi. *Casabella Continuità*, 215, 3.
- Rogers, E. N. (1960). Memory and Invention in Design. *Casabella Continuità*, 239, v-vi.
- Rogers, E. N. (1961). Method and Typology. *Casabella Continuità*, 241.
- Rogers, E. N. (1963). Gropius e Il senso della storia. *Casabella Continuità*, 271, 1-4.
- Rogers, E. N. (1999). *The Sense of History*. Milano, Italy: Edizioni Unicopli.
- Rogers, E. N. (1966). The Image: The Architect's Inalienable Vision. In: Kepes G (ed) *Sign, Image. George Braziller, New York*, p 242-251.
- Rogers, E. N., & de Seta, C. (2006). *Gli elementi del fenomeno architettonico*, Venezia, Italy: Christian Marinotti Edizioni.
- Rogers, E. N., & Molinari, L. (1997). *Esperienza dell'architettura*. Milano, Italy: Skira.
- Rogers, E. N., & Molinari, L. (2000). *Lettere di Ernesto a Ernesto e viceversa*. Milano, Italy: Archinto.
- Rogers, E. N., & Semerani, L. (1999). *Il Senso della storia*. Milano, Italy: Unicopli.
- Rogers, E. N. (1955). Le preesistenze ambientali e i temi pratici contemporanei. *Casabella Continuità*, 204.
- Sabatino, M. (2001). Ernesto N. Rogers Studente; La scuola, i libri, gli scritti. *Casabella*.
- Samonà, G. (1959). "Il grattacielo più discusso d'Europa." *L'architettura, Chronache e Storia*, anno IV, no. 10, 659-661.
- Tafari, M. (1989). *History of the Italian Architecture, 1944-1985*. Cambridge, MA: MIT Press.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO:** Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade. Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

**GUSTAVO ADOLFO JUAREZ:** Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándome en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade. Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Antropologia da saúde 122

Antropologia médica 122

Audience 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

### B

Bahá'í 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

### C

Cansaço 108, 109, 110, 111, 113, 115, 117, 118, 120

Capitalismo neoliberal 108, 111, 113, 115, 118

Classical music 10, 11, 13, 15, 16, 19, 21, 22, 23

Community 10, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 53, 54, 55, 56, 59

Conflicto post-divorcio 82, 85

Continuity 46, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 160, 162

Corpo 27, 30, 33, 34, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 130, 132, 148

Cultura empresarial 73, 75, 80

Culture 8, 16, 18, 23, 40, 45, 46, 49, 50, 51, 54, 56, 73, 74, 81, 120, 152, 156, 157, 158, 162

### D

Dinâmica poblacional 58, 59, 60

Doable Solution 37, 38, 42, 43, 44

### E

Ecological education 37, 39

Ecological Ethics 37, 38, 39

Effective Pedagogy 37, 38

Ensino Superior 24, 25, 26, 27, 29, 30, 35, 36

Ernesto Rogers 149, 150, 151, 153, 157

Escritoras de narrativa latinoamericanas 133

Esgotamento 108, 110, 113, 115, 118, 120

Estilo de liderazgo 73, 74, 80

Estudantes 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36

## F

Fenômenos históricos 88, 89, 103

Futuro 24, 28, 31, 32, 33, 35, 36, 64, 107, 114

## H

History 1, 2, 12, 46, 49, 56, 57, 120, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162

## I

Identidades 24, 97, 98, 103

Ideologia 88, 89, 90, 91, 92, 95, 97, 100, 101, 103, 111, 142

Índigenas 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 142

## L

Listening 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23

## M

Melancolia 108, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121

Modelización matemática 58, 59, 60, 61, 64, 71

## N

Nordeste (Brasil) 88

## O

Obesidade 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132

Obesidade pediátrica 122

## P

Performance 10, 11, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 55, 81

Processo de ensino-aprendizagem

Processo de Ensino-Aprendizagem 24, 27, 31, 32, 34

Pymes 73, 75, 76, 77, 80, 81

## R

Racismo 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106

Relación paterno-filial 82

Religion 46, 47, 50, 52, 53, 55, 57

Resistencia-rechazo de menores 82

Right-Relation 37, 39

Robert Thornton 1, 2

## S

Schoolbook 1

Sistemas dinámicos 59

Sobrepeso 122, 123, 124, 129, 130, 132

Sustainability 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 57

## T

Terrorismo de Estado 133, 135, 136, 137, 138, 141, 144, 147, 148

Torre Velasca 149, 150, 155, 157, 158, 159, 160, 161

Tradition 5, 8, 15, 46, 52, 57, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 161

## V

Violencia sexual 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148

Virgil 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

## W

William Blake 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9

Woodcut illustration 1